

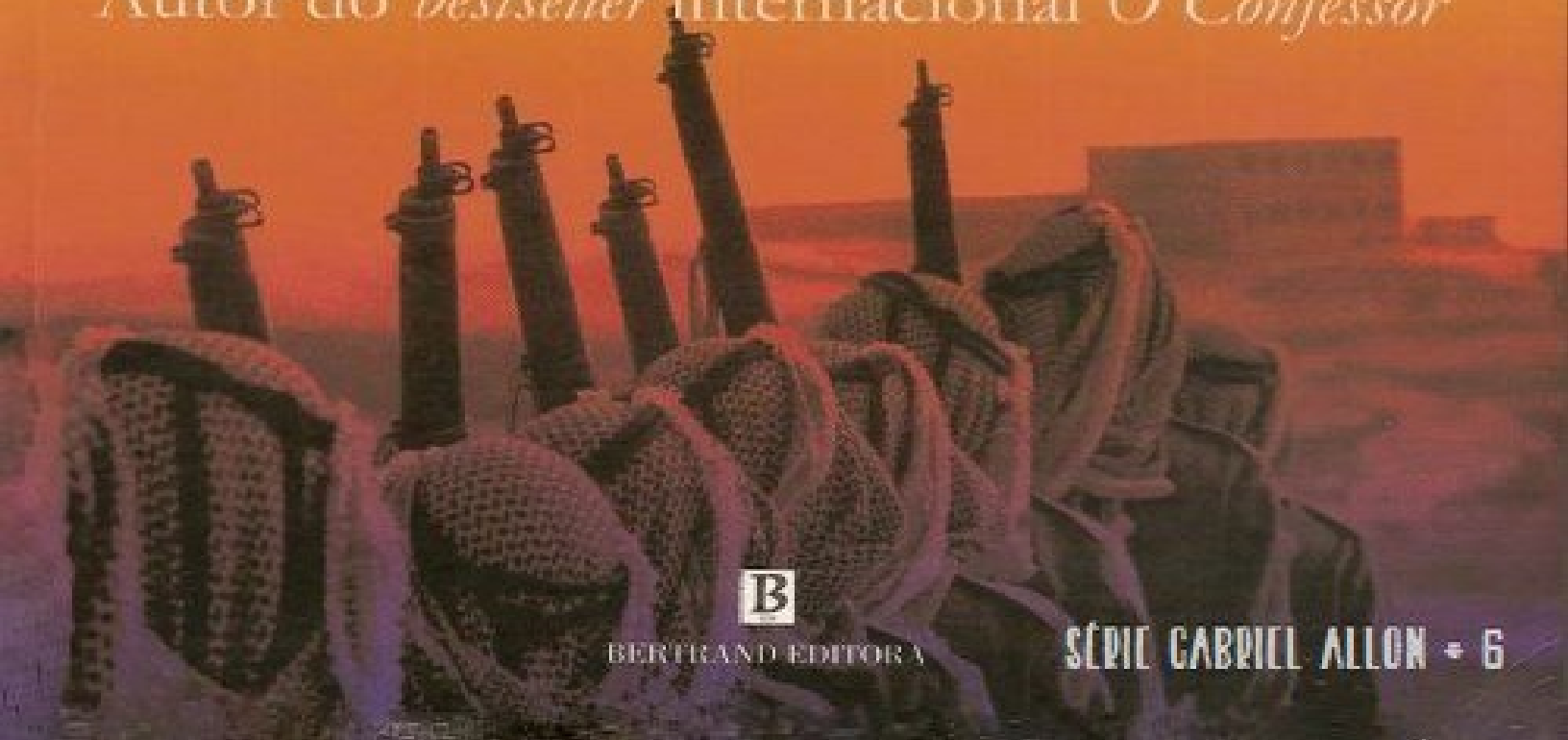
O fundamentalismo islâmico invade o Vaticano



A MENSAGEIRA

DANIEL SILVA

Autor do *bestseller* internacional *O Confessor*



B

BERTLAND EDITORA

SÉRIE GABRIEL ALLON • 6



DANIEL
SILVA

*a
mensageira*

THE MESSENGER
2006

DANIEL SILVA

A MENSAGEIRA

Tradução de Luís SANTOS

BERTRAND EDITORA

Lisboa 2007

Título original: The Messenger

Autor: Daniel Silva (c) 2006 by Daniel Silva

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, nº 1 0-499 Lisboa

Telefone: 217 626

Fax: 217 626

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt

Paginação: Bertrand Editora

Revisão: Carlos Pinheiro Impressão e acabamento:

Tipografia Peres

Depósito Legal nº 259 711/07

Acabou de imprimir-se em Junho de 2007

ISBN: 978-972-25-1544-3

SINOPSE

Gabriel Allon, restaurador de arte e espião, está prestes a enfrentar o maior desafio de sua vida. Um alegado simpatizante da Al-Qaeda é morto em Londres, e no seu computador são encontradas fotos que levam o serviço secreto israelense a desconfiar de que a organização terrorista prepara um dos mais arrojados atentados no coração do Vaticano.

Allon avisa seu velho amigo, monsenhor Luigi Donati, secretário pessoal do Papa, e parte para Roma a fim de ajudar na segurança.

O que nem ele nem Donati sabem é que o inimigo já se infiltrou no Vaticano. Nas semanas seguintes, Allon travará mortífero duelo de astúcia contra um dos homens mais perigosos do mundo, que o levará de uma galeria londrina a uma ilha paradisíaca no Caribe, a um isolado vale na Suíça e, por fim, de volta ao Vaticano. Allon monta uma armadilha e espera não ser ele a presa.

Com intriga intensa e imprevisível, A Mensageira consolida a reputação de Daniel Silva como o melhor autor de thrillers de espionagem internacional de sua geração.

*Para Phyllis e Bernard Jacob, por muitos anos de orientação, amor e apoio.
E, como sempre, para a minha esposa, Jamie, e para os meus filhos, Lily e Nicholas.*

Os sauditas são parte integrante de todos os níveis da cadeia do terror, de estrategistas a financiadores, de oficiais a soldados, de ideólogos a claqes.

LAURENT MURAWIEC

Rand Corporation

A guerra ao terrorismo não será ganha, a menos que se procurem as bases ideológicas do ódio que levou ao 11 de Setembro. É uma questão de tempo até que surja o próximo Osama bin Laden.

DORE GOLD

Hatred's Kingdom

Controlaremos o Vaticano. Controlaremos Roma e nela introduziremos o islamismo.

Xeque MUHAMMAD BIN ABD AL-RAHMAN AL-ARIFI

Imã da mesquita da Academia de Defesa Rei Fahd

PARTE UM

A Porta da Morte

LONDRES

Foi Ali Massoudi quem, involuntariamente, arrancou Gabriel Allon de sua aposentadoria breve e inquieta: Massoudi, o grande intelectual e livre-pensador eurófilo que, num momento de pânico, se esqueceu de que os ingleses dirigem do lado esquerdo da estrada.

O cenário de sua morte foi um fim de tarde chuvoso de outubro, em Bloomsbury. A data, a sessão final do primeiro Fórum Político anual para a Paz e Segurança na Palestina, Iraque e Países Vizinhos. A conferência tivera início nessa manhã bem cedo, por entre votos de esperança e grande fanfarra. Ao fim do dia, contudo, assumira a qualidade de uma peça medíocre em digressão. Até mesmo os manifestantes que ali tinham comparecido, na esperança de partilhar um pouco da luz da ribalta, pareciam ter consciência de que representavam um guião já muito batido. O presidente americano foi queimado em efígie às dez. O primeiro-ministro israelense foi lançado às chamas purificadoras às onze. Por volta da hora de almoço, sob um dilúvio que por momentos transformou Russell Square num lago, tivera lugar uma qualquer tolice relacionada com os direitos das mulheres na Arábia Saudita. Às oito e meia, quando o painel final foi dado por encerrado, as duas dúzias de estoicos que tinham permanecido até o fim arrastaram-se para as saídas. Os organizadores do acontecimento detetaram pouco apetite para uma repetição do encontro, no Outono seguinte.

Um aderecista adiantou-se e removeu do púlpito um cartaz que dizia: Gaza foi libertada — e agora? O primeiro congressista a levantar-se foi Sayyid, da London School of Economics, defensor dos homens-bomba suicidas e apologista da Al-Qaeda. Em seguida, o austero camareiro-mor de Cambridge, que falava da Palestina e dos judeus como se estes ainda fossem uma pedra no sapato dos elementos sisudos do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Ao longo de toda a discussão, o idoso camareiro servira de Muro de Separação entre o inflamável Sayyid e uma pobre alma da embaixada israelense, chamada Rachel, que suscitara apupos e vaias de desaprovação sempre que abrisse a boca. O camareiro procurava agora servir de soldado da paz, com Sayyid a perseguir Rachel até a porta, lançando-lhe invetivas em que lhe dizia que os dias de colonizadora chegavam ao fim.

Ali Massoudi, professor de Administração Global e de Teoria Social da Universidade de Bremen, foi o último a levantar-se. Tal não seria de surpreender, poderiam ter dito os colegas invejosos, pois no mundo incestuoso dos estudos sobre o

Oriente Médio, Massoudi tinha a reputação de ser alguém que nunca abandonava de bom grado um palco. Palestino de nascimento, jordaniano de passaporte e europeu de formação e estudos, o professor Massoudi surgia ao mundo como um homem moderado. O futuro brilhante da Arábia, assim lhe chamavam. O rosto do progresso. Era conhecido por desconfiar da religião em geral e do islamismo militante em particular. Aproveitava todas as oportunidades, quer fosse em editoriais de jornais, nas salas de aula ou na televisão, para se lamentar da disfunção vivida pelo mundo árabe. Do seu fracasso em educar o povo. Da tendência para culpar os Americanos e os Sionistas pelas maleitas de que padecia. O seu último livro fora basicamente um apelo a uma Reforma Islâmica. Os membros da jihad acusaram-no de ser herege. Os moderados proclamaram que tinha a coragem de Martinho Lutero. Nessa tarde, argumentara, para consternação de Sayyid, que a bola se encontrava no campo palestino. Enquanto os Palestinos não abandonassem a cultura do terror, alertara Massoudi, não se poderia esperar que os Israelitas cedessem um milímetro que fosse da Cisjordânia. Nem o deveriam fazer. Sacrilégio, bradara Sayyid. Apostasia.

O professor Massoudi era alto, tendo um pouco mais de um metro e oitenta de altura, e era demasiado bem-apessoado para um homem que trabalhava com jovens mulheres impressionáveis. Tinha o cabelo escuro e encaracolado, malares largos e fortes e um queixo quadrado com uma covinha marcada ao centro. Os olhos castanhos e profundos conferiam-lhe ao rosto um ar de inteligência acentuada e tranquilizadora. Vestido como estava, com um casaco desportivo de caxemira e uma camisola de gola alta creme, parecia o arquétipo do intelectual europeu. Era uma imagem que lhe dava muito trabalho a transmitir. Com gestos deliberados, guardou metodicamente os papéis e as canetas na pasta coçada e desceu os degraus do palco, ao que se dirigiu ao corredor central, em direção à saída.

Vários elementos da assistência demoravam-se na entrada. A um lado, uma ilha tempestuosa no centro de um mar de tranquilidade, estava a garota. Vestia jeans desbotados, um blusão de couro e um kaffiyeh palestino axadrezado ao pescoço. O cabelo preto brilhava como a asa de um corvo. Os olhos eram também quase pretos, mas cintilavam com outro fulgor. Seu nome era Hamida al-Tatari. Dissera ser refugiada. Nascera em Ama, fora criada em Hamburgo e era agora uma cidadã canadiana que residia no Norte de Londres. Massoudi conhecera-a nessa tarde, durante uma recepção na associação de estudantes. Com um café na mão, acusara-o com fervor de mostrar insuficiente afronta contra os crimes dos americanos e dos judeus. Massoudi gostara do que vira. Tinham combinado tomar uma bebida nesse serão, no bar ao lado do teatro de Sloane Square. As intenções dele não eram românticas. Não queria o corpo de Hamida. Queria o seu entusiasmo e o seu rosto limpo. O inglês perfeito e o passaporte

canadiano. A jovem lançou-lhe um olhar furtivo quando ele cruzou o hall, mas não tentou falar-lhe. Mantém a distância após o simpósio, indicara-lhe ele nessa tarde. Um homem da minha posição tem de ter cuidado com quem é visto. No exterior, abrigou-se por um momento debaixo do pórtico e olhou o trânsito que se arrastava ao longo da estrada molhada. Sentiu alguém a encostar-se ao seu cotovelo e depois observou Hamida a mergulhar silenciosamente na chuvada. Esperou que desaparecesse, pendurou a pasta no ombro e afastou-se na direção oposta, para o hotel em Russell Square.

Deixou-se transformar, a mudança que ocorria sempre que alternava entre vidas. A aceleração do ritmo cardíaco, o aguçar dos sentidos, a repentina inclinação para os pormenores. Como o jovem calvo que vinha em sua direção, ao abrigo de um guarda-chuva, e cujo olhar pareceu demorar-se no rosto de Massoudi por um instante mais do que deveria. Ou o vendedor do quiosque que fitara, sem pudor, seus olhos, quando comprara o *Evening Standard*. Ou o taxista que o observou, trinta segundos depois, quando jogou esse mesmo jornal numa lixeira em Upper Woburn Place.

Um ônibus cruzou com ele. Enquanto passava ruidosamente, Massoudi espiou as janelas embaciadas e viu uma dúzia de rostos cansados, quase todos negros ou castanhos. Os novos londrinos, pensou, e, por um instante, o professor de Administração Global e Teoria Social debateu-se com as implicações. Quantos apoiariam em silêncio a sua causa? Quantos assinariam por baixo, se lhes apresentasse um contrato de morte?

Logo depois de o ônibus ter passado, viu no passeio oposto um único pedestre: capa de plástico, rabo-de-cavalo, duas linhas estreitas como sobrancelhas. Massoudi reconheceu-o de imediato. O jovem estivera na conferência, na mesma fila de Hamida, mas no lado oposto do auditório. Ocupara o mesmo lugar nessa manhã, quando Massoudi fora a única voz opositora durante uma discussão sobre os benefícios da proibição de acadêmicos israelenses nas costas europeias. Massoudi baixou os olhos e continuou a andar, levando involuntariamente a mão à alça da pasta. Estaria a ser seguido? Se assim fosse, por quem? O MI5 seria a explicação mais plausível. A mais provável, pensou, mas não a única. A BND alemã poderia tê-lo seguido de Bremen até Londres. Ou talvez estivesse vigiado pela CIA.

Mas foi a quarta possibilidade que fez o coração de Massoudi dar um salto no peito. E se o homem não fosse inglês, nem alemão, nem americano? E se trabalhasse para um serviço de espionagem que mostrava poucos escrúpulos em liquidar os inimigos, mesmo nas ruas das capitais estrangeiras? Um serviço de espionagem que usava habitualmente mulheres como isca? Pensou no que Hamida lhe dissera nessa tarde.

- Vivi quase toda a minha infância e juventude em Toronto.
- E antes disso?
- Aman, em pequena. Depois um ano em Hamburgo. Sou palestina, professor. Meu lar é uma mala.

Massoudi saiu de repente de Woburn Place, entrando no labirinto de ruas secundárias de St. Pancras. Abrandou depois de alguns passos e olhou por cima do ombro. O indivíduo de oleado atravessara a rua e seguia-o. Estugou o passo e dobrou algumas esquinas, à direita e à esquerda. Passou por uma fiada de casas antigas restauradas, por um bloco de apartamentos, por uma praça vazia, coberta de folhas secas. Massoudi não prestava atenção a nada disso. Tentava orientar-se. Conhecia razoavelmente as artérias principais de Londres, mas as ruas secundárias eram um mistério. Ignorou os cuidados do ofício e passou a olhar para trás com regularidade. A cada vislumbre, o homem parecia um ou dois passos mais próximo.

Chegou a um cruzamento, olhou para a esquerda e viu o trânsito intenso de Euston Road. Sabia que do lado oposto ficavam as estações de Kings Cross e de St. Pancras. Tomou essa direção e, segundos depois, voltou a olhar por cima do ombro. O homem contornara a esquina e vinha atrás dele.

Começou a correr. Nunca fora grande atleta e os anos de vida acadêmica tinham-lhe roubado a preparação física. O peso do computador portátil que tinha na pasta era como uma âncora. A cada passada, a sua carga batia-lhe na anca. Firmou a pasta com o cotovelo e segurou a alça com a outra mão, mas isso obrigou-o a andar com um ritmo galopante desajeitado, que o atrasava ainda mais. Pensou em livrar-se do peso, mas resolveu manter a pasta. Se caísse nas mãos erradas, o computador seria uma arca do tesouro de informações. Operacionais, fotografias de vigilância, comunicações, contas bancárias... Deteve-se em Euston Road. Olhou por cima do ombro e viu o perseguidor continuar a avançar metodicamente na sua direção, de mãos nos bolsos, os olhos baixos. Olhou para a esquerda, viu asfalto vazio e desceu do passeio.

O gemido da buzina do caminhão foi o último som que Ali Massoudi ouviu. A pasta soltou-se com o impacto. Alçou voo, rodopiou algumas vezes no trajeto por cima da estrada e aterrou no passeio com um baque sólido. O homem da capa de oleado mal reduziu o passo quando se baixou para a agarrar pela alça. Pendurou-a ao ombro, atravessou a Euston Road e seguiu a multidão para Kings Cross.

A pasta chegara a Paris de madrugada e, pelas onze horas, estava a ser levada para um bloco de escritórios anônimo no Boulevard King Saul, em Tel Aviv. Aí, os objetos pessoais do professor foram rapidamente investigados e o disco rígido do computador portátil submetido a um assalto por uma equipe de técnicos informáticos. Às três da tarde, as primeiras informações tinham sido enviadas para o Gabinete do primeiro-ministro, em Jerusalém, e às cinco, um dossiê com o material mais alarmante viajava no banco de trás de uma limusina Peugeot blindada que se dirigia à Rua Narkiss, uma ruela sossegada perto da Avenida Ben Yehuda.

O carro parou em frente do pequeno prédio de apartamentos que tinha o número 16. Ari Shamron, o antigo chefe do serviço secreto israelense e agora conselheiro especial do primeiro-ministro para todos os assuntos relacionados com segurança e informações, saiu do banco traseiro. Rami, o chefe de olhos negros do destacamento especial de segurança, seguiu-o de perto. Shamron fizera multidões de inimigos durante a sua longa e agitada carreira. Devido ao emaranhado demográfico israelense, muitos deles encontravam-se a uma distância perigosamente curta. Mesmo em sua villa fortificada em Tiberíades, Shamron estava sempre cercado por guarda-costas. Fez uma breve pausa no acesso do jardim e olhou para cima. Era um pequeno edifício nada elegante de dois andares, construído em calcário de Jerusalém, com um eucalipto imponente à frente que lançava uma sombra agradável sobre as varandas da fachada. Os ramos da árvore agitavam-se com o primeiro vento frio de Outono, e da janela aberta no segundo andar vinha um odor forte a diluente.

No hall, Shamron olhou para a caixa do correio do apartamento número três e viu que não tinha nome. Dirigiu-se às escadas e subiu-as com lentidão. Era baixo e vestia, como habitualmente, calça caqui e blusão de couro puído com um rasgão no lado direito do peito. Tinha o rosto cheio de fissuras e o que lhe restava de cabelo grisalho fora cortado tão curto que era quase invisível. As mãos pareciam couro e estavam salpicadas de manchas de idade, e pareciam ter vindo de um homem com o dobro do tamanho. Uma delas segurava o dossiê.

Quando chegou ao segundo andar, a porta estava entreaberta. Chegou-lhe os dedos e empurrou-a com suavidade. O apartamento em que entrou fora cuidadosamente decorado por uma bela mulher ítalo-judaica de gosto impecável. Agora, a mobília, como a mulher, tinha desaparecido e o apartamento fora transformado no estúdio de um artista. Shamron teve de se recordar de que não era um artista. Gabriel Allon era um restaurador, um dos três ou quatro restauradores mais procurados do mundo. Encontrava-se de pé, à frente de uma tela enorme que representava um homem cercado por gatos avantajados de ar voraz. Shamron acomodou-se num banco sujo de tinta e observou-o a trabalhar durante alguns

momentos. Sempre ficara espantado com a capacidade de Gabriel de imitar as pinceladas dos pintores renascentistas. Para Shamron, era uma espécie de truque, apenas mais um dos dons a serem utilizados, a par do conhecimento de línguas e da capacidade de sacar uma Beretta e colocá-la em posição de disparo no tempo que a maior parte dos homens demora para bater as palmas.

— Parece muito melhor do que quando chegou — comentou Shamron —, mas continuo sem entender por que haveria alguém que querer tê-lo em casa.

— Não vai para uma casa particular — retorquiu Gabriel, o pincel ainda na tela. — É uma peça de museu.

— Quem o pintou? — inquiriu Shamron repentinamente, como se perguntasse pelo responsável por um atentado de homem-bomba.

— A casa de leilões Bonhams de Londres achava que tinha sido Erasmo Quellinus — respondeu Gabriel. — Quellinus pode ter feito a base, mas para mim é óbvio que foi Rubens quem o terminou. — Passou a mão pela tela enorme. — As pinceladas dele estão um pouco por todo o lado.

— Qual a diferença?

— Uns dez milhões de libras — explicou Gabriel. — Julian vai se sair muito bem com este.

Julian Isherwood era um negociante de arte londrino, que por vezes trabalhava para o serviço secreto israelense. O departamento tinha um nome comprido que pouco tinha a ver com a verdadeira natureza do trabalho executado. Homens como Shamron e Gabriel referiam-se a ele como o Escritório, e nada mais.

— Espero que Julian pague bem.

— Os honorários de restauração, mais uma pequena comissão sobre a venda.

— Qual será o total?

Gabriel bateu com o pincel na paleta e voltou ao trabalho.

— Temos que falar — disse Shamron.

— Pois fale.

— Não vou falar para tuas costas. — Gabriel virou-se e olhou novamente para Shamron através das lentes do visor de ampliação. E também não vou falar contigo enquanto continuares com isso na cara. Até parece que saíste de um pesadelo. Com relutância, Gabriel pousou a paleta em cima da mesa de trabalho e retirou o visor, deixando ver um par de olhos de um tom verde-esmeralda brilhante. Tinha uma altura abaixo da média e o físico seco de um ciclista. O rosto era alto na testa e estreito no queixo, e tinha um nariz comprido e ossudo que parecia ter sido esculpido em madeira. O cabelo era muito curto e estava salpicado de grisalho nas têmporas. Devia-se a Shamron o fato de Gabriel ser restaurador de arte e não um dos melhores pintores da

sua geração. Fora também por causa dele que ficara com as têmporas brancas quase da noite para o dia, quando tinha pouco mais de vinte anos. Shamron fora o oficial do serviço secreto escolhido por Golda Meir para encontrar e assassinar os perpetradores do Massacre de Munique de 1972, e um jovem e promissor estudante de arte chamado Gabriel Allon tinha sido o pistoleiro principal.

Passou alguns momentos a limpar a paleta e os pincéis, após o que se dirigiu à cozinha. Shamron sentou-se à pequena mesa e esperou que Gabriel virasse as costas, antes de acender rapidamente um dos seus cigarros turcos pestilentos. Ao ouvir o clique-clique familiar do velho isqueiro Zippo de Shamron, Gabriel apontou, exasperado, para o Rubens. Mas Shamron acenou com a mão e levou o cigarro aos lábios, numa atitude de desafio. Um silêncio confortável instalou-se entre os dois homens. Gabriel verteu água engarrafada para a chaleira e despejou algumas colheres de café na cafeteira. Shamron ouvia com agrado o vento nos eucaliptos do jardim. Sendo um homem profundamente secular, marcava a passagem do tempo não através das celebrações judaicas, mas sim pelo ritmo da terra: o dia em que as chuvas começavam, o dia em que as flores silvestres desabrochavam na Galileia, o dia em que o vento frio regressava. Gabriel conseguia ler-lhe o pensamento. Mais um Outono e ainda aqui estamos. A aliança não foi revogada.

— O primeiro-ministro quer uma resposta. — O olhar de Shamron continuava fito no pequeno jardim. — É um homem paciente, mas não vai esperar para sempre — Já lhe disse que terei uma resposta quando acabar o quadro. Shamron olhou para Gabriel.

— Será que a tua arrogância não tem limites? O primeiro-ministro do Estado de Israel quer que sejas chefe das Operações Especiais, e tu troca-lo por um pedaço de tela com quinhentos anos.

Gabriel levou o café até a mesa e serviu duas xícaras. Shamron despejou açúcar para o seu e mexeu-o violentamente uma única vez.

— Você mesmo disse que o quadro está quase terminado. Qual vai ser sua resposta?

— Ainda não decidi.

— Posso dar um conselho útil?

— E se eu não quiser seu conselho?

— Dou assim mesmo. — Shamron extinguiu a vida da guimba do cigarro. — Devia aceitar a oferta do primeiro-ministro, antes que ele procure outra pessoa.

— Ficaria muito feliz.

— Sério? E o que fará de sua vida? — Ao ter o silêncio como resposta, Shamron insistiu. — Deixe pintar um quadro, Gabriel. Vou dar o meu melhor. Não tenho seus

dotes. Não venho de uma grande família de intelectuais germano-judaicos. Sou apenas um pobre judeu polaco cujo pai vendia vasos num carrinho de mão.

A terrível pronúncia polaca de Shamron acentuara-se. Gabriel não pôde deixar de sorrir. Sabia que sempre que Shamron desempenhava o papel de judeu oprimido de Lvov algo divertido se seguiria.

— Não tens para onde ir, Gabriel. Tu próprio o disseste, da primeira vez que te oferecemos este cargo. O que vais fazer quando acabares este teu Rubens? Tens mais algum trabalho à espera? — A pausa de Shamron foi teatral, pois sabia que a resposta seria negativa. — Não podes voltar à Europa, antes de seres oficialmente ilibado do ataque homem-bomba na Gare de Lyon. O Julian poderá enviar-te outro quadro, mas eventualmente também isso vai acabar, pois as despesas de embalagem e de envio vão delapidar-lhe a margem de lucro que já não é famosa. Percebes onde quero chegar, Gabriel?

— Perfeitamente. Está a tentar usar a minha situação infeliz como chantagem para me obrigar a aceitar as Operações.

— Chantagem? Não, Gabriel. Eu sei o que é a chantagem, e Deus sabe que já a usei para alcançar os meus objetivos. Mas isto não é chantagem. Estou a tentar ajudar-te.

— Ajudar?

— Diz-me uma coisa, Gabriel: o que estás a pensar fazer em relação ao dinheiro? — Eu tenho dinheiro.

— Que chega para viver como um eremita, mas que não é suficiente para viver. — Shamron ficou em silêncio durante alguns momentos e escutou o vento. — Está calmo, não está? Quase tranquilo. É tentador pensar que pode ficar assim para sempre. Mas não vai durar. Entregamos Gaza sem exigir nada em troca e a paga que eles nos deram foi eleger livremente o Hamas como líder. Não tarda nada vão querer a Cisjordânia e, se não cedermos a curto prazo, vai haver mais derrame de sangue, ainda pior do que a segunda intifada. Acredita, Gabriel, um dia tudo isso vai recomeçar. E não só aqui, mas por todo o lado. Julgas que estão indolentes? É claro que não. Estão a planejar a campanha seguinte. Andam a falar com o Osama e com os amiguinhos dele. Sabemos de fonte segura que a Autoridade Palestina está cheia de elementos da Al-Qaeda e seus simpatizantes. Também sabemos que estão a planejar grandes ataques contra Israel e contra alvos israelenses no estrangeiro, num futuro próximo. O Escritório também acredita que o primeiro-ministro é um alvo a abater, a par de alguns conselheiros principais.

— O senhor incluído?

— É claro — asseverou Shamron. — Afinal de contas, sou o conselheiro especial do primeiro-ministro para todos os assuntos relacionados com a segurança e com o terrorismo. Para eles, a minha morte seria uma tremenda vitória simbólica.

Voltou a olhar pela janela, para o vento que soprava entre as árvores. — É irônico, não achas? Este lugar devia ser o nosso santuário. Agora, por estranho que pareça, deixou-nos mais vulneráveis do que nunca. Quase metade de todos os judeus do mundo vivem nesta faixa de terra minúscula. Bastava um engenho nuclear pequeno. Os Americanos eram capazes de sobreviver. Os Russos talvez mal dessem por ele. Mas nós? Uma bomba em Tel Aviv ia matar um quarto da população do país... talvez mais.

— E precisa de mim para impedir esse apocalipse? Pensei que o Escritório estivesse em boas mãos.

— As coisas estão melhores desde que o Lev foi convidado a sair. O Amos é um líder nato, e um administrador de uma competência extraordinária, mas por vezes julgo que tem demasiado espírito de soldado dentro dele. — Foi chefe do Sayeret Matkal e do Aman. O que esperava?

— Sabíamos o que esperar do Amos, mas agora o primeiro-ministro e eu estamos preocupados que esteja a transformar O Boulevard King Saul num posto da FDI.

Queremos que o Escritório mantenha o seu carácter original.

— A insanidade?

— A coragem — contrapôs Shamron. — A audácia. Gostava que o Amos pensasse um pouco menos como comandante de batalha e um pouco mais como... — Fez uma pausa, enquanto procurava o termo correto. Quando o encontrou, esfregou os dois primeiros dedos no polegar e concluiu: — Como um artista. Preciso de alguém ao lado dele que pense como Caravaggio. — Caravaggio era louco.

— Exatamente.

Shamron fez menção de acender outro cigarro, mas desta vez Gabriel conseguiu deter seu movimento antes que acionasse o isqueiro. Shamron fitou-o, os olhos assumindo de súbito uma expressão séria.

— Precisamos de você já, Gabriel. Há duas horas, o chefe de Operações Especiais entregou a Amos a carta de demissão.

— Por quê?

— Londres. — Shamron olhou para a mão cativa. — Devolve minha mão? Gabriel largou o pulso grosso. Shamron rolou o cigarro apagado entre o polegar e o indicador.

— O que aconteceu em Londres? — perguntou Gabriel.

— Receio que ontem à noite tenhamos sofrido um contratempo.

— Um contratempo? Quando o Escritório tem um contratempo morre um. Shamron anuiu.

— Mas pelo menos são consistentes.

— O nome Ali Massoudi diz alguma coisa a você?

— É professor de alguma coisa numa universidade alemã — retorquiu Gabriel.

— Gosta de desempenhar o papel de iconoclasta e reformista. Cheguei a conhecê-lo. As sobrancelhas de Shamron ergueram-se de surpresa.

— Sério? Onde?

— Foi a Veneza há uns dois anos, para um grande simpósio sobre o Oriente Médio. O roteiro dos participantes incluía visita guiada à cidade. Uma das paradas foi na Igreja de San Zaccaria, onde eu estava a restaurar o retábulo de Bellini.

Durante anos, Gabriel vivera e trabalhara em Veneza, dando pelo nome de Mario Delvecchio. Seis meses antes fora obrigado a fugir da cidade, depois de ter sido descoberto por um mestre terrorista palestino chamado Khaled al-Khalifa. O assunto terminara na Gare de

Lyon e, em consequência, o nome e o passado secreto de Gabriel fizeram as primeiras páginas da imprensa francesa e europeia, incluindo um artigo no The Sunday Times que o considerava o "Anjo da Morte de Israel". Era ainda procurado para ser interrogado pela Polícia de Paris, e um grupo de direitos civis palestino apresentara queixa em Londres, alegando crimes de guerra.

— E chegaste mesmo a falar com o Massoudi? — perguntou Shamron, incrédulo. — Apertaram as mãos?

— Como Mario Delvecchio, é claro.

— Imagino que não te tenhas apercebido de que estavas a apertar a mão a um terrorista.

Shamron enfiou a ponta do cigarro entre os lábios e acendeu o Zippo. Desta vez, Gabriel não interferiu.

— Há três meses recebemos uma informação de um amigo do GID jordano, que nos dizia que o professor Ali Massoudi, o grande moderado e reformista, era na verdade um caçador de talentos da Al-Qaeda. Segundo os jordanos, ele estava à procura de recrutas para atacar alvos israelenses e judaicos na Europa. As conferências de paz e as manifestações anti-israelenses eram o seu terreno de caça preferido. Não ficamos surpreendidos com essa parte. Há já algum tempo que sabemos que as conferências de paz se tornaram ponto de encontro entre operacionais da Al-Qaeda e extremistas europeus, tanto de esquerda como de direita. Decidimos que seria bom vigiar o professor Massoudi. Pusemos sob escuta o telefone do apartamento de Bremen, mas os resultados foram, no mínimo, decepcionantes. Era muito bom ao

telefone. Depois, há cerca de um mês, a Estação de Londres contribuiu com uma informação oportuna. Ao que parece, a Secção Cultural da embaixada de Londres foi convidada a incluir um participante numa coisa chamada Fórum Político para a Paz e Segurança na Palestina, Iraque e Países Vizinhos. Quando a Cultural pediu uma lista dos outros participantes, imagina qual foi o nome que apareceu.

— O professor Ali Massoudi.

— A Cultural aceitou em enviar um representante à conferência, e as Operações Especiais começaram a vigiar o Massoudi.

— Que tipo de operação era?

— Simples — explicou Shamron. — Apanhá-lo com a mão na massa.

Comprometê-lo. Ameaçá-lo. Dar-lhe a volta. Estás a imaginar? Um agente no interior do departamento de pessoal da Al-Qaeda? com a ajuda do Massoudi, poderíamos ter chegado à rede europeia.

— O que aconteceu?

— Pusemos uma garota à frente dele. Apresentou-se como Hamida al-Tatari. O nome verdadeiro é Aviva e é de Ramat Gan, mas isso pouco importa. Conheceu Massoudi durante uma recepção. Ele ficou intrigado e aceitou a que se voltassem a encontrar nessa noite, para uma conversa mais elaborada sobre o estado atual do mundo. Seguimos o Massoudi depois da última sessão da conferência, mas, ao que parece, o professor detetou o agente e começou a fugir. Olhou para o lado errado quando atravessou a Euston Road e meteu-se à frente de um caminhão. Gabriel estremeceu.

— Felizmente não saímos de lá de mãos a abanar — prosseguiu Shamron. — O agente conseguiu resgatar a pasta de Massoudi. Lá dentro, entre outras coisas, estava um computador portátil. Ao que parece, o professor Ali Massoudi não era um mero caçador de talentos.

Shamron pousou o dossiê à frente de Gabriel e, com um aceno breve da cabeça, disse que deveria abrir a capa. Lá dentro, encontrou uma pilha de fotografias de vigilância: a Praça de S. Pedro a partir de vários ângulos; a fachada e o interior da Basílica; a Guarda Suíça de sentinela ao Arco dos Sinos. Era óbvio que as fotografias não tinham sido tiradas por um turista vulgar, pois o fotógrafo estivera muito menos interessado na estética visual do Vaticano do que nas medidas de segurança em seu redor. Havia várias imagens das barricadas no extremo ocidental da praça e dos detetores de metal ao longo da Colunata de Bernini, e muitas outras da Vigilanza e dos Carabinieri que patrulhavam a praça durante os ajuntamentos de pessoas, e que incluíam grandes planos das armas pessoais. As últimas três fotografias mostravam o papa Paulo VII a saudar a multidão na Praça de S. Pedro, a partir do papamóvel

envidraçado. A lente da câmara não se focara no Santo Padre, mas sim nos elementos à paisana da Guarda Suíça que o acompanhavam.

Gabriel viu as fotografias uma segunda vez. Com base na qualidade da luz e nas roupas usadas pelas multidões de peregrinos, parecia que tinham sido tiradas em pelo menos três ocasiões diferentes. Sabia que a vigilância fotográfica repetida do mesmo alvo era característica de uma operação séria da Al-Qaeda. Fechou o dossiê e estendeu-o a Shamron, mas este não o aceitou. Gabriel olhou para o rosto do idoso com a mesma intensidade com que analisara as fotografias.

Sabia que se avizinhavam mais más notícias.

— A Técnica descobriu outra coisa no computador do Massoudi — disse Shamron. — Instruções sobre como acessar uma conta bancária em Zurique. Uma conta que já conhecemos há algum tempo, pois tem recebido infusões regulares de dinheiro de uma coisa chamada Comitê para a Libertação de Al-Quds.

Al-Quds era o nome árabe para Jerusalém.

— Quem está por trás dela? — questionou Gabriel.

— A Arábia Saudita — respondeu Shamron. — Mais concretamente, o ministro da Administração Interna da Arábia Saudita, o príncipe Nabil.

No Escritório, Nabil era conhecido por Príncipe das Trevas, devido ao seu ódio por Israel e pelos Estados Unidos, e pelo apoio concedido aos militantes islâmicos espalhados pelo mundo.

— Nabil criou o Comitê no auge da segunda intifada — prosseguiu Shamron. — É ele quem angaria o dinheiro e gere pessoalmente a sua distribuição. Acreditamos que tenha cem milhões de dólares à sua disposição e está a canalizá-lo para alguns dos mais violentos grupos terroristas do mundo, incluindo a Al-Qaeda. — Quem dá o dinheiro a Nabil?

— Ao contrário das outras obras de caridade sauditas, o Comitê para a Libertação de Al-Quds tem uma base de doadores muito pequena. Julgamos que Nabil recebe o dinheiro de um punhado de multimilionários sauditas.

Shamron olhou para o café por um instante.

— Caridade — disse, com um tom de desprezo. — Uma bela palavra, não é? Mas a caridade saudita sempre foi uma espada de dois gumes. A Liga Mundial Muçulmana, a Organização Internacional para o Apoio Islâmico, a Fundação Islâmica al-Haramayn, a Fundação Internacional para a Benevolência, tudo isto está para a Arábia Saudita como o Comintern estava para a antiga União Soviética. Um meio de propagação da fé. O islamismo. E não é um islamismo qualquer. O tipo de islamismo puritano da Arábia Saudita. O wahhabismo. As obras de caridade constroem mesquitas e centros islâmicos um pouco por todo o mundo, e madrassas que cospem

os militantes wahhabis de amanhã. Também entregam verbas diretamente aos terroristas, incluindo os nossos amigos do Hamas. Os motores da América trabalham com petróleo saudita, mas as redes do terrorismo islâmico mundial trabalham em grande parte com dinheiro saudita.

— A caridade é o terceiro pilar do islamismo — comentou Gabriel.

— Zakat.

— E é uma qualidade muito nobre — asseverou Shamron —, exceto quando a akat acaba nas mãos de assassinos.

— Acha que Ali Massoudi tinha mais alguma ligação com os sauditas, além do dinheiro?

— Talvez nunca venhamos a saber, pois o grande professor já não está entre nós. Mas quem quer que seja o seu empregador, tem os olhos no Vaticano... e alguém tem que avisá-los.

— Imagino que já tenha pensado em alguém para a tarefa.

— Encare como sua primeira missão como chefe de Operações Especiais — disse Shamron. — O primeiro-ministro quer que assuma imediatamente.

— E Amos?

— Amos tem outro nome em mente, mas o primeiro-ministro e eu deixamos bem claro quem queremos no cargo.

— Meu cadastro tem sua conta de escândalos e, infelizmente, o mundo sabe deles.

— O caso da Gare de Lyon? — Shamron encolheu os ombros. — Caiu numa cilada armada por um adversário inteligente. Além disso, sempre acreditei que uma carreira livre de controvérsia nem sequer chega a ser uma carreira. O primeiro-ministro também é dessa opinião.

— Isso talvez seja por ter estado envolvido nos seus próprios escândalos. — Gabriel suspirou profundamente e voltou a olhar para as fotos. — Enviar-me a Roma acarreta riscos. Se os franceses descobrirem que estou em solo italiano...

— Não precisa ir a Roma — atalhou Shamron. — Roma vem até você.

— Donati?

Shamron anuiu.

— O que lhe disse?

— O suficiente para ter pedido à Alitalia que emprestasse um avião por algumas horas — disse Shamron. — Chega logo de manhã. Mostre as fotos. Conte o que for necessário para convencê-lo de que acreditamos que a ameaça é real.

— E se ele pedir ajuda?

Shamron encolheu os ombros.

— Dê tudo o que ele precisar.

3

JERUSALÉM

Às onze horas do dia seguinte, o monsenhor Luigi Donati, secretário pessoal de Sua Santidade, o papa Paulo VII, esperava por Gabriel no hall do Hotel Rei David.

Era alto, magro e elegante como um ídolo do cinema italiano. O corte do fato eclesiástico preto e o colarinho romano sugeriam que o monsenhor, embora casto, não era completamente isento de uma certa vaidade pessoal. A mesma indicação era transmitida pelo dispendioso relógio suíço que tinha no pulso e pela caneta de ouro alojada no bolso do peito do casaco. Nos olhos escuros brilhava uma inteligência feroz e inflexível, e a rigidez do maxilar revelava que era um homem perigoso quando contrariado. Os jornalistas do Vaticano descreviam-no como um Rasputin eclesiástico, o poder por trás do trono papal. Os seus inimigos na Cúria Romana referiam-se com frequência a Donati como sendo "o papa Negro", numa alusão pouco lisonjeira ao seu passado jesuíta. Tinham-se conhecido havia três anos. Gabriel investigava o assassinio de um estudioso israelense que vivia em Munique, um antigo agente do Escritório, chamado Benjamin Stern. O rasto de pistas levava Gabriel até o Vaticano, e até as mãos capazes de Donati, e juntos tinham destruído uma grave ameaça ao papado. Um ano mais tarde, Donati ajudara Gabriel a descobrir elementos num arquivo da Igreja que lhe tinham permitido identificar e capturar Erich Radek, um criminoso de guerra nazi que vivia em Viena. Mas a ligação entre Donati e Gabriel não se limitava a dois homens. O mestre de Donati, o papa Paulo VII, encontrava-se mais próximo de Israel do que qualquer dos seus antecessores alguma vez tinha estado, e dera passos monumentais para melhorar a relação entre Católicos e Judeus. Mante-lo vivo era uma das mais elevadas prioridades de Shamron.

Quando Donati avistou Gabriel a cruzar o hall, esboçou um sorriso caloroso e estendeu a mão comprida e morena.

— É um prazer vê-lo, meu amigo. Apenas gostaria que as circunstâncias fossem diferentes.

— Já deu entrada? Donati exibiu a chave.

— Vamos subir. Tenho de lhe mostrar uma coisa.

Dirigiram-se aos elevadores e entraram num que aguardava. Mesmo antes de Donati estender a mão para o painel, Gabriel soube que iria carregar no botão do sexto piso, como sabia que a chave na mão de Donati abria a porta do Quarto 616. A suíte

espaçosa em frente às muralhas da Cidade Velha estava constantemente reservada para os assuntos do Escritório. A par dos luxos habituais, continha um sistema de gravação incorporado, o qual podia ser ativado por um interruptor minúsculo oculto por baixo do lavatório da casa de banho. Antes de mostrar as fotografias a Donati, Gabriel confirmou que o sistema estava desligado. Enquanto via cuidadosamente cada imagem, o rosto do padre não revelou qualquer emoção. Momentos depois, quando Donati foi até a janela olhar para a Cúpula da Pedra a cintilar à distância, Gabriel reparou que os músculos do maxilar do clérigo contraíam-se e descontraíam-se devido ao stresse. — Já passamos por isto muitas vezes, Gabriel. O Milênio, o Jubileu, quase sempre pelo Natal e pela Páscoa. Por vezes os alertas são-nos dados pelos serviços de segurança italianos, e de outras vezes chegam-nos pelas mãos dos nossos amigos da CIA. Respondemos sempre com um intensificar da segurança, até que se julgue que a ameaça já passou. Até agora, nada se concretizou. A Basílica continua de pé. Satisfaz-me poder dizer que o mesmo se passa com o Santo Padre.

— Mesmo que não tenham sido bem sucedidos, isso não quer dizer que não continuem a tentar, Luigi. Os terroristas da Al-Qaeda inspirados pelo wahhabismo veem todos os que não seguem o seu ramo do islamismo como kafur e mushrikun, merecedores unicamente da morte. Os kafur, os infiéis, e os mushrikun, os politeístas. Consideram até mesmo os muçulmanos sunitas e xiitas mushrikun, mas, para eles, o maior símbolo do politeísmo é o Vaticano e o Santo Padre.

— Entendo tudo isso, mas, como vocês dizem no Seder da sua Páscoa, por que será esta noite diferente de todas as outras?

— Está a perguntar-me por que deverão levar esta ameaça a sério?

— Precisamente.

— Por causa do mensageiro — explicou Gabriel. — O homem em cujo computador encontramos estas fotografias.

— De quem se trata?

— Receio não poder dizer-lhe.

Donati virou lentamente as costas à janela e olhou Gabriel com autoridade. — Revelei-lhe alguns dos maiores segredos da Igreja Católica Apostólica. O mínimo que pode fazer em troca é dizer-me onde conseguiram as fotografias.

Gabriel hesitou.

— O nome Ali Massoudi diz-lhe alguma coisa?

— O professor Ali Massoudi? — Donati assumiu uma expressão sombria. — Ele não foi morto em Londres, há duas noites?

— Ele não foi morto — corrigiu Gabriel. — Morreu num acidente.

— Meu Deus, Gabriel, por favor, não me diga que o empurrou para baixo daquele caminho.

— Guarde a sua mágoa para alguém que a mereça. Sabemos que Massoudi angariava terroristas. E, com base naquilo que encontramos no seu computador portátil, também poderia ser um estrategista.

— É pena que tenha morrido. Poderíamos tê-lo torturado até que nos revelasse o que queríamos ouvir. — Donati olhou para as mãos. Perdoe-me pelo meu tom sarcástico, Gabriel, mas não apoio a guerra ao terror que travamos. Nem o Santo Padre.

Donati voltou a olhar pela janela, para os muros da Cidade Velha. — É irônico, não é? É a primeira vez que visito esta sua cidade santa, e é esta a razão que me traz.

— A sério que nunca a tinha visitado? Donati abanou lentamente a cabeça.

— Quer ver onde tudo começou? Donati sorriu.

— Na verdade, nada me daria mais prazer.

Cruzaram o vale de Hinnom e subiram a encosta do monte até a muralha oriental da Cidade Velha. O caminho na base da parede encontrava-se nas sombras. Seguiram-no para sul, até a Igreja da Dormição, depois contornaram a esquina e atravessaram a Porta de Sião. Na Estrada do Bairro Judaico, Donati retirou um pedaço de papel do bolso das suas vestes eclesiásticas.

— O Santo Padre pediu-me que deixasse isto no Muro Ocidental.

Seguiram um grupo de haredim ao longo do Tiferet Yisrael. Donati, com a sua roupa negra, parecia fazer parte do grupo. No fim da rua, desceram os largos degraus de pedra que desciam até a praça à frente do muro. Uma longa fila estendia-se desde o posto de segurança. Após murmurar algumas palavras a uma agente da Polícia, Gabriel levou Donati à volta do detetor de metais, até a praça.

— Será que não faz nada como uma pessoa normal?

— Pode ir — disse Gabriel. — Eu espero aqui.

Donati virou-se e dirigiu-se inadvertidamente ao lado do muro reservado às mulheres. Com um estalar discreto da língua, Gabriel disse-lhe a zona reservada aos homens. Donati escolheu um kippab do cesto público e colocou-o de modo precário no topo da cabeça. Ficou defronte do muro por um momento, orando em silêncio, e depois enfiou o pequeno rolo de papel numa racha na pedra herodiana castanha.

— O que dizia? — perguntou Gabriel, quando Donati regressou.

— Era um apelo à paz.

— Devia tê-lo deixado ali em cima — sugeriu Gabriel, apontando na direção da mesquita Al-Aqsa.

— Gabriel mudou — notou Donati. — O homem que conheci há três anos nunca teria dito isso.

— Todos nós mudamos, Luigi. Já não há um campo de paz neste país, apenas um campo de segurança. Arafat não contou com isso quando enviou os homens-bomba suicidas.

— Arafat já morreu.

— Sim, mas vai ser preciso pelo menos uma geração para reparar os estragos que ele deixou. — Encolheu os ombros. — Quem sabe? Talvez as feridas da segunda intifada nunca venham a sarar.

— E por isso a matança vai continuar? Decerto não poderemos contemplar um futuro assim.

— É claro que podemos, Luigi. Sempre assim foi, por aqui. Deixaram o Bairro Judeu e dirigiram-se à Igreja do Santo Sepulcro.

Gabriel aguardou no adro enquanto Donati entrou, após ter rejeitado o guia turístico palestino que se lhe oferecera. Regressou dez minutos depois.

— Está escuro — comentou. — Muito sinceramente, é um pouco decepcionante.

— Receio que toda a gente diga o mesmo.

Deixaram o adro e percorreram a Via Dolorosa. Um grupo de peregrinos americanos, conduzidos por um monge de sotaina castanha com um balão de hélio na mão, aproximou-se deles, vindo da direção oposta. Donati observou o espetáculo com uma expressão divertida.

— Ainda acredita? — perguntou Gabriel de súbito. Donati demorou um instante a responder.

— Tal como já deve ter imaginado, a minha fé pessoal é uma questão bastante complexa. Mas acredito no poder da Igreja Católica enquanto força do bem, num mundo repleto de mal. E acredito neste papa.

— Quer dizer que é um homem sem fé, ao lado de um homem de grande fé. — Bem dito — asseverou Donati. — E quanto a si? Ainda acredita? Alguma vez acreditou? Gabriel deteve-se.

— Os Canaanitas, os Hititas, os Amalequitas, os Moabitas, todos eles desapareceram. Mas, por alguma razão, continuamos aqui. Será porque Deus estabeleceu uma aliança com Abraão há quatro mil anos? Quem sabe? — "Abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar" — citou Donati o capítulo vinte e dois do Gênesis.

— "Ela se apoderará das portas dos seus inimigos" — replicou Gabriel, concluindo a passagem. — E agora o meu inimigo quer essas portas de volta, e está disposto a fazer tudo, incluindo sacrificar o seu próprio filho, para as recuperar.

Donati sorriu com a interpretação engenhosa das Escrituras.

— Nós dois não somos muito diferentes. Ambos entregamos a nossa vida a poderes mais elevados. No meu caso, à Igreja. No caso do Gabriel, ao seu povo. — Fez uma pausa. — E à terra.

Percorreram mais um pouco da Via Dolorosa, até chegarem ao Bairro Muçulmano. Quando a rua ficou envolta em sombras, Gabriel subiu os óculos de sol para a testa. Vendedores palestinos olhavam-no com curiosidade a partir das bancas concorridas.

— Não há problema em estarmos aqui?

— Estamos seguros.

— Imagino que esteja armado.

Gabriel deixou que o silêncio fosse a sua resposta. O olhar de Donati manteve-se na calçada enquanto caminhavam e tinha a fronte morena franzida em concentração.

— Uma vez que sabe que Ali Massoudi está morto, poderemos imaginar que os camaradas dele também saibam?

— É claro.

— Também sabem que o computador continha aquelas fotografias? E que caíram nas suas mãos?

— É possível.

— Será que isso os poderá encorajar a acelerarem os planos?

— Ou poderá levá-los a adiar a operação, até que vocês e os italianos voltem a baixar a guarda.

Atravessaram o Porta de Damasco. Gabriel baixou os óculos quando entraram no mercado apinhado e cacofônico do outro lado das muralhas.

— Há uma coisa que devia saber acerca dessas fotografias — disse Donati. — Foram todas tiradas durante a audiência geral do Santo Padre, quando ele recebe peregrinos de todo o mundo na Praça de S. Pedro.

Gabriel parou de andar e olhou para a Cúpula da Pedra, dourada, que parecia flutuar acima das muralhas de pedra.

— A audiência geral tem lugar à quarta-feira, não é verdade?

— Exatamente.

Gabriel mirou Donati e disse:

— Hoje é terça-feira.

Donati olhou para o relógio.

— Pode dar-me boleia até o aeroporto? Se nos despacharmos, chegamos a Roma a horas de jantar.

— Nós?

— Paramos no seu apartamento a caminho da cidade, para que possa fazer a mala — disse Donati. — Em Roma tem estado a chover. Não se esqueça de levar uma capa.

Não era apenas uma capa que teria de levar, pensou Gabriel, enquanto guiava Donati pelo mercado cheio de gente. Ia também precisar de um passaporte falso.

4

CIDADE DO VATICANO

Era um gabinete um tanto ou quanto vulgar para um homem tão poderoso. O tapete oriental estava desbotado e puído e os cortinados eram pesados e baços. Quando Gabriel e Donati entraram, a pequena figura de branco sentada a uma secretária grande e austera fitava a tela de um televisor. Aí desenrolava-se uma cena de violência: chamas e fumo, sobreviventes cobertos de sangue que puxavam o cabelo e choravam os corpos esfacelados dos mortos. O papa Paulo VII, bispo de Roma, Pontifex Maximus, sucessor de S. Pedro, pressionou o botão Power do controle remoto e a tela ficou preta.

— Gabriel — disse. — É um prazer voltar a vê-lo.

O papa ergueu-se lentamente e ofereceu a mão pequena, não com o anel do pescador voltado para cima, como costumava fazer com a maior parte das pessoas, mas com a palma de lado. O aperto era ainda forte e os olhos que miravam Gabriel com cordialidade eram ainda vibrantes e límpidos. Gabriel esquecera-se de como Pietro Lucchesi era, na verdade, diminuto. Pensou na tarde em que Lucchesi surgira do conclave, uma figura delicada, a nadar na sotaina preparada à pressa, e mal visível acima da balaustrada da imponente galeria da Basílica. Um comentador da televisão italiana chamara-o de Pietro, o Improvável. O cardeal Marco Brindisi, o secretário de Estado reacionário que imaginara ser ele a sair do conclave vestido de branco, referira-se acidamente a Lucchesi como o "papa Acidental".

Para Gabriel, a imagem de Pietro Lucchesi que lhe vinha à mente primeiro seria sempre outra. Vê-lo de pé, na tribuna da Grande Sinagoga de Roma, dizendo palavras que nenhum papa alguma vez proferira. Destes pecados, e de outros que em breve serão revelados, apresentamos a nossa confissão, e imploramos o seu perdão. Não há palavras que descrevam o tamanho do nosso pesar. Na hora da sua maior necessidade, quando as forças da Alemanha nai os arrancaram das suas casas, nas mas à volta desta sinagoga, implorastes a nossa ajuda, mas as suas súplicas foram recebidas pelo silêncio. Por isso, ao implorar o seu perdão, fá-lo-ei da mesma forma. em silêncio...

O papa retomou o seu lugar e olhou para a tela, como se as imagens do massacre longínquo ainda lá estivessem para serem vistas.

— Avisei-o de que não o fizesse, mas não me deu ouvidos. Agora pretende vir à Europa recuperar a credibilidade junto dos seus antigos aliados. Desejo-lhe felicidades, mas acredito que as suas hipóteses sejam escassas.

Gabriel olhou para Donati em busca de uma explicação.

— A Casa Branca informou-nos ontem à noite que o presidente virá a Roma no início do próximo ano, para uma digressão pelas capitais europeias. Os homens do presidente esperam conseguir projetar uma imagem mais calorosa e menos conflituosa e reparar alguns dos estragos acarretados pela decisão de entrar em guerra com o Iraque.

— Uma guerra à qual me opus com veemência — lembrou o papa.

— Ele vem ao Vaticano? — perguntou Gabriel.

— Vem a Roma... pelo menos isso sabemos. A Casa Branca ainda não nos disse se o presidente gostaria de ter uma audiência com o Santo Padre. Esperamos que em breve nos chegue um pedido.

— Seria impensável que ele viesse a Roma sem passar pelo Vaticano — garantiu o papa. — Os católicos conservadores são parte importante do eleitorado. Vai querer a oportunidade de tirar uma foto e receber algumas palavras agradáveis de minha parte. Vai ter sua foto. Quanto às palavras agradáveis... — A voz do papa esmoreceu. — Receio que tenha de procurá-las noutro lado.

Donati convidou Gabriel a sentar-se e depois acomodou-se na cadeira ao lado.

— O presidente é um homem que gosta de conversas francas, como os nossos amigos americanos gostam de dizer. Vai ouvir o que Sua Santidade tem a dizer.

— Devia ter-me ouvido logo ao início. Quando estive no Vaticano, antes da guerra, deixei bem claro que acreditava que ele estava a embarcar numa viagem desastrosa. Disse-lhe que a guerra não se justificava, certo havia uma verdadeira ameaça iminente à América e aos seus aliados. Disse-lhe que ainda não esgotara todas as vias para evitar o conflito e que as Nações Unidas, e não os Estados Unidos, eram a autoridade competente para lidar com o problema. Mas guardei boa parte do meu ardor para o argumento final contra a guerra. Disse ao presidente que a América venceria uma batalha campal rápida. "Vocês são fortes", disse-lhe eu, "e o seu inimigo é fraco". Mas também previ que depois da guerra a América iria ver-se a braços com anos de insurreição violenta. Avisei-o que ao tentar resolver uma crise com violência, estaria apenas a criar outra ainda mais perigosa. Que a guerra seria vista pelo mundo islâmico como uma nova Cruzada dos cristãos brancos. Que o terrorismo não podia ser derrotado por mais terrorismo, mas apenas através de justiça económica e social.

Tendo concluído a sua homilia, o papa olhou para a pequena assistência, à espera de uma reação. Os olhos deslocaram-se várias vezes, antes de repousarem em Gabriel.

— Algo me diz que pretende discordar de algo que eu tenha dito.

— Sua Santidade é um homem muito eloquente.

— Está entre amigos, Gabriel. Diga o que lhe vai na alma.

— As forças islâmicas radicais declararam-nos guerra... contra a América, contra o Ocidente, contra o Cristianismo, contra Israel. Segundo a lei de Deus, e as leis dos homens, temos o direito, até mesmo o dever moral, de resistir. — Resistam aos terroristas com justiça e oportunidades e não com violência e derrame de sangue. Quando os políticos recorrem à violência, quem sofre é a humanidade.

— Parece acreditar que o problema do terrorismo e do Islamismo radical poderia ser eliminado se eles fossem mais parecidos conosco. Que se a pobreza, o analfabetismo e a tirania não fossem tão comuns no mundo islâmico, não haveria jovens dispostos a sacrificar a vida para mutilar e matar os outros. Mas eles viram o nosso modo de vida e não querem ter nada que ver com ele. Viram a nossa democracia e rejeitaram-na. Veem a democracia como uma religião que vai contra os pilares do Islamismo, e por isso vão resistir-lhe com uma fúria sagrada. Como poderemos levar a justiça e a prosperidade a estes homens muçulmanos que só acreditam na morte?

— Decerto não poderão ser impostas com o cano da arma do homem branco. — Concordo, Sua Santidade. Só quando o Islamismo se reformar poderá existir justiça social e uma verdadeira prosperidade no mundo árabe. Mas entretanto não podemos ficar sentados sem fazer nada, enquanto os radicais muçulmanos tramam a nossa destruição. Também isso, Sua Santidade, é imoral. O papa levantou-se da secretária e abriu a grande janela em frente à Praça de S. Pedro. A noite caíra. Roma agitava-se a seus pés.

— Eu tinha razão quanto à guerra, Gabriel, e estou certo quanto ao futuro que nos aguarda a todos, Muçulmanos, Cristãos e Judeus, caso não escolhamos outro caminho. Mas quem irá escutar as minhas palavras? Não passo de um velho de sotaina que vive numa gaiola dourada. Nem mesmo os meus paroquianos me ouvem. Na Europa vivemos como se Deus não existisse. O Antiamericanismo é a nossa única religião. — Virou-se e olhou para Gabriel. — E o Antissemitismo.

Gabriel estava em silêncio. O papa comentou:

— O Luigi contou que descobriu provas de uma trama contra a minha vida. Mais uma trama — acrescentou, com um sorriso triste.

— Receio que assim seja, Sua Santidade.

— Não é irônico? Fui o único a tentar evitar a guerra no Iraque. Fui o único a tentar construir uma ponte entre os cristãos e os muçulmanos. Contudo, é a mim que querem matar. — O papa olhou pela janela. — Talvez estivesse errado. Talvez, afinal de contas, não queiram uma ponte.

Em geral, o papa Paulo VII e o monsenhor Donati jantavam sozinhos nos aposentos privados pontífices, com a companhia de um ou dois convidados. Donati fazia por manter um ambiente propositadamente leve e descontraído, e as conversas profissionais costumavam limitar-se aos mexericos curiais que o papa adorava em segredo.

Nesse serão, contudo, a atmosfera na sala de jantar papal era diferente. A lista 43 de convidados rapidamente elaborada consistia não de velhos amigos, mas de homens responsáveis pela proteção da vida do pontífice: o coronel Karl Brunner, comandante da Guarda Suíça Pontifical, o general Carlo Marchese, dos Carabinieri, e Martino Bellano, diretor-adjunto do serviço de segurança italiano. Gabriel fez passar as fotografias e deixou-os a par de tudo no seu italiano marcado pelo sotaque veneziano. A apresentação foi menos detalhada do que a que fizera a Donati nessa manhã, em Jerusalém, e o nome de Ali Massoudi não foi mencionado. Mesmo assim, o tom das suas palavras não dava margem para dúvidas de que os serviços de espionagem israelenses consideravam a ameaça credível e de que era necessário tomar medidas para garantir a salvaguarda do pontífice e do território da Santa Sé. Quando acabou de falar, as expressões dos homens encarregues da segurança estavam sombrias, mas não havia uma sensação visível de pânico. Tinham passado por situações semelhantes inúmeras vezes, e juntos tinham preparado certos procedimentos automáticos para aumentar a segurança em redor do Vaticano e do Santo Padre, sempre que tal parecesse necessário. Gabriel ouviu os três homens reverem os procedimentos.

Durante uma pausa na conversa, pigarreou cuidadosamente.

— Deseja fazer alguma sugestão? — perguntou Donati.

— Talvez fosse aconselhável mudar a cerimônia de amanhã para o interior. Para a Câmara de Audiências papal.

— Amanhã o Santo Padre vai anunciar a beatificação de uma freira portuguesa — explicou Donati. — Esperamos vários milhares de peregrinos portugueses, a par da multidão habitual. Se mudarmos a audiência para a câmara, muitas dessas pessoas serão obrigadas a perdê-la.

— É melhor afastar alguns peregrinos do que expor o Santo Padre sem necessidade.

O papa olhou para Gabriel.

— Tem provas concretas de que os terroristas pretendem atacar amanhã? — Não, Sua Santidade. É muito difícil obter informações operacionais desta natureza.

— Se mudarmos a audiência para a câmara e rejeitarmos boas pessoas, será que os terroristas não terão saído vencedores?

— Por vezes é melhor conceder uma pequena vitória ao adversário do que sofrer uma derrota devastadora.

— O seu povo é famoso por viver uma vida normal, mesmo sob a ameaça do terrorismo.

— Não deixamos de tomar medidas sensatas — contrapôs Gabriel. — Por exemplo, não se pode entrar na maioria dos locais públicos sem que se seja revistado.

— Pois revistem os peregrinos e tomem outras medidas sensatas — retorquiu o papa —, mas amanhã à tarde vou estar na Praça de S. Pedro, onde é o meu lugar. E o seu trabalho é garantir que não acontece nada.

Pouco passava das dez horas quando Donati acompanhou Gabriel pela escadaria que ia do Palácio Apostólico à Via Belvedere. Caía uma névoa leve. Gabriel fechou o blusão e colocou o saco com a roupa ao ombro. Em mangas de camisa, Donati parecia ignorar o tempo. Manteve os olhos no pavimento quando passaram pela estação central dos correios do Vaticano, em direção à Porta de Santa Ana.

— Com certeza que não quer boleia?

— Até esta manhã, pensei que nunca mais pudesse voltar aqui. Vou aproveitar a oportunidade para andar um pouco.

— Se a Polícia italiana o prender antes de chegar ao seu apartamento, diga-lhes para me telefonarem. Sua Santidade vai atestar o seu bom caráter. — Caminharam em silêncio durante alguns instantes.

— Por que não regressa de vez?

— A Itália? Receio que Shamron tenha outros planos para a minha pessoa.

— Sentimos a sua falta — confessou Donati. — E Tiepolo também.

Francesco Tiepolo, amigo do papa e de Donati, era dono da melhor firma de restauração da região do Veneto. Gabriel restaurara-lhe dois dos melhores retábulos de Bellini. Quase dois, pensou. Tiepolo tivera de terminar o retábulo de San Giovanni Crisóstomo de Bellini, depois da fuga de Gabriel de Veneza. — Algo me diz que Tiepolo vai sobreviver sem mim.

— E Chiara?

Com seu silêncio taciturno, Gabriel deixou bem claro que não pretendia discutir o estado lastimoso da sua vida amorosa com o secretário particular do papa. Donati mudou habilmente de assunto.

— Lamento que o Santo Padre o tenha feito sentir-se posto em causa. Receio que ele tenha perdido muita da sua antiga paciência. Acontece-lhes a todos, depois de alguns anos de papado. Quando se é visto como o Vigário de Cristo, é difícil não se ganhar uma certa arrogância.

— Continua a ser a mesma alma gentil que conheci há três anos, Luigi. Apenas um pouco mais velho.

— Já não era jovem quando foi eleito para o cargo. Os cardeais queriam um papa de transição, alguém que mantivesse o trono de S. Pedro quente, enquanto os reformistas e os reacionários esclareciam suas diferenças. Como bem sabe, o meu mestre nunca teve intenção de ser uma mera figura de transição. Tem muito trabalho a fazer antes de morrer... coisas que talvez não agradem aos reacionários. É óbvio que não quero o seu mandato abreviado.

— Eu também não.

— Razão pela qual é o homem ideal para estar ao seu lado amanhã, durante a audiência geral.

— A Guarda Suíça e os ajudantes Carabinieri são bem capazes de tomar conta do seu mestre.

— São muito bons, mas nunca viveram um atentado terrorista a sério. — Pouca gente viveu — corroborou Gabriel. — E normalmente não sobrevivem para contar como foi.

Donati olhou para o companheiro.

— Gabriel sobreviveu — lembrou. — Esteve junto dos terroristas. E viu a expressão nos olhos de um homem antes de carregar no botão do detonador.

Detiveram-se a poucos metros da Porta de Santa Ana. À esquerda ficava a Igreja de Santa Ana, redonda e da cor da manteiga, a igreja da paróquia da Cidade do Vaticano. À direita, a entrada para o aquartelamento da Guarda Suíça. Um dos guardas estava de sentinela ao portão, com a sua simples farda azul. — Que quer que eu faça, Luigi?

— Isso fica nas suas mãos capazes. Seja incômodo. Se vir um problema, faça por resolvê-lo. — com que autoridade?

— A minha — respondeu Donati, resoluto. Tirou do bolso da sotaina um cartão plastificado, o qual entregou a Gabriel. Era um cartão de identificação do Vaticano, com a marca do Escritório de Segurança. — Vai permitir-lhe o acesso a qualquer lado do Vaticano... excepto aos Arquivos Secretos, é claro. Receio não poder deixá-lo andar por aí.

— Já andei — recordou Gabriel, ao que enfiou o cartão no bolso e avançou para a rua. Donati esperou junto à Porta de Santa Ana até que Gabriel tivesse desaparecido

na escuridão. Depois virou-se e regressou ao palácio. Embora só mais tarde se tivesse apercebido, murmurou uma ave-maria.

Gabriel atravessou a Ponte Umberto sobre o Tibre. Na margem oposta, virou à esquerda e dirigiu-se à Piazza di Spagna. A praça estava deserta e os Degraus Espanhóis brilhavam à luz dos postes, como madeira polida. Uma garota estava sentada no vigésimo oitavo degrau. Tinha o cabelo semelhante ao de Chiara e, por um instante, Gabriel pensou que pudesse mesmo ser ela. Ao subir mais um pouco, viu que se tratava apenas de Nurit, um correio carrancudo da Estação de Roma. A jovem entregou-lhe uma chave para o apartamento de segurança e, em hebraico, disse-lhe que atrás das latas de sopa na despensa encontraria uma Beretta pronta e um carregador adicional.

Subiu o resto dos degraus até a Igreja da Trinità dei Monti. A casa ficava a menos de cinquenta metros da igreja, na Via Gregoriana. Tinha dois quartos e uma pequena varanda. Gabriel foi buscar a Beretta à despensa e depois entrou no quarto maior. O telefone, como era hábito nesse tipo de casa, não tinha campainha, apenas uma luz vermelha que indicava quando estava a receber uma chamada. Deitado na cama com as roupas que vestira para se encontrar com o primeiro-ministro, Gabriel pegou no fone e marcou um número de Veneza. Foi uma voz de mulher que atendeu.

— O que foi? — perguntou a voz, em italiano. Não tendo uma resposta, resmungou uma praga e bateu com o telefone, com força suficiente para obrigar Gabriel a desviar o fone do ouvido, antes de voltar a pousá-lo gentilmente. Tirou a roupa e deitou a cabeça na almofada, mas, quando estava a adormecer, o quarto foi subitamente iluminado por um relâmpago. Começou a contar instintivamente para calcular a distância a que se encontrava a trovoadas. Viu um rapazinho magro, de cabelo preto e olhos verdes como esmeraldas, a correr atrás dos relâmpagos nas colinas de Nazaré. O trovão explodiu antes de Gabriel contar até quatro. O prédio estremeceu.

Sucederam-se mais estrondos numa sucessão rápida e a chuva martelou a janela do quarto. Gabriel tentou adormecer, mas não foi capaz. Acendeu o abajur da mesa de cabeceira, abriu o dossiê que continha as fotografias retiradas do computador de Ali Massoudi, e observou-as lentamente uma a uma, decorando cada imagem. Uma hora depois, apagou a luz e reviu mais uma vez as imagens na sua mente. Um relâmpago f piscou por cima dos campanários da igreja. Gabriel fechou os olhos e contou.

CIDADE DO VATICANO

A chuva parara com a alvorada. Gabriel deixou cedo o apartamento e regressou ao Vaticano pelas ruas vazias. Ao atravessar o rio, a luz rosada banhava o pinheiro-mansinho no alto do Monte Janiculum, mas a Praça de S. Pedro estava mergulhada nas sombras e as lâmpadas dos postes ainda estavam acesas na Colunata. Um café estava aberto a pouca distância da Sala de Imprensa do Vaticano. Gabriel bebeu duas xícaras de cappuccino na esplanada e leu os matutinos. Nenhum dos principais diários romanos parecia saber que o secretário privado do papa visitara Jerusalém no dia anterior. Também não se sabia que na véspera a segurança italiana e a do Vaticano se tinham reunido na sala de jantar papal, onde se discutira uma ameaça terrorista à vida do Santo Padre.

Às oito horas, os preparativos para a audiência geral na Praça de S. Pedro estavam em marcha. Equipas de trabalho do Vaticano montavam cadeiras desdobráveis e barreiras metálicas temporárias na praça em frente à Basílica, e pessoal da segurança dispunha magnetômetros ao longo da Colunata. Gabriel saiu do café e foi até a barricada de aço que separava o território da Santa Sé do solo italiano. Agiu propositadamente de uma forma tensa e agitada, olhou várias vezes para o relógio e prestou uma atenção especial às operações dos magnetômetros. Em resumo, exibiu todos os comportamentos para os quais os Carabinieri e a Vigilanza, a força policial do Vaticano, deveriam estar alerta. Foram precisos dez minutos para que um carabinieri fardado se acercasse e lhe pedisse a identificação. Com um italiano perfeito, Gabriel informou o agente de que estava ligado ao Escritório de Segurança do Vaticano.

— As minhas desculpas — disse o carabinieri, e afastou-se.

— Espere — chamou Gabriel. O carabinieri deteve-se e virou-se.

— Não vai pedir-me a identificação? — O agente estendeu a mão. Lançou um olhar enfadado ao cartão e devolveu-o. — Não confie em ninguém — alertou Gabriel. — Peça sempre a identificação e, se desconfiar de alguma coisa, chame o seu superior.

Gabriel dirigiu-se à Porta de Santa Ana, onde um grupo de freiras de hábitos cinzentos recebia autorização para passar, dizendo simplesmente "Annona", o nome do supermercado do Vaticano. Experimentou a mesma tática e, como as freiras, foi-lhe concedida a entrada no território do Vaticano. Logo a seguir ao posto de controle, exibiu a identificação do Vaticano e admoestou o guarda suíço com o seu alemão berlinense que aprendera com a mãe. Em seguida, voltou à rua. Momentos depois, surgiu um padre idoso, de cabelo muito branco, que informou o guarda suíço de que ia

à farmácia do Vaticano. O guarda deteve o sacerdote ao portão, até que pudesse apresentar a identificação que retirou do bolso da sotaina.

Gabriel decidiu confirmar a segurança na outra entrada principal do Vaticano, o Arco dos Sinos. Aí chegou cinco minutos depois, a tempo de ver um cardeal da Cúria e os seus dois assistentes a passarem pelo arco, sem que o guarda suíço em sentido na sua guarita lhes prestasse a menor atenção. Gabriel exibiu seu cartão à frente dos olhos do guarda.

- Por que não pediu a identificação àquele cardeal?
- O chapéu cardinalício e a cruz peitoral são as suas identificações.
- Hoje, não — avisou Gabriel. — Confirme a identidade de todos.

Deu meia volta e percorreu o exterior da Colunata, a pensar nas cenas a que assistira. Pesasse embora a sua vastidão, a Praça de S. Pedro era, em grande medida, segura. Mas, a haver uma brecha na armadura do Vaticano, seria no número relativamente grande de pessoas com liberdade de movimentos atrás da praça. Pensou nas fotografias encontradas no computador de Ali Massoudi e interrogou-se se os terroristas teriam descoberto a mesma coisa.

Atravessou a praça até as Portas de Bronze. Não havia palavras mágicas para se atravessar aquela que era, basicamente, a entrada principal do Palácio Apostólico. O cartão de Gabriel foi examinado no exterior por um guarda suíço fardado e uma segunda vez no hall, por um guarda à paisana. A autorização do Escritório de Segurança permitia que entrasse no Palácio sem que assinasse a folha de entrada, mas foi-lhe exigido que deixasse a arma, o que fez com uma certa relutância.

Os degraus de mármore da Scala Regia erguiam-se à sua frente, cintilantes com o brilho dos enormes postes de ferro. Gabriel subiu até o Cortile di San Damaso e cruzou o pátio até o outro lado, de onde um elevador o levou até o segundo andar. Fez uma breve pausa na galeria para apreciar o fresco de Rafael e depois atravessou o vasto corredor até os aposentos papais. Donati, de sotaina com uma faixa escarlate, estava sentado à secretária no seu pequeno gabinete adjacente ao do papa. Gabriel entrou e fechou a porta.

— Quantas pessoas trabalham dentro do Vaticano? — disse Donati, repetindo a pergunta de Gabriel. — Cerca de metade.

Gabriel franziu o sobrolho.

— Perdoe-me — lamentou Donati. — É uma velha piada do Vaticano. A resposta é cerca de mil e duzentas. O número inclui os padres e os prelados que trabalham na Secretaria de Estado e nas várias congregações e conselhos, bem como os respetivos funcionários laicos. Depois temos ainda os empregados laicos que fazem com que o Vaticano funcione: os guias turísticos, os jardineiros e todas as pessoas que tratam da

manutenção, os funcionários de estabelecimentos como a estação dos correios, a farmácia e o supermercado. E ainda a equipe de segurança, é claro.

Gabriel exibiu o cartão de identificação do Vaticano. — E todos têm um cartão destes?

— Nem todos podem entrar no Palácio Apostólico, mas possuem credenciais que lhes dão acesso a outras seções do Vaticano que não as que estão abertas ao público.

— Refere-se à praça e à Basílica? — Exatamente.

— Qual o tipo de verificação de antecedentes que lhes é feita?

— Imagino que não se esteja a referir aos cardeais, aos bispos, aos monsenhores e aos sacerdotes.

— Deixemo-los à margem. — Gabriel franziu o sobrolho, ao que acrescentou: — Por agora.

— Os empregos no Vaticano são extremamente cobiçados. Os salários não são muito altos, mas todos os nossos funcionários têm benefícios nas compras na farmácia e no supermercado. Os preços são subsidiados e muito mais baixos do que no mercado italiano. O mesmo se passa com os preços na nossa bomba de combustível. Para além disso, os horários são razoáveis, as férias longas e as regalias são bastante boas.

— E fazem a confirmação dos antecedentes das pessoas que ficam com esses empregos?

Os postos são tão cobiçados, e são tão poucos, que vão quase sempre para alguém com ligações familiares, por isso a verificação de antecedentes é bastante superficial.

— Receava que assim fosse — admitiu Gabriel. — E quanto às pessoas como eu? Indivíduos com credenciais temporárias?

— Está a perguntar-me quantas são? — Donati encolheu os ombros. — Diria que há sempre várias centenas de pessoas com acesso temporário ao Vaticano.

— Como funciona o sistema?

— Geralmente estão ligadas a um dos vários conselhos ou comissões pontífices, como pessoal de apoio ou consultores profissionais. Os chefes de gabinete, ou um sub-secretário, garantem o caráter do indivíduo, e o Escritório de Segurança do Vaticano emite os cartões.

— O Escritório de Segurança guarda toda a papelada?

— É claro.

Gabriel levantou o fone do telefone e estendeu-o a Donati.

Passaram-se vinte minutos até que o telefone de Donati voltasse a tocar. Escutou em silêncio, depois desligou e olhou para Gabriel, que estava de pé à janela em frente à

praça, a observar a multidão que nela entrava.

— Começam a seleccionar a papelada.

— Começam?

— Foi preciso obter autorização do chefe, que estava numa reunião. Estará pronta daqui a um quarto de hora.

Gabriel viu a hora. Quase dez e meia.

— Mude a cerimônia para o interior — avisou.

— O Santo Padre nem quer ouvir falar nisso. — Donati juntou-se a Gabriel à janela. — Além do mais, é demasiado tarde. Os convidados já começaram a chegar.

Instalaram-no numa cela minúscula, com uma janela encardida com vista para o Pado do Belvedere, e destacaram um carabinieri de ar ameninado chamado Luca Angelli para lhe trazer os arquivos. Restringiu a busca apenas a laicos. Nem mesmo Gabriel, um homem desconfiado por natureza, seria capaz de imaginar um cenário em que um padre católico fosse atraído, voluntária ou involuntariamente, para a causa da Al-Qaeda. Eliminou também da sua lista os membros da Guarda Suíça e da Vigilanza. Esta era composta quase na totalidade por antigos oficiais dos Carabinieri e da Polizia di Stato. Quando à Guarda Suíça, os seus elementos eram recrutados exclusivamente entre famílias católicas da Suíça, e provinham, na sua grande maioria, dos cantões franceses e alemães do centro montanhoso do país, longe de ser um baluarte de extremismo islâmico.

Começou com os funcionários laicos da cidade-estado do Vaticano. Para restringir os parâmetros da pesquisa, viu apenas os arquivos dos indivíduos contratados nos últimos cinco anos. Só isso levou-lhe quase trinta minutos. Quando acabou, tinha separado meia dúzia de arquivos para uma verificação mais aprofundada (um empregado de balcão da farmácia do Vaticano, um jardineiro, dois repositores do Annona, um porteiro do museu do Vaticano e uma mulher que trabalhava numa das lojas de recordações do Vaticano) e devolveu o resto a Angelli.

Os arquivos seguintes referiam-se aos funcionários laicos ligados às várias congregações da Cúria romana. As congregações eram o equivalente aproximado dos ministérios governamentais e tratavam de áreas centrais da administração eclesiástica, tais como a doutrina, a fé, o clero, os santos e a educação católica. Cada congregação era liderada por um cardeal, o qual tinha vários bispos e monsenhores abaixo de si. Gabriel viu os dossiês dos funcionários de cada uma das nove congregações e, não encontrando nada de interesse, devolveu-os a Angelli.

— O que falta?

As comissões e os conselhos pontífices — respondeu Angelli.

— E os outros gabinetes. — Outros gabinetes?

— A Administração do Patrimônio da Santa Sé, a Prefeitura dos Assuntos Econômicos da Santa Sé...

— Estou a ver — atalhou Gabriel. — Quantos são?

Angelli abriu as mãos para indicar que a pilha tinha mais de trinta centímetros de altura. Gabriel viu a hora: 11h20...

— Traga-os.

Angelli começou pelas comissões pontífices. Gabriel separou mais dois arquivos para uma análise posterior, um consultor da Comissão para a Arqueologia Sagrada, e um estudioso argentino ligado à comissão pontífice para a América Latina. Devolveu o resto a Angelli e olhou para o relógio: 11h45... Prometera a Donati que ficaria de guarda ao papa na praça, durante a audiência geral, ao meio-dia. Já só tinha tempo para mais alguns arquivos. — Ignore os departamentos financeiros — disse Gabriel. Traga-me os arquivos dos conselhos pontífices.

Angelli regressou instantes depois com uma pilha de quinze centímetros de dossiês. Gabriel examinou-os pela ordem que Angelli os entregava. Conselho Papal do Laicado... Conselho Papal de Promoção da Unidade Cristã... Conselho Papal da Família... Conselho Papal de Justiça e Paz... Conselho Papal de Apoio a Migrantes e Povos Itinerantes... Conselho Papal de Textos Legislativos... Conselho Papal do Diálogo Inter-Religioso...

Gabriel levantou a mão. Tinha encontrado o que procurava.

Leu durante um momento e depois ergueu abruptamente o olhar.

— Isto quer dizer que ele tem acesso ao Vaticano?

Angelli dobrou o corpo magro pela cintura e espiou sobre o ombro de Gabriel.

— O professor Ibrahim el-Banna? Está aqui há mais de um ano.

— Fazendo o quê?

— É membro de uma comissão especial que procura formas de melhorar as relações entre os mundos cristão e muçulmano. São doze membros ao todo, uma equipe ecumênica de seis estudiosos cristãos e de seis estudiosos muçulmanos que representam as várias seitas islâmicas e as escolas do direito islâmico. Ibrahim el-Banna é professor de jurisprudência islâmica na Universidade Al-Azhar, no Cairo. É um dos mais respeitados professores do mundo, da escola Hanafi de direito islâmico. A Hanafi é muito importante entre os...

— Muçulmanos sunitas — atalhou Gabriel, concluindo a frase de Angelli. — Vocês não sabem que Al-Azhar é um foco de militância islâmica? Está cheia de elementos da Al-Qaeda e da Irmandade Islâmica.

— É também uma das mais antigas e prestigiadas escolas de teologia e de direito islâmicos do mundo. O professor El-Banna foi escolhido para este lugar devido

à sua posição moderada. Já se encontrou por várias vezes com o Santo Padre.

Em duas ocasiões estiveram sozinhos.

— Onde se reúne a comissão?

— O professor El-Banna tem um gabinete num edifício junto à Piazza Santa Marta, perto do Arco dos Sinos.

Gabriel olhou para o relógio: 11h55... Não tinha hipótese de falar com Donati, que naquele momento estaria com o papa, preparando-se para entrar na praça. Recordou as ordens que recebera na noite anterior, na Via Belvedere. Seja incômodo. Se vir um problema, faça por resolvê-lo. Levantou-se e olhou para Angelli.

— Gostaria de trocar umas palavras com o imã. Angelli hesitou. A iniciativa é muito importante para o Santo Padre. Se fizer uma acusação sem justa causa contra o professor El-Banna, ele vai sentir-se muito ofendido e o trabalho da comissão ficará em perigo.

— É melhor um imã furioso do que um papa morto. Qual é o caminho mais rápido para a Piazza Santa Marta?

— Utilizaremos o atalho — disse Angelli. — Através da Basílica. Atravessaram a passagem entre a Scala Regia e a Capela do Sagrado Sacramento, e depois cruzaram na diagonal a vasta nave. Por baixo do Monumento a Alexandre VII ficava uma porta que dava para a Piazza Santa Marta. Quando saíram para o sol intenso, fez-se ouvir um estrondo de aplausos vindo da Praça de S. Pedro. O papa chegara para a Audiência Geral. Angelli conduziu Gabriel através da pequena praça até um edifício de escritórios barroco de aspeto sombrio. No hall, uma freira estava sentada, imóvel, à mesa da recepção. Quando Gabriel e Angelli irromperam no edifício, fitou-os com um ar de desaprovação. — Ibrahim el-Banna — disse Angelli, sem mais explicações. A freira pestanejou rapidamente um par de vezes.

— Quarto quatro-doze.

Subiram a escada, com Angelli à frente e Gabriel logo atrás dele. Quando se ouviu mais uma onda de aplausos vinda da praça, Gabriel empurrou Angelli e o agente de segurança do Vaticano começou a subir os degraus dois de cada vez. Chegados ao Quarto 412, encontraram a porta fechada. Gabriel fez menção de agarrar na maçaneta, mas Angelli deteve-lhe a mão e bateu com firmeza, mas decoro.

— Professor El-Banna? Professor El-Banna? Está aí?

Tendo apenas o silêncio como resposta, Gabriel afastou Angelli e examinou a fechadura antiga. Com a esguia gazua de metal que tinha na carteira, seria capaz de abri-la numa questão de segundos, mas o novo clamor vindo da praça recordou-o de que não havia tempo. Agarrou a maçaneta com as duas mãos e lançou o ombro contra a porta, que resistiu. Atirou o corpo uma segunda vez de encontro à porta, e uma

terceira. À quarta tentativa, Angelli juntou-se a ele. A ombreira fragmentou-se e os dois homens quase caíram para o interior do quarto.

A divisão estava vazia. Não apenas vazia, pensou Gabriel. Abandonada. Não havia livros, nem dossiês, não se viam canetas, nem papéis soltos. Apenas um envelope simples, deixado precisamente ao centro da secretária. Angelli levou a mão ao interruptor, mas Gabriel bradou-lhe para que não lhe tocasse, após o que voltou a empurrar o italiano para o corredor. Retirou do bolso do blusão uma caneta que utilizou como instrumento para examinar a densidade do conteúdo do sobrescrito. Ao ficar convencido de que apenas continha papel, agarrou-o e abriu-o com cuidado. Lá dentro estava uma única folha, dobrada em três, e que tinha escrito em árabe:

Declaramos guerra aos Cruzados, com a destruição do seu templo infiel ao politeísmo e com a morte do seu Supremo Pontífice, esse homem de branco que tratam como se fosse um deus. É esse o seu castigo pelos pecados do Iraque, por Abu Ghraib e pela Baía de Guantánamo. Os ataques continuarão até que o Iraque se liberte do jugo americano e a Palestina tenha sido arrancada das garras dos Judeus. Somos a Irmandade de Alá. Alá é o Deus único e todos o louvam. Gabriel correu escadas abaixo, com Angelli atrás de si.

6

CIDADE DO VATICANO

In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.

A voz do papa, amplificada pelo sistema de som do Vaticano, ressoou através da Praça de S. Pedro e pela Via delia Conciliazione. Vinte mil vozes replicaram: Amém.

Gabriel e Luca Angelli correram pela Piazza Santa Marta e depois ao longo da parede exterior da Basílica. Antes de chegarem ao Arco dos Sinos, Angelli virou à direita e entrou no Escritório de Autorizações, o principal controle de segurança para a maior parte dos visitantes do Vaticano. Se Ibrahim el-Banna tivesse introduzido mais alguém no Vaticano, a documentação estaria aí. Gabriel prosseguiu para o Arco dos Sinos. O guarda suíço de serviço baixou a alabarda num gesto defensivo, alarmado por ver um homem a correr na sua direção. Voltou a erguê-la quando Gabriel acenou com o cartão de identificação do Escritório de Segurança.

— Dê-me a sua arma — ordenou Gabriel.

— Desculpe?

— Dê-me a sua arma! — bradou Gabriel em alemão.

O guarda levou a mão ao interior da túnica renascentista multicolorida e retirou uma SIG-Sauer 9 mm bastante moderna. Nesse momento, Luca Angelli cruzou a arcada.

— Às onze e meia El-Banna trouxe uma delegação de três padres alemães para o Vaticano.

— Não são padres, Luca. São shaheeds. Mártires. — Gabriel olhou para a multidão reunida na praça. — E duvido que continuem no Vaticano. Devem estar ali, armados com explosivos e sabe Deus o que mais.

— Por que entraram no Vaticano pelo Arco dos Sinos?

— Para irem buscar as bombas, é claro. — Era a brecha na armadura do Vaticano. Os terroristas tinham-na descoberto graças à vigilância contínua e tinham utilizado a iniciativa de paz do Santo Padre para a explorar. — El-Banna deve ter levado as bombas para sua sala ao longo do tempo. Os shaheeds foram buscá-las quando receberam permissão de entrada no Gabinete de Autorizações e depois foram até a praça por um qualquer percurso sem detectores de metal.

— A Basílica — sugeriu Angelli. — Podem ter entrado na Basílica por uma porta lateral e saído pela frente. Podemos ter-nos cruzado com eles sem dar por nada. Gabriel e Angelli saltaram a vedação de madeira que separava a zona de entrada do Arco dos Sinos do resto da praça e subiram ao palco. O movimento súbito criou um burburinho pela assistência. Donati estava de pé atrás do papa. Gabriel foi até ele rapidamente e entregou-lhe a mensagem que encontrara no gabinete de El-Banna.

— Estão aqui.

Donati baixou o olhar, viu a escrita árabe e voltou a encarar Gabriel. — Encontramos na sala de El-Banna. Diz que vão destruir a Basílica. Diz que vão matar o Santo Padre. Temos de o tirar do palco. Já, Luigi.

Donati olhou para a multidão na praça: peregrinos católicos e dignitários de todo o mundo, crianças de branco, grupos de doentes e de idosos à espera de receber a bênção do pontífice. O papa estava sentado num trono cerimonial escarlate. Segundo a tradição herdada do seu antecessor, recebia os peregrinos nas suas línguas nativas, passando rapidamente de uma para a outra.

— E os peregrinos? — indagou Donati. — Como vamos protegê-los?

— Talvez seja demasiado tarde. Pelo menos para alguns. Se tentarmos avisá-los, vai instalar-se o pânico. Retire o Santo Padre da praça o mais depressa e discretamente possível. Depois começamos a evacuar a praça.

O coronel Brunner, comandante da Guarda Suíça, subiu também ao palco. Tal como os restantes elementos do destacamento de segurança pessoal do papa, vestia

um fato completo escuro e usava um auricular. Quando Donati explicou a situação, o rosto de Brunner ficou pálido.

— Vamos levá-lo pela Basílica.

— E se tiverem escondido lá bombas? — interrogou Gabriel. Brunner abriu a boca para responder, mas as suas palavras foram abafadas por uma onda de choque escaldante. O som chegou um milésimo de segundo depois, um trovão ensurdecedor tornado ainda mais intenso pela vasta câmara de ressonância da Praça de S. Pedro. Gabriel foi impelido do palco, como um pedaço de papel levado por um temporal. O seu corpo voou e deu pelo menos uma volta no ar. Depois embateu nos degraus da Basílica e desmaiou.

Quando abriu os olhos, viu os Apóstolos de Cristo a olhá-lo do seu pouso no cimo da fachada. Não sabia quanto tempo estivera inconsciente. Alguns segundos, talvez, mas não mais do que isso. Com os ouvidos a retinir, sentou-se e olhou em volta. À sua direita estavam os prelados da Cúria que acompanhavam o papa no palco. Pareciam em choque e desalinhados, mas ilesos. À sua esquerda viu Donati, com Karl Brunner a seu lado. O comandante tinha os olhos fechados e sangrava com abundância de um ferimento na cabeça.

Gabriel levantou-se e olhou em seu redor.

Onde estava o papa?

Ibrahim el-Banna levava três padres para o Vaticano.

Gabriel imaginou que ainda fossem ocorrer mais duas explosões.

Encontrou a SIG-Sauer que pedira ao Guarda Suíço e gritou aos prelados que se baixassem. Depois, quando voltou a subir ao palco em busca de Lucchesi, a segunda bomba explodiu.

Outra onda de calor e vento escaldantes.

Mais um trovão.

Gabriel foi lançado para trás. Desta vez aterrou em cima de Donati. Voltou a levantar-se. Não conseguiu chegar ao palco antes da deflagração da terceira bomba.

Quando o estrondo acabou finalmente por esmorecer, Gabriel subiu à plataforma e testemunhou a devastação. Os shaheeds tinham-se distribuído uniformemente pela multidão perto da frente do palco: um junto às Portas de Bronze, o segundo no meio da praça e o terceiro perto do Arco dos Sinos. Deles apenas restavam três plumas de fumo negro que se elevavam para o céu limpo e azul. Nos pontos onde os homens-bomba tinham estado, as lajes do pavimento estavam escurecidas pelo fogo, ensopadas em sangue e cobertas de membros e fragmentos humanos. A pouca distância dos centros das explosões, era possível imaginar que os cadáveres desfeitos tinham sido seres humanos poucos momentos antes. As cadeiras

desdobráveis que Gabriel vira serem montadas nessa manhã tinham-se espalhado como cartas, e havia sapatos um pouco por todo o lado. Quantos mortos? Centenas, pensou. Mas nesse momento a sua preocupação não se dirigia aos mortos, mas sim ao Santo Padre. Declaramos guerra aos Cruzados, com a destruição do seu templo infiel ao politeísmo...

Gabriel sabia que o ataque ainda não terminara.

Nesse instante, através da cortina de fumo negro, viu o desenrolar da fase seguinte. Uma van parara junto à barricada ao fundo da praça. Tinha as portas de carga abertas, de onde saíam três homens. Cada um empunhava um lançador de mísseis.

Foi então que Gabriel viu o trono onde o papa estivera sentado. Tinha sido derrubado pela força da primeira explosão e jazia agora ao contrário, nos degraus da Basílica. Por baixo dele via-se uma pequena mão com um anel de ouro... e a saia de uma sotaina branca, manchada de sangue.

Gabriel olhou para Donati.

— Eles têm mísseis, Luigi! Afaste todos da Basílica.

Saltou do palco e levantou o trono. O papa tinha os olhos fechados e sangrava de vários pequenos cortes. Quando Gabriel se baixou e aninhou o papa nos braços, ouviu o silvo inconfundível de um RPG-7 a aproximar-se. Virou a cabeça o suficiente para avistar o míssil a cruzar a praça, em direção à Basílica.

No instante seguinte, a ogiva bateu na cúpula de Miguel Angelo e explodiu, numa chuva de,-fogo, vidro e pedra. Gabriel protegeu o papa dos destroços, depois ergueu-o e começou a correr para as Portas de Bronze. Antes de chegarem ao abrigo proporcionado pela Colunata, o segundo míssil atravessou a praça. Acertou na fachada da Basílica, logo abaixo da balaustrada na galeria das Bênçãos.

Gabriel perdeu o equilíbrio e tombou nas lajes. Levantou a cabeça e viu o terceiro míssil a caminho. Seguia uma trajetória mais baixa dos que os anteriores e voava diretamente para o palco. No momento antes do impacto, Gabriel viu uma imagem de pesadelo: Luigi Donati em desespero, a tentar colocar em segurança os cardeais e os prelados da Cúria. Gabriel continuou baixo e protegeu o corpo do papa com o seu, no momento em que outra chuva de fragmentos caiu sobre eles.

— É você, Gabriel? — indagou o papa, com os olhos ainda fechados.

— Sim, Sua Santidade.

— Já acabou?

Três bombas, três mísseis: simbólico da Santíssima Trindade, pensou Gabriel.

Um insulto propositado aos mushrikun. — Sim, Sua Santidade. Creio que sim.

— Onde está Luigi?

Gabriel olhou para os restos em chamas do palco e viu Donati sair a cambalear do fumo, com o corpo de um cardeal morto nos braços.

— Está vivo, Sua Santidade. O papa fechou os olhos e murmurou:

— Graças a Deus.

Gabriel sentiu uma mão a apertar-lhe o ombro. Virou-se e viu um quarteto de homens de fatos azuis, de armas em riste.

— Largue-o — gritou um dos homens. — Nós levamo-lo. Gabriel fitou o homem por um instante, ao que abanou lentamente a cabeça.

— Eu o levo — declarou. Depois levantou-se e, rodeado por guardas suíços, transportou o papa até o Palácio Apostólico.

O prédio ficava perto da Igreja de Santa Maria, em Trastevere. Com três pisos, o exterior desbotado estava coberto de pó e de linhas telefônicas e ostentava grandes manchas de tijolos expostos. No rés-do-chão ficava uma pequena oficina de motorizadas que se estendia até a rua. À direita da oficina localizava-se a porta que dava acesso aos pisos superiores. Ibrahim El-Banna tinha a chave no bolso.

O ataque começara cinco minutos antes da saída de El-Banna do Vaticano. No Borgo Santo Spirito aproveitara-se do pânico para retirar cuidadosamente o kufi e pendurar uma grande cruz de madeira ao pescoço. A partir daí caminhara até o Parque Janiculum, descendo então a colina até Trastevere. Na Via delia Paglia, uma mulher agitada pediu a bênção a El-Banna. O muçulmano concedera-a, imitando as palavras e os gestos que observara no Vaticano. Em seguida, pediu a Alá que o perdoasse pela blasfêmia.

Em segurança no interior do prédio, retirou a cruz ofensiva do pescoço e subiu os degraus mal iluminados. Recebera ordens do saudita que concebera e planejava o ataque para se dirigir ali. Um saudita que conhecia apenas por Khalil. Seria a primeira parada de uma viagem secreta para fora da Europa e de regresso ao mundo islâmico. Esperara voltar ao seu Egito nativo, mas Khalil convencera-o de que aí nunca estaria em segurança. O lacaio americano Mubarak vai entregar-te aos infiéis num abrir e fechar de olhos, avisara Khalil. Só há um lugar na Terra onde os infiéis não te podem chegar.

Esse lugar era a Arábia Saudita, terra do Profeta, berço do Islamismo Wahhabita. A Ibrahim el-Banna tinha sido prometida uma nova identidade, um professorado na afamada Universidade de Medina e uma conta bancária com meio milhão de dólares. O santuário era a recompensa do príncipe Nabil, o ministro da Administração Interna saudita. O dinheiro era um presente do bilionário saudita que financiara a operação.

Assim, o clérigo muçulmano que subiu os degraus do prédio de apartamentos romano era um homem satisfeito. Acabara de participar numa das mais importantes

ações da jihad na longa e gloriosa história islâmica. Agora partia para uma nova vida na Arábia Saudita, onde as suas palavras e as suas crenças ajudariam a inspirar a geração seguinte de guerreiros islâmicos. Apenas o Paraíso seria melhor.

Chegou ao patamar do segundo andar e dirigiu-se à porta do apartamento 3A. Quando introduziu a chave na fechadura, sentiu um choque eléctrico diminuto nos dedos. Quando a girou, a porta explodiu. E a partir daí não sentiu mais nada.

Nesse preciso instante, na zona de Washington conhecida como Foggy Bottom, uma mulher despertou de um pesadelo. O sonho estava repleto das imagens que via todas as manhãs àquela hora. Uma hospedeira com o pescoço cortado. Um jovem passageiro elegante a fazer um último telefonema. Um inferno. Rebolou na cama e olhou para o relógio sobre a mesa-de-cabeceira. Seis e meia. Pegou o controle remoto, apontou-o à televisão e pressionou o botão Power. Meu Deus, não, pensou, quando viu a Basílica em chamas. Outra vez não.

7

ROMA

Durante a semana seguinte, Gabriel permaneceu no apartamento de segurança perto da Igreja da Trinità dei Monti. Houve momentos em que parecia que nada acontecera.

Mas depois ia até a varanda e via a cúpula da Basílica erguer-se sobre os telhados da cidade, despedaçada e enegrecida pelo fogo, como se Deus, num momento de desaprovação ou de descuido, tivesse arrasado o trabalho dos seus filhos. Gabriel, o restaurador, desejava que fosse apenas um quadro, uma tela ferida que ele pudesse sarar com uma garrafa de óleo de linhaça e um pouco de pigmento.

A contagem de baixas aumentava a cada dia. No final da quarta-feira — Quarta-Feira Negra, como os jornais de Roma a tinham batizado — o número era de seiscentos mortos. Na quinta-feira era de seiscentos e cinquenta e, no fim-de-semana, ultrapassara os setecentos. O coronel Karl Brunner, dos Guardas Suíços Pontífices, encontrava-se entre as vítimas mortais. Luca

Angelli também, depois de ter passados três dias entre a vida e a morte, na Clínica Gemelli, antes de as máquinas terem sido desligadas. O papa administrou-lhe os Últimos Sacramentos e permaneceu ao lado de Angelli até que este morreu. A Cúria Romana sofreu perdas terríveis. Entre os mortos encontravam-se quatro cardeais, a par de oito bispos curiais e três monsenhores. Os funerais tiveram de ser conduzidos na Basílica de São João de Latrão, pois dois dias após o ataque uma equipe internacional de engenheiros concluíra que não era seguro entrar na Basílica. O maior jornal de

Roma, La Repubblica, dera a notícia com uma fotografia de página inteira da cúpula arruinada, com um único título: CONDENADA.

O governo de Israel não tinha posição oficial na investigação, mas Gabriel, graças à sua proximidade de Donati e do papa, em breve ficou a saber tanto sobre o atentado como qualquer agente de serviços secretos do mundo. A maior parte das informações era obtida à mesa de jantar do papa, onde se sentava todas as noites com os homens que conduziam a investigação: o general Marchese, dos Carabinieri, e Martino Bellano, dos serviços de segurança italianos. Falavam quase sempre livremente na presença de Gabriel e tudo o que sonegavam era-lhe transmitido por Donati. Por sua vez, Gabriel enviava toda a informação para O Boulevard King Saul, razão pela qual Shamron não tinha pressa em retirá-lo de Roma.

Quarenta e oito horas depois do atentado, os italianos tinham conseguido identificar todos os envolvidos. O ataque com os mísseis fora levado a cabo por uma equipe de quatro homens. O motorista do veículo era de origem tunisina. Os três homens com os RPG-7 eram de nacionalidade jordana e veteranos da revolta no Iraque. Os quatro tinham sido abatidos por uma salva de tiros dos Carabinieri segundos após terem disparado as armas. Quanto aos homens que se tinham feito passar por sacerdotes alemães, apenas um era mesmo germânico, um jovem estudante de engenharia de Hamburgo chamado Manfred Zeigler. O segundo era um holandês de Rotterdam, e o terceiro um belga flamengo de Antuérpia. Os três eram convertidos muçulmanos e tinham participado em manifestações antiamericanas e anti-israelenses. Embora não dispusesse de provas, Gabriel desconfiava que tivessem sido recrutados pelo professor Ali Massoudi. Graças à vigilância das câmeras de circuito fechado e a relatos de testemunhas, as autoridades italianas e do Vaticano conseguiram reconstruir os últimos momentos da vida dos homens-bomba. Após terem sido admitidos no Vaticano por um adetto do Escritório de Autorização, os três homens tinham-se dirigido ao gabinete de Ibrahim el-Banna, perto da Piazza Santa Marta. Quando de lá saíram, cada homem levava uma pasta grande. Tal como Angelli imaginara, os homens tinham penetrado na Basílica por uma entrada lateral. Chegaram à Praça de S. Pedro, apropriadamente, pela Porta da Morte. Como as outras quatro que davam acesso à praça através da Basílica, essa porta devia estar trancada. No fim da primeira semana, a polícia do Vaticano ainda não conseguira determinar por que não estava.

O corpo de Ibrahim el-Banna foi identificado três dias após ter sido retirado dos escombros do prédio de apartamentos em Trastevere. Por enquanto, a sua verdadeira afiliação permanecia incógnita. Quem era a Irmandade de Alá? Seria um ramo da Al-Qaeda, ou simplesmente a Al-Qaeda com outro nome? E quem planejava e financiara uma operação tão elaborada? Uma coisa era perfeitamente clara. O ataque ao lar da

Cristandade voltara a atear o fogo do movimento extremista global. Celebrações de rua tinham tido lugar em Teerão, no Cairo, em Beirute e nos territórios palestinos, ao mesmo tempo que analistas, de Washington a Londres e a Tel Aviv, detectavam de imediato um aumento drástico de atividade e de recrutamento.

Na quarta-feira seguinte, uma semana depois do atentado, Shamron decidiu que chegara a altura de Gabriel voltar a casa. Enquanto fazia a mala no apartamento de segurança, a luz vermelha do telefone começou a piscar, indicando uma chamada. Levantou o fone e ouviu a voz de Donati. — O Santo Padre gostaria de falar com você em particular.

- Quando?
- Esta tarde, antes de partir para o aeroporto.
- Falar sobre o quê?
- Gabriel Allon é membro de um clube muito restrito.
- E que clube é esse?
- De homens que se atreveriam a fazer essa pergunta.
- Onde e quando? — perguntou Gabriel, com um tom conciliatório.

Donati transmitiu-lhe a informação. Gabriel desligou e acabou de arrumar as suas coisas.

Gabriel passou por um posto de controle dos Carabinieri no extremo da Colunata e atravessou a Praça de S. Pedro à luz esmaecente do entardecer. Continuava fechada ao público. As equipes de perícia tinham completado a sua tarefa macabra, mas as barreiras opacas erguidas à volta dos três centros de explosão continuavam no seu lugar. Um gigantesco encerado branco estava pendurado na fachada da Basílica, ocultando os estragos por baixo da Galeria das Bênçãos. Ostentava a imagem de uma pomba e uma única palavra: PAZ.

Passou pelo Arco dos Sinos e percorreu o flanco esquerdo da Basílica. As entradas laterais estavam fechadas e barricadas, e agentes da Vigilanza montavam guarda a cada uma. Nos Jardins do Vaticano era possível imaginar que nada acontecera. Era possível, pensou Gabriel, até que se olhasse para a cúpula arruinada, iluminada naquele momento por um pôr do Sol avermelhado. O papa aguardava junto à Casa do Jardineiro. Cumprimentou Gabriel calorosamente e, juntos, dirigiram-se ao canto mais extremo do Vaticano. Uma dúzia de guardas suíços à paisana acompanhavam-nos por entre os pinheiros mansos, as sombras compridas e estreitas sobre a grama.

Luigi e eu imploramos à Guarda Suíça que reduzisse o destacamento — comentou o papa. — Por agora esse assunto não está aberto a negociações. Andam um

pouco enervados... por razões óbvias. Desde o Saque de Roma que um comandante da Guarda Suíça não morria a defender o Vaticano de um ataque inimigo.

Caminharam em silêncio por alguns instantes.

— Será este o meu destino, Gabriel? Ficar para sempre rodeado de homens com armas e rádios? Como poderei comunicar com o meu rebanho? Como poderei reconfortar os enfermos e os necessitados se estiver isolado deles por uma falange de guarda-costas?

Gabriel não tinha resposta para lhe dar.

— As coisas não voltarão a ser como eram, certo, Gabriel?

— Não, Sua Santidade, receio que não.

— Eles pretendiam me matar?

— Sem dúvida.

— Voltarão a tentar?

— Quando estabelecem um objetivo, regra geral não desistem até o cumprirem.

Mas, neste caso, conseguiram matar setecentos peregrinos e sete cardeais e bispos. Já para não falar do comandante da Guarda Suíça. Também conseguiram infligir sérios danos físicos à própria Basílica. Na minha opinião, terão saldado as suas contas históricas.

— Podem não ter conseguido matar-me, mas fizeram de mim um prisioneiro do Vaticano. — O papa deteve-se e olhou para a cúpula arruinada. — A minha gaiola já não é tão dourada. Demorou mais de um século a construir e foram precisos poucos segundos para destruí-la.

— Não está destruída, Sua Santidade. A cúpula pode ser restaurada. — Isso ainda não foi decidido — contrapôs o papa, com um tom sombrio nada característico. — Os engenheiros e os arquitetos não sabem se o poderão fazer. Talvez tenha de ser demolida e totalmente reconstruída. E o baldaquino sofreu danos graves quando os destroços lhe caíram em cima. Não é algo que possa ser substituído, mas o Gabriel tem bem noção do que isso significa.

Gabriel mirou o relógio. Teria de partir rapidamente para o aeroporto, caso contrário perderia o avião. Interrogou-se por que motivo o papa o teria convocado. Decerto não seria para discutir a restauração da Basílica. O papa virou-se e recomeçou a andar. Dirigiam-se à Torre de S. João, no canto sudoeste do Vaticano.

— A única razão para eu não estar morto — disse o papa — é o Gabriel. Com toda a mágoa e confusão desta semana terrível, ainda não tive oportunidade de lhe agradecer devidamente. Faça-o agora. Quem me dera poder fazê-lo em público. O papel de Gabriel no assunto fora cuidadosamente ocultado dos órgãos de comunicação social. Até então, contra todas as expetativas, permanecera em segredo.

— E quem me dera ter encontrado Ibrahim el-Banna mais cedo — replicou Gabriel.

— Setecentas pessoas poderiam ainda estar vivas.

— Fez tudo o que podia ser feito.

— Talvez, Sua Santidade, mas, ainda assim, não foi suficiente.

Chegaram ao muro do Vaticano. O papa subiu uma escadaria de pedra, com Gabriel a segui-lo em silêncio. Chegaram ao parapeito e olharam Roma. As luzes acendiam-se um pouco por toda a cidade. Gabriel olhou sobre o ombro e viu os guardas suíços a agitarem-se nervosamente lá em baixo. Descansou-os com um gesto da mão e fitou o papa, que espreitava os carros que percorriam velozmente o Viale Vaticano.

— Luigi disse que tem uma promoção a sua espera em Tel Aviv. — Foi obrigado a subir o tom de voz por causa do barulho do trânsito. — É uma promoção que ambicionava ou é obra de Shamron?

— Há quem seja obrigado a aceitar a grandeza, Sua Santidade.

Pela primeira vez desde que chegara a Roma, Gabriel viu o papa sorrir.

— Posso dar-lhe um conselho?

Gabriel anuiu.

— Use o seu poder sabiamente. Mesmo que esteja em posição de castigar seus inimigos, use seu poder como forma de procurar a paz a cada momento. Busque a justiça e não a vingança.

Gabriel sentiu-se tentado a recordar o papa de que era apenas um servidor secreto do Estado, que a decisão sobre a paz e a guerra estavam nas mãos de homens bem mais poderosos do que ele. Em vez disso, garantiu ao papa que faria bom uso do conselho que lhe fora dado.

— Vai procurar os homens que atacaram o Vaticano?

— Não é nossa luta. Pelo menos por enquanto.

— Algo me diz que em breve será.

O papa observava o tráfego abaixo dele com um fascínio infantil.

— A ideia de colocar a pomba da paz na mortalha cobrindo a fachada da Basílica foi minha. Imagino que considere esse sentimento profundamente ingênuo. Talvez me ache ingênuo também.

— Não ia querer viver num mundo sem homens como Sua Santidade.

Quando voltou a olhar para o relógio, Gabriel não tentou disfarçá-lo.

— Tem o avião à espera? — perguntou o papa.

— Sim, Sua Santidade.

— Vamos — disse. — Eu acompanho-o.

Gabriel começou a descer os degraus, mas o papa deixou-se ficar no parapeito.
— Francesco Tiepolo ligou-me esta manhã, de Veneza. Manda-lhe cumprimentos.

— Virou-se e olhou para Gabriel. — Chiara também.

Gabriel permaneceu em silêncio.

— Ela diz que gostaria de vê-lo antes de voltar a Israel. Estava a pensar que talvez parasse em Veneza, quando saísse do país. — O papa segurou no cotovelo de

Gabriel e, a sorrir, acompanhou-o pelos degraus abaixo. — Sei que tenho muito pouca experiência no que diz respeito a assuntos do coração, mas talvez permita que um velho lhe dê mais um conselho.

8

VENEZA

Era uma pequena igreja de terracota, construída para uma paróquia pobre, no sestiere de Cannaregio. O terreno onde se erguia era demasiado pequeno para um adro de igreja decente, por isso a entrada principal acedia diretamente à atarefada Salizzata San Giovanni Crisóstomo. Em tempos, Gabriel levava no bolso uma chave da igreja.

Entrava agora como um turista normal e fez uma pausa no hall, onde esperou que os olhos se habituassem à luz ténue, enquanto um sopro de ar fresco, permeado pelo odor a cera e a incenso, lhe acariciou o rosto. Pensou na última vez que entrara naquela igreja. Fora na noite em que Shamron se deslocara a Veneza para avisar Gabriel de que tinha sido descoberto pelos seus inimigos e de que chegara a altura de voltar a casa. Não vai haver sinais da tua passagem por aqui, garantira-lhe Shamron. Será como se nunca tivesses existido.

Cruzou a nave acolhedora até a Capela de S. Jerônimo, no lado direito da igreja. O retábulo encontrava-se oculto por uma sombra densa. Gabriel introduziu uma moeda no contador de luz e as lâmpadas ganharam vida, iluminando o último grande trabalho de Giovanni Bellini. Deixou-se ficar ali de pé por um instante, a mão direita pressionada contra o queixo, a cabeça inclinada de leve para o lado, e examinou a pintura à luz indireta. Francesco Tiepolo fizera um bom trabalho finalizando sua restauração. Gabriel quase não podia dizer onde terminava a sua mão e começava a de Tiepolo. Não era de admirar, pensou. Ambos tinham sido aprendizes do grande mestre restaurador veneziano Umberto Conti.

O tempo chegou ao fim e as luzes desligaram-se automaticamente, o que fez com que a pintura voltasse a mergulhar na escuridão. Gabriel regressou ao exterior e dirigiu-se para ocidente, através de Cannaregio, até chegar a uma ponte de ferro, a única do gênero em Veneza. Na Idade Média existira um portão no centro da ponte e, à

noite, um vigia cristão ficava de guarda, para que os prisioneiros do outro lado não pudessem fugir. Atravessou a ponte e entrou num sottoportego escurecido. Ao fim da passagem abria-se uma praça vasta, o Campo dei Ghetto Nuovo, centro do antigo gueto de Veneza. Outrora tinham aí vivido mais de cinco mil judeus. Agora era o lar de apenas vinte dos quatrocentos judeus da cidade, cuja maioria era idosa e residia na Casa di Riposo Israelitica.

Atravessou o campo e deteve-se no número 2899. Uma diminuta placa de latão dizia COMUNITÀ EBRAICA DI VENEZIA — Comunidade Judaica de Veneza. Tocou à campainha e virou rapidamente as costas à câmara de segurança por cima da porta. Após um longo silêncio, uma voz familiar de mulher crocitou pelo intercomunicador.

— Vire-se — ordenou. — Deixe-me ver seu rosto.

Gabriel aguardou onde ela lhe disse, um banco de madeira a um canto do campo banhado pelo sol, perto de um monumento aos judeus venezianos que tinham sido reunidos em Dezembro de 1943 e enviados para morrer em Auschwitz. Passaram-se dez minutos, e depois outros dez. Quando finalmente ela saiu do escritório, demorou o seu tempo a atravessar a praça, ao que parou a alguns metros dele, como se receasse aproximar-se mais. Ainda sentado, Gabriel puxou os óculos de sol para a testa e mirou-a à luz encantadora do Outono. Vestia jeans desbotados, justos nas coxas compridas e largos nas bainhas, e botas de camurça de salto alto. A blusa branca tinha um corte que não levantava dúvidas quanto à figura generosa por baixo.

O cabelo castanho revoltado estava preso atrás por uma fita de cetim cor de chocolate, e em volta do pescoço, uma echarpe de seda. A pele cor de azeitona estava muito escura. Gabriel imaginou que ela tivesse passado uma temporada recente ao sol.

Os olhos, grandes e com um formato oriental, eram da cor do caramelo, com lampejos dourados. Costumavam mudar de tom, consoante o seu estado de espírito. Da última vez que Gabriel vira os olhos de Chiara, estes tinham assumido um negro de fúria e ficado orlados pelo rímel que escorrera. Ela cruzou os braços por baixo dos seios numa posição defensiva e perguntou-lhe o que fazia em Veneza.

— Olá, Chiara. Está muito bonita.

A brisa agitou-lhe o cabelo e soprou-lhe alguns fios no rosto. Desviou-os com a mão esquerda. No dedo faltava-lhe o anel de noivado que Gabriel lhe dera. Tinha agora outros anéis nos dedos e um relógio de ouro novo no pulso. Gabriel interrogou-se se seriam prendas de outro alguém.

— Não sei de você desde que saí de Jerusalém — comentou Chiara, no tom neutro proposital que assumia sempre que tentava reprimir as emoções. — São meses. Agora aparece de surpresa e espera que o receba de braços abertos e sorriso nos lábios?

— Surpresa? Estou aqui porque você me pediu que viesse.

— Eu? Mas do que está falando?

Gabriel perscrutou-lhe os olhos. Podia ver que não havia dissimulação. — Sinto muito — disse. — Parece que fui enganado para vir aqui.

Chiara brincou com as pontas da echarpe, com um prazer óbvio pelo desconforto que via.

— Enganado por quem?

Donati e Tiepolo, imaginou Gabriel. Talvez mesmo Sua Santidade. Levantou-se de repente.

— Não interessa — garantiu. — Sinto muito, Chiara. Foi bom vê-la novamente. Virou-se e começou a afastar-se, mas Chiara segurou-lhe o braço.

— Espere — pediu. — Fique mais um pouco.

— Vai ser civilizada?

— Civilidade é para casais divorciados com filhos.

Gabriel voltou a sentar-se, mas Chiara deixou-se ficar de pé. Um homem de óculos escuros e casaco amarelado surgiu do sottoportego. Lançou um olhar de admiração a Chiara, depois cruzou o campo e desapareceu sobre a ponte que levava ao par de antigas sinagogas sefarditas no extremo sul do gueto. Chiara observou o percurso do homem, depois meneou a cabeça e estudou a aparência de Gabriel.

— Alguém já te disse que você é idêntico ao homem que salvou o papa?

— Esse é italiano — escusou-se Gabriel. — Não leu sobre ele nos jornais?

Chiara ignorou-o.

— Quando vi as imagens na televisão, pensei que estivesse com alucinações.

Sabia que era você. Nessa noite, depois de as coisas acalmarem, falei com Roma.

Shimon disse que você tinha estado no Vaticano.

Um movimento súbito no campo a fez virar a cabeça. Viu um homem de barba salpicada de grisalho e chapéu de feltro apressar-se na entrada do centro comunitário. Era o pai, o principal rabi de Veneza. Chiara ergueu a ponta da bota direita e equilibrou o peso no calcanhar. Gabriel conhecia bem o movimento, que significava uma provocação a caminho.

— Por que está aqui, Gabriel Allon?

— Disseram-me que queria me ver.

— E só por isso veio?

— Só por isso.

Os cantos da boca de Chiara começaram a curvar-se no esboço de um sorriso.

— Qual é a piada? — perguntou ele.

— Pobre Gabriel. Continua apaixonado por mim, não é?

- Nunca deixei de estar.
- Mas não o suficiente para se casar comigo?
- Podemos falar sobre isto em particular?
- Por enquanto não. Tenho de ficar com atenção ao escritório. O meu outro trabalho — rematou, com um tom de conspiração fingida.
- Dê meus cumprimentos ao rabi Zolli.
- Imagino que não seja boa ideia. O rabi Zolli continua furioso com você.

Tirou uma chave do bolso e lançou-a. Gabriel fitou a chave na mão durante um instante muito longo. Mesmo depois de meses de separação, continuava a ter dificuldade em imaginá-la com vida própria.

— Para o caso de querer saber, moro sozinha. Nem sei se merece saber, mas é verdade. Fique confortável. Descanse. Está com péssimo aspeto.

— Estamos muito elogiosos, hoje. — Enfiou a chave no bolso. — Qual é o endereço?

— Sabes, mente muito mal, para um espião.

— De que está falando?

— Sabe meu endereço, Gabriel. Ficou sabendo em Operações, que também te disse meu número de telefone.

Inclinou-se e beijou o rosto dele. Quando o cabelo passou pelo rosto, Gabriel fechou os olhos e inspirou o aroma de baunilha.

O prédio ficava do outro lado do Grande Canal, em Santa Croce, num corte pequeno e fechado, com apenas uma passagem de entrada e saída. Quando entrou no apartamento, Gabriel teve a sensação de voltar ao seu próprio passado. A sala parecia à espera de uma sessão de fotografias. Até mesmo as revistas e os jornais velhos aparentavam ter sido dispostos por um fanático em busca da perfeição visual. Dirigiu-se a uma camilha e deu uma vista de olhos às fotografias emolduradas: Chiara e os pais; Chiara e um irmão mais velho que vivia em Pádua; Chiara com uma pessoa amiga na costa do mar da Galileia. Foi durante essa viagem, quando ela tinha apenas vinte e cinco anos, que chamara a atenção de um caçador de talentos do Escritório. Seis meses depois, após ter sido avaliada e treinada, regressou à Europa como bat leveyha, uma agente de acompanhamento. Não havia fotografias de Chiara com Gabriel, certo existia nenhuma.

Chegou-se à janela e olhou para o exterior. Dez metros lá em baixo, as águas verdes oleosas do rio dei Megio fluíam vagarosas. Uma corda de roupa chegava ao prédio oposto. Camisas e calças estavam penduradas ao sol e, no outro extremo da corda, uma idosa estava sentada à janela aberta com o braço carnudo apoiado no

parapeito. Pareceu surpresa ao ver Gabriel, que ergueu a chave e disse que era um amigo de Chiara, vindo de Milão.

Baixou as persianas e dirigiu-se à cozinha. No lava-louça jazia uma caneca meio bebida de café com leite e uma côdea de torrada com manteiga. Exigente com tudo o resto, Chiara deixava sempre a louça do pequeno-almoço à espera do fim do dia. Com uma atitude de mesquinha doméstica, deixou-a onde estava e foi até o quarto.

Largou a mala em cima da cama desfeita e, combatendo a tentação de revistar o roupeiro e as gavetas, entrou na casa de banho e abriu o chuveiro. No armário de medicamentos procurou lâminas de barbear, água de colônia ou outros vestígios da presença de um homem. Encontrou duas coisas que nunca vira antes: um frasco de comprimidos para dormir e outro de antidepressivos. Voltou a colocá-los na posição original. Tal como Gabriel, Chiara fora treinada para reparar na mais sutil das alterações.

Despiu-se e atirou as roupas para o corredor, e depois passou muito tempo debaixo da água corrente. Quando terminou, enrolou uma toalha na cintura e voltou ao quarto. O edredão cheirava ao corpo de Chiara. Quando deitou a cabeça na almofada, os sinos de Santa Croce repicaram o meio-dia. Fechou os olhos e mergulhou num sono profundo.

Acordou ao fim da tarde com o som de uma chave a ser introduzida na fechadura, seguido pelo ruído dos saltos das botas de Chiara no bali de entrada. Ela não se preocupou em avisar que chegara a casa. Sabia que ele acordava ao mais pequeno som, ou movimento. Quando entrou no quarto, trauteava baixinho uma música pop italiana que sabia que ele detestava.

Sentou-se à beira da cama, suficientemente perto para que o quadril roçasse a coxa de Gabriel. Ele abriu os olhos e observou-a tirando as botas e o jeans. Chiara pousou a mão no peito de Gabriel. Quando ele soltou a fita de seu cabelo, os caracóis ruivos se espalharam pelo rosto e os ombros dela. Chiara repetiu a pergunta que fizera no gueto: Por que está aqui, Gabriel Allon?

— Estava pensando que podíamos voltar a experimentar — respondeu Gabriel.

— Não preciso experimentar. Já o fiz uma vez e gostei muito.

Gabriel retirou a echarpe e desabotoou lentamente a blusa dela. Chiara inclinou-se e beijou-o na boca. Era como se estivesse sendo beijado pela Alba Madonna de Rafael.

— Se me magoar outra vez vou odiar você para sempre!

— Não vou.

— Nunca deixei de sonhar com você.

— Sonhos bons?

— Não — respondeu. — Sonhava com sua morte.

O único vestígio de Gabriel no apartamento era um velho caderno de esboços. Abriu-o numa página nova e mirou Chiara com um distanciamento profissional. Estava sentada na extremidade do sofá, com as pernas compridas debaixo do corpo, enrolada num lençol de seda. Tinha o rosto virado para a janela e iluminado pelo sol do ocaso. Gabriel sentiu-se aliviado ao ver as primeiras rugas à volta dos olhos de Chiara. Sempre rezeira que ela fosse jovem demais, e um dia, quando ele fosse velho, o trocaria por outro homem. Puxou o lençol, expondo seus seios. Chiara susteve o olhar por um instante e depois fechou os olhos.

— Teve sorte em me encontrar — disse. — Podia estar ausente, em missão.

Ela era faladora. Gabriel aprendera que era inútil pedir que ficasse em silêncio enquanto posava.

— Não trabalha desde aquela missão na Suíça.

— Como sabe dessa operação?

Gabriel lançou-lhe um olhar inescrutável por cima do caderno e lembrou-a que não devia se mexer.

— Lá se vai o conceito de secretismo. Ao que parece, sempre que quer entra em Operações e descobre o que estou fazendo.

Fez menção de virar a cabeça, mas Gabriel imobilizou-a com um tsc-tsc abrupto.

— Mas não devia ficar admirada. Já te deram o comando?

— Que comando? — disse Gabriel, fazendo-se de desentendido.

— Operações Especiais.

Gabriel confessou que a posição foi oferecida e aceita.

— Quer dizer que agora é meu chefe — frisou ela. — Imagino que tenhamos quebrado meia dúzia de diretrizes do Escritório sobre a confraternização entre oficiais e funcionários.

— No mínimo — admitiu Gabriel. — Mas a promoção ainda não é oficial.

— Graças a Deus. Não queria que o grande Gabriel se metesse em encrenca por sua vida sexual. Por quanto tempo podemos usar o corpo um do outro antes de termos problema com o Departamento de Pessoal?

— Quanto tempo quisermos. Apenas temos, eventualmente, de ser sinceros com eles.

— E quanto a Deus, Gabriel? Desta vez vai ser sincero com Deus? — O silêncio abateu-se, salvo pelo raspar do lápis de carvão no papel. Chiara mudou de assunto. — O que sabe sobre minha missão na Suíça?

— Sei que foi a Zermatt seduzir um traficante de armas suíço que estava prestes a concluir uma transação com alguém que não defende nossos interesses. O Boulevard

King Saul queria saber a data da partida e o destino do carregamento.

Após um longo silêncio, perguntou-lhe se dormira com o suíço.

— Não se tratava desse tipo de operação. Estava a trabalhar com outro agente.

Limitei-me a entreter o traficante no bar, enquanto o outro agente lhe entrou no quarto e roubou o conteúdo do computador. Além disso, sabes que uma bat leveyha não deve ser usada para sexo. Contratamos profissionais para esse tipo de coisas.

— Nem sempre.

— Seria incapaz de usar o meu corpo dessa maneira. Sou uma miúda religiosa.

— Lançou-lhe um sorriso atrevido. — Por sinal, conseguimos. O barco sofreu um acidente misterioso, ao largo da costa de Creta. As armas estão no fundo do mar.

— Eu sei — asseverou Gabriel. — Volta a fechar os olhos.

— Feche você — replicou. Depois sorriu e fez o que ele pediu. — Não vai perguntar se estive com alguém durante nossa separação?

— Não tenho nada a ver com isso.

— Mas deve estar curioso. Nem quero imaginar o que fez no meu apartamento quando entrou aqui.

— Se está insinuando que revistei suas coisas, fique sabendo que não o fiz.

— Não brinque.

— Por que não consegues dormir?

— Quer mesmo que responda?

Gabriel não falou.

— Não houve mais ninguém, Gabriel, mas já sabia disso, não é? Como poderia?

— Ofereceu-lhe um sorriso amargo. — Quando nos convidam para um clube exclusivo nunca nos dizem tudo. Não dizem que as mentiras começam a se acumular, nem que nunca estaremos confortáveis com pessoas de fora do clube. Foi só por isso que se apaixonou por mim, Gabriel? Por eu fazer parte do Escritório?

— Gostei de seu fettucini com cogumelo. São os melhores de Veneza.

— E quanto a você? Esteve com outras mulheres neste período?

— Este período foi passado com uma tela muito grande.

— Pois é, esqueci do seu problema. Não consegue fazer amor com uma mulher, a menos que ela saiba que mata por seu país. Se quisesse, encontraria uma pessoa adequada no Boulevard King Saul. Não há mulher no Escritório que não te deseje.

— Está falando demais. Se não se calar, não consigo acabar.

— Estou com fome. Não devia ter falado em comida. Aliás, como vai Leah?

Gabriel parou de desenhar e fitou Chiara por cima do bloco, como que reprovando a justaposição um pouco depreciativa de comida com sua esposa.

— Desculpe — disse Chiara. — Como está ela?

Gabriel ouviu-se a dizer que Leah estava bem, que duas ou três vezes por semana a visitava no hospital psiquiátrico no cimo do Monte Herzl, onde passava alguns minutos com ela. Mas, ao contar-lhe sobre isso, a sua mente encontrava-se em outro lugar: em Viena, perto da Juden Platz; na bomba no carro que matara seu filho, e no inferno que destruíra o corpo de Leah e roubara sua memória. Durante treze anos, ela ficara em silêncio na presença de Gabriel. Agora, por breves períodos, falava com ele. Recentemente, no jardim do hospital, fez a mesma pergunta que Chiara, momentos antes: houve outras mulheres neste período? Respondeu com sinceridade.

— Amava essa moça, Gabriel?

— Amava, mas deixei-a por você.

— E por que o fez, meu amor? Olhe para mim. Não resta nada meu, apenas uma recordação.

Chiara ficara em silêncio. A luz que banhava seu rosto desvanecia-se lentamente, passando de um vermelho coral a tons de cinza. A mulher rechonchuda surgiu na janela do prédio oposto e começou a recolher a roupa estendida. Chiara puxou o lençol até o pescoço. — O que está fazendo?

— Não quero que a Signora Lorenzetto me veja nua.

Ao devolver o lençol à posição original, Gabriel deixou uma mancha de carvão no seio.

— Imagino que tenha de voltar a Jerusalém — comentou. — A menos que diga a Shamron que não pode assumir Operações Especiais porque vai voltar para Veneza.

— É tentador — admitiu Gabriel.

— Tentador, mas não possível. É um soldado leal, Gabriel. Faz sempre o que mandam. Sempre fez. — Limpou o carvão do seio.

— Pelo menos não vou ter que decorar o apartamento.

Gabriel manteve os olhos presos no caderno. Chiara analisou a expressão dele e perguntou:

— Gabriel, o que fez no apartamento?

— Precisava de um lugar para trabalhar.

— Por isso mudou a mobília de lugar?

— Sabe, também estou ficando com fome.

— Gabriel Allon, sobrou alguma coisa?

— A noite está agradável — comentou ele. — Vamos de barco até Murano comer peixe.

JERUSALÉM

Gabriel voltou à Rua Narkiss às oito da noite seguinte. O carro de Shamron estava estacionado junto ao meio-fio e Rami, o guarda-costas, vigiava na calçada em frente ao número 16. Lá em cima, Gabriel encontrou todas as luzes acesas e Shamron tomando café na mesa da cozinha.

— Como entrou?

— Caso te tenhas esquecido, este costumava ser um apartamento de segurança do Escritório. A Gestão Imobiliária tem uma chave.

— Eu sei, mas mudei as fechaduras no Verão.

— A sério?

— Imagino que tenha de voltar a mudá-las.

— Não vale a pena dares-te ao trabalho.

Gabriel abriu a janela para arejar a divisão. Seis beatas de cigarro jaziam num dos pires de Gabriel, como invólucros de munições gastas. Shamron já ali estava há algum tempo.

— Como estava Veneza? — perguntou Shamron.

— Veneza estava ótima, mas da próxima vez que arrombar meu apartamento, peço que tenha a amabilidade de não fumar. — Gabriel pegou o pires pela borda e despejou as pontas de cigarro no lixo. — O que pode ser tão urgente que não podia esperar a manhã?

— Outro elo saudita no ataque ao Vaticano.

E Gabriel ergueu o olhar para Shamron. — Qual é?

— Ibrahim el-Banna.

— O clérigo islâmico? Não posso dizer que esteja surpreso.

Gabriel sentou-se à mesa.

— Há duas noites, o chefe de estação do Cairo reuniu-se em segredo com uma das nossas principais fontes no interior do Mukhabarat egípcio. Ao que parece, o professor Ibrahim el-Banna já tinha um bom currículo de militância, muito antes de ter ido para o Vaticano. O irmão mais velho era membro da Irmandade Islâmica e era próximo de Ayman al-Zawahiri, o número dois da Al-Qaeda. Um sobrinho foi para o Iraque combater os americanos e foi morto no cerco a Fallujah. Aparentemente, as gravações dos sermões do imã são obrigatórias entre os militantes islâmicos egípcios.

— É pena que o nosso amigo do Mukhabarat não tenha contado ao Vaticano a verdade sobre El-Banna. Setecentas pessoas talvez ainda estivessem vivas... e a cúpula da Basílica talvez não tivesse um buraco.

— Os egípcios sabiam mais uma coisa sobre o professor El-Banna — continuou Shamron. — Ao longo de grande parte das décadas de oitenta e de noventa, quando o problema do fundamentalismo islâmico estava a ganhar proporções alarmantes no Egito, o professor El-Banna recebia pagamentos regulares e ordens de um saudita que se fazia passar por agente da Organização Internacional de Apoio Islâmico, uma das principais obras de caridade sauditas. Este homem dizia chamar-se Khalil, mas o serviço secreto egípcios sabiam o seu nome verdadeiro: Ahmed bin Shafiq. O que torna tudo isto ainda mais interessante é a ocupação de Shafiq na altura.

— Pertencia ao GID — disse Gabriel.

— Exatamente.

O GID, ou Departamento Geral de Informações, era o nome do serviço secreto sauditas.

— O que sabemos sobre ele?

— Até há quatro anos, Bin Shafiq liderava uma unidade clandestina do GID, com o nome de código Grupo 205, que era responsável pela criação e manutenção de ligações entre a Arábia Saudita e os grupos islâmicos militantes espalhados pelo Oriente Médio. O Egito era uma das prioridades do Grupo 205, a par do Afeganistão, claro está.

— Qual o significado desse número?

— Era a extensão do gabinete de Bin Shafiq no quartel-general do GID.

— O que aconteceu há quatro anos?

— Bin Shafiq e os seus agentes estavam a canalizar material e verbas para os terroristas do Hamas e da Jihad Islâmica. Um informante palestino contou-nos sobre a operação e nós relatamos a informação aos americanos. O presidente americano mostrou as nossas provas ao rei e pressionou-o para que encerrasse o Grupo 205. Isso passou-se seis meses depois do onze de Setembro, e o rei foi obrigado a satisfazer o desejo do presidente, para desalento de Bin Shafiq e de outros extremistas do reino. O Grupo 205 foi eliminado e Bin Shafiq foi expulso do GID.

— Ele atravessou a estrada?

— Estás a perguntar se ele é um terrorista? A resposta não sabemos. Aquilo que sabemos a militância islâmica está-lhe no sangue. O avô era comandante do Ikhwan, o movimento islâmico criado por Ibn Saud, no final do século XIX, no Najd.

Gabriel conhecia bem o Ikhwan. Em muitos aspetos, era o protótipo e o precursor espiritual dos grupos militantes islâmicos da atualidade.

— Em que outros locais Bin Shafiq agiu enquanto pertencia ao Grupo 205?

— Afeganistão, Paquistão, Jordânia, Líbano, Argélia. Desconfiamos que tenha estado até na Cisjordânia.

— Assim sendo, é possível que estejamos a lidar com alguém que possui contatos terroristas que vão da Al-Qaeda ao Hamas e à Irmandade Islâmica do Egito. Se Bin Shafiq passou mesmo para o outro lado, é um cenário de pesadelo. O ideólogo terrorista perfeito.

— Encontramos outra informação interessante nos nossos próprios arquivos — acrescentou Shamron. — Há cerca de dois anos, estávamos a receber relatórios que davam conta de um saudita a percorrer os campos do Sul do Líbano, à procura de guerreiros experientes. Segundo os relatórios, esse saudita dizia chamar-se Khalil.

— O mesmo nome que Bin Shafiq usou no Cairo.

— Infelizmente, não o perseguimos. Para ser sincero, se andássemos atrás de cada saudita rico que tenta organizar um exército para a jihad, não faríamos mais nada. É como dizem, se na hora soubesse o que sei hoje...

— O que mais temos sobre Bin Shafiq?

— Muito pouco, receio.

— E uma fotografia? Shamron abanou a cabeça.

— Tal como seria de imaginar, é um bocadinho tímido à frente das câmeras. — Temos de partilhar as informações, Ari. Os italianos têm de saber que pode haver uma ligação com os sauditas. E os americanos também.

— Eu sei. — O tom de Shamron era sombrio. A noção de partilhar informações obtidas a custo soava-lhe a heresia, especialmente quando não havia nada a ganhar em troca. — Costumava ser branco e azul — disse, referindo-se às cores nacionais de Israel. — Era esse o nosso lema. A nossa crença. Fazíamos as coisas por nós. Não pedíamos ajuda a ninguém, e não ajudávamos os outros com os seus próprios problemas.

— O mundo mudou, Ari.

— Talvez eu não esteja talhado para este mundo. Quando combatíamos a OLP, ou o Setembro Negro, era tudo uma questão de física simples. Acertamos aqui, apertamos ali. Observávamos, escutávamos, identificávamos os membros da organização, eliminávamos os líderes. Agora estamos a combater um movimento... um cancro com metástases em cada órgão vital do corpo. É como tentar apanhar nevoeiro com um copo. As regras antigas já não se aplicam. O azul e o branco já não chegam. Mas posso dizer-te uma coisa. Isto não vai cair bem em Washington. Os sauditas têm muitos amigos por lá.

— É o que faz o dinheiro — rematou Gabriel. — Mas os americanos têm de saber a verdade sobre os seus melhores amigos no mundo árabe.

— Eles sabem a verdade. Só não querem enfrentá-la. Os americanos sabem que, de muitas formas, os sauditas são a fonte do terrorismo islâmico, que os sauditas

plantaram as sementes, regaram-nas com petrodólares e fertilizaram-nas com o ódio wahhabita e com a propaganda. Os americanos parecem não se importar de viver assim, como se o terrorismo inspirado pelos sauditas não passasse demais um pequeno imposto nos depósitos de gasolina. O que eles não percebem 89 o terrorismo nunca será derrotado, a menos que ataquem a origem: Riad e os Al-Saud.

— Mais uma razão para partilhar com eles a informação que liga o GID e os Al-Saud ao ataque ao Vaticano.

— Ainda bem que pensa assim, pois foi nomeado para ir a Washington contar tudo.

— Quando parto?

— Amanhã de manhã.

Shamron olhou distraidamente pela janela e, pela segunda vez, perguntou a Gabriel como foi a estada em Veneza.

— Fui enganado para ir lá — respondeu Gabriel. — Mas ainda bem que fui.

— Quem te enganou?

Gabriel contou. O sorriso no rosto de Shamron levou-o a se perguntar se ele também estaria envolvido na trama.

— Ela vem para cá?

— Passamos um dia juntos — explicou Gabriel. — Não tivemos tempo de fazer planos.

— Não sei se acredito nisso — duvidou Shamron. — Decerto não estás a considerar a hipótese de voltar a Veneza. Já te esqueceste de que te comprometeste a assumir as Operações Especiais?

— Não, não me esqueci.

— Por falar nisso, a nomeação vai ser oficializada quando voltares de Washington.

— Mal posso esperar. Shamron olhou em seu redor.

— Já confessaste à Chiara que te livraste da mobília dela?

— Sabe que fiz algumas mudanças para acomodar o meu estúdio.

— Ela não vai ficar contente — avisou Shamron. — Dava tudo para ver a cara dela quando entrar nesta casa.

Shamron ficou por mais uma hora, pondo Gabriel a par de todos os pormenores relativos ao atentado no Vaticano. Às nove e um quarto, Gabriel acompanhou-o ao carro, deixando-se ficar na rua por alguns momentos, enquanto via as luzes traseiras a desaparecerem à esquina. Regressou ao apartamento e arrumou a cozinha, depois apagou as luzes e foi para o quarto. Nesse momento, o prédio estremeceu com o clamor de uma explosão tremenda. Tal como todos os Israelitas, habituara-se a fazer

uma estimativa das vítimas dos homens-bomba suicidas através do número de sirenes. Quanto mais sirenes, mais ambulâncias. Quanto mais ambulâncias, mais mortos e feridos. Ouviu uma única sirene, depois outra, e por fim uma terceira. Não foi muito grande, pensou. Ligou a televisão e esperou pelo primeiro boletim informativo. Ainda, quinze minutos depois da explosão continuavam sem dizer nada. Frustrado, pegou no telefone e ligou para o carro de Shamron. Não houve resposta.

PARTE DOIS

A Filha do Dr. Gachet

EIN KEREM, JERUSALÉM

A vida de Gilah Shamron fora uma sucessão de vigílias tensas. Suportara as missões secretas a territórios perigosos, as guerras e o terror, as crises e as reuniões do Escritório de Segurança que nunca pareciam acabar antes da meia-noite. Sempre receara que um inimigo do passado de Shamron se erguesse um dia e executasse sua vingança. Sempre soube que, nesse dia, seria obrigada a esperar para saber se ele viveria ou morreria.

Gabriel encontrou-a sentada calmamente numa sala de espera particular na unidade de cuidados intensivos do Centro Médico Hadassah. Tinha o famoso blusão de Shamron no colo e dedilhava, absorta, o rasgão no lado direito do peito, que Shamron nunca quis remendar. Gabriel sempre viu um pouco de Golda Meir nos olhos tristes e no cabelo grisalho revoltado de Gilah. Não conseguia olhar para ela sem recordar o dia em que Golda prendera uma medalha em seu peito em segredo e, de lágrimas nos olhos, agradeceu por ter vingado os onze israelenses assassinados em Munique.

— O que aconteceu, Gabriel? Como puderam pegar Ari em plena Jerusalém?

— Provavelmente tem sido vigiado há muito tempo. Quando saiu do meu apartamento disse que ia trabalhar mais um pouco no Gabinete do primeiro-ministro.

— Gabriel sentou-se e pegou na mão de Gilah. — O atentado ocorreu num sinal na Rua King George.

— Um homem-bomba suicida?

— Acreditamos que foram dois homens. Estavam numa van, disfarçados de judeus haredi. A bomba era incomumente grande.

Gilah olhou para o televisor num suporte na parede.

— Bem se pode ver pelas imagens. É espantoso que alguém tenha sobrevivido.

— Uma testemunha viu o carro do Ari acelerar de repente, um instante antes de a bomba explodir. Rami, ou o motorista, deve ter visto alguma coisa que o deixou desconfiado. A blindagem aguentou o impacto da explosão, mas o carro foi lançado pelos ares. Ao que parece, capotou pelo menos duas vezes.

— Quem fez isto? Foi o Hamas? A Jihad Islâmica? As Brigadas de Mártires Al-Aqsa?

— Foi reivindicado pela Irmandade de Alá.

— As mesmas pessoas responsáveis pelo atentado no Vaticano?

— Sim, Gilah.

— Acreditas neles?

— Ainda é cedo para isso — respondeu Gabriel. — O que lhe disseram os médicos?

— A operação vai durar pelo menos mais três horas. Dizem que o poderemos ver quando sair, mas apenas um minuto ou dois. Avisaram que não terá bom aspeto. — Gilah observou-o por um momento e depois voltou a olhar para o televisor. — Receia que ele possa não sobreviver, não é, Gabriel?

— É claro que sim.

— Não se preocupe — descansou-o Gilah. — Shamron é indestrutível. Shamron é eterno.

— O que lhe disseram sobre as lesões?

Gilah recitou-as calmamente. O inventário de órgãos danificados, traumatismo craniano e ossos fraturados tornava claro que a sobrevivência de Shamron não era, de todo, garantida.

— Dos três, Ari é quem ficou melhor — explicou Gilah. Ao que parece, Rami e o motorista ficaram em muito pior estado. Pobre Rami. Há anos que protege Ari, e agora isto.

— Onde está Yonatan?

— Estava de serviço no Norte. Está chegando.

O único filho de Shamron era um coronel da Força de Defesa Israelita. Ronit, a filha caprichosa, mudara-se para a Nova Zelândia para fugir ao pai dominador. Vivia numa fazenda de criação de galinhas com um gentio. Há anos que ela e Shamron não se falavam.

— Ronit também está a caminho — disse Gilah. — Quem sabe? Talvez esta situação traga alguma coisa de bom. A ausência da Ronit tem sido muito difícil para ele. Culpa-se e tem razão. Ari é muito duro para os filhos. Mas já sabias disso, não é, Gabriel?

Gilah fitou diretamente os olhos de Gabriel por um momento, ao que desviou de súbito o olhar. Durante anos pensara que ele era uma espécie de agente de secretária com vastos conhecimentos sobre arte e que passava muito tempo na Europa. Tal como o resto do país, ficara a saber a verdadeira natureza do seu trabalho através dos jornais. A atitude para com ele mudara desde que fora desmascarado. Ficava calada, tendo o cuidado de não o perturbar e sendo incapaz de o olhar nos olhos durante muito tempo. Gabriel já testemunhara comportamentos como o de Gilah, em criança, sempre que alguém entrava na casa Allon. A morte deixara a sua marca no rosto de Gabriel, como Birkenau maculara a expressão de sua mãe. Gilah não conseguia fitar-lhe os olhos, com medo do que neles pudesse ver.

— Ele já não andava bem. Claro que o tem escondido, até mesmo do primeiro-ministro.

Gabriel não ficou surpreso. Sabia que Shamron ocultava várias maleitas desde há anos. Tal como quase todos os restantes aspetos da sua vida, a saúde do idoso era um segredo bem guardado.

— São os rins?

Gilah abanou a cabeça. — O cancro voltou.

— Pensei que o tivessem eliminado.

— Também o Ari — retorquiu ela. — E não é tudo. Tem os pulmões numa lástima, por causa dos cigarros. Diz-lhe que não fume tanto.

— Ele nunca me escuta.

— Ele só te escuta a ti. Adora-te como a um filho, Gabriel. Por vezes julgo que gosta mais de ti do que do Yonatan.

— Não seja tonta, Gilah.

— Nunca fica tão feliz como quando vocês estão juntos, no terraço em Tiberíades.

— Normalmente estamos a discutir.

— Ele gosta de discutir contigo, Gabriel.

— Pois, já tinha percebido.

Na televisão, ministros do Governo e chefes de segurança chegavam ao Gabinete do primeiro-ministro para uma sessão de emergência. Em circunstâncias normais, Shamron teria estado entre eles. Gabriel olhou para Gilah, que puxava a pele rasgada do blusão de Shamron.

— Foi o Ari, não foi? — perguntou ela. — Foi o Ari que te arrastou para esta vida... depois de Munique.

Gabriel olhou para as luzes de emergência que piscavam na tela do televisor e anuiu distraidamente. — Estavas no exército?

— Não, já tinha cumprido o serviço militar e na altura estudava na Academia de Arte Bezalel. O Ari foi falar comigo poucos dias depois de os reféns terem sido assassinados. Ainda ninguém sabia, mas Golda já tinha dado ordens para que todos os envolvidos fossem mortos.

— Por que te escolheu ele a ti?

— Falava línguas estrangeiras, e viu certas coisas nos meus relatórios do exército... qualidades que acreditava serem ideais para o tipo de trabalho que tinha em mente.

— Matar à queima-roupa, cara a cara. Foi assim que o fizeste, não foi?

— Sim, Gilah.

— Quantos?

— Gilah.

— Quantos, Gabriel?

— Seis — respondeu. — Matei seis.

Gilah tocou-lhe nos cabelos grisalhos nas têmporas.

— Mas não passavas de um rapaz.

— É mais fácil quando se é novo. À medida que vamos envelhecendo, torna-se mais difícil.

— Mesmo assim fizeste-o. Foi a ti que mandaram matar Abu Jihad, não foi?

Entraste na sua casa em Tunes e mataste-o à frente da mulher e dos filhos. E depois vingaram-se, não no país, mas em ti. Colocaram uma bomba debaixo do teu carro, em Viena.

Gilah puxava o rasgão do blusão de Shamron cada vez com mais força. Gabriel segurou-lhe a mão.

— Está tudo bem, Gilah. Já foi há muito tempo.

— Lembro-me do telefonema. Ari disse que uma bomba tinha explodido embaixo do carro de um diplomata em Viena. Lembro-me de ter ido à cozinha fazer café para ele, e quando voltei ao quarto estava chorando. Ele disse: "A culpa é toda minha. Matei a mulher e o filho dele." Foi a única vez que o vi chorar. Não o vi por uma semana. Quando finalmente voltou, perguntei o que acontecera. Não respondeu, é claro. Já estava recomposto. Mas sei que isso o atormenta em todos estes anos. Ele se culpa pelo que aconteceu.

— Não devia — garantiu Gabriel.

— Nem sequer pôde ter luto devidamente, certo? O Governo disse ao mundo que a esposa e o filho do diplomata israelense tinham morrido. Enterrou seu filho em segredo no Monte das Oliveiras, só você, Ari e um rabi, e escondeu sua mulher na Inglaterra, com um nome falso. Mas Khaled a encontrou. Ele sequestrou sua mulher e usou-a para te atrair à Gare de Lyon. — Uma lágrima escorreu pela face de Gilah. Gabriel limpou-a e sentiu que a pele enrugada continuava macia como veludo. — Tudo porque meu marido foi a sua procura numa tarde de setembro, há tanto tempo. Sua vida podia ter sido tão diferente. Podia ter sido um grande artista. Em vez disso, transformamos você num assassino. Por que não ficou amargo, Gabriel? Por que não odeia Ari, como os filhos?

— O rumo da minha vida foi traçado no dia em que os alemães escolheram aquele cabo austríaco para seu chanceler. Ari foi apenas o homem do leme no turno da noite.

— É assim tão fatalista?

— Acredite, Gilah, atravesssei um período em que não suportava olhar para Ari. Mas acabei por entender que sou mais parecido com ele do que imaginava.

— Talvez tenha sido essa qualidade que ele viu em seu relatório do exército.

Gabriel esboçou um sorriso. — Talvez tenha sido.

Gilah passou com os dedos pelo rasgão no blusão de Shamron.

— Sabe a história deste rasgão?

— É um dos grandes mistérios no Escritório — declarou Gabriel. — Há um sem-número de teorias sobre como pode ter acontecido, mas ele sempre se negou a contar.

— Foi na noite do atentado em Viena. Ari tinha pressa de chegar ao Boulevard King Saul. Quando entrava no carro, o blusão ficou preso na porta e rasgou. — Passou com o dedo ao longo do rasgo. — Tentei remendá-lo muitas vezes, mas ele nunca me deixou. Era por Leah e Dani, dizia. Passou estes anos todos usando um blusão rasgado pelo que aconteceu com sua mulher e seu filho.

O telefone tocou. Gabriel atendeu e escutou em silêncio por um instante.

— Estou a caminho — disse, momentos depois, e desligou.

— Era o primeiro-ministro. Quer falar comigo imediatamente. Volto assim que puder.

— Não se preocupe, Gabriel. Yonatan está quase chegando.

— Eu volto, Gilah.

O tom da voz saiu-lhe com um certo excesso de dureza. Beijou a face dela de um modo apologético e levantou-se. Gilah agarrou-lhe o braço quando Gabriel se dirigia à porta.

— Leve isso — disse, estendendo-lhe o blusão de Shamron. Ele gostaria que ficasses com ele.

— Não fale como se ele não fosse sobreviver.

— Leva o blusão e vai embora. — Ofereceu-lhe um sorriso amargo. — Não deixa o primeiro-ministro à espera.

Gabriel saiu para o corredor e apressou-se a chegar aos elevadores. Não pode deixar o primeiro-ministro esperando. Era o que Gilah dizia sempre a Shamron, quando este partia.

Um carro e um destacamento de segurança aguardavam à entrada do centro médico. Apenas precisaram de cinco minutos para chegarem ao Gabinete do primeiro-ministro, no número 3 da Rua Kaplan. Os guardas levaram Gabriel para o interior do edifício através de uma entrada subterrânea e acompanharam-no escadas acima, até o gabinete espaçoso de uma sobriedade inesperada no último andar. A sala estava na obscuridade. Banhado por um círculo de luz, o primeiro-ministro encontrava-se à secretária. Parecia mínimo, devido ao retrato imponente do líder sionista Theodore

Herzl pendurado na parede atrás de si. Passara mais de um ano desde que Gabriel estivera na sua presença. Nesse tempo, o cabelo prateado embranquecera e os olhos castanhos tinham assumido o ar lacrimoso de um velho. A reunião do Escritório de Segurança terminara havia pouco e o primeiro-ministro estava sozinho, excepto pela presença de Amos Sharret, o novo diretor-geral do Escritório, sentado numa pose rígida num cadeirão de pele.

Gabriel apertou-lhe a mão pela primeira vez.

— É um prazer conhecê-lo finalmente — cumprimentou Amos. — Gostaria que as circunstâncias fossem outras.

Gabriel sentou-se.

— É a jaqueta de Shamron — comentou o primeiro-ministro.

— Gilah insistiu para que ficasse com ela.

— Fica-lhe bem. — Sorriu, absorto. — Sabe, está até ficando parecido com ele.

— Devo considerar a observação como um elogio?

— Ele era muito elegante, quando jovem.

— Shamron nunca foi jovem, Excelência.

— Nenhum de nós foi. Todos envelhecemos antes do tempo. Abdicamos da nossa juventude para construir este país. Shamron não tem um dia de folga desde 1947. E é assim que tudo termina? — O primeiro-ministro abanou a cabeça. — Não, ele vai sobreviver. Acredite, conheço há mais tempo do que o Gabriel.

— Shamron é eterno. É o que diz Gilah.

— Eterno, talvez não, mas não vai ser morto por um bando de terroristas.

O primeiro-ministro olhou de relance para o relógio.

— Queria falar comigo?

— A promoção para chefe de Operações Especiais.

— Já aceitei o cargo.

— Eu sei, mas talvez não seja a melhor hora.

— Posso perguntar por quê?

— Porque a sua atenção tem que se concentrar na descoberta e na punição dos homens que fizeram isto a Shamron.

O primeiro-ministro silenciou repentinamente, como se pretendesse dar a Gabriel a oportunidade de apresentar a sua objecção. Gabriel permaneceu imóvel, o olhar nas mãos.

— Surpreende-me — comentou o primeiro-ministro.

— Como assim?

— Receava que fosse dizer para encontrar outra pessoa para fazê-lo.

— Não se contradiz o primeiro-ministro.

— Mas com certeza existe outro motivo.

— Estava em Roma quando os terroristas atacaram o Vaticano, e acompanhei Shamron ao carro. Ouvi a bomba explodir. — Fez uma pausa. — Esta rede, sejam eles quem forem, e quaisquer que sejam os seus objetivos, tem de ser eliminada... depressa.

— Parece querer vingança.

Gabriel ergueu o olhar das mãos.

— E quero, Excelência. Talvez, dadas as circunstâncias, não seja a pessoa indicada para a missão.

— Na verdade, e dadas as circunstâncias, é o homem ideal. Foi Amos quem disse.

Gabriel virou-se e observou-o com atenção pela primeira vez. Era um homem baixo e entroncado, com uma forma quadrada. Tinha uma franja monacal de cabelo escuro e uma fronte carregada. Detinha ainda a patente de general da FDI, mas trajava agora um fato de um cinza-claro. A sua sinceridade era uma mudança agradável. Lev sempre tivera uma personalidade de dentista, eternamente em busca de fraquezas e de podres. O estilo de Amos aproximava-se mais de um carpinteiro. Gabriel teria de ser cuidadoso, para não vir a ser vítima do martelo.

— Mas veja se a sua raiva não lhe tolda o raciocínio — acrescentou Amos.

— Isso nunca se passou — asseverou Gabriel, sustendo-lhe o olhar sombrio.

Amos ofereceu-lhe um sorriso frio, como se dissesse, Comigo não vai haver destruição de estações de trens francesas, seja qual for a circunstância. O primeiro-ministro chegou-se à frente e apoiou-se sobre os cotovelos.

— Acredita que os sauditas foram os responsáveis?

— Temos algumas provas que apontam para uma ligação saudita com a Irmandade de Alá — adiantou Gabriel, à cautela —, mas precisamos demais informações antes de começarmos a procurar um indivíduo específico.

— Como Ahmed bin Shafiq, por exemplo.

— Sim, Excelência.

— E se for ele?

— Na minha opinião, estamos a lidar com uma rede, e não com um movimento. Uma rede sustentada pelo dinheiro saudita. Se cortarmos a cabeça, a rede morre. Mas não vai ser fácil, Excelência. Sabemos muito pouco acerca dele. Nem sequer conhecemos a sua verdadeira aparência. Também será complicado a nível político, devido aos americanos.

— Não vai ser complicado de todo. Ahmed bin Shafiq tentou matar o meu conselheiro mais chegado, por isso Ahmed bin Shafiq tem de morrer. — E se ele estiver a agir a mando do príncipe Nabil, ou de alguém da Família Real, uma família com uma

relação histórica e econômica muito próxima do nosso aliado mais importante? — Em breve o saberemos.

O primeiro-ministro lançou um olhar a Amos.

— O Adrian Carter, da CIA, gostaria de falar com você — disse Amos. — Fiquei de viajar para Washington amanhã, para o deixar ao corrente das nossas informações sobre o atentado no Vaticano.

— O Carter pediu uma alteração do local de encontro. — Onde se quer reunir?

— Em Londres.

— Porquê Londres?

— Foi sugestão do Carter — explicou Amos. — Queria um local neutro.

— Desde quando uma casa de segurança da CIA em Londres é terreno neutro?

— Gabriel olhou para o primeiro-ministro e depois para Amos. — Não quero deixar Jerusalém... pelo menos até saber se Shamron vai sobreviver.

— Carter diz que é urgente — contrapôs Amos. — Quer encontrar com você amanhã à noite.

— Então mande outra pessoa.

— Não podemos — interveio o primeiro-ministro. — Você foi o único convidado.

11

LONDRES

— Como está o velhote? — perguntou Adrian Carter. Caminhavam lado a lado em Eaton Place, abrigados de um aguaceiro noturno debaixo do guarda-chuva de Carter. Tinham-se encontrado cinco minutos antes em Belgrave Square, como que por acaso. Carter envergava uma capa e segurava um exemplar do The Independent. Era ortodoxo, no que dizia respeito às regras do ofício. Segundo as piadas que corriam na sede em Langley, Adrian Carter deixava marcas de giz na cabeceira da cama sempre que queria fazer amor com a esposa.

— Continua inconsciente — respondeu Gabriel —, mas resistiu à noite e já não está perdendo sangue.

— Vai sobreviver?

— Ontem à noite, diria que não.

— E agora?

— Estou mais preocupado com as possíveis sequelas. Se ficar com lesões cerebrais, ou preso dentro de um corpo que não obedece... — A voz de Gabriel esmoreceu. — Para Shamron só há uma coisa na vida, o trabalho. Se não puder trabalhar, vai se sentir miserável... bem como todos os que o rodeiam.

— E as novidades? — Carter olhou discretamente para a porta da casa georgiana de número 24. — O apartamento fica ali. Vamos dar mais uma volta no quarteirão, sim? Gosto de seguir as regras.

— Não sabia, Adrian? A União Soviética acabou há anos. O KGB já desapareceu. Agora vocês e os russos são amigos.

— Cuidado nunca é demais, Gabriel.

— Seus rapazes da segurança não definiram um percurso para a identificação de vigilância?

— Não há rapazes, Gabriel.

— É uma casa de segurança da Agência?

— Não exatamente — observou Carter. — Pertence a um amigo.

— Um amigo da Agência?

— Na verdade, um amigo do presidente.

Carter puxou de leve a manga do blusão de Gabriel e conduziu-o pela rua escura. Percorreram lentamente Eaton Square, que estava em silêncio, exceto pelo murmúrio do trânsito noturno em Kings Road. Carter deslocava-se a um ritmo fastidioso, como um homem com um compromisso que preferia não ter de cumprir. Gabriel debatia-se com um único pensamento: por que razão o diretor delegado das operações da CIA desejava falar num local onde o seu próprio Governo não estivesse à escuta?

Regressaram a Eaton Place. Desta vez, Carter guiou Gabriel pelos degraus até a entrada na cave. Quando Carter introduziu a chave na fechadura, Gabriel levantou silenciosamente a tampa do balde do lixo e viu que este se encontrava vazio. Carter abriu a porta e entraram para o tipo de cozinha que os panfletos das agências imobiliárias descreviam como cozinha gourmet. As bancadas eram de granito e tinham uma iluminação agradável, fornecida por lâmpadas de halogêneo ocultas por baixo do armário feito sob medida. O chão era da pedra calcária de Jerusalém, tão apreciada pelos ingleses e americanos refinados que procuravam estabelecer uma ligação com as suas raízes mediterrânicas. Carter dirigiu-se à bancada de aço inoxidável e encheu a chaleira eléctrica com água. Não se deu ao trabalho de perguntar se Gabriel queria algo mais forte. Sabia que ele apenas bebia um copo de vinho ocasional e que nunca misturava o álcool com o trabalho, salvo por necessidade de disfarce.

— É um duplex — explicou Carter. — A sala fica lá em cima. Ponha-se à vontade.

— Estás a dar-me autorização para dar uma olhada pela casa, Adrian? Carter abria e fechava as portas do armário com uma expressão perplexa no rosto. Gabriel foi até a despensa, encontrou uma caixa de chá Earl Grey e lançou-a a Carter antes de se dirigir ao andar de cima. A sala estava confortavelmente mobilada, mas denotava um ar de anonimato comum às segundas habitações. A Gabriel parecia que nunca ninguém ali amara, nem brigara. Pegou numa fotografia emoldurada que estava em cima de uma mesa de apoio e viu o que parecia ser o típico americano próspero,

Com três filhos bem alimentados e uma esposa com demasiadas cirurgias plásticas. Outras duas fotografias mostravam o americano numa posição rígida ao lado do presidente.

Ambas tinham dedicatórias assinadas: Para Bi, com gratidão.

Carter voltou momentos depois, com um tabuleiro de chá equilibrado nas mãos. Tinha cabelo encaracolado que rareava e o tipo de bigode largo em tempos favorecido pelos professores universitários americanos. O comportamento de Carter pouco tinha que sugerisse que era um dos membros mais poderosos da vasta rede de espionagem americana, ou que antes da sua ascensão à atmosfera rarefeita do sexto piso de Langley fora um dos mais conceituados agentes de campo. A tendência natural de Carter para escutar, em vez de falar, levava a maior parte das pessoas a concluir que se travava de uma espécie de terapeuta. Quando se pensava em Adrian Carter, imaginava-se um homem a suportar confissões de rumos de acontecimentos, ou de problemas, ou então uma figura de um romance de Dickens, curvado sobre livros grossos com longas palavras em latim. Normalmente, as pessoas subestimavam Carter. Era uma das suas armas mais poderosas.

— Quem está por trás disso, Adrian? — perguntou Gabriel.

— Diga você. — Carter pousou o tabuleiro sobre a mesa de centro e despiu a capa como se estivesse cansado de muito viajar. — Estamos no seu bairro.

— O bairro é nosso, mas algo me diz que o problema é seu. Caso contrário, não estaria em Londres — Gabriel deu uma olhada na sala —, numa casa de segurança emprestada, sem microfones nem apoio da estação local.

— Poucas são as coisas que te escapam, não é? Conte, Gabriel. Diga o nome dele.

— É um antigo agente saudita do GID chamado Ahmed bin Shafiq.

— Bravo, Gabriel. Muito bem. — Carter largou a capa nas costas de uma cadeira. — Muito bem mesmo.

Carter destapou o bule, sorveu o aroma e decidiu que precisava ficar em infusão mais um momento.

— Como souberam?

— Não soubemos — corrigiu Gabriel. — Foi um palpite, baseado em vestígios de prova.

— Por exemplo?

Gabriel contou a Carter tudo o que sabia. A operação falhada contra o professor Ali Massoudi. As fotografias de vigilância e a informação sobre a conta bancária suíça encontradas no computador de Massoudi. As ligações entre Ibrahim el-Banna e o agente saudita que se dava a conhecer como Khalil. Os relatórios sobre um saudita do mesmo nome que percorria os campos de refugiados do Sul do Líbano em busca de recrutas. Entretanto, Carter atarefava-se com o chá. Serviu a primeira xícara e entregou-a Gabriel. Seu chá exigia uma preparação mais elaborada: uma dose calculada de leite, depois o chá, por fim um torrão de açúcar. Os interrogadores referiam-se a esse óbvio ganhar tempo como atividade de deslocamento. Carter era fumador de cachimbo. Gabriel receava o seu aparecimento em breve. E vocês? — inquiriu Gabriel. — Quando souberam que se tratava de Bin Shafiq?

Carter pegou num segundo torrão com a tenaz e ponderou brevemente se deveria acrescentá-lo à xícara, após o que o devolveu sem cerimônias ao açucareiro. Provavelmente soube-o no dia em que pedimos a Sua Majestade que encerrasse o Grupo 205 — respondeu. — Ou talvez tenha sido no dia em que Bin Shafiq desapareceu da face da Terra. Sabes, Gabriel, uma das coisas que aprendi nesta profissão foi que para cada ação nossa, vai haver uma reação negativa. Afastamos o urso russo do Afeganistão e acabamos por criar uma hidra. Esmagamos o quartel-general da Al-Qaeda e agora as filiais estão a tratar dos seus próprios assuntos. Encerramos a loja de Bin Shafiq no GID e agora parece que ele começou a trabalhar por conta própria.

— Por quê?

— Pergunta o que o levou a atravessar a fronteira? — Carter encolheu os ombros e mexeu o chá com uma expressão lamentosa. — Não foi preciso muito. Ahmed bin Shafiq é um verdadeiro crente wahhabi.

— Neto de um guerreiro ikhwan — acrescentou Gabriel, o que lhe valeu um aceno de admiração por parte de Carter.

— Podemos perguntar por que os sauditas apoiam o terrorismo — disse Carter. — Podemos ter um debate interessante sobre se defendem na verdade os objetivos dos assassinos que armam e financiam, ou se estão numa política inteligente e cínica para controlar o ambiente em redor, garantindo assim sua sobrevivência. Tal debate não é possível sobre o homem que o GID escolheu para executar essa política. Ahmed bin Shafiq é um crente. Ahmed bin Shafiq odeia os Estados Unidos, o Ocidente e o

Cristianismo, e ficaria muito feliz se o teu Estado deixasse de existir. Foi por esse motivo que insistimos com Sua Majestade para que encerrasse a sua lojinha dos horrores.

— E quando vocês forçaram o rei a encerrar o Grupo 205, Bin Shafiq perdeu a cabeça? Decidiu utilizar os contatos que foi estabelecendo ao longo dos anos e lançar a sua própria onda de terror? Com certeza que não pôde ter sido assim tão linear, Adrian.

— Receio que tenhamos dado um pequeno empurrão — admitiu Carter. — Invadimos o Iraque contra a vontade do Reino e da maior parte de seus habitantes. Capturamos membros da Al-Qaeda e os trancamos em prisões secretas, que é onde eles devem estar. Isto foi ruim para o mundo islâmico, e serviu para atizar o fogo da jihad. Vocês também tiveram mão nisso. Para os árabes, seu Muro de Separação não passa de uma fronteira terminal unilateral, e não estão muito satisfeitos com ele.

— Não fique chocado, Adrian, mas não nos interessa o que os sauditas pensam do nosso muro. Se não tivessem injetado milhões nos cofres do Hamas e da Jihad Islâmica, não precisaríamos dele.

— O que nos leva à minha argumentação original — rematou Carter, fazendo uma pausa para beber um gole de chá. — O mundo islâmico ferve de raiva e Ahmed bin Shafiq, um verdadeiro crente wahhabi, tornou-se o porta-estandarte da jihad contra o infiel. Utilizou os contatos de seus dias no Grupo 205 para construir uma nova rede. Está fazendo o que Bin Laden já não consegue, que é planejar e executar atentados terroristas espetaculares, como o do Vaticano. Tem uma rede pequena, extremamente profissional e, como já provou, bem letal.

— E é financiada por dinheiro saudita.

— Sem dúvida — asseverou Carter.

— Aonde chegam as implicações, Adrian?

— Muito alto — respondeu Carter. — Quase ao topo.

— Onde é a base de operações deles? Quem financia? De onde vem o dinheiro?

— Da AAB Holdings, de Riad, Genebra e pontos intermediários — garantiu Carter. — Ahmed bin Shafiq é um dos melhores investimentos da AAB. Posso servir mais chá?

Seguiu-se outra pausa nos trabalhos, desta vez com Carter tentando adivinhar como acender a lareira a gás. Mirou, perplexo, a grelha por um instante e virou-se para Gabriel, lançando-lhe um apelo com o olhar. Gabriel encontrou a torneira de segurança, abriu o fluxo de gás e acendeu.

— Quantos anos você dá a eles, Gabriel? Quanto tempo até que a Casa de Saud seja derrubada e em seu lugar surja a República Islâmica da Arábia? Cinco anos? Dez?

Ou talvez vinte? Nunca fomos muito bons nesse tipo de previsões. Pensamos que o império soviético fosse eterno.

— E nós pensamos que o Hamas nunca conseguiria vencer eleições.

Carter soltou uma risada melancólica.

— As nossas melhores mentes dão-lhes sete anos, no máximo. Sua Majestade está disposta a passar esses sete anos com as regras antigas: fornece-nos petróleo barato e uma suposta amizade, e ao mesmo tempo vai adulando e subornando as forças do Islão para não o atacarem. E, quando chegar a altura, vai fugir para os palácios que tem na

Riviera e passar o resto da vida com um luxo demasiado grotesco para se imaginar, de preferência com a cabeça ainda pegada ao corpo. Carter virou as palmas das mãos para o fogo.

— Não está quente — constatou.

— Os troncos são feitos de cerâmica. Dá-lhe um pouco para aquecer. Carter pareceu incrédulo. Gabriel acercou-se da janela e espreitou para a rua, onde um carro passou lentamente e desapareceu à esquina. Carter desistiu da lareira e regressou ao seu lugar.

— E depois temos os elementos da Família Real que estão dispostos a adoptar regras diferentes. A esses chamamos os Verdadeiros Crentes. Julgam que a única forma da Al-Saud sobreviver é através da renovação da aliança que estabeleceram há dois séculos com Muhammad Abdul Wahhab, no Njad. Mas esta nova aliança terá de contemplar novas realidades. O monstro que a Al-Saud criou há duzentos anos tem agora todas as cartas na mão, e os Verdadeiros Crentes estão preparados para dar ao monstro aquilo que ele quer. Sangue infiel. Jibadsem fim. Alguns desses Verdadeiros Crentes querem ir ainda mais longe. Desejam a expulsão de todos os infiéis da Península. Um embargo às vendas de petróleo à América e a todos os países que tenham negócios com vocês. Acreditam que o petróleo não deve ser visto simplesmente como um poço sem fim de dinheiro líquido que jorra dos terminais de Rãs Tanura para as contas bancárias suíças da Al-Saud. Querem usá-lo como arma... uma arma que possa ser empregue para danificar a economia americana e transformar os wahhabis em mestres do planeta, como Alá o desejou, quando criou o mar de petróleo debaixo das areias do Al-Hassa. E alguns desses Verdadeiros Crentes, como o presidente e CEO da AAB Holdings de Riad, Genebra e outros pontos intermédios, estão eles próprios dispostos a verter algum sangue infiel.

— Refere-se a Abdul Aziz al-Bakari?

— Exatamente — confirmou Carter. — Sabe alguma coisa sobre ele?

— Pelas últimas contas, era o décimo quinto homem mais rico do mundo, com fortuna pessoal na casa dos dez bilhões de dólares.

— Mais milhão, menos milhão.

— É presidente, diretor executivo e imperador da AAB Holdings... A de Abdul, A de Aziz e B de al-Bakari. A AAB é dona de bancos e de casas de investimento. A AAB tem empresas de navegação e metalúrgicas. A AAB está cortando as florestas da Amazônia e explorando minério nos Andes do Peru e da Bolívia. A AAB é dona de uma empresa química belga e de uma farmacêutica holandesa. A divisão de pesquisa e desenvolvimento da AAB é uma das maiores do mundo. Abdul Aziz al-Bakari é dono de mais hotéis do que qualquer outra pessoa.

Carter prosseguiu a enumeração de Gabriel.

— Tem um palácio em Riad que raramente visita e onde vivem duas antigas esposas que nunca vê. É dono de uma mansão na Île de la Cité, em Paris, de um solar principesco na Inglaterra, de uma casa em Mayfair, de villas à beira-mar em Saint-Tropez, Marbella e Maui, de chalés de esqui em Zermatt e Aspen, de um apartamento na Park Avenue que foi há pouco tempo avaliado em quarenta milhões de dólares, e de uma propriedade gigantesca, em frente ao Potomac, por onde passo todos os dias quando vou para o trabalho. Carter parecia considerar a mansão no Potomac, o mais grave de todos os pecados de Al-Bakari. O pai era sacerdote episcopal de New Hampshire e, por baixo do seu exterior plácido, batia um coração puritano.

— Al-Bakari viaja com o séquito por todo o mundo, a bordo de um 747 revestido a ouro — prosseguiu. — Duas vezes por ano, uma em fevereiro e outra em agosto, as operações AAB vão para o mar, quando Al-Bakari e a comitiva se instalam a bordo do Alexandra, o seu iate de noventa metros. Esqueci-me de alguma coisa? — Os amigos tratam-no por Zizi — replicou Gabriel. — Tem uma das maiores coleções mundiais de arte impressionista francesa, e há anos que os andamos a dizer que é um dos maiores financiadores do terrorismo, especialmente contra nós.

— Não tinha noção.

— Noção do quê?

— De que Zizi era um colecionador.

— E muito agressivo.

— Por acaso já estive com ele?

— Receio que eu e Zizi estejamos em lados opostos do negócio.

— Gabriel franziu o sobrolho. — Qual é a ligação entre Zizi al-Bakari e Ahmed bin Shafiq?

Pensativo, Carter soprou o chá, sinal de que ainda não estava pronto para responder à questão de Gabriel.

— É um sujeito interessante, o Al-Bakari. Sabias que o pai foi o banqueiro pessoal de Ibn Saud? Tal como seria de esperar, o papai Al-Bakari saiu-se muito bem, o suficiente para dar dez milhões de dólares ao filho, para que este começasse a sua própria empresa. Mas isso não foi nada, quando comparado com o capital que recebeu da Al-Saud, quando o projeto se desenvolveu. A acreditar nos boatos, cem milhões de dólares. A AAB continua a ser o receptáculo preferido do dinheiro real saudita, o que é uma das razões para que Zizi esteja interessado em garantir a sobrevivência da Casa de Saud.

Gabriel sentiu um aperto no coração quando Carter pegou na bolsa do tabaco. — É um dos homens mais ricos do mundo — disse Carter —, e um dos mais caridosos. Erigiu mesquitas e centros islâmicos por toda a Europa. Financiou projetos de desenvolvimento no Delta do Nilo e para o combate à fome no Sudão. Doou milhões aos refugiados palestinos e outros milhões a projetos de urbanização na Cisjordânia e em Gaza.

— E mais de trinta milhões de dólares naquela angariação televisiva de fundos árabes para financiar homens-bomba suicidas — acrescentou Gabriel. — Zizi foi o maior doador individual. Agora, responde-me, Adrian.

— E qual era a pergunta?

— Qual a ligação entre Zizi e Bin Shafiq?

— É bem perspicaz, Gabriel. Diga você, qual a ligação.

— É óbvio que Zizi financia a rede de Bin Shafiq.

— É óbvio — asseverou Carter.

— Mas Bin Shafiq é saudita. Pode obter dinheiro em qualquer outro lugar. Zizi tem algo mais valioso que o dinheiro. Tem uma infraestrutura global, por onde Bin Shafiq pode movimentar homens e material. E Zizi tem o lugar ideal onde esconder um ideólogo como Bin Shafiq.

— A AAB Holdings de Riad, Genebra e pontos intermediários.

O silêncio tombou entre eles como uma cortina, enquanto Carter enchia vagarosamente o cachimbo. Gabriel continuava de pé à janela, a olhar a rua. Sentia-se tentado a permanecer aí, pois o tabaco de Carter, quando aceso, cheirava a uma mistura de feno a arder e de cão molhado. Mas também sabia que a conversa chegara a um ponto em que não poderia ser continuada à frente de uma janela insegura. Com relutância, sentou-se na cadeira oposta a Carter e entreolharam-se em silêncio, Carter fumando com expressão meditativa e Gabriel afastando penosamente a fumaça dos olhos.

— Têm certeza?

— Absoluta.

— Como sabem?

— Fontes e método — respondeu Carter, por reflexo. — Fontes e método.

— Como sabem, Adrian?

— Ouvimos — explicou Carter. — A National Security Agency é uma coisa maravilhosa. Também dispomos de fontes no interior da ala moderada da Casa de Saud e do GID, que estão dispostas a contar certas coisas. Ahmed bin Shafiq reside grande parte do tempo no Ocidente, com uma identidade falsa. Está enterrado no império financeiro de Zizi, e os dois conferenciam com regularidade. Estamos certos desse fato.

Ao lado do tabuleiro de Carter, em cima da mesa de centro, estava um dossiê. Tinha no seu interior uma única fotografia, que Carter entregou a Gabriel. Mostrava um homem de sobretudo de lã e chapéu, em frente de um portão de ferro forjado. O rosto estava de perfil e as feições eram um pouco indistintas. Pelo aspeto da imagem, a fotografia fora tirada de alguma distância.

— É ele?

— Achamos que sim — respondeu Carter.

— Onde foi tirada?

— No exterior da casa de Zizi, na Île de la Cité, em Paris. O fotógrafo estava do outro lado do Sena, no Quai de l'Hôtel de Ville, o que explica uma certa falta de clareza da imagem. — Há quanto tempo?

— Seis meses.

Carter ergueu-se lentamente e deambulou até a lareira. Estava prestes a bater o cachimbo na grelha, quando Gabriel o recordou de que era falsa. Voltou a sentar-se e esvaziou o cachimbo para dentro de um grande cinzeiro de vidro lapidado.

— Quantos americanos morreram no Vaticano? — perguntou Gabriel.

— Vinte e oito, incluindo um bispo da Cúria.

— Quanto dinheiro Zizi al-Bakari deu a terroristas, ao longo dos anos?

— Centenas de milhões.

— Vão atrás dele — declarou Gabriel. — Levantem um processo e levem-no a tribunal.

— Contra Zizi al-Bakari?

— Secção 18 U.S.C. 2339B... Já ouviu falar nela, Adrian?

— Agora está me citando a lei americana?

— Dar dinheiro a grupos terroristas assumidos é uma violação da lei americana, quer esse dinheiro tenha, ou não, sido utilizado em atentados específicos. Talvez já pudessem ter processado dezenas de sauditas ricos por fornecerem apoio material aos inimigos, incluindo Zizi al-Bakari.

— Você me desaponta, Gabriel. Sempre te imaginei uma pessoa razoável... por vezes preocupado demais com questões de certo e errado, mas razoável. Não podemos ir atrás de Zizi al-Bakari.

— Por quê?

— Dinheiro — justificou-se Carter, ao que acrescentou: — E petróleo, é claro.

— É claro.

Carter brincou com o isqueiro.

— A Família Real Saudita tem muitos amigos em Washington. O tipo de amigos que só o dinheiro pode comprar. Zizi também tem amigos. Fundou cátedras acadêmicas e encheu-as de amigos e apoiantes. Garantiu a criação de departamentos de estudos árabes em meia dúzia de universidades americanas importantes. Financiou quase sozinho uma renovação profunda do Kennedy Center. Oferece dinheiro a projetos de caridade de senadores influentes e investe nos negócios de amigos e familiares desses senadores. É dono de boa parte de um dos bancos mais importantes e tem participações numa série de outras empresas americanas também importantes. Também serviu de intermediário em inúmeros negócios entre sauditas e americanos. O quadro está a ficar mais claro?

Estava, mas Gabriel queria ouvir mais.

— Se o bando de advogados de Washington de Zizi sequer desconfiasse que ele ia ser investigado criminalmente, Zizi falaria com Sua Majestade, Sua Majestade falaria com o embaixador Bashir, e o embaixador ia à Casa Branca ter uma conversinha com o presidente. Lembraria o presidente de que uma volta ou duas nas torneiras do petróleo significaria um aumento brutal no preço da gasolina. Talvez chegasse a frisar que um aumento dessa magnitude prejudicaria os habitantes do centro do país, que costumam fazer viagens longas, e que também costumam votar no partido do presidente.

— E assim, para Zizi o crime compensa... literalmente.

— Receio que sim.

— Não pergunte sobre o que, quando explicado, possa te trazer problemas.

— Conhece bem o Corão — disse Carter. — Outra razão para não agir contra Zizi, ou acusá-lo é o medo do que se pode encontrar: enredos com americanos importantes, negócios obscuros com elementos de Washington. Imagine a reação do povo americano se descobrisse que um bilionário saudita com ligações comerciais com figuras importantes de Washington financia as atividades inimigas. A relação mal conseguiu sobreviver ao primeiro Onze de Setembro. Duvido que sobrevivesse a um segundo. Não sobreviveria, pelo menos na forma atual. Já há um movimento no Capitólio para isolar a Arábia Saudita, devido ao apoio prestado ao extremismo islâmico global. Um escândalo que envolvesse Zizi al-Bakari apenas serviria para lançar

achas para a fogueira. Várias figuras da política externa do Congresso estão a pensar numa legislação que pressione a Arábia Saudita. Podem dar-se a esse luxo. Se a economia americana for por água abaixo devido a uma subida dos preços do petróleo, não são eles que sofrem, mas sim o presidente.

— E o que quer de nós, Adrian? O que quer me dizer nesta sala, onde mais ninguém nos ouve?

— O presidente dos Estados Unidos quer pedir um favor — explicou Carter, enquanto fitava o fogo. — O tipo de favor em que por acaso você é muito bom. Ele gostaria que pusessem um agente na Casa de Zizi. Gostaria que descobrisse quem entra e quem sai. E se Ahmed bin Shafiq aparecer, ele gostaria que tentasse pegá-lo. A operação será sua, mas pode contar com todo o nosso apoio. Estaremos do outro lado do horizonte... longe o bastante para garantir uma negação plausível em Riad.

— Você me desaponta, Adrian. Sempre pensei que fosse uma pessoa razoável.

— O que eu fiz agora?

— Pensei que ia me pedir para matar Zizi al-Bakari e acabar de vez com o assunto.

— Matar Zizi? — Carter abanou a cabeça. — Zizi é intocável. Zizi é radioativo.

Gabriel regressou ao seu posto à janela e espiou a rua quando um casal de namorados correu pela calçada sob a chuva.

— Não somos assassinos profissionais — protestou. — Não podemos ser contratados para fazer os trabalhos sujos que vocês não podem fazer. Querem Bin Shafiq morto, mas não estão dispostos a correr riscos. Pretendem que sejamos nós a ficar com a culpa.

— Poderia lembrar alguns fatos importantes — adiantou Carter. — Poderia lembrar que este presidente ficou do seu lado enquanto o resto do mundo os tratou como se fossem judeus entre nações. Poderia lembrar que ele permitiu que construíssem o Muro de Separação, enquanto o resto do mundo os acusou de se comportar como os sul-africanos. Poderia lembrar que ele permitiu que trancassem Arafat na Mukata, enquanto o resto do mundo os acusou de agir como tropa de choque nazista. Poderia lembrar as inúmeras vezes em que este presidente tratou de sua roupa suja, mas não o farei, pois isso seria politicamente incorreto. Também poderia sugerir que com este pedido estaríamos numa espécie de saldar contas, o que não é, de todo, o caso.

— Então é o quê?

— Um reconhecimento — explicou Carter. — O reconhecimento de que nós, americanos, não temos estômago, nem coragem, para fazer as coisas que têm de ser feitas nesta luta. Já queimamos os dedos. Nossa imagem já foi debilitada. Olhamos

para o espelho e não gostamos do que vimos. Nossos políticos gostariam que pegássemos o primeiro avião para fora do Iraque, para que possam começar a gastar dinheiro no tipo de coisas que conquistam votos. O povo quer voltar à boa vida. As pessoas querem enterrar a cabeça na areia e fingir que não existe no mundo uma força organizada que procura destruí-las. Pagamos um preço terrível por entrar na sarjeta com os terroristas e combater no nível deles, mas acho que vocês sabiam que isso ia acontecer. Ninguém pagou um preço mais elevado do que vocês.

— E por isso querem que o façamos no seu lugar. Imagino que seja o a que chamam de terceirização. Mas que americano de sua parte, Adrian.

— Dadas as atuais circunstâncias, os Estados Unidos não podem tentar assassinar um antigo oficial da espionagem saudita, caso contrário a nossa relação com Riad ficaria comprometida. Também não podemos prender e acusar Zizi al-Bakari pelas razões que mencionei.

— Por isso querem que o problema desapareça?

— Exatamente.

— Que seja varrido para baixo do tapete? Que se adie o ajuste de contas para uma data mais conveniente?

— Não podia ser mais claro.

— Acha que essa é a melhor forma de derrotar a Hidra? Cortar uma cabeça e esperar que tudo corra bem? É preciso queimar as raízes, como fez Hércules. É preciso atacar o monstro com flechas embebidas em fel.

— Quer atacar a Casa de Saud?

— Não só a Casa de Saud — asseverou Gabriel. — Os fanáticos wahhabitas que fizeram um pacto de sangue, há duzentos anos, no planalto estéril do Najd. São eles seu verdadeiro inimigo, Adrian. Foram eles que criaram a Hidra.

— O príncipe sábio escolhe a data e o local da batalha, e não é hora de derrubar a Casa de Saud.

Gabriel mergulhou num silêncio taciturno. Carter olhava para o forninho do cachimbo e fazia pequenos ajustes na disposição do tabaco, como um professor à espera da resposta de um aluno menos inteligente.

— Será preciso lembrar que atentaram contra Shamron?

Gabriel fulminou Carter com um olhar que lhe garantia que não se esquecera.

— Nesse caso, por que a hesitação? Depois do que Bin Shafiq fez ao velhote, pensei que estivesse de laço esticado para pegá-lo.

— Quero pegá-lo mais do que ninguém, Adrian, mas nunca estico o laço. É uma operação perigosa... perigosa demais até para você. Se alguma coisa der errado ou se formos apanhados, tudo acaba mal... para os três.

— Três?

— Eu, você e o presidente.

— Nesse caso, siga o décimo primeiro mandamento de Shamron, e não haverá problema. *Você não será apanhado.*

— Bin Shafiq é um fantasma. Nem sequer temos uma foto.

— Isso não é totalmente verdade. — Carter voltou a pegar o dossiê e retirou outra foto, que colocou em cima da mesa, para que Gabriel a visse. Mostrava um homem de olhos escuros, o rosto em parte oculto por um kaffijeh. — Este é Bin Shafiq, há quase vinte anos, no Afeganistão. Na época era nosso amigo. Estávamos do mesmo lado. Nós fornecemos as armas. Bin Shafiq e os mestres de Riad forneciam o dinheiro.

— E a ideologia wahhabita que ajudou a dar origem aos talibãs — adiantou Gabriel.

— O inferno está cheio de boas intenções — lamentou-se. — Mas temos algo mais valioso do que uma foto com vinte anos. Temos a voz dele.

Carter pegou um pequeno controle remoto preto, apontou-o a um rádio Bose Wave e pressionou o Play. Momentos depois, dois homens começaram a falar em inglês: um de sotaque americano e o outro de pronúncia árabe.

— Imagino que o árabe seja Bin Shafiq. Carter anuiu.

— Quando foi gravado?

— Em 1988 — explicou Carter. — Numa casa de segurança em Peshawar.

— Quem é o americano? — perguntou Gabriel, embora já soubesse a resposta. Carter pressionou o botão Stop e olhou para o fogo.

— Sou eu — respondeu, com um tom distante. — O americano na casa de segurança da CIA em Peshawar era eu.

— Reconheceria Bin Shafiq se visse?

— Talvez, mas as nossas fontes dizem que fez várias operações plásticas antes de entrar em campo. Mas reconheceria a cicatriz no antebraço direito. Foi atingido por estilhaços durante uma viagem ao Afeganistão, em 1985. A cicatriz vai do pulso ao cotovelo. Não há cirurgia plástica que ajude naquilo.

— No lado de dentro ou de fora?

— De dentro. O ferimento afetou a mão dele. Submeteu-se a várias operações para tentar remediar a situação, mas nada deu certo. Normalmente a mantém no bolso. Não gosta de dar apertos de mão. Bin Shafiq é um beduíno orgulhoso. Não respeita as doenças.

— Imagino que suas fontes em Riad não nos consigam dizer em que zona do império de Zizi ele está escondido.

— Infelizmente, não. Mas sabemos que ele aí está. Se introduzires um agente na Casa de Zizi, talvez Bin Shafiq acabe por entrar pela porta das traseiras. — Introduzir um agente na casa de Zizi al-Bakari? E o que sugeres que façamos para o conseguir, Adrian? Zizi tem mais segurança do que a maior parte dos chefes de Estado.

— Nem me passaria pela cabeça interferir em questões operacionais — escusou-se Carter. — Mas garanto-te que estamos dispostos a ser pacientes e que tencionamos acompanhar a missão até o fim.

— A paciência e o acompanhamento não são exatamente virtudes americanas típicas. Vocês gostam de armar confusão e partir para o problema seguinte. Seguiu-se mais um silêncio longo, desta vez interrompido pelo bater do cachimbo de Carter na borda do cinzeiro. — O que queres, Gabriel?

— Garantias.

— No nosso ramo não há garantias, sabes disso.

— Quero tudo o que tiverem sobre Bin Shafiq e o Al-Bakari.

— Dentro dos limites do razoável — disse Carter. — Não te vou dar um monte de segredos obscuros sobre figuras importantes de Washington.

— Quero proteção — continuou Gabriel. — Quando isto acontecer, seremos os principais suspeitos. Somos sempre, mesmo quando não somos os responsáveis. Vamos precisar da sua ajuda para acalmar a tempestade.

— Apenas posso falar em nome do DO — lembrou Carter. E garanto-te que vamos estar do seu lado.

— Eliminamos Bin Shafiq onde e quando escolhermos, sem qualquer interferência de Langley.

— O presidente ficaria grato se pudessem evitar fazê-lo em território americano.

— No nosso ramo não há garantias, Adrian.

— Touché.

— Talvez custe a acreditar, mas não posso decidir sozinho. Tenho de falar com Amos e o primeiro-ministro.

— Amos e o primeiro-ministro farão o que lhes disser.

— Dentro do razoável.

— O que vai dizer?

— Que o presidente americano precisa de um favor — disse Gabriel. — E que pretendo ajudá-lo.

TEL MEGIDDO, ISRAEL

O primeiro-ministro autorizou a operação de Gabriel às duas e trinta da tarde seguinte. Gabriel dirigiu-se de imediato a Armagedon. Imaginou que fosse um bom local para começar.

O tempo parecia glorioso de uma forma perversa para tal ocasião: temperatura fresca, um céu de um azul pálido, uma brisa leve que lhe agitava as mangas da camisa, à medida que seguia a Estrada de Jafa. Ligou o rádio. A música lúgubre que enchera o éter nas horas que se tinham seguido ao atentado à vida de Shamron desaparecera. Um boletim noticioso surgiu de repente. O primeiro-ministro garantira fazer tudo ao seu alcance para localizar e punir os responsáveis pelo atentado contra Shamron. Não mencionou o fato de já saber quem era o responsável, nem que autorizara Gabriel a eliminá-lo.

Gabriel percorreu a Bab al-Wad em direção ao mar, ziguezagueando com impaciência por entre o tráfego mais lento, e depois acompanhou o sol que se punha para norte, ao longo da Planície Costeira. Perto de Hadera havia um alerta de segurança. Segundo o rádio, um alegado homem-bomba suicida conseguira atravessar o Muro de Separação perto de Tulkarm. Gabriel foi obrigado a aguardar na beira da estrada durante vinte minutos, antes de se encaminhar para o vale de Jezreel. A oito quilômetros de Afula, um outeiro redondo surgiu à esquerda. Em hebraico era conhecido por Tel Megiddo, ou Monte Megido. O resto do mundo o conhece como Armagedon, do Livro do Apocalipse, o palco do confronto final entre as forças do bem e do mal. A batalha ainda não começara e o estacionamento estava vazio, salvo por um trio de vans empoeiradas, sinal de que a equipe arqueológica ainda trabalhava.

Gabriel saiu do carro e subiu o caminho íngreme até o topo. O Tel Megiddo era alvo de escavações arqueológicas periódicas há mais de um século, e no alto do monte havia um labirinto de trincheiras compridas e estreitas. Tinham sido encontrados vestígios de mais de vinte cidades debaixo do solo do topo do Tel, incluindo uma que se acreditava ter sido construída pelo rei Salomão. Parou à beira de uma das trincheiras e espreitou para o fundo. Uma pequena figura de casaco de algodão creme estava de costas, a revirar o solo com uma colher de pedreiro. Gabriel pensou na última vez que estivera acima de um homem num buraco de escavação e sentiu-se como se lhe tivessem deitado um cubo de gelo para as costas. O arqueólogo olhou para cima e fitou-o com um par de olhos castanhos inteligentes. Depois voltou a desviar a atenção para o seu trabalho.

— Tenho estado a tua espera — disse Eli Lavon. — Por que demorou tanto?

Gabriel sentou-se na terra à beira do buraco e observou Lavon a trabalhar. Conheciam-se desde a operação Setembro Negro. Eli Lavon fora um ayin, um batedor.

A sua incumbência era seguir os terroristas e tomar conhecimento dos seus hábitos. Em muitos aspetos, essa missão fora ainda mais perigosa do que a de Gabriel, pois Lavon, por vezes, ficara exposto aos terroristas durante dias e semanas a fio, sem qualquer apoio. Após o desmantelamento da unidade, instalara-se em Viena e abriu um pequeno gabinete de investigação chamado Reivindicações e Inquéritos do Tempo da Guerra. Com um orçamento mínimo, conseguira localizar milhões de dólares em bens judeus pilhados e desempenhara um papel importante na obtenção de um acordo milionário com os bancos suíços. Agora, Lavon trabalhava na escavação em Meguido e dava aulas de arqueologia em tempo parcial, na Universidade Hebraica.

— O que tem aí, Eli?

— Um pedaço de cerâmica, creio. — Uma rajada de vento agitou-lhe o cabelo fino e desgrenhado e soprou-o para a testa. — E você?

— Um bilionário saudita que tenta destruir o mundo civilizado.

— Não já conseguiram? — Gabriel sorriu.

— Preciso de você, Eli. Sabe interpretar balancetes. Sabe seguir pista de dinheiro sem que ninguém note.

— Quem é o árabe?

— O presidente e CEO da Jihad Limitada.

— E esse presidente tem nome?

— Abdul Aziz al-Bakari.

— Zizi al-Bakari?

— Esse mesmo.

— Imagino que tenha algo que ver com Shamron.

— E com o Vaticano.

— Qual é a ligação de Zizi?

Gabriel contou.

— Acho que não preciso perguntar o que tenciona fazer com Bin Shafiq — disse Lavon. — O império de Zizi é enorme. Bin Shafiq pode estar trabalhando de qualquer ponto do mundo. Como vai encontrá-lo?

— Vamos introduzir um agente no círculo íntimo de Zizi e esperar que Bin Shafiq apareça.

— Um agente no território de Zizi? — Lavon abanou a cabeça.

— Não se consegue.

— Consegue-se, sim.

— Como?

— Vou descobrir alguma coisa que Zizi queira — explicou Gabriel. — E depois vou dar a ele.

— Sou todo ouvidos.

Gabriel sentou-se na borda da trincheira de escavação, com as pernas dependuradas para o interior, e disse-lhe como tencionava penetrar na Jihad Limitada. Do fundo do buraco vinha o som do trabalho de Lavon — espeta, espeta, limpa, limpa, sopra...

— Quem é o agente? — perguntou a Gabriel, quando este terminou.

— Ainda não o tenho.

Lavon ficou em silêncio por um instante — espeta, espeta, limpa, limpa, sopra...

— O que queres de mim?

— Vira Zizi al-Bakari e a AAB Holdings de pernas para o ar. Quero que disseque cada empresa que ele controle. Perfis de todos os executivos de topo e dos membros da comitiva pessoal. Quero saber como cada pessoa chegou ao seu cargo e como nele tem permanecido. Quero saber mais sobre Zizi do que ele próprio.

— E o que acontece quando entrarmos em campo?

— Você também vai.

— Estou velho e cansado para coisas mais duras.

— É o maior artista de vigilância da história do Escritório, Eli. Não vou conseguir sem você.

Lavon endireitou-se e limpou as mãos na calça.

— Introduzir um agente no círculo íntimo de Zizi al-Bakari? É louco. — Lançou uma colher de pedreiro a Gabriel. — Venha me ajudar. Estamos ficando sem luz.

Gabriel desceu ao buraco e ajoelhou-se ao lado do velho amigo. Juntos esgaravatarem o solo antigo, até que a noite caiu sobre o vale como uma manta.

Quando chegaram ao Boulevard King Saul já passava das nove horas. Lavon saíra havia muito do Escritório, mas continuava a apresentar uma palestra ocasional na Academia e ainda tinha as credenciais para entrar no edifício sempre que quisesse. Gabriel acompanhou-o até a sala de arquivos da divisão de Pesquisa, ao que se dirigiu a um corredor sombrio dois níveis abaixo do solo. No final do corredor ficava a Sala 456C. Afixado à porta estava um letreiro de papel, onde se lia, na caligrafia hebraica de Gabriel: COMITÊ TEMPORÁRIO PARA O ESTUDO DAS AMEAÇAS TERRORISTAS NA EUROPA OCIDENTAL. Decidiu mantê-lo, por enquanto.

Abriu a fechadura com combinação, acendeu as luzes e entrou. A sala parecia congelada no tempo. Era conhecida por vários nomes: a Cápsula, a Choça, o Tanque. Yaakov, um durão de rosto marcado do Departamento de Assuntos Árabes de Shabak, batizara-a de Buraco do Inferno. Yossi, da Pesquisa, denominara-a a Aldeia dos Malditos, mas ele lera clássicos em Oxford e emprestava sempre ao seu trabalho um certo ar de erudição, mesmo quando os temas não o mereciam. Gabriel deteve-se junto

à mesa assente em cavaletes que Dina e Rimona tinham partilhado. As constantes alterações territoriais quase tinham dado com ele em doido. A linha de separação que ele traçara no centro da mesa ainda lá estava, a par do aviso que Rimona escrevera do seu lado da fronteira: Atravessar por sua própria conta e risco. Rimona era capita da FDI e trabalhava para Ama, na espionagem militar. Era também sobrinha de Gilah Shamron. Acreditava em fronteiras defensáveis e respondera com incursões de retaliação sempre que Dina cruzara a linha. No lugar de Dina estava a pequena mensagem que ela lá deixara no último dia da operação: Que nunca mais tenhamos de aqui voltar. Que ingênuo, pensou Gabriel. Ela devia saber melhor do que ninguém que provavelmente não seria assim.

Continuou a lenta digressão pela sala. Ao canto jazia a mesma pilha de equipamento informático ultrapassado que nunca ninguém se dera ao trabalho de remover. Antes de se transformar no quartel-general do Grupo Khaled, a Sala 456C não passara de uma lixeira onde se despejava mobília velha e aparelhos eletrônicos obsoletos, sendo muitas vezes utilizada pelos membros do turno da noite como local de aventuras românticas. O quadro de giz de Gabriel também ali continuava. Mal conseguia decifrar as últimas palavras que escrevera. Olhou para as paredes, cobertas de fotografias de jovens palestinos. Uma das imagens chamou-lhe a atenção, um rapaz de boina na cabeça e um kaffiyeh sobre os ombros, sentado ao colo de Yasir Arafat: Khaled al-Khalifa no funeral do pai, Sabri. Gabriel matara Sabri, e também matara Khaled.

Retirou as fotografias antigas das paredes e colocou duas novas no seu lugar. Uma delas mostrava um homem de kaffiyeh, nas montanhas do Afeganistão. A outra exibia o mesmo homem, agora com um sobretudo de caxemira e chapéu, à frente da casa de um bilionário, em Paris. O Grupo Khaled era agora o Grupo Bin Shafiq.

Durante as primeiras quarenta e oito horas, Gabriel e Lavon trabalharam sozinhos. No terceiro dia chegou Yossi, um homem alto e calvo com o porte de um intelectual britânico. Rimona compareceu no quarto dia, bem como Yaakov, chegado do quartel-general de Shabak, com uma caixa cheia de material sobre os terroristas que tinham atacado o carro de Shamron. Dina foi a última a chegar. Pequena e morena, estivera na Rua Dizengoff de Tel Aviv, no dia 19 de Outubro de 1994, quando um homem-bomba suicida do Hamas transformara o ônibus número 5 num caixão para vinte e uma pessoas. A mãe e duas das suas irmãs encontravam-se entre essas vítimas. Dina ficara gravemente ferida e caminhava agora com um ligeiro coxear. Lidara com a dor tornando-se perita em terrorismo. Com efeito, Dina Sarid era capaz de recitar a data, o local e o número de vítimas de todos os atos terroristas alguma vez cometidos

contra o Estado de Israel. Em tempos dissera a Gabriel que sabia mais sobre os terroristas do que eles próprios. Gabriel acreditara.

Dividiram-se em duas áreas de especialidade. Ahmed bin Shafiq e a Irmandade de Alá tornaram-se propriedade de Dina, Yaakov e Rimona, enquanto Yossi se juntou à escavação de Lavon da AAB Holdings. Por enquanto, Gabriel trabalhava sozinho, pois assumira a tarefa nada invejável de tentar identificar todos os quadros alguma vez comprados ou vendidos por Zizi al-Bakari.

À medida que os dias iam passando, as paredes da Sala 456C refletiam a natureza única da operação. Numa das paredes começou a surgir o esboço sombrio de uma nova rede terrorista mortal, liderada por um homem que, em grande medida, não passava de um fantasma. Deram o seu melhor para recriar a longa viagem de Bin Shafiq através da corrente do extremismo islâmico. Ao que parecia, onde quer que tivesse havido problemas, lá estava Bin Shafiq, a distribuir dinheiro saudita do petróleo e propaganda wahhabita às mancheias: Afeganistão, Líbano, Egito, Argélia, Jordânia, Paquistão, Chechênia, Bósnia e, é claro, a Autoridade Palestina. Mas havia pistas de relevo, pois ao levar a cabo dois atentados importantes, Bin Shafiq e a Irmandade tinham deixado mais de uma dúzia de nomes que podiam ser investigados em busca de ligações e de associações. E havia também Ibrahim el-Banna, o imã egípcio mortal, e o professor Ali Massoudi, o angariador e caçador de talentos.

Na parede oposta surgiu outra rede: a AAB Holdings. Utilizando fontes públicas, e outras não tão visíveis, Lavon peneirou a custo as várias camadas do império financeiro de Zizi e reuniu as diversas peças como se fossem pedaços de um artefato antigo. No topo da estrutura encontrava-se a própria AAB. Abaixo desta estava uma rede complexa de empresas subsidiárias e de fachadas corporativas que permitiam que Zizi estendesse a sua influência a quase todos os cantos do globo, em condições de secretismo corporativo quase perfeito. Tendo quase todas as empresas registradas na Suíça e nas Ilhas Caimão, Lavon equiparou Zizi a um caça furtivo financeiro, capaz de levar a cabo ataques à sua vontade, ao mesmo tempo que evitava ser detetado pelos radares inimigos. Apesar da natureza obscura do império de Zizi, Lavon chegou à conclusão de que as contas não batiam certo.

— Zizi nunca poderia ter obtido lucros suficientes com os investimentos iniciais que justificassem as aquisições posteriores — explicou a Gabriel. — A AAB Holdings é uma fachada para a Casa de Saud. — Quanto a tentar descobrir Ahmed bin Shafiq algures no polvo financeiro de Zizi, Lavon comparou-o a tentar encontrar uma agulha no deserto da Arábia. — Não é impossível — disse —, mas provavelmente morremos de sede antes de conseguirmos.

Yossi dedicou-se ao pessoal de Zizi. Concentrou-se na relativamente pequena equipe que trabalhava no quartel-general de Genebra, a par de empresas detidas ou controladas pela AAB. A maior parte do seu tempo, no entanto, era empregue na grande comitiva pessoal de Zizi. Em breve as fotografias cobriam a parede do espaço de trabalho de Yossi, e contrastavam com as da rede de terror de Shafiq. Todos os dias chegavam imagens novas, à medida que Yossi acompanhava os movimentos frenéticos de Zizi por todo o globo. Zizi a chegar a uma reunião em Londres. Zizi em Stuttgart, durante um encontro com fabricantes de automóveis alemães. Zizi a desfrutar da vista para o mar Vermelho, a partir do seu novo hotel em Sharm el-Sheik. Zizi a conferenciar com o rei da Jordânia, sobre um possível negócio imobiliário. Zizi a inaugurar uma central de dessalinização no Yemen. Zizi a receber um prêmio humanitário de um grupo islâmico em Montreal, cuja página de Internet, frisou Yossi, continha um apelo direto à destruição do Estado de Israel.

Quanto ao canto da sala reservado a Gabriel, era um santuário, quando comparado com os reinos do terror e das finanças. A sua parede estava coberta não com os rostos de terroristas ou de executivos, mas com dezenas de fotografias de obras impressionistas francesas. Enquanto Lavon e Yossi passavam os dias a vasculhar monótonos balancetes e folhas impressas, Gabriel folheava catálogos antigos, monografias impressionistas e recortes de imprensa que descreviam os feitos de Zizi na cena artística mundial. Ao fim do décimo dia, Gabriel decidira como iria introduzir um agente na Jihad Limitada. Dirigiu-se à coleção de fotografias de Yossi e fitou uma única imagem. Mostrava um inglês magro e grisalho, sentado ao lado de Zizi, seis meses antes, no leilão de Arte Moderna e Impressionista da Christies, em Nova Iorque. Gabriel retirou a fotografia e ergueu-a, para que os outros a vissem. — Este homem — disse. — Tem de desaparecer. — Depois ligou para Adrian Carter através de um número privado seguro de Langley e contou como planejava entrar na Casa de Zizi.

— Agora você só precisa de um quadro e de uma garota — concluiu Carter. — Encontre o quadro e eu consigo a garota.

Gabriel saiu um pouco mais cedo do que o habitual do Boulevard King Saul e dirigiu-se a Ein Kerem. A unidade de cuidados intensivos do Centro Médico Hadassah continuava vigiada por vários guardas, mas Shamron estava sozinho quando Gabriel entrou no quarto.

— O filho pródigo decidiu me visitar — comentou, em tom amargo. — Ainda bem que somos um povo do deserto, caso contrário punham-me em cima de um bloco de gelo e me jogavam no mar.

Gabriel sentou-se ao lado da cama.

— Já vim pelo menos umas seis vezes.

- Quando?
- À noite, quando já está dormindo.
- Anda pairando sobre mim? Como Gilah e os médicos? Por que não vem durante o dia, como uma pessoa normal?
- Tenho estado ocupado.
- O primeiro-ministro não está ocupado para me visitar em horários decentes.
- com o pescoço ferido imobilizado por um aparelho de plástico,

Shamron lançou um olhar rancoroso a Gabriel. — Ele contou-me que vai autorizar o Amos a encontrar alguém para as Operações Especiais, para que tu possas levar a cabo esse projeto ridículo para o Adrian Carter e para os americanos.

- Imagino que não o aprove.
- com veemência. — Shamron fechou os olhos durante longos instantes, o suficiente para Gabriel olhar nervosamente para os monitores ao lado da cama. — Azul e branco — acabou por dizer. — Fazemos as nossas coisas sozinhos. Não pedimos a ajuda de ninguém, nem ajudamos os outros com os seus problemas. E, acima de tudo, não nos oferecemos como paus-mandados do Adrian Carter. — Está nesta cama de hospital e não no Gabinete do primeiro-ministro. Isso faz com que Zizi al-Bakari e Ahmed bin Shafiq também sejam problemas meus. Além disso, o mundo mudou, Ari. Temos de trabalhar juntos, se queremos sobreviver. As regras antigas já não se aplicam.

Shamron ergueu a mão de veias salientes e apontou para o copo de plástico sobre a mesa-de-cabeceira. Gabriel levou-o aos lábios de Shamron, que bebeu a água por uma palhinha.

- Vai empreender essa missão a pedido de quem? — indagou Shamron. — Adrian Carter, ou de alguém mais acima? — Ao receber o silêncio de Gabriel, Shamron afastou, zangado, o copo de água. — Pretende me tratar como uma espécie de inválido? Ainda sou o conselheiro especial do primeiro-ministro para todos os assuntos relacionados a segurança e informações. Ainda sou... — A voz sumiu, com uma fadiga súbita.

- Ainda é o memuneh — concluiu Gabriel.

Em hebraico, memuneh significava o responsável. Durante muitos anos, esse título fora reservado a Shamron. — Não vai atrás de um garoto qualquer de Nablus, Gabriel. Seus alvos são Ahmed bin Shafiq e Zizi al-Bakari. Se alguma coisa sair mal, o mundo vai cair em cima, e de muito alto. E seu amigo Adrian Carter não estará lá para catar teus pedaços. Talvez fosse melhor falar comigo. Já fiz esse tipo de coisas uma ou duas vezes.

Gabriel espreitou para o corredor e pediu aos agentes de segurança ali destacados que garantissem que qualquer sistema de vigilância de Shamron fosse desligado. Voltou então a sentar-se na cadeira ao lado da cama e, com a boca perto do ouvido de Shamron, contou tudo. Pelo menos por um instante, o olhar de Shamron pareceu mais concentrado. Quando lhe apresentou a primeira questão, Gabriel quase foi capaz de imaginar o homem de ferro que lhe entrara na vida durante uma tarde de Setembro de 1972.

— Já se decidiu a usar uma mulher? Gabriel anuiu.

— Vai precisar de alguém cujos antecedentes aguentem o escrutínio dos seguranças de Zizi, pagos a peso de ouro. Não pode usar uma das nossas garotas, nem uma judia não israelense. Se Zizi desconfiar que está olhando para uma judia, vai afastar-se dela. Precisa de uma gentia.

— O que eu preciso — explicou Gabriel — é de uma garota americana.

— Onde vai consegui-la?

A palavra única com que Gabriel respondeu fez Shamron franzir o sobrolho. — Não gosto da ideia de sermos responsáveis por uma agente deles. E se alguma coisa der errado?

— O que poderia dar errado?

— Tudo — retorquiu Shamron. — Sabe disso melhor do que ninguém.

Shamron pareceu subitamente exausto. Gabriel baixou a luz do abajur da mesa-de-cabeceira.

— O que vai fazer? — interrogou Shamron. — Vais ler-me uma história?

— Vou fazer-lhe companhia até que adormeça.

— Gilah pode fazer isso. Vai para casa descansar. Bem vais precisar.

— Fico mais um pouco.

— Vai para casa — insistiu Shamron. — Tens uma pessoa a sua espera que está ansiosa para vê-lo.

Vinte minutos depois, quando Gabriel virou para a Rua Narkiss, viu luzes acesas no seu apartamento. Estacionou o Skoda à esquina e percorreu em silêncio o passeio escurecido até o prédio. Quando entrou no apartamento, o ar estava carregado com o aroma a baunilha. Chiara estava sentada de pernas cruzadas em cima da mesa de trabalho, banhada pela luz forte das lâmpadas de halogêneo. Observou Gabriel quando este entrou, desviando então mais uma vez o olhar para o que em tempos fora uma sala de estar meticulosamente decorada.

— Gostei do que fizeste com a casa, Gabriel. Por favor, diz-me que não te livraste da nossa cama também.

Gabriel abanou a cabeça e beijou-a.

— Quanto tempo vais ficar por cá? — perguntou Chiara.
— Tenho de partir amanhã de manhã.
— Para variar, o meu sentido de oportunidade foi perfeito. Quanto tempo vais estar ausente?
— Não te sei dizer.
— Podes levar-me contigo? Desta vez, não.
— Para onde vais?
Gabriel ergueu-a da mesa de trabalho e apagou as luzes.

13

LONDRES

— Preciso de um Van Gogh, Julian.
— Precisamos todos, meu querido.

Isherwood puxou a manga do casaco e olhou para o relógio. Eram dez da manhã. Em geral, por essa hora já se encontrava na galeria, e não a passear à beira do lago de St. Jamess Park. Fez uma breve pausa para observar uma flotilha de patos que cruzavam a água calma em direção à ilha. Gabriel aproveitou a oportunidade para dar uma vista de olhos ao parque, para ver se estavam a ser seguidos. Depois agarrou em Isherwood pelo cotovelo e puxou-o para a Horse Guards Road. Eram um par díspar, figuras de quadros diferentes. Gabriel trazia jeans escuros e sapatos de camurça que não emitiam qualquer ruído quando andava. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos do blusão de couro, os ombros curvados para a frente e os olhos verdes saltavam, inquietos, por todo o parque. Quinze anos mais velho do que

Gabriel e vários centímetros mais alto, Isherwood vestia um fato completo cinzento com riscas brancas e um sobretudo de lã. Os caracóis grisalhos tombavam soltos sobre a gola do sobretudo e saltitavam a cada passo desajeitado. Julian Isherwood tinha algo de precário na sua atitude. Como sempre, Gabriel teve de resistir ao impulso de ajudá-lo a equilibrar-se. Conheciam-se há trinta anos. O apelido tipicamente inglês e a posição social britânica ocultavam o fato de não ser, pelo menos tecnicamente, inglês de todo. Sim, tinha nacionalidade e passaporte britânicos, mas era de ascendência alemã, fora educado na França e era judeu de religião. Apenas um punhado de amigos de confiança sabia que Isherwood chegara a Londres em 1942 na condição de criança refugiada, depois de ter sido levado através dos Pirenéus por um par de pastores bascos. Ou que o pai, o afamado negociante de arte parisiense Samuel Isakowitz, fora assassinado no campo da morte de Sobibor, juntamente com a mãe de Isherwood. Havia mais uma coisa que Isherwood ocultava dos competidores no mundo

da arte londrino, bem como do resto do mundo. Segundo o léxico do Escritório, Julian Isherwood era um sayan, um ajudante judaico voluntário. Fora recrutado por Ari Shamron com um único objetivo: ajudar a construir e a manter o disfarce de um único agente muito especial.

— Como está o meu amigo Mario Delvecchio? — perguntou Isherwood. — Desapareceu sem deixar rasto — respondeu Gabriel. — Espero que a minha revelação não te tenha causado problemas.

— De todo.

— Não houve comentários nas ruas? Não fizeram perguntas embaraçosas nos leilões? Não tiveste visitas dos agentes do MI5?

— Estás a perguntar-me se as pessoas de Londres me veem como um espião israelense venenoso?

— É exatamente isso que estou a perguntar-te.

— Está tudo calmo nesta frente, mas também nunca tivemos uma relação muito visível, certo? É a tua maneira de ser. Não és visível com nada. És um dos dois ou três melhores restauradores de arte do mundo e ninguém sabe quem tu és. É uma pena.

Chegaram à esquina da Great George Street. Gabriel cortou à direita, para Birdeage Walk.

Quem sabe acerca de nós em Londres, Julian? Quem sabe que mantinhas uma relação profissional com o Mario?

Isherwood olhou para as árvores que ladeavam o passeio.

— Muito pouca gente. Jeremy Crabbe, da Bonhams, é claro. Continua possesso por lhe teres roubado aquele Rubens. — Isherwood levou a mão comprida e ossuda ao ombro de Gabriel. — Tenho um comprador. Agora só preciso do quadro. — Apliquei-lhe o verniz ontem, antes de sair de Jerusalém — explicou Gabriel.

— Vou utilizar um dos nossos exportadores para o trazer o mais depressa possível. Deves recebê-lo no final da semana. Por sinal, deves-me cento e cinquenta mil libras. — O cheque já está no correio, meu querido.

— Quem mais? — perguntou Gabriel. — Quem mais sabe de nós? Isherwood assumiu uma expressão pensativa.

— O maldito Oliver Dimbleby — respondeu. — Lembras-te do Oliver? Apresentei-o no Greens, uma bela tarde em que nós estávamos a almoçar. Aquele negociante atarracado de King Street. Certa vez tentou comprar-me a galeria. Gabriel lembrava-se. Ainda tinha, algures, o espalhafatoso cartão de visita dourado que Oliver lhe impingira. Oliver mal olhara na sua direção. Era a sua maneira de ser.

— Ao longo dos anos fiz muitos favores ao Crabbe — notou Isherwood. — O tipo de favores dos quais não gostamos de falar, no nosso ramo. Quanto ao Oliver

Dimbleby, ajudei-o a resolver uma grande trapalhada que ele fez com uma garota que trabalhava na galeria dele. Recebi a desgraçada. Dei-lhe trabalho. Ela trocou-me por outro negociante. É o que as minhas garotas fazem sempre. O que se passa comigo para afastar sempre as mulheres? Sou um alvo fácil, é o que é. As mulheres percebem isso. O teu bando também. O Herr Heller percebeu-o bem.

Herr Rudolf Heller, investidor de Zurique, era uma das identidades preferidas de Shamron. Fora nesse papel que recrutara Isherwood.

— Por sinal, como está ele?

— Enviou-te cumprimentos.

Gabriel baixou o olhar para a calçada úmida de Birdeage Walk. Do parque levantou-se um vento frio. Folhas mortas restolhavam no caminho dos dois homens.

— Preciso de um Van Gogh — repetiu Gabriel.

— Sim, eu ouvi da primeira vez. O problema é que eu não tenho um Van Gogh. Caso te tenhas esquecido, a Isherwood Fine Arts é especializada em pintores renascentistas.

Se queres impressionistas, tens de procurar noutro lado.

— Mas sabes onde posso encontrar um.

— A menos que o queiras roubar, neste momento não há nada no mercado... pelo menos que eu saiba.

— Mas isso não é verdade, certo, Julian? Tu sabes de um Van Gogh. Falaste-me sobre ele há séculos... uma história acerca de um O quadro desconhecido que o teu pai vira em Paris, entre as guerras. — Não foi só o meu pai — corrigiu Isherwood. — Também eu o vi. O Vincent pintou-o em Auvers, durante os últimos tempos de vida. Diz-se que pode ter sido a sua desgraça.

O problema o quadro não está à venda, e talvez nunca venha a estar. A família deixou-me bem claro que nunca se vai separar dele. E também fazem tenção de manter a sua existência em segredo.

— Conta-me outra vez essa história.

— Agora não posso, Gabriel. Tenho um compromisso na galeria às dez e meia. Cancela esse compromisso, Julian. Conta-me sobre o quadro.

Isherwood cruzou a ponte pedonal sobre o lago e dirigiu-se à galeria em St. Jamess. Gabriel enfiou as mãos um pouco mais fundo nos bolsos do blusão e seguiu-o.

— Alguma vez o limpaste? — perguntou Isherwood.

— Ao Vincent? Nunca.

— O que sabes sobre os seus últimos tempos de vida?

— O que toda a gente sabe, creio eu.

— Tretas, Gabriel. Não te faças de desentendido comigo. A tua cabeça é como um dicionário de arte.

— Foi no Verão de 1890, não foi?

Isherwood acenou a sua concordância professoral. — Continua, por favor. — Depois de o Vincent ter deixado o sanatório em Saint-Rémy, foi para Paris, ver o Theo e a Johanna. Visitou algumas galerias e exposições, e parou na loja de material artístico de Père Tanguy, para ver algumas telas que lá tinha guardadas. Três dias depois começou a ficar impaciente, por isso apanhou um trem para Auvers-sur-Oise, a cerca de trinta quilómetros de Paris. Pensou que Auvers seria ideal, um ambiente bucólico sossegado para o seu trabalho, mas próximo de Theo, a tábua de salvação financeira e emocional. Alugou um quarto por cima do Café Ravoux e entregou-se aos cuidados do Dr. Paul Gachet. Gabriel agarrou o braço de Isherwood e juntos aproveitaram uma brecha no trânsito e entraram na Marlborough Road. — Começou a pintar imediatamente. Tal como o espírito, o estilo estava mais calmo e discreto. A agitação e a violência que caracterizaram grande parte do seu trabalho em Saint-Rémy e em Aries desaparecera. Foi também extraordinariamente prolífico. Durante os dois meses que Vincent ficou em Auvers, produziu mais de oitenta quadros. Um quadro por dia. Às vezes dois.

Viraram para King Street. Gabriel parou de repente. Mais à frente, a bambolear-se pelo passeio na direção da entrada da casa de leilões Christies, estava Oliver

Dimbleby. Isherwood cortou de súbito para Bury Street e retomou a narrativa no ponto onde Gabriel parara.

— Quando o Vincent não estava à frente da tela, normalmente encontrava-se no quarto por cima do Café Ravoux, ou na casa de Gachet. Este era um viúvo com dois filhos, um rapaz de quinze anos e uma filha que fez vinte e um durante a estadia de Vincent em Auvers.

— Marguerite. Isherwood anuiu.

— Era uma jovem bonita, que se sentia bastante atraída pelo Vincent. Acedeu em posar para ele... infelizmente sem a autorização do pai. Pintou-a no jardim da casa da família, vestida com uma túnica branca.

— Marguerite Gachet no Jardim — disse Gabriel.

— E quando o pai descobriu, ficou furioso.

— Mas ela voltou a posar.

— Correto — asseverou Isherwood. — O segundo quadro é Marguerite Gachet ao Piano. Também surge em Vegetação com Duas Figuras, um trabalho profundamente simbólico que alguns historiadores de arte viram como uma profecia da morte do

próprio Vincent. Mas acredito que sejam Vincent e Marguerite a percorrer o corredor da igreja... a premonição de casamento de Vincent.

— Mas houve um quarto quadro de Marguerite?

Marguerite Gachet ao Toucador — clarificou Isherwood. — É de longe o melhor de todos. Apenas meia dúzia de pessoas o viu, ou sequer sabe que ele existe. O Vincent pintou-o poucos dias antes de morrer. E depois a obra desapareceu.

Caminharam até Duke Street e depois entraram numa passagem estreita, que dava acesso a um pátio quadrangular de tijolo chamado Masons Yard. A galeria de Isherwood ocupava um velho armazém vitoriano num canto, entalada entre os escritórios de uma empresa de navegação grega de pouca importância e um pub cheio de bonitas empregadas de escritório que dirigiam scooters. Isherwood fez menção de cruzar o pátio para se dirigir à galeria, mas Gabriel agarrou-lhe na lapela e puxou-o na direção oposta. Enquanto atravessavam o perímetro pelo meio das sombras frias, Isherwood comentou a morte de Vincent.

— Na noite de 27 de julho, Vincent voltou ao Café Ravoux, visivelmente em sofrimento, e subiu a custo a escada até seu quarto. Madame Ravoux seguiu-o e descobriu que fora alvejado. Mandou chamar um médico. Este, é claro, era o próprio Gachet. Decidiu deixar a bala na barriga do Vincent e convocou Theo a Auvers. Quando Theo chegou, na manhã seguinte, encontrou Vincent sentado na cama, fumando cachimbo. Morreu no fim desse dia.

Chegaram a uma zona iluminada pelo sol. Isherwood protegeu os olhos com a mão comprida.

— Existem muitas perguntas sem resposta quanto ao suicídio de Vincent. Não é claro onde conseguiu a arma, nem o local exato onde se alvejou. Também existem questões sobre a motivação. Terá sido o suicídio o culminar de uma longa batalha contra a loucura? Teria ficado perturbado com uma carta que recebera de Theo, onde este sugeria que não ia poder continuar a sustentá-lo, juntamente com a sua própria mulher e filho? Será que o Vincent se matou como parte de um plano para fazer com que o seu trabalho se tornasse relevante e comercialmente viável? Nunca fiquei muito satisfeito com nenhuma destas teorias. Acredito que tenha que ver com Gachet. Mais concretamente, com a filha do Dr. Gachet.

Voltaram a mergulhar nas sombras do pátio. Isherwood baixou a mão.

— No dia antes de se ter alvejado, Vincent foi a casa de Gachet. Discutiram violentamente e Vincent ameaçou Gachet com uma arma. Qual o motivo da discussão? Mais tarde, Gachet disse que teve que ver com uma moldura, consegues imaginar? Acredito que tenha sido por causa de Marguerite. Julgo que possa ter tido que ver com o Marguerite Gachet ao Toucador. É um trabalho maravilhoso, um dos melhores

retratos do Vincent. A pose e o cenário representam claramente uma noiva na noite de núpcias.

O significado não teria passado despercebido a um homem como Paul Gachet. Se viu o quadro, e não há razão para acreditar que não tivesse visto, terá ficado enraivecido. Talvez Gachet tenha dito a Vincent que o casamento com a filha estava fora de questão. Talvez tenha proibido o Vincent de voltar a pintá-la. Talvez o tenha proibido de voltar a vê-la. Apenas sabemos que Marguerite Gachet não esteve presente no funeral de Vincent, embora tenha sido vista no dia seguinte, lavada em lágrimas, a deixar girassóis na campa dele. Nunca se casou e viveu em Auvers quase como uma reclusa até que morreu, em 1949. Passaram a entrada da galeria de Isherwood e continuaram a andar.

— Depois da morte do Vincent, os quadros tornaram-se propriedade do Theo. Preparou o envio dos trabalhos que o Vincent produzira em Auvers e armazenou-os em Père Tanguy, em Paris. Claro que o Theo morreu pouco depois do Vincent, e os quadros passaram para Johanna. Nenhum outro familiar de Vincent quis algum dos seus trabalhos. O irmão de Johanna considerou-os inúteis e sugeriu que fossem queimados. — Isherwood parou. — Consegues imaginar? — Voltou a avançar com um passo largo. — Johanna catalogou o inventário e foi incansável a criar a reputação do Vincent. Deve-se a Johanna que Vincent van Gogh seja considerado um grande artista. Mas há uma omissão notória na lista de trabalhos conhecidos.

— Marguerite Gachet ao Toucador.

— Precisamente — confirmou Isherwood. — Terá sido um acidente, ou foi intencional? Nunca saberemos, claro está, mas tenho uma teoria. Acredito que Johanna soubesse que o quadro pode ter contribuído para a morte de Vincent. Seja qual for o caso, foi vendido por tuta-e-meia, cerca de um ano após a morte de Vincent, e nunca mais foi visto. E é nesse ponto que o meu pai entra na história.

Terminaram a primeira volta ao pátio e começaram uma segunda. Isherwood reduziu o ritmo quando começou a falar sobre o pai.

— Sempre foi um berlinense de coração. Teria lá permanecido sempre. Claro que não foi possível. O meu pai viu a tempestade que se aproximava e não perdeu tempo a sair da cidade. No final de 1936 tínhamos deixado Berlim e mudado para Paris. — Olhou para Gabriel.

— É pena que o teu avô não tenha feito o mesmo. Era um grande pintor, o teu avô. Descendes de uma bela linhagem, meu rapaz.

Gabriel mudou rapidamente de assunto.

— A galeria do teu pai ficava na rue de Ia Boétie, não era?

— É claro — replicou Isherwood. — Nessa altura, a rue de la Boétie era o centro do mundo da arte. Paul Rosenberg tinha a sua galeria no número 21. O Picasso e a Olga viviam no outro lado do pátio, no número 23. Georges Wildenstein, Paul Guillaume, Josse Hessel, Étienne Bignou... estava lá toda a gente. A Isakowitz Fine Arts ficava ao lado da galeria do Paul Rosenberg. Vivíamos num apartamento por cima das salas de exposição. Picasso era o meu "Tio Pablo". Costumava deixar-me vê-lo a pintar e a Olga dava-me chocolates até ficar maldisposto.

Isherwood permitiu-se esboçar um sorriso, que se desvaneceu rapidamente quando regressou à história do pai em Paris.

— Os alemães chegaram em Maio de 1940 e começaram a pilhar tudo. O meu pai alugou uma casa de campo em Bordeaux, no lado de Vichy da linha, e mudou para lá a maior parte de suas peças importantes. Seguimos pouco tempo depois. Os alemães entraram na zona não ocupada em 1942 e tiveram início as rusgas e as deportações. Ficamos encurralados. O meu pai pagou a dois pastores bascos para me levarem através das montanhas até Espanha. Entregou-me documentos, um inventário profissional e alguns diários. Foi a última vez que o vi. Ouviu-se uma buzina sonora em Duke Street e um esquadrão de pombos alçou voo no pátio envolto em sombras.

— Foram precisos anos até ler os diários. Num deles descobri uma entrada sobre um quadro que o meu vira certa noite em Paris, na casa de um homem chamado Isaac Weinberg.

— Marguerite Gachet ao Toucador.

— Weinberg disse ao meu pai que tinha comprado o quadro a Johanna, pouco depois da morte do Vincent, e que o oferecera à esposa como prenda de aniversário. Ao que parece, Mrs. Weinberg era parecida com Marguerite. O meu pai perguntou ao Isaac se estaria disposto a vendê-lo, mas a resposta foi negativa. Pediu ao meu pai que não mencionasse o quadro a ninguém, e ele fez-lhe a vontade. O celular de Isherwood chilreou e ele ignorou-o.

— No início da década de setenta, pouco antes de nos conhecermos, estive em Paris, em negócios. Fiquei com algumas horas entre compromissos e decidi procurar Isaac Weinberg. Fui à morada de Marais que estava nos cadernos do meu pai, mas Weinberg já lá não se encontrava. Não tinha sobrevivido à guerra. Mas conheci o filho, Marc, e falei-lhe da entrada no diário do meu pai. De início negou a história, mas acabou por ceder e permitiu-me que visse o quadro, não sem primeiro fazer-me jurar segredo eterno. Estava no quarto da filha. Perguntei-lhe se estaria interessado em desfazer-se dele. Recusou a oferta, é claro.

— Tens certeza de que é do Vincent?

— Sem sombra de dúvida. — E nunca mais lá voltaste?

— Monsieur Weinberg deixou bem claro que a pintura nunca estaria à venda. Achei que não fazia sentido lá voltar. — Isherwood deteve-se e encarou Gabriel. — Muito bem, meu querido. Já te contei a história. Imagino que me queiras explicar o que se passa.

— Preciso desse Van Gogh, Julian.

— Para quê?

Gabriel agarrou na manga de Isherwood e levou-o até a porta da galeria. Ao lado da porta de vidro havia um painel com intercomunicador, com quatro botões e respectivas placas de identificação. Num deles lia-se ISHRR OO FINE ARS: só com MARCAÇÃO. Isherwood abriu a porta com uma chave e conduziu Gabriel por um lance de escadas coberto por carpete marrom puído. À esquerda ficava uma pequena agência de viagens melancólica. A dona, uma solteirona chamada Miss Archer, estava sentada à secretária, à frente de um cartaz com um casal de ar feliz a chapinhar na água azul. A porta de Isherwood ficava à direita. A secretária mais recente, uma criatura de ar apologético chamada Tanya, olhou-os furtivamente quando Isherwood e Gabriel entraram.

— Este é Mr. Klein — apresentou-o Isherwood. — Quer ver uma coisa lá em cima. Sem interrupções, por favor. Bonita menina, Tanya, minha querida. Entraram para um elevador do tamanho de uma cabine telefônica e subiram tão próximos um do outro que Gabriel pôde sentir o cheiro do clarete da noite anterior no hálito de Isherwood. Segundos depois, o elevador parou com um solavanco e a porta abriu-se com um gemido. A sala de exposições de Isherwood encontrava-se na obscuridade, iluminada apenas pelo sol da manhã filtrado pela claraboia. Isherwood acomodou-se no divã forrado a veludo no centro da sala, enquanto Gabriel iniciava uma pequena visita. Os quadros eram quase invisíveis nas sombras profundas, mas conhecia-os bem: uma Vênus de Luini, uma natividade de Ferino dei Vaga, um batismo de Cristo de Bordone, uma paisagem luminosa de Claude.

Isherwood abriu a boca para falar, mas Gabriel levou um dedo aos lábios e retirou do bolso o que parecia ser um vulgar celular Nokia. Era com efeito um Nokia, mas o aparelho continha várias características adicionais que não estavam disponíveis para clientes normais, como por exemplo um sinalizador GPS e um instrumento capaz de detectar a presença de transmissores ocultos. Gabriel deu mais uma volta à sala, desta vez com os olhos na tela do telefone. Depois sentou-se ao lado de Isherwood e, em voz baixa, disse-lhe por que precisava do Van Gogh.

— Zizi al-Bakari? — perguntou Isherwood, incrédulo. — É um diabo de um terrorista? Tem certeza?

— Não é ele que coloca as bombas, Julian. Nem sequer fabrica as bombas. Mas financia as bombas e usa seu império empresarial para facilitar o movimento de homens e materiais pelo globo. Atualmente, é tão ruim quanto ser terrorista. Pior.

— Conheci-o há tempos, mas ele não se lembraria. Fui a uma festa na propriedade dele em Gloucestershire. Uma festa enorme. Um mar de gente. Zizi nunca esteve presente. Desceu no fim, como se fosse um Gatsby. Cercado por guarda-costas, mesmo dentro da casa dele. Um tipo estranho. Mas é um colecionador voraz, não é? Arte. Mulheres. Tudo o que o dinheiro possa comprar. É um rapace, pelo que ouvi dizer. Nunca fiz negócios com ele, claro está. Zizi não se sente inclinado para os Renascentistas. Prefere os Impressionistas e mais algumas coisas modernas. Os árabes são todos assim. Não gostam da imagética cristã da Renascença.

Gabriel sentou-se ao lado de Isherwood.

— Ele não tem um Van Gogh, Julian. De vez em quando dá a entender que anda à procura de um. E não de um Van Gogh qualquer. Deseja algo especial. — Pelo que ouvi dizer, é muito cuidadoso com o que compra. Gasta rios de dinheiro, mas fá-lo com prudência. Tem uma coleção digna de um museu, mas nunca me tinha apercebido de que lhe faltava um Van Gogh.

— O conselheiro de arte dele é um inglês chamado Andrew Malone. Conhece-o?

— Infelizmente, Andrew e eu nos conhecemos bem. Tem enfiado bem as mãos nos bolsos de Zizi. Passa férias no iate de Zizi. Segundo parece, é grande como um Titanic. Andrew é velhaco. E porco, também.

— Em que sentido?

— Recebe de dois lados, meu querido.

— Que quer dizer com isso, Julian?

— Andrew tem um acordo exclusivo com Zizi, o que significa que não deve receber dinheiro de outros negociantes ou colecionadores de arte. É assim que os tubarões como Zizi garantem que os conselhos que recebem não são maculados por conflitos de interesse.

— O que anda a tramar o Malone?

— Extorsão, duplas comissões, de tudo um pouco.

— Tens certeza?

— Absoluta, meu querido. Toda a gente sabe que para fazer negócio com Zizi é preciso pagar ao Andrew Malone.

De repente, Isherwood levantou-se do divã e percorreu a sala de exposições. — Então e qual é seu plano? Fazer Zizi do buraco dele com um Van Gogh? Aparecer com ele diante dos olhos dele e esperar que engula anzol, linha e boia? Mas do outro lado da linha vai estar alguma coisa, não é? Um dos seus agentes?

— Algo do gênero.

— E onde pensa fazer isso? Aqui, imagino?

Gabriel olhou para a sala com um ar de aprovação.

— Sim — respondeu. — Acho que serve perfeitamente.

— Já receava.

— Preciso de um negociante — explicou Gabriel. — Alguém bem conhecido no ramo. Alguém em que eu possa confiar.

— Trabalho com pintores renascentistas, não com impressionistas.

— Isso não interessa, com um negócio discreto como este.

Isherwood não argumentou. Sabia que Gabriel tinha razão.

— Já pensaste nas consequências para mói, se o teu esquema der resultado? vou ficar marcado. Desenrasco-me bem com fuinhas como o Oliver Dimbleby, mas o raios parta da Al-Qaeda é outra história.

— É óbvio que teremos de tomar medidas pós-operacionais para tua segurança.

— Adoro os teus eufemismos, Gabriel. Sempre que a verdade é demasiado horrível, tu e Shamron recorrem a eufemismos. Vão pôr a minha cabeça a prêmio. Vou ter de acabar com o negócio e me esconder.

Gabriel pareceu insensível aos protestos de Isherwood.

— Não está ficando mais jovem, Julian. Está quase no fim da linha. Não tem filhos. Não tem herdeiros. Quem vai ficar com a galeria? Além disso, já parou para pensar na comissão que vai receber pela venda particular de um Van Gogh desconhecido? Se juntar a isso o que vai ganhar com uma liquidação total, parece que as coisas podiam ser piores, Julian.

— Estou imaginando uma casinha no Sul da França. Um nome novo. Uma equipe de agentes do Escritório a protegerem-me durante a minha velhice. — Não te esqueças de me reservar um quarto. Isherwood voltou a sentar-se.

— O teu plano tem uma falha grave, meu querido. Vai ser mais fácil apanharem esse teu terrorista do que conseguir o Van Gogh. Partindo do princípio de que ainda está nas mãos da família Weinberg, o que te leva a pensar que vão abdicar dele?

— Ninguém disse que tinham de abdicar dele.

Isherwood sorriu.

— Vou buscar o endereço.

Gabriel abanou a cabeça. Almoçara no trem de Londres.

— Experimenta o borscht — insistiu Navot. — Não pode vir ao Jo Goldenberg sem comer borscht.

— Posso, sim — contrapôs Gabriel. — Comida roxa me deixa nervoso.

Navot chamou a atenção do empregado e pediu uma dose dupla de borscht e um copo de vinho tinto. Gabriel franziu o sobrolho e olhou pela janela. Uma chuva constante açoitava o pavimento da rue des Rosiers e quase que anoitecera. Pretendera encontrar-se com Navot noutro local que não no mais famoso restaurante do mais importante bairro judaico de Paris, mas Navot insistira no Jo Goldenberg, com base na sua crença de que o melhor lugar para esconder um pinheiro era numa floresta.

— Este sítio está a deixar-me nervoso — murmurou Gabriel. Vamos dar uma volta. — com este tempo? Nem penses. Além disso, ninguém te vai reconhecer nessa figura. Até eu mal reparei em ti quando entraste.

Gabriel olhou para o rosto fantasmagórico refletido no copo. Tinha um boné de bombazina, lentes de contato que lhe transformavam os olhos verdes em castanho e uma barbicha falsa que lhe acentuava as feições já por si estreitas. Viajara para Paris com um passaporte alemão com o nome Heinrich Kiever. Depois de chegar à Gare du Nord, passara duas horas a caminhar pelas margens do Sena, a confirmar que não estava a ser seguido. Na mochila tinha um exemplar usado de Voltaire que comprara numa bouquiniste no Quai Montebello.

Dirigiu a atenção para Navot. Era um homem entroncado, vários anos mais novo do que Gabriel, de cabelo louro curto e olhos azuis pálidos. Segundo o léxico do Escritório, era um katsa, um agente de campo infiltrado. Armado com toda uma série de línguas, um encanto velhaco e uma arrogância fatalista, penetrara em células terroristas palestinas e recrutara agentes em embaixadas árabes espalhadas pela Europa Ocidental. Tinha fontes em quase todos os serviços de espionagem e de segurança europeus e geria uma rede vasta de sayanim. Podia sempre contar com a melhor mesa da churrascaria do Ritz de Paris, pois o maître d'hôtel era um informante pago, como também o chefe das empregadas de limpeza. Vestia agora um casaco cinzento de tweed e uma camisola de gola alta preta, pois a sua identidade em Paris era a de Vincent Laffont, um escritor freelance de livros de viagens, de ascendência bretã, que passava a maior parte do tempo na estrada. Em Londres era conhecido como Clyde Bridges, diretor de marketing europeu de uma obscura empresa de software canadiana. Em Madrid era um alemão de recursos independentes que passava o tempo em cafés e em bares, e que viajava para aliviar o fardo de uma alma agitada e complexa.

Navot tirou da pasta um dossiê que colocou na mesa à frente de Gabriel.

— Aqui está a dona do teu Van Gogh — disse. — Dá uma olhada.

Gabriel levantou discretamente a capa. A fotografia mostrava uma atraente mulher de meia-idade com cabelo escuro ondulado, pele cor de azeitona e um longo nariz aquilino. Segurava um guarda-chuva aberto e descia um lance de degraus de pedra em Montmartre.

— Hannah Weinberg — informou Navot. — Quarenta e quatro anos, solteira, sem filhos. É um bom exemplo da atual demografia judaica. Filha única sem filhos. Pelo andar da carruagem, não vamos precisar de um Estado. — Navot baixou o olhar e revirou, taciturno, o prato de frango recheado com legumes. Tendia para períodos de desânimo, especialmente quando se tratava do futuro do povo judeu. — É dona de uma pequena boutique em Montmartre, na rue Lepic. Chama-se Boutique Lepic. Tirei a foto no início da tarde, quando estava a sair para almoçar. Ficamos com a impressão de que a boutique é mais um passatempo do que vocação. Dei uma vista de olhos às contas bancárias dela. O Marc Weinberg deixou à filha uma vida desafoçada.

O empregado aproximou-se e colocou um prato de uma mistela roxa à frente de Gabriel, que o empurrou de imediato para o centro da mesa. Não suportava o cheiro do borscht. Navot deitou um naco de pão para dentro do caldo e mergulhou-o com a colher.

— O Weinberg era um homem interessante. Era um advogado importante, aqui em Paris. Era também um militante das recordações. Pressionou bastante o Governo para que assumisse o papel dos franceses no Holocausto. Como resultado, ganhou uma certa impopularidade em alguns círculos parisienses.

— E a filha? Qual é a cor dela?

— Euro-socialista moderada, mas na França isso não é crime. Também herdou alguma militância do pai. Está envolvida com um grupo que tenta combater o anti-semitismo. Já se encontrou com o presidente francês. Vê debaixo da fotografia.

Gabriel encontrou um recorte de uma revista francesa sobre a onda de anti-semitismo na França. A fotografia acompanhante mostrava manifestantes judaicos numa marcha sobre as pontes do Sena. À frente da coluna, com um cartaz que dizia ACABEM com o ÓDIO JÁ, seguia Hannah Weinberg.

— Alguma vez foi a Israel?

— Pelo menos quatro vezes. Shabak está a investigar para garantir que ela não esteve em Ramallah, a conspirar com os terroristas. Tenho certeza de que não vão encontrar nada. Ela é sincera, Gabriel. Uma dádiva dos deuses da inteligência.

— Preferências sexuais?

— Homens, segundo julgamos. Está envolvida com um funcionário público.

— Judeu?

— Graças a Deus.

- Esteve na casa dela?
- Entrei com a equipe neviot.

As equipes neviot eram especializadas na obtenção de informações de locais como apartamentos, escritórios e quartos de hotel. A unidade empregava alguns dos melhores arrombadores e ladrões do mundo. Mais à frente na operação, Gabriel tinha outros planos para eles isso é claro, desde que Hannah Weinberg aceitasse separar-se do seu Van Gogh.

- Viste o quadro? Navot anuiu.
- Está no quarto de quando era pequena.
- Qual era o aspeto dele?

— Queres a minha avaliação de um Van Gogh? — Navot encolheu os ombros maciços. — É um quadro bonito, de uma garota sentada a um toucador. Não tenho uma veia artística, como tu. Sou mais virado para frango estufado e uma boa história de amor no cinema. Não estás a comer a tua sopa. — Não gosto, Uzi. Eu disse-te que não gostava.

Navot pegou na colher de Gabriel e mexeu o creme picante, aclarando o tom da mistura roxa.

— Demos uma vista de olhos aos papéis dela — continuou Navot. — Revistamos os armários e as gavetas. Também deixamos umas coisas no telefone e no computador. Nestas situações, todo o cuidado é pouco. — A casa está vigiada?

Navot pareceu ficar magoado com a pergunta.

- E claro — respondeu.
- O que estão a usar como posto de escuta?
- Por enquanto, uma van. Se ela concordar em ajudar-nos, vamos precisar de

algo mais permanente. Um dos rapazes da neviot já anda no bairro à procura de um apartamento adequado.

Navot afastou os restos do frango estufado e atacou o borscht de Gabriel. Apesar da sua sofisticação europeia, no fundo continuava a ser um camponês do shtetl. — Já sei no que isso vai dar — comentou, entre colheradas. — Vais à procura do mau da fira, e eu fico um ano inteiro a vigiar uma mulher. Mas sempre foi assim, não é? Ficas com a glória toda, enquanto a mão de obra de campo faz o trabalho sujo. Meu Deus, salvaste o papa. Como um simples morcomo eu pode competir com isso?

- Cala-te e come a sopa, Uzi.

Ser o favorito de Shamron tinha o seu preço. Gabriel estava habituado à inveja profissional dos colegas.

— Amanhã tenho de sair de Paris — disse Navot. — Vou estar fora apenas um dia.

— Aonde vai?

— Amos quer falar comigo. — Fez uma pausa, ao que acrescentou: — Acho que tem a ver com o cargo das Operações Especiais. O cargo que tu recusaste. Fazia sentido, pensou Gabriel. Navot era um agente de campo extremamente capaz, que participara em várias operações de monta, incluindo algumas com Gabriel. — É isso que quer, Uzi? Um trabalho no Boulevard King Saul?

Navot encolheu os ombros.

— Já ando no campo há muito tempo. Bella quer se casar. É difícil ter uma vida pessoal estável quando se vive assim. Às vezes, quando acordo de manhã, não faço ideia de onde vou estar no fim do dia. Posso tomar o pequeno-almoço em Berlim, almoçar em Amsterdam e estar no Rei Saul à meia-noite, apresentando relatório ao diretor. — Navot ofereceu um sorriso cúmplice a Gabriel. — É isso que os americanos não entendem. Enfiam os agentes em caixinhas e depois os castigam quando pisam na risca. O Escritório não é assim. Nunca foi. É por isso que temos o melhor trabalho do mundo... e é por isso que os nossos serviços são muito melhores que os deles. Não saberiam o que fazer com um homem como você.

Navot perdera o interesse no borscht. Empurrou-o, para que parecesse que Gabriel o comera. Gabriel pegou no copo de vinho, mas depois reconsiderou. Doía-lhe a cabeça por causa da viagem de trem e do tempo chuvoso de Paris, e o vinho tinha um cheiro tão apelativo como diluente.

— Mas tem o seu preço nos casamentos e nas relações, não é, Gabriel? Quantos de nós são divorciados? Quantos de nós tiveram romances com garotas no campo? Pelo menos se trabalhar em Tel Aviv vou estar mais vezes em casa. Continua a ser preciso viajar muito, mas não tanto como agora. A Bella tem uma casa perto da praia, em Cesareia. Vai ser uma boa vida. — Voltou a encolher os ombros.

— Escutem só. Estou falando como se Amos tivesse me oferecido o cargo. Amos não me ofereceu nada. Até pode estar me chamando ao Boulevard King Saul para me despedir.

— Não seja ridículo. É o homem mais indicado para o cargo. Vai ser meu chefe, Uzi.

— Seu chefe? Por favor. Você não tem chefes, Gabriel. Só o velhote.

A expressão de Navot tornou-se subitamente grave. — Como está ele? Ouvi dizer que não está bem.

— Vai se recuperar — assegurou-lhe Gabriel.

Ficaram em silêncio quando o empregado se aproximou da mesa e levantou os pratos. Ao afastar-se, Gabriel devolveu o dossiê a Navot, que o voltou a guardar na pasta.

— Como vai agir com Hannah Weinberg?

— Vou pedir que ceda um quadro que vale oitenta milhões de dólares. Tenho que contar a verdade... ou pelo menos uma versão da verdade. E depois teremos de lidar com as consequências da segurança.

— E quanto à abordagem? Vai dançar um pouco, ou vai cair matando?

— Eu não danço, Uzi. Nunca tive tempo para dançar.

— Pelo menos não terá problema em convencê-la de quem é. Graças aos serviços de segurança franceses, todos em Paris conhecem seu nome e seu rosto.

Quando pretende começar?

— Esta noite.

— Nesse caso, está com sorte.

Navot fitou a janela. Gabriel seguiu seu olhar e viu uma mulher de cabelo escuro descendo a rue des Rosiers, abrigada por um guarda-chuva. Levantou-se sem uma palavra e dirigiu-se à porta.

— Não se preocupe, Gabriel — resmungou Navot entre dentes. — Eu pago a conta.

No final da rua, ela virou à esquerda e desapareceu. Gabriel fez uma pausa à esquina e observou alguns ortodoxos de casaco negro a entrarem para uma sinagoga, para as orações da tarde. Depois olhou para a rue Pavée e viu a silhueta de Hannah Weinberg a entrar nas sombras. Parou à porta de um prédio de apartamentos e procurou a chave na mala. Gabriel cruzou o passeio e deteve-se a pouca distância dela, no momento em que a mulher esticava a mão para a fechadura.

— Mademoiselle Weinberg?

Virou-se e olhou-o calmamente na escuridão. Dos olhos emanava uma inteligência calma e sofisticada. Se ficou sobressaltada com a abordagem, não o mostrou.

— É Hannah Weinberg, não é?

— Em que posso ajudá-lo, Monsieur?

— Preciso da sua ajuda — disse Gabriel. — Pensei que talvez pudéssemos conversar em privado.

— Conhecemo-nos, Monsieur?

— Não — respondeu Gabriel.

— Nesse caso, como poderei ajudá-lo?

— Seria preferível discutirmos o assunto em particular, Mademoiselle.

— Não costumo ir a locais privados com desconhecidos, Monsieur. Agora, se me dá licença.

Virou-se e dirigiu outra vez a mão à fechadura.

— Tem que ver com o seu quadro, Mademoiselle Weinberg. Preciso falar com você sobre o seu Van Gogh.

Ela imobilizou-se e voltou a fitá-lo. O olhar continuava calmo.

— Lamento desapontá-lo, Monsieur, mas não tenho um Van Gogh. Se gostaria de ver algumas pinturas de Vincent, sugiro que visite o Musée d'Orsay.

Voltou a desviar o olhar.

— Marguerite Gachet ao Toucador — disse Gabriel calmamente. Foi adquirido pelo seu avô à viúva de Theo van Gogh, Johanna, e oferecido à sua avó como presente de aniversário. A sua avó tinha uma vaga semelhança com Mademoiselle Gachet.

Quando era pequena, o quadro estava no seu quarto. Devo continuar? A postura dela desapareceu. Quando voltou a falar, após um momento de silêncio espantado, a voz denotava uma veemência inesperada.

— Como sabe do meu quadro?

— Não tenho liberdade para o revelar.

— É claro que não. — A frase foi proferida como um insulto.

— O meu pai sempre me avisou que, um dia, um negociante de arte francês ganancioso iria tentar retirar-me o quadro. Não está à venda e, se por acaso desaparecer, garanto que a Polícia vai receber a sua descrição.

— Não sou negociante de arte... e não sou francês

— Então quem é o senhor? — questionou. — E o que pretende do meu quadro?

MARAIS, PARIS

O patio encontrava-se vazio e escuro, iluminado apenas pelas luzes das janelas dos apartamentos mais acima. Cruzaram-no em silêncio e entraram no hall, onde um antiquado elevador de portas de grades os aguardava. Ela preferiu a escada amplas e guiou-o até o terceiro andar. No patamar viam-se duas portas imponentes de mogno. A porta à direita não tinha identificação. Hannah Weinberg abriu-a e entraram. Gabriel registrou o fato de ela ter digitado um código no teclado antes de acender as luzes. Não havia dúvida de que Hannah Weinberg era boa a guardar segredos. O apartamento era grande, com um hall de entrada formal e uma biblioteca adjacente à sala. Via-se mobília antiga coberta de brocado, cortinados grossos de veludo nas janelas, e um relógio de ouropel com as horas erradas tiquetaqueava calmamente no rebordo da lareira. O olhar profissional de Gabriel dirigiu-se de imediato aos seis quadros a óleo bastante decentes que estavam pendurados nas paredes. A decoração criava o ar de uma era passada. Gabriel não ficaria surpreendido se visse Paul Gachet a ler o jornal à luz do gás.

Hannah Weinberg tirou o casaco e desapareceu na cozinha. Gabriel aproveitou a oportunidade para dar uma vista de olhos à biblioteca. Volumes encadernados a couro enchiam estantes de madeira com portas de vidro. Havia mais pinturas na divisão, paisagens prosaicas, um homem a cavalo, a obrigatória batalha marítima, mas nada que sugerisse que a dona pudesse também deter um Van Gogh perdido.

Regressou à sala no momento em que Hannah Weinberg surgia da cozinha com uma garrafa de Sancerre e dois copos. Entregou-lhe a garrafa e um saca-rolhas e observou-lhe cuidadosamente as mãos enquanto puxava a rolha. Não era tão atraente como parecera na fotografia de Uzi Navot. Talvez se devesse à luz parisiense, ou talvez praticamente qualquer mulher parecesse atraente a descer um lance de escadas em Montmartre. A saia de lã pregueada e a camisola pesada ocultavam o que Gabriel imaginava ser uma figura roliça. As sobrancelhas eram muito largas e emprestavam-lhe um ar de profunda seriedade ao rosto. Sentada como estava naquele momento, cercada pelas peças datadas da sala, parecia ter muito mais de quarenta e quatro anos de idade.

— Surpreende-me vê-lo em Paris, Monsieur Allon. Da última vez que li o seu nome no jornal, ainda era procurado para ser interrogado pela Polícia francesa. — Receio que ainda seja o caso.

— Mesmo assim, veio à França... só para falar comigo? Deve ser muito importante.

— É verdade, Mademoiselle Weinberg.

Gabriel serviu dois copos de vinho, entregou-lhe um e ergueu o outro num brinde silencioso. Ela imitou-o, ao que levou o copo aos lábios.

— Tem noção do que aconteceu aqui em Marais depois do atentado? — Hannah Weinberg respondeu à sua própria questão. — As coisas ficaram muito tensas. Dizia-se que tinha sido levado a cabo por Israel. Todos acreditavam que era verdade e, infelizmente, o Governo francês demorou muito tempo a lidar com a situação, mesmo depois de saberem que era mentira. Os nossos filhos foram agredidos nas ruas. Atiraram pedras às janelas e às vitrines. Escreveram coisas terríveis nas paredes de Marais e de outros bairros judeus. Sofremos bastante devido ao que aconteceu naquela estação ferroviária. — Lançou-lhe um olhar perscrutador, como se tentasse avaliar se fora mesmo aquele homem que vira nos jornais e na televisão. — Mas também sofreu, não foi? É verdade que a sua mulher esteve envolvida?

O tom direto da pergunta surpreendeu Gabriel. O seu primeiro instinto foi mentir, ocultar, levar mais uma vez a conversa para outro terreno. Mas tratava-se de um recrutamento — e Shamron dizia sempre que um recrutamento perfeito é, em essência, uma sedução perfeita.

E quando se estava a seduzir, obrigou-se Gabriel a recordar-se, era preciso revelar algo pessoal.

— Raptaram a minha esposa para me atraírem para a Gare de Lyon explicou. — Pretendiam matar-nos a ambos, mas também queriam desacreditar Israel e tornar a vida insuportável para os judeus da França.

— E conseguiram... pelo menos durante algum tempo. Não me interprete mal, Monsieur Allon, a situação continua difícil para nós. Apenas não tão má como nos dias que se seguiram ao atentado. — Bebeu mais um pouco de vinho, depois cruzou as pernas e alisou as pregas da saia. — Isto pode soar tolo, quando pensamos para quem trabalha, mas como descobriu o meu Van Gogh? Gabriel ficou em silêncio por um instante e depois respondeu-lhe com sinceridade. A menção da visita de Isherwood àquele apartamento havia mais de trinta anos fez com que esboçasse um vago sorriso de recordação. — Acho que me lembro dele — disse. — Um homem alto, muito elegante, cheio de charme e de graciosidade, mas, ao mesmo tempo, um tanto ou quanto vulnerável.

— Fez uma pausa, ao que acrescentou: — Tal como o senhor.

— Charme e graciosidade são qualidades que raramente me atribuem. — E vulnerabilidade? — Ofereceu-lhe mais um sorriso breve, que lhe aliviou a seriedade do

rosto. — Todos nós somos vulneráveis até certo ponto, não é verdade? Até mesmo alguém como o senhor? Os terroristas descobriram o seu ponto fraco e exploraram-no. É o que fazem de melhor. Exploram a nossa decência.

O nosso respeito pela vida. Atacam o que nos é mais caro. Navot tinha razão, pensou Gabriel. Ela era uma dádiva dos deuses da inteligência. Pousou o copo sobre a mesa de centro. Os olhos de Hannah seguiram os movimentos.

— O que aconteceu a esse homem, Samuel Isakowitz? — perguntou Hannah. — Conseguiu se salvar?

Gabriel abanou a cabeça.

— Ele e a mulher foram capturados em Bordeaux, quando os alemães se deslocaram para o sul.

— Para onde foram enviados?

— Sobibor.

Sabia o que isso significava. Gabriel não precisava dizer mais nada.

— E seu avô? — perguntou ele.

Hannah olhou para o Sancerre por um momento, antes de responder.

— Jeudi Noir — disse. — Conhece o termo?

Gabriel aquiesceu com solenidade. Jeudi Noir. Quinta-Feira Negra. — Na manhã do dia 16 de Julho de 1942, quatro mil agentes da Polícia francesa invadiram Marais e outros bairros judeus de Paris, com ordens para deter vinte e sete mil judeus imigrantes da Alemanha, da Áustria, da Polônia, da União Soviética e da Checoslováquia. Meu pai e os meus avós estavam na lista. Sabe, os meus avós eram de Lublin, na Polónia. Os dois polícias que bateram à porta deste apartamento tiveram pena do meu pai e disseram-lhe que fugisse. Uma família católica que vivia no andar de baixo acolheu-o e aí ficou até a libertação. Os meus avós não tiveram a mesma sorte. Foram enviados para o campo de detenção de Drancy. Cinco dias depois, partiram num vagão selado para

Auschwitz. É claro que foi o seu fim.

— E o Van Gogh?

— Não houve tempo para tomar providências, e não havia ninguém em Paris em quem o meu avô pudesse confiar. Estávamos em guerra, sabe. As pessoas traíam-se por meias e por cigarros. Quando ouviu dizer que estavam a prender os judeus, retirou a pintura do esticador e escondeu-a por baixo de uma tábua do soalho da biblioteca. Depois da guerra passaram-se anos até que o meu pai conseguisse recuperar o apartamento. Uma família francesa tinha-se mudado para cá depois de os meus avós terem sido presos, e não estavam dispostos a abdicar de um bom apartamento na rue Pavée. Não se podia censurá-los.

— Em que ano o seu pai recuperou a posse da casa?

— Em 1952.

— Dez anos — disse Gabriel. — E o Van Gogh ainda lá estava?

— Tal como o meu avô o deixara, escondido debaixo do soalho da biblioteca.

— Espantoso.

— Sim — concordou. — O quadro está na família Weinberg há mais de um século, atravessou a guerra e o Holocausto. E agora está a pedir-me para abrir mão dele.

— Não quero que abra mão da pintura — asseverou Gabriel.

— Então de que se trata?

— Apenas preciso de... — Fez uma pausa, em busca da palavra correta. — Preciso alugá-lo.

— Alugar? Durante quanto tempo?

— Não lhe sei dizer. Talvez um mês. Talvez seis meses. Talvez um ano, ou mais.

— com que objetivo?

Gabriel não estava preparado para responder. Pegou a rolha e usou a unha do polegar para arrancar uma lasca.

— Sabe quanto vale aquele quadro? — indagou Hannah. — Se está pedindo que o ceda, mesmo que por pouco tempo, creio que tenho o direito de saber o motivo.

— É verdade — concordou Gabriel —, mas também deve saber que se lhe contar a verdade sua vida nunca mais será a mesma.

Hannah serviu-se de mais vinho e segurou o copo de encontro ao corpo por um momento, sem o beber.

— Há dois anos, houve um ataque particularmente violento aqui em Marais. Um menino ortodoxo foi emboscado por um bando de norte-africanos, quando ia para casa. Pegaram-lhe fogo ao cabelo e gravaram-lhe uma suástica na testa. Ainda tem a cicatriz. Organizamos uma manifestação com o objetivo de pressionar o Governo francês a fazer alguma coisa quanto ao antissemitismo. Quando nos manifestávamos na place de la Republique, houve uma contramanifestação anti-israelense. Sabe o que eles nos gritavam?

— Morte aos judeus.

— E sabe o que disse o presidente francês?

— Não há antissemitismo na França.

— Desde esse dia, a minha vida nunca mais foi a mesma. Além disso, como já deve ter percebido, sei guardar um segredo. Diga-me para que quer o meu Van Gogh, Monsieur Allon. Talvez possamos chegar a um acordo.

A van de vigilância neviot estava estacionada junto ao Parc Royal. Uzi Navot bateu duas vezes com os nós dos dedos no vidro traseiro espelhado e a porta foi-lhe aberta de imediato. Um agente neviot estava sentado ao volante. O outro estava nas traseiras, curvado sobre uma consola eletrônica com um par de fones nos ouvidos. — O que há? — perguntou Navot.

— Gabriel já a conquistou — respondeu o neviot. — E agora vai cair matando.

Navot colocou os fones e ouviu Gabriel contar a Hannah Weinberg a forma como usaria o Van Gogh para localizar o homem mais perigoso do mundo. A chave estava guardada na gaveta de cima da secretária da biblioteca. Hannah utilizou-a para destrancar a porta ao fundo do corredor escuro. A divisão atrás da porta era um quarto de criança. O quarto de Hannah imobilizado no tempo, pensou Gabriel. Uma cama de dossel com pálio de renda. Prateleiras repletas de animais de pelúcia e brinquedos. Um poster de um ator americano charmoso. E, pendurado sobre uma cômoda provençal francesa, envolto nas sombras profundas, um quadro perdido de Vincent van Gogh.

Gabriel avançou lentamente e deteve-se à frente dele, a mão direita no queixo, a cabeça um pouco inclinada. Depois estendeu a mão e tocou de leve nas pinceladas sumptuosas. Eram de Vincent — Gabriel tinha certeza. Vincent em chamas. Vincent apaixonado. O restaurador avaliou calmamente o alvo. O quadro parecia nunca ter sido limpo. Estava coberto por uma leve camada de sujidade e apresentava três rachas horizontais — resultado, imaginou Gabriel, de ter sido enrolado com demasiada força por Isaac Weinberg, na véspera da Jeudi Noir. — Imagino que devamos falar sobre o dinheiro — comentou Hannah. — Quanto pensa o Julian que vai render?

— À volta de oitenta milhões. Permitti que retirasse uma comissão de dez por cento, como compensação pelo papel na operação. O restante dinheiro será de imediato transferido para si.

— Setenta e dois milhões de dólares?

— Mais milhão, menos milhão, é claro. E quando a operação terminar?

— Recupero o quadro. — Como pretende fazê-lo?

— Deixe isso comigo, Mademoiselle Weinberg.

— E o que acontece aos setenta e dois milhões, quando me devolver o quadro?

Mais milhão, menos milhão, é claro.

— Pode ficar com os juros acumulados. Para além disso, vou pagar-lhe uma taxa de aluguer. O que acha de cinco milhões de dólares?

Hannah sorriu.

— Parece-me bem, mas não pretendo ficar com o dinheiro para mim. Não quero o dinheiro deles.

— Nesse caso, o que tenciona fazer? Hannah explicou-lhe.

— Parece-me muito bem — replicou Gabriel. — Negócio fechado, Mademoiselle Weinberg?

— Sim — assentiu ela. — Negócio fechado.

Depois de sair do apartamento de Hannah Weinberg, Gabriel dirigiu-se a uma casa de segurança do Escritório, perto do Bois de Boulogne. Vigiam-na durante três dias. Gabriel apenas a viu nas fotografias de vigilância e só ouviu a sua voz nas gravações. Todas as noites as escutava, em busca de sinais de traição, ou de indiscrição, mas apenas encontrou fidelidade. Na véspera do dia em que deveria entregar o quadro, ouviu-a a chorar baixinho e percebeu que se despedia de Marguerite.

Na manhã seguinte, Navot trouxe o quadro, enrolado numa manta velha que viera do apartamento de Hannah. Gabriel chegou a pensar em enviá-lo para Tel Aviv através de um correio, mas acabou por decidir ser ele próprio a levá-lo da França. Retirou-o da moldura e depois soltou a tela da armação. Quando a enrolou cuidadosamente, pensou em Isaac Weinberg, na véspera da Jeudi Noir. Agora, em vez de escondida por baixo do soalho, estava oculta em segurança por baixo do forro falso da mala de Gabriel. Navot levou-a à Gare du Nord. Um agente da Estação de Londres estará à espera em Waterloo — disse Navot. — Ele o leva a Heathrow. El Al está à espera. Vão garantir que não tenha problema com a bagagem.

— Obrigado, Uzi. Não demora e vai deixar de me fazer preparativos para as viagens.

— Eu não teria assim tanta certeza.

— As coisas não correram bem com Amos?

— Ele é muito fechado.

— O que disse ele?

— Disse que precisava de uns dias para pensar.

— Não estava esperava que ele te oferecesse o cargo de mão beijada, certo?

— Nem sei o que esperava.

— Não se preocupe, Uzi. Vai ficar com o cargo.

Navot parou no acostamento, a um quarteirão da estação.

— Pode dar uma palavrinha por mim na King Saul, Gabriel? Amos gosta de você.

— O que leva você a dizer isso?

— É fácil de ver — explicou-lhe. — Todos gostam de você.

Gabriel saiu do carro, retirou a mala do banco traseiro e desapareceu no interior da estação. Navot esperou na beira até cinco minutos depois da hora da partida de Gabriel. Depois arrancou para o meio do trânsito e afastou-se.

Quando Gabriel chegou, o apartamento estava às escuras. Acendeu uma lâmpada e ficou aliviado ao ver o estúdio intato. Entrou no quarto e viu Chiara sentada na cama. Lavara o cabelo e o prendera com um elástico de veludo. Gabriel retirou-o e desabotoou sua camisola. Enquanto faziam amor, o quadro ficou a seu lado.

— Sabe — comentou Chiara —, a maior parte dos homens volta de Paris com um lenço Hermès e um perfume.

À meia-noite, o telefone tocou. Gabriel atendeu antes do segundo toque. — Estarei lá amanhã — disse, após um momento, e desligou.

— Quem era? — perguntou Chiara. — Adrian Carter.

— O que ele queria?

— Quer que vá imediatamente para Washington.

— O que há em Washington?

— Uma garota — explicou Gabriel. — Carter encontrou a garota.

16

MCLEAN, VIRGÍNIA

— Como foi o voo?

— Nunca mais acabava.

— São as correntes de jato do outono — explicou Carter, com um certo pedantismo. — Atrasa pelo menos duas horas os voos da Europa para a América.

— Israel não fica na Europa, Adrian. Israel fica no Oriente Médio.

— Sério?

— Pergunte a seu diretor de informações. Ele esclarece a confusão.

Carter lançou um olhar de desdém a Gabriel, ao que devolveu a atenção à estrada. Dirigiam-se a Washington no Volvo amolgado de Carter, através da Dulles Access Road. Carter vestia um casaco de bombazina com remendos nos cotovelos, o que reforçava a imagem acadêmica. Só lhe faltava o saco de lona para os livros e a caneca personalizada. Conduzia bem abaixo do limite de velocidade e olhava com frequência para o espelho retrovisor.

— Estamos a ser seguidos? — perguntou Gabriel.

— Polícia de trânsito — explicou Carter. — São fanáticos, nesta estrada. Algum problema com o controle do passaporte?

— Nenhum — respondeu Gabriel. — Por acaso, pareciam muito contentes por me verem.

Era algo que Gabriel nunca compreendera em relação à América

— a cordialidade dos agentes de fronteira. Sempre vira algo de reconfortante no mau humor enfadado dos israelenses que carimbavam passaportes no Aeroporto Ben-Gurion. Os funcionários aduaneiros americanos eram demasiado cordiais. Olhou pela janela. Tinham deixado a Dulles Access Road e seguiam agora por McLean. Apenas estivera uma vez na Virgínia, para uma visita breve a uma casa de segurança da CIA, nas profundezas da terra dos cavalos, perto de Middleburg. Considerou McLean o típico subúrbio americano, limpo e próspero, mas com uma certa falta de vida. Atravessaram o bairro comercial da baixa e depois entraram numa secção residencial com grandes casas que pareciam saídas de um panfleto imobiliário. Os empreendimentos tinham nomes como Merrywood e Colonial Estates. Um sinal rodoviário flutuou na sua direção: CENTRO DE INFORMAÇÃO GEORGE BUSH.

— Não vais levar-me à sede, certo?

— É claro que não — garantiu Carter. — Vamos para o Bairro.

Gabriel sabia que o Bairro era a forma como os habitantes de Washington se referiam à pequena aldeia no Potomac. Cruzaram um viaduto sobre a autoestrada e entraram numa zona de encostas e matas densas. Por entre as árvores, Gabriel avistou casas imponentes em frentes ao rio.

— Como se chama?

— Sarah Bancroft — respondeu Carter. — O pai era executivo da divisão internacional do Citibank. Cresceu quase sempre na Europa. Ao contrário da maioria dos americanos, sente-se confortável no estrangeiro. Fala algumas línguas estrangeiras. Sabe usar os talheres na altura correta.

— Estudos?

— Regressou à América para fazer o curso superior. Licenciou-se em História da Arte em Dartmouth, e depois estudou no Courtauld Institute of Art, em Londres. Imagino que conheças o Courtauld?

Gabriel anuiu. Era uma das mais prestigiadas escolas de arte do mundo. Nele tinham-se formado nomes como um certo negociante de arte de St. James chamado Julian Isherwood.

— Depois do Courtauld, fez um doutorado em Harvard prosseguiu Carter. — Agora é conservadora do Phillips Colletion, em Washington. É um pequeno museu, perto de...

— Eu conheço o Phillips Colletion, Adrian.

— Desculpe — lamentou-se Adrian, sinceramente. Um veado surgiu de entre as árvores e cruzou-se no caminho do carro. Adrian levantou o pé do acelerador e observou o animal a desaparecer em silêncio na mata escura.

— Como ficaram sabendo dela? — perguntou Gabriel, mas Carter não respondeu. Estava inclinado sobre o volante, a perscrutar as árvores ao longo da estrada, à procura demais veados.

— Quando aparece um — explicou —, normalmente há mais.

— Como os terroristas — comentou Gabriel. Repetiu a pergunta.

— Ela candidatou-se aos nossos serviços poucos meses depois do onze de Setembro — explicou Carter. — Tinha acabado o doutorado. Parecia interessante na ficha, por isso a chamamos e entregamos aos psiquiatras do RH. Interrogaram-na e não gostaram do que viram. Independente demais, foi o que disseram. Talvez até um pouco inteligente demais para seu próprio bem. Quando a recusamos, foi parar no Phillips. — Estás a oferecer-me uma das suas rejeitadas?

— Não é um termo que se aplique a Sarah Bancroft. — Carter retirou uma fotografia do bolso do casaco, que entregou a Gabriel. Sarah Bancroft era uma mulher extremamente bonita, de cabelo louro à altura dos ombros, maçãs do rosto largas e olhos grandes da cor de um céu límpido de Verão.

— Idade?

— Trinta e um.

— Por que não é casada?

Carter hesitou por um momento.

— Por que não é casada, Adrian?

— Teve um namorado em Harvard, um jovem advogado chamado Ben Callahan.

As coisas acabaram mal.

— O que aconteceu com Ben?

— Pegou um avião para Los Angeles no Logan Airport na manhã do 11 de setembro de 2001.

Gabriel estendeu a fotografia a Carter.

— Zizi não vai contratar alguém que tenha sido afetado pelo Onze de Setembro. Trouxe-me aqui para nada, Adrian.

Carter manteve as mãos no volante.

— Ben Callahan era um namorado de escola, não era um marido. Além disso, Sarah nunca fala sobre ele com ninguém. Quase tivemos de arrancar essa informação. Ela receava que a morte do Ben a perseguisse para o resto da vida, que as pessoas a tratassem como se fosse uma viúva aos vinte e seis anos. Ela não fala no assunto. Esta semana demos por aí uma olhada. Ninguém sabe.

— Os cães de guarda de Zizi vão fazer mais do que dar uma vista de olhos, Adrian. E se lhes der o cheiro do onze de Setembro, ele vai fugir dela a sete pés. — Por falar em Zizi, a casa dele é já ali à frente.

Carter reduziu para fazer uma curva. Um enorme portão de segurança em ferro e tijolo surgiu-lhes à esquerda. Por detrás do portão, um extenso caminho de acesso alcatroado subia até uma imponente mansão em frente ao rio. Gabriel desviou o olhar quando passaram pela propriedade.

— Zizi nunca vai ficar a saber do Ben — garantiu Carter. — Estás disposto a apostar a vida da Sarah quanto a isso?

— Fala com ela, Gabriel. Dá-me a tua opinião. -Já sei qual é a minha opinião. Ela é perfeita.

— Então qual é o problema?

— Se cometermos um erro que seja, Zizi vai dar cabo dela. É esse o problema, Adrian.

A rapidez com que chegaram ao centro de Washington surpreendeu Gabriel. Num momento estavam numa estrada rural de duas vias, no extremo do vale do Potomac, e no outro arrastavam-se pela Q Street, no meio da hora de ponta de Georgetown. Assumindo o papel de guia turístico, Carter disse as casas dos residentes mais conhecidos do bairro. Com a cabeça encostada ao vidro, Gabriel nem sequer era capaz de reunir energias para fingir estar interessado. Atravessaram uma ponte curta, guardada em cada extremidade por um par de enormes búfalos manchados, e entraram na zona diplomática da cidade. Logo a seguir à Massachusetts Avenue, Carter apontou para uma estrutura atoreada de tijolo, do lado esquerdo da rua.

— Aquele é o Phillips — disse Adrian, prestativo. Gabriel olhou para a direita e viu uma versão em bronze de Mohandas Gandhi a caminhar num parque triangular minúsculo. Porquê Gandhi? interrogou-se. O que teriam os ideais do Mahatma que ver com aquele centro de poder americano?

Carter percorreu mais um quarteirão e estacionou na zona diplomática reservada à frente de uma embaixada latino-americana de aspeto banal. Deixou o motor ligado e não deu indicação de pretender sair do carro.

— Esta zona da cidade chama-se Dupont Circle — explicou, ainda à laia de guia turístico. — É o que pretende ser a vanguarda de Washington.

Um agente da Divisão Uniformizada do Serviço Secreto bateu ao vidro de Carter e fez-lhe sinal para seguir viagem. Sempre a olhar em frente, Carter encostou a identificação ao vidro e o agente regressou ao carro patrulha. Momentos depois, algo no espelho retrovisor chamou a atenção de Carter.

— Aí vem ela — disse.

Gabriel olhou pela janela quando Sarah Bancroft passou por eles, vestindo um sobretudo comprido de cintura estreita. Tinha uma pasta de pele numa mão e um celular na outra. Gabriel ouviu-lhe a voz quando ela passou. Grave, sofisticada, um

toque de pronúncia inglesa — remanescente, sem dúvida, do tempo passado em Courtauld, e de uma infância vivida em escolas internacionais no estrangeiro.

— O que acha? — perguntou Carter.

— Já te digo.

Chegou à esquina da Q Street com a 20th Street. Na esquina oposta ficava uma praça repleta de vendedores ambulantes e com um par de escadas rolantes que davam na estação de metrô de Dupont Circle. O semáforo de Sarah estava vermelho. Sem parar, desceu do passeio e começou a atravessar a estrada. Quando um taxista buzinou em protesto, ela lançou-lhe um olhar capaz de derreter gelo e prosseguiu com a conversa. Depois cruzou lentamente o passeio e entrou na escada rolante descendente. Com admiração, Gabriel observou-a a desaparecer de vista.

— Tem mais alguma como ela?

Carter tirou um celular do bolso e marcou um número.

— Vamos embora — disse. Momentos depois, uma grande Suburban preta contornou a esquina e estacionou ilegalmente na Q Street, em frente às escadas rolantes. Cinco minutos mais tarde, Gabriel voltou a vê-la, desta vez a surgir lentamente das profundezas da estação de metro. Já não estava a falar ao telefone, nem se encontrava sozinha. Era acompanhada por dois agentes de Carter, um homem e uma mulher, um em cada braço, para o caso de ela mudar repentinamente de ideias. A porta traseira da Suburban abriu-se e Sarah Bancroft desapareceu. Carter ligou o motor e regressou a Georgetown.

17

GEORGETOWN

A Suburban preta deteve-se quinze minutos mais tarde à porta de uma casa de estilo federal em N Street. Quando Sarah subiu os degraus curvos de tijolo, a porta abriu-se de repente e uma figura surgiu nas sombras do pórtico. Vestia calça caqui e jaqueta com remendos nos cotovelos. O olhar denotava um curioso distanciamento clínico que lembrou a Sarah o terapeuta que consultara após a morte de Ben.

— Chamo-me Carter — apresentou-se, como se dissesse se tivesse lembrado de súbito. Não disse se era o nome próprio ou o apelido, apenas que era verdadeiro. — Já não uso nomes esquisitos — explicou. — Agora pertenço à Sede.

Sorriu. Era um sorriso artificial, como o foi o breve aperto de mão. Convidou-a a entrar e, mais uma vez, conseguiu transmitir a ideia de uma inspiração súbita.

— E você é a Sarah — informou-a, enquanto a guiava pelo vasto salão central. — Sarah Bancroft, conservadora do conceituado Phillips Collection. Sarah Bancroft, que num ato de coragem nos ofereceu os seus serviços depois do onze de Setembro, mas que foi recusada e a quem lhe disseram que não fazia falta.

Como vai o seu pai?

Sarah ficou surpreendida com a repentina mudança de assunto.

— Conhece o meu pai?

— Nunca nos encontramos. Trabalha para a Citicorp, não é?

— Sabe muito bem para quem ele trabalha. Por que me pergunta?

Por onde anda ele? Londres? Bruxelas? Hong Kong? Paris — respondeu. — É a última comissão. Vai reformar-se para o ano que vem.

— E depois volta para casa? Sarah abanou a cabeça.

— Vai ficar em Paris. Com a nova mulher. Os meus pais divorciaram-se há dois anos. Ele voltou a casar-se de imediato. Para ele, tempo é dinheiro.

— E a sua mãe? Onde está ela?

— Em Manhattan.

— Costuma ver o seu pai?

— Festas. Casamentos. O típico almoço constrangedor, sempre que ele vem à América. O divórcio dos meus pais foi mau. Todos tomaram partidos, incluindo os filhos. Por que está a fazer-me essas perguntas? O que pretende de...

— Acredita nisso? — atalhou Carter.

— Acredito no quê? — Em tomar partidos.

— Acho que depende das circunstâncias. Isto faz parte dos testes? Pensei que tivesse chumbado nos testes.

— E chumbou — garantiu Carter. — Redondamente. Entraram na sala. Estava mobilada com a elegância formal mas anônima normalmente reservada às suítes dos hotéis. Carter ajudou-a a despir o casaco e convidou-a a sentar-se.

— Nesse caso, por que voltei?

— Este é um mundo fluido, Sarah. As coisas mudam. Diga-me uma coisa, em que circunstâncias julga que é correto tomar partidos?

— Nunca pensei muito no assunto.

— Claro que pensou — contrapôs Carter e, pela segunda vez, Sarah viu o terapeuta, sentado no cadeirão de motivos florais, com a caneca de cerâmica equilibrada no joelho, levando-a a visitar locais onde ela preferia não entrar. — Vamos, Sarah — dizia Carter. — Dê-me um exemplo em que acredite que se deve tomar partidos.

— Acredito no bem e no mal — respondeu, erguendo um pouco o queixo. — O que talvez sirva para explicar o motivo por que chumbei nos testes. O seu mundo é em tons de cinzento. Em geral, vejo as coisas a preto e branco.

— Foi isso que o seu pai lhe disse? era Ben quem a acusava dessa falha.

— Qual o objetivo disto? — perguntou. — Por que estou aqui? Mas Carter continuava a analisar as implicações da última resposta.

— E quanto aos terroristas? — perguntou, e Sarah ficou mais uma vez com a impressão de que o homem acabara de pensar na questão. — É sobre isso que me questiono. Como eles se encaixam no mundo do bem e do mal da Sarah Bancroft? Serão maus, ou será que a sua causa é legítima? Seremos vítimas inocentes, ou será que fomos nós que provocamos esta calamidade? Devemos ficar sentados e aguentar, ou teremos o direito de lhes resistir com toda a nossa força e raiva?

— Sou conservadora-assistente do Phillips Colletion — disse-lhe.

— Quer mesmo que teça considerações sobre a moral do contraterrorismo?

— Nesse caso, vamos restringir a nossa questão. Sempre me pareceu útil fazê-lo. Vejamos como exemplo o homem que levou o avião do Ben contra o World Trade Center. — Carter fez uma pausa. — Recorde-me, Sarah, em que avião estava Ben?

— Sabe muito bem em que avião ele estava — retorquiu. — No Voo 175 da United.

— Que era pilotado por...

— Marwan al-Shehhi.

— Imaginemos por um momento que Marwan al-Shehhi conseguiu sobreviver. Eu sei que é uma loucura, Sarah, mas acompanhe meu raciocínio. Imagine que ele conseguiu voltar ao Afeganistão ou ao Paquistão ou a qualquer outro santuário terrorista. Imagine que sabíamos quem era. Deveríamos enviar o FBI com um mandado de captura, ou deveríamos tratar dele de modo mais eficaz? Homens de negro? Forças especiais? Um míssil Hellfire lançado de um drone?

— Creio que sabe o que faria.

— Imagine que desejo ouvi-lo de sua boca, antes de continuarmos.

— Os terroristas declararam guerra — acusou Sarah. — Atacaram nossas cidades, mataram os nossos cidadãos e tentaram prejudicar a estabilidade do nosso governo.

— Nesse caso, o que deveríamos fazer?

— Deviam ser enfrentados com dureza.

— E o que significa isso?

— Homens de negro. Forças especiais. Um míssil Hellfire lançado de um drone.

— E quanto ao homem que lhes dê dinheiro? Será igualmente culpado? E, se assim for, até que ponto?

— Talvez dependa de ele saber para que serve esse dinheiro.

— E se ele soubesse muito bem para que serve esse dinheiro?

— Nesse caso, é tão culpado como o homem que jogou o avião na torre.

— Estaria confortável, ou mesmo justificada, em agir contra tal indivíduo?

— Ofereci ajuda há cinco anos — acusou, com um tom de desprezo. —

Disseram que não era adequada para este tipo de trabalho. E agora querem minha ajuda?

Carter não pareceu abalado com o protesto. Sarah sentiu uma empatia súbita pela mulher daquele homem.

— Ofereceu ajuda e nós a tratamos de uma forma miserável. Receio que sejamos muito bons nisso. Queria poder dizer o quanto estávamos errados. Talvez pudesse confortá-la com um pedido de desculpas falso. Mas sinceramente, Miss Bancroft, não há tempo. — A voz apresentava agora um tom que até então estava ausente. — Assim sendo, acho que preciso de uma resposta direta. Ainda quer ajudar? Quer combater os terroristas, ou prefere voltar a sua vida e esperar que não volte a acontecer?

— Combater? — indagou Sarah. — Certamente há pessoas mais indicadas para isso.

— Há muitas formas de combate, Sarah.

A jovem hesitou. Carter acentuou o silêncio repentino com uma observação prolongada das próprias mãos. Não era o tipo de homem que repetia perguntas. Nesse aspeto, era muito parecido com o pai dela.

— Sim — acabou por dizer. — Quero.

— E se para isso tivesse de trabalhar com uma agência de espionagem que não a CIA? — perguntou Carter, como se debatesse uma teoria abstrata. — Uma agência bastante próxima de nós na luta contra o terrorismo islâmico? — E qual seria essa agência?

Carter era bom a esquivar-se a perguntas e voltou a prová-lo.

— Gostaria que conhecesse uma pessoa. É um homem sério. Uma espécie de diamante em bruto. Vai colocar-lhe algumas questões. Na verdade, vai interrogá-la durante algumas horas. Por vezes talvez se torne um pouco pessoal. Se gostar do que vir, vai pedir-lhe que nos ajude num empreendimento muito importante. Não é isento de riscos, mas é essencial para a segurança dos Estados Unidos, e tem o nosso apoio incondicional. Se estiver interessada, permaneça onde está. Caso contrário, saia, e fingimos que entrou aqui por acaso.

Sarah nunca saberia ao certo a forma como Carter o chamara, ou de onde surgira. Era pequeno e magro, com cabelo muito curto e têmporas grisalhas. Tinha os olhos mais verdes que Sarah alguma vez vira. Tal como o de Carter, o aperto de mão foi breve, mas analisador, como o toque de um médico. Falava um inglês fluente, mas com uma pronúncia cerrada. Se tinha nome, não era relevante. Instalaram-se na mesa comprida da sala de jantar formal, Carter e o colaborador anônimo de um lado, e Sarah do outro, como se de um suspeito numa sala de interrogatório se tratasse. O colaborador detinha agora a posse do seu dossiê da CIA. Folheava lentamente as páginas, como se as visse pela primeira vez, o que ela duvidava fosse o caso. A primeira questão foi-lhe apresentada com um leve tom acusatório.

— A sua dissertação para o doutorado em Harvard teve como tema os expressionistas alemães.

Parecia um ponto estranho para começar. Sentiu-se tentada a perguntar qual o interesse no tema da dissertação, mas limitou-se a acenar com a cabeça e a responder:

— Sim, exatamente. Deparou-se com um homem chamado Viktor Frankel, durante a sua pesquisa?

— Era discípulo de Max Beckmann — disse Sarah. — Hoje em dia Frankel é pouco conhecido, mas na altura era considerado de extrema influência e era tido em muito boa consideração pelos contemporâneos. Em 1936, os nazistas consideraram seu trabalho degenerado e foi proibido de continuar a pintar. Infelizmente, decidiu permanecer na Alemanha. Quando resolveu partir, era demasiado tarde. Foi deportado para Auschwitz em 1942, juntamente com a esposa e com a filha adolescente, Irene. Apenas Irene sobreviveu. Foi para Israel depois da guerra e tornou-se uma das artistas mais influentes do país nas décadas de cinquenta e sessenta. Acho que morreu há alguns anos.

— Exatamente — asseverou o colaborador de Carter, os olhos ainda no dossiê de Sarah.

— Por que ficou interessado em Viktor Frankel?

— Porque era meu avô.

— É filho da Irene?

— Sim. Irene era minha mãe.

Sarah olhou para Carter, que fitava as próprias mãos.

— Acho que sei quem comanda este seu empreendimento. Voltou a dirigir a atenção para o homem de têmporas grisalhas e olhos verdes. — É israelense.

— Sou culpado desse crime. Continuamos, Sarah, ou prefere que eu saia?

Sarah hesitou por um instante, e depois anuiu.

— Posso ter um nome, ou são proibidos?

O colaborador deu-lhe um nome. Era vagamente familiar. E então lembrou-se de onde o vira. O agente israelense que esteve envolvido no atentado na Gare de Lyon, em Paris... — Foi o homem que...

— Sim — atalhou ele. — Fui eu.

Voltou a olhar para o dossiê e virou a página.

— Mas voltemos a você, está bem? Temos muito que fazer e estamos limitados de tempo.

Começou lentamente, um montanhista a abrir caminho nos contrafortes, a guardar as forças para os perigos invisíveis que o esperavam mais à frente. As questões eram breves, eficientes e apresentadas de forma metódica, como se as lesse de uma lista previamente elaborada, o que não era o caso. Dedicou a primeira hora à família. O pai, o importante executivo da Citicorp, que não dispusera de tempo para os filhos, mas encontrara muito para outras mulheres. A mãe, cuja vida se desmoronara após o divórcio e que vivia agora como uma eremita, no seu apartamento de Manhattan, na Quinta Avenida. A irmã mais velha, que Sarah descreveu como "aquela que ficou com a inteligência e com a beleza". O irmão mais novo, que abandonara a família cedo e que naquele momento, para desapontamento do pai, trabalhava por um ordenado mísero numa loja de aluguer de esquis, algures no Colorado.

Depois da família, a hora seguinte foi dedicada em exclusivo à dispendiosa educação na Europa. A jovem americana em St. Johns Wood, onde completara a escola primária.

A escola internacional de Paris, onde aprendera a falar francês e a meter-se em sarilhos. O internato feminino nos arredores de Genebra, onde fora encarcerada pelo pai, com o objetivo de "pôr a cabeça no lugar". Fora na Suíça, adiantou Sarah de moto próprio, que descobrira a paixão pela arte. Cada resposta era recebida pelo arranhar da caneta. Escrevia com tinta vermelha num bloco de folhas da cor dos girassóis. Ao início, Sarah julgou que ele escrevia em estenografia, ou com algum tipo de hieróglifos. Depois percebeu que tirava notas em hebraico. O fato de estar a escrever da direita para a esquerda, e de escrever com a mesma rapidez com ambas as mãos, apenas servia para aprofundar a sensação de que atravessara para o outro lado do espelho.

Por vezes, era como se ele dispusesse de todo o tempo do mundo. De outras vezes, lançava olhares ao relógio de pulso e franzia o sobrolho, como se calculasse até onde poderia avançar, antes de fazer alto para a noite. A espaços, utilizava outras línguas. O francês era muito bom. O italiano era impecável, embora dotado de um vago sotaque que traía o fato de não ser falante nativo. Quando se dirigiu a Sarah em alemão, verificou-se uma mudança. As costas endireitaram-se. As feições severas endureceram. Sarah respondeu-lhe na língua da questão, mesmo tendo as palavras

sido registradas em hebraico no bloco amarelo. Em geral não a pôs em causa, embora quaisquer inconsistências, reais ou imaginadas, fossem avaliadas com um zelo inquisitorial.

— Esta paixão pela arte — referiu ele. — Como julga que começou? Porquê arte? Por que não literatura, ou música? Por que não cinema, ou drama?

— Os quadros viraram refúgio. Um santuário.

— Do quê?

— Da vida real.

— Era uma menina rica das melhores escolas da Europa.

O que havia de mal com sua vida? — Mudou do inglês para o alemão no meio da frase.

— Fugia do quê?

— Está me julgando — respondeu Sarah, na mesma língua.

— É claro.

— Podemos falar em inglês?

— Se tiver de ser.

— Os quadros são outros mundos. Outras vidas. Um instante no tempo que existe na tela e em mais lado nenhum. — Gosta de habitar esses locais.

Foi uma observação e não uma pergunta. Sarah aquiesceu em resposta. — Gosta de viver outras vidas? Assumir outras personalidades? Gosta de passear através dos campos de trigo de Vincent, pelos jardins floridos de Monet?

— Até mesmo pelos pesadelos de Frankel.

A caneta foi colocada de lado pela primeira vez.

— Foi por isso que se candidatou à CIA? Porque queria ter outra vida? Porque queria transformar-se noutra pessoa?

— Não. Queria servir meu país.

Sarah recebeu um franzir de cenho reprovador, como se a resposta fosse ingênua. O colaborador olhou mais uma vez para o relógio. O tempo estava contra ele.

— Conheceu árabes enquanto crescia na Europa?

— Claro.

— Rapazes? Garotas?

— Ambos.

— Que tipo de árabe?

— Árabes com duas pernas. Árabes de países árabes.

— Você é mais inteligente do que isso.

— Libaneses. Palestinos. Jordanianos. Egípcios.

— E sauditas? Estudou com sauditas?

- Havia duas garotas sauditas na escola suíça.
- Eram ricas, essas garotas sauditas?
- Éramos todas ricas.
- Foi amiga delas?
- Era difícil conhecê-las. Afastavam-se muito. Eram reservadas.
- E os rapazes árabes?
- O quê?
- Foi amiga de algum?
- É possível.
- Chegou a namorar algum? Dormiu com algum?
- Não.
- Por que não?
- Acho que as minhas preferências não incluíam árabes.
- Teve namorados franceses?
- Alguns.
- Ingleses?
- Claro.
- Mas árabes não?
- Árabes não.
- Tem preconceito com árabes?
- Não seja ridículo.
- Nesse caso, é concebível que poderia ter namorado um árabe. Só por acaso

não o fez.

- Espero que não peça para servir de isca com meu corpo, pois...
- Não seja ridícula.
- Então por que faz estas perguntas?
- Porque quero saber se estaria confortável num ambiente social e profissional

com árabes.

- A resposta é sim.
- Não vê automaticamente um terrorista quando olha para um árabe?
- Não.
- Tem certeza. Sarah?
- Dependa do tipo de árabe em que se pensa.

Gabriel olhou para o relógio.

— Está ficando tarde — disse, para ninguém em especial. A pobre Sarah deve estar esfomeada. — Traçou uma linha vermelha grossa pela folha de hieróglifos. — Vamos encomendar comida, sim? Vai se sentir melhor depois de comer alguma coisa.

Encomendaram espetos de um restaurante no centro de Georgetown. A comida chegou vinte minutos depois, entregue pela mesma Suburban preta que trouxera Sarah três horas antes. Gabriel considerou a chegada como sinal para dar início à sessão da noite. Ao longo dos noventa minutos seguintes, concentrou-se na educação de Sarah e no seu conhecimento de história da arte. As perguntas sucediam-se tão rapidamente que ela mal teve tempo de comer. Quanto ao prato de Gabriel, permaneceu intato ao lado do bloco de notas amarelo. E um asceta, pensou Sarah. Não se deixa incomodar pelos alimentos. Vive num quarto vaio e subsiste com pão e algumas gotas de água por dia. Pouco depois da meia-noite, Gabriel levou o prato até a cozinha e deixou-o sobre a bancada. Quando regressou à sala de jantar, ficou alguns momentos de pé, atrás da cadeira, uma mão no queixo e a cabeça inclinada de leve. A luz do candelabro dera-lhe um tom esmeralda aos olhos, que a perscrutavam sem dó, como holofotes, já vê o cume, pensou Sarah. Está a preparar o assalto final.

— Pelo seu dossiê, vejo que é solteira.

— Exatamente.

— Está envolvida com alguém, neste momento?

— Não.

— Anda a dormir com alguém?

Sarah mirou Carter, que lhe respondeu com um olhar triste, como se dissesse, Eu avisei que as coisas podiam tornar-se pessoais.

— Não, não ando a dormir com ninguém.

— Por que não? — Já perdeu alguém que lhe fosse próximo?

A expressão sombria que lhe assomou o rosto, a par da mudança agitada de posição de Carter, alertou-a para o fato de estar a entrar em território proibido. — Sinto muito — desculpou-se. — Não queria...

— Imagino que seja por causa do Ben. O Ben é a razão para não estar envolvida com ninguém?

— Sim, é o Ben. É claro que é o Ben.

— Fale-me dele.

Sarah abanou a cabeça.

— Não — respondeu, em voz baixa. — Não vai saber sobre o Ben. Ele é meu. Ben não faz parte do acordo.

— Quanto tempo namoraram?

— Já lhe disse...

— Quanto tempo andou com ele, Sarah? É importante, ou não perguntaria.

— Uns nove meses.

— E depois terminou?

— Sim, terminou.

— Foi você que terminou a relação, não foi?

— Sim.

— Ben estava apaixonado por você. Ben queria se casar com você.

— Sim.

— Mas não sentia o mesmo. Não estava interessada em casamento. Talvez não estivesse interessada em Ben.

— Gostava muito dele...

— Mas?

— Mas não estava apaixonada.

— Fale-me sobre a morte dele.

— Não pode estar falando sério....

— Falo muito sério.

— Não falo sobre a morte dele. Nunca falo sobre a morte de Ben. Além disso, sabe muito bem como foi. Ben morreu às nove e três da manhã, hora do Leste, ao vivo, na televisão. O mundo inteiro viu Ben a morrer. Por acaso não viu?

— Alguns passageiros do Voo 175 conseguiram dar telefonemas.

— Verdade.

— O Ben foi um deles?

— Sim.

— Telefonou ao pai? — Não.

— Telefonou à mãe?

— Não.

— Ao irmão? À irmã?

— Não.

— Para quem ele telefonou, Sarah?

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Telefonou para mim, seu filho da puta.

— O que disse ele?

— Disse que o avião tinha sido desviado. Disse que tinham matado os comissários. Disse que o avião fazia movimentos bruscos. Disse que me amava e que sentia muito. Estava prestes a morrer e pediu desculpas. E depois a ligação caiu.

— O que fez?

— Liguei a televisão e vi a fumaça saindo da Torre Norte do World Trade Center. Foi alguns minutos depois da colisão do Voo 11. Ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo. Telefonei para a FAA e contei sobre a ligação de Ben. Telefonei para o FBI. Telefonei para Polícia de Boston. Sentia-me tão impotente.

— E depois?

— Vi televisão. Esperei que o telefone voltasse a tocar. Não tocou. Às nove e três da manhã, hora de leste, o segundo avião colidiu com o World Trade Center. A Torre Sul estava em chamas. Ben estava queimando.

Uma lágrima única escorreu-lhe pela face. Sarah limpou-a e lançou um olhar furioso a Gabriel, — Está satisfeito?

Gabriel permaneceu em silêncio.

— Agora é a minha vez de fazer uma pergunta. Se não me responder com sinceridade, vou-me embora.

Pergunte-me o que quiser, Sarah. — O que pretende de mim?

— Queremos que se despeça do seu emprego no Phillips Collection e que vá trabalhar para a Jihad Limitada. Continua interessada?

Ficou para Carter a tarefa de lhe apresentar o contrato. Carter, com a sua integridade puritana e o casaco de bombazina. Carter, com a sua atitude terapêutica e o inglês de pronúncia americana. Gabriel esgueirou-se como um gatuno na noite e atravessou a estrada até o Volvo amolgado de Carter. Sabia qual iria ser a resposta de Sarah. Já a tivera. A Torre Sul estava em chamas, dissera ela. O Ben estava a arder. E assim, Gabriel não ficou preocupado com a expressão de quem ia para a força no rosto de Sarah quando, vinte minutos depois, saiu, estoica, da casa e desceu o lance de escadas até a van que a aguardava. Também não ficou incomodado com a visão de Carter, cinco minutos mais tarde, a atravessar lentamente a rua, como um cangalheiro a dirigir-se a um caixão. Sentou-se ao volante e ligou o motor.

— Há um avião em Andrews à espera para levá-lo de volta a Israel — disse. — Faremos uma parada no caminho. Há uma pessoa que quer dar uma palavrinha com você antes de partir.

Passava da meia-noite. A rua era dos caminhões de entregas noturnas e dos táxis. Carter seguia a uma velocidade acima do normal e olhava com frequência para o relógio.

— Ela não será barata, sabe. Vai ter um preço. Tem de ser realojada quando a operação terminar, e vai ser protegida por muito tempo.

— Mas vai tratar disso, não vai, Adrian? Você tem o dinheiro. O orçamento da espionagem americana é bem maior que o do nosso país inteiro.

— Esqueceu que esta operação não existe? Além disso, você vai ficar com muito dinheiro de Zizi.

— Certo — disse Gabriel. — Diga a Sarah Bancroft que ela vai passar os próximos dez anos num kibbutz na Galileia, escondida das forças da jihad global.

— Está bem, pagamos o realojamento.

Carter deu uma série de voltas. Por momentos, Gabriel perdeu a noção da rua em que se encontravam. Passaram pela fachada de um grande edifício neoclássico e depois entraram num acesso de aspeto oficial. À esquerda ficava uma guarita fortificada, com vidros à prova de bala. Carter baixou o vidro e entregou a identificação ao guarda.

— Estão a nossa espera.

O guarda consultou uma prancheta e depois devolveu a identificação de Carter.

— Avancem e parem à frente da barricada à esquerda. Os cães vão dar a volta ao carro e depois podem entrar.

Carter aquiesceu e subiu o vidro. Gabriel perguntou:

— Onde estamos?

Carter contornou as barricadas e parou onde lhe tinha sido indicado.

— Na porta das traseiras da Casa Branca — explicou.

— com quem vamos falar? — indagou Gabriel, mas Carter trocava impressões com outro agente, que procurava controlar um grande pastor alemão que puxava a grossa coleira de couro. Gabriel, cujo pavor de cães era lendário no Escritório, permaneceu imóvel, enquanto o animal esquadrihava cada centímetro do Volvo, em busca de explosivos ocultos. Momentos depois, atravessavam outro portão de segurança. Carter estacionou num lugar vago no Acesso Executivo Leste e desligou o motor.

— Só venho até aqui.

— com quem vou falar, Adrian?

— Entra por aquele portão e vai até a casa. Ele sai não tarda nada.

Os cães foram os primeiros a aparecer, dois terriers pretos que saíram disparados pela Entrada Diplomática como balas do cano de uma arma, e atacaram a calça de Gabriel. O presidente surgiu alguns segundos depois.

Avançou para Gabriel com a mão estendida, enquanto a outra gesticulava para que os terriers cessassem a investida. Os dois homens apertaram brevemente as mãos e depois começaram a percorrer o caminho que contornava o Gramado Sul. Os terriers lançaram mais um ataque aos tornozelos de Gabriel. Carter observou Gabriel a virar-se e a murmurar algumas palavras em hebraico que fizeram com que os cães procurassem o abrigo de um agente do Serviço Secreto.

A conversa durou apenas cinco minutos e pareceu a Carter que o presidente tomara conta das palavras. Moveram-se rapidamente, parando apenas uma vez para resolver o que parecera um pequeno desentendimento. Gabriel retirou as mãos dos bolsos e usou-as para ilustrar um argumento que tentava defender. De início, o

presidente não pareceu convencido, mas depois aquiesceu e deu uma palmada forte nos ombros de Gabriel.

Completaram o circuito e separaram-se junto à Entrada Diplomática. Quando Gabriel começou a voltar ao estacionamento, os cães partiram atrás dele, mas rapidamente se viraram e correram para a Casa Branca, atrás do dono. Gabriel atravessou o portão aberto e entrou no carro.

- Como te pareceu ele? — perguntou Carter quando viraram para a 5th Street.
- Resoluto.
- Parece que chegaram a discutir.
- Diria que foi um desacordo político.
- Sobre o quê?
- Foi uma conversa privada, Adrian, e vai continuar assim.
- Bonito menino — disse Carter.

18

LONDRES

O anúncio de que a Isherwood Fine Arts vendera Daniel no Covil do Leão, de Petrus Paulus Rubens, pela quantia de dez milhões de libras surgiu na primeira quarta-feira do novo ano. Na sexta-feira, o clamor fora abafado pelo rumor que dizia que Isherwood encontrara uma colaboradora.

Oliver Dimbleby, a nêmesis rechonchuda de Isherwood na King Street, foi o primeiro a tomar conhecimento da notícia, embora, mais tarde, até mesmo Dimbleby tivesse dificuldade em identificar a origem precisa do boato. Se bem se lembrava, a semente fora plantada por Penelope, a dona voluptuosa do pequeno bar em Jermyn Street onde Isherwood era visto com frequência a passar certas tardes indolentes. — É loura — comentara Penelope. — Loura natural, Oliver. Não é como as tuas meninas. É bonita. Uma americana com um toque de pronúncia inglesa. — Ao início, Penelope julgara que Isherwood estava mais uma vez a fazer figura de tolo com uma mulher mais nova, mas em breve se apercebeu de que testemunhava uma entrevista de emprego. — E não era um emprego qualquer, Oliver. Parecia alguma coisa em grande.

Dimbleby teria ignorado o caso se não lhe contassem de uma segunda ocorrência, desta vez através de Percy, um mexeriqueiro afamado que servia à mesa na sala de pequeno-almoço do Dorchester Hotel.

— Com certeza que não eram amantes — garantiu a Dimbleby com a segurança de um homem que sabia o que estava a dizer. — Só falavam de salários e de regalias. Houve muito regateio. Ela estava a fazer-se difícil. — Dimbleby passou dez libras a

Percy e indagou se teria ouvido o nome da mulher. — Bancroft — respondeu Percy. — Sarah Bancroft. Ficou duas noites. A conta foi paga na totalidade pela Isherwood Fine Arts, Masons Yard, St. James. Um terceiro avistamento, um jantar agradável no Mirabelle, confirmou a Dimbleby que algo se passava. Na noite seguinte cruzou-se com Jeremy Crabbe, diretor do Departamento de Pintores Renascentistas de Bonhams, no bar do restaurante Greenes. Crabbe bebia um uísque bem servido e recuperava ainda da jogada monumental de Isherwood.

— Eu tive aquele Rubens, Oliver, mas o Julian bateu-me. Agora está dez milhões mais rico e eu vou enfrentar o pelotão de fuzilamento pela alvorada. E vai expandir o negócio. Pelo que ouvi dizer, vai arranjar uma representante vistosa. Mas eu não disse nada, Oliver. Isso não passa de má língua. — Quando Dimbleby perguntou se a representante de Isherwood poderia, na verdade, ser uma americana chamada Sarah Bancroft, Crabbe ofereceu-lhe um sorriso matreiro. — Tudo é possível, meu querido. Lembra-te de que estamos a falar do Juicy Julian Isherwood.

Durante as quarenta e oito horas seguintes, Oliver Dimbleby dedicou o seu abundante tempo livre à investigação da proveniência de uma tal de Sarah Bancroft. Um companheiro de copos que ensinava em Courtauld descreveu-a como sendo "um meteoro". O mesmo companheiro soube através de um conhecido de Harvard que a dissertação de Sarah era leitura obrigatória para todos os que se interessassem a sério pelos expressionistas alemães. Dimbleby telefonou então a um velho compincha que limpava quadros na National Gallery of Art em Washington, e pediu-lhe que buscasse pistas no Phillips sobre a saída de Sarah. Fora uma questiúncula monetária, relatou o compincha. Dois dias mais tarde voltou a ligar a Dimbleby e disse que tivera qualquer coisa que ver com um caso amoroso no trabalho que correra mal. Uma terceira chamada trouxe como novidade que Sarah Bancroft separara-se amigavelmente do Phillips Collection, e que o motivo da partida não passava do desejo de voos mais altos. No que dizia respeito à vida pessoal, o que significava o estado civil, era descrita como solteira e indisponível.

O que deixava apenas uma pergunta sem resposta: por que estaria Isherwood de repente à procura de uma colaboradora? Jeremy Crabbe ouvira dizer que ele estava doente. Roddy Hutchinson soubera que ele tinha um tumor na barriga do tamanho de um melão. Penelope, a garota do bar de Isherwood, descobrira que ele estava apaixonado por uma divorciada grega e que tencionava passar o resto da vida em fornicção idílica numa praia de Mikonos. Embora considerasse divertidos os boatos exuberantes, Dimbleby suspeitava que a verdade talvez fosse bastante mais prosaica. Julian estava a envelhecer. Julian estava cansado. Julian tinha acabado de dar um golpe de mestre. Por que não encontrar alguém para aliviar o fardo?

As suspeitas foram confirmadas três dias depois, quando um pequeno artigo surgiu no fundo da página dedicada às artes do Times, onde se anunciava que Sarah Bancroft, anteriormente conservadora do Phillips Collection de Washington, iria juntar-se à Isherwood Fine Arts como diretora-adjunta. "Já ando nisto há quarenta anos", dissera Isherwood ao Times. "Precisava de alguém para me ajudar a suportar o fardo e os anjos enviaram-me a Sarah." Sarah chegou uma semana depois, na segunda-feira. Por coincidência, Oliver Dimbleby percorria Duke Street com seu bambolear no preciso momento em que ela entrou na passagem para Masons Yard, capa da Burberry e o cabelo louro puxado para trás, o que o fazia cair por entre os ombros como uma capa de cetim. Dimbleby não sabia de quem se tratava, mas, sendo ele como era, espiou através da passagem para apreciar a retaguarda. Para sua surpresa, Sarah ia para a galeria de Isherwood no canto oposto do pátio. Nesse primeiro dia tocou na campainha e foi obrigada a aguardar dois longos minutos até que Tanya, a secretária letárgica de Isherwood, abrisse a porta. Era praxe de Tanya com a garota nova, pensou Dimbleby. Imaginou que Tanya já não estaria lá na sexta-feira.

O impacto foi instantâneo. Sarah era um furacão. Sarah era uma lufada de ar fresco essencial. Sarah era tudo o que Isherwood não era: expedita, organizada, disciplinada e, é claro, muito americana. Começou a chegar todos os dias à galeria pelas oito da manhã. Isherwood, habituado a passear até o trabalho no horário italianizado das dez, foi obrigado a adaptar-se. Sarah organizou seus registros caóticos e decorou o enorme gabinete que partilhavam. Substituiu as letras em falta no intercomunicador e o carpete puído na escada. Deu início ao processo doloroso de liquidar o vasto estoque encalhado de Isherwood e começou uma negociação discreta para ocupação do espaço adjacente, no momento sede da sombria agência de viagens de Miss Archer.

— Ela é americana — comentou Dimbleby. — É expansionista por natureza. Vai conquistar o país e depois explica que foi para seu próprio bem.

Afinal, Tanya não sobreviveu até sexta-feira: foi vista deixando definitivamente a galeria no fim da tarde de quarta-feira. Foi Sarah quem tratou da saída, conseguindo uma tranquilidade rara na Isherwood Fine Arts. A indenização generosa

— Muito generosa, pelo que ouvi dizer — disse Dimbleby — permitiu umas férias longas e merecidas no Marrocos. Na segunda-feira seguinte, havia uma nova garota a serviço da Isherwood, uma italiana alta, pele cor de azeitona, cabelo escuro revoltado e olhos de caramelo, chamada Elena Farnese. Uma sondagem espontânea de Roddy Hutchinson descobriu que, entre os homens de St. James, ela era considerada ainda mais bonita do que a encantadora Sarah. O nome "Isherwood Fine Arts" assumiu de repente um novo significado entre os locatários de Duke Street, e a galeria foi alvo

de uma invasão de visitantes e observadores. Até mesmo Jeremy Crabbe, da Bonhams, começou a aparecer sem aviso, somente para apreciar a coleção de Isherwood.

Após ter dinamizado a galeria, Sarah começou a estabelecer contatos com os compatriotas. Marcou reuniões formais com as principais figuras de várias casas de leilões londrinas. Esteve em lautos almoços com colecionadores e tomou drinques tranquilos de fim de tarde com os respectivos conselheiros, consultores e variados acompanhantes. Visitou as galerias dos competidores de Isherwood para os cumprimentar. Passou uma ou duas vezes pelo bar no Greens e pagou uma rodada aos rapazes. Oliver Dimbleby conseguiu finalmente encontrar coragem e convidou-a para almoçar, mas Sarah, prudentemente, marcou um café. Na tarde seguinte tomaram um galão servido em copo de papel numa cadeia americana em Piccadilly. Oliver acariciou-lhe a mão e convidou-a para jantar. — Sinto muito, mas não aceito jantares — respondeu Sarah. Por que não? — interrogou-se Oliver de regresso no seu bambolear à galeria de King Street. Mas por que não?

Já há algum tempo que Uzi Navot andava de olho naquela casa. Sempre achou que era um porto de abrigo perfeito. O tipo de lugar que se arquiva para qualquer eventualidade.

Ficava em Surrey, apenas a quinze quilômetros da circular M25 — ou, como explicou a Gabriel, a uma hora da galeria de Isherwood em St. James, de metropolitano e de carro. A casa era uma Tudor enorme, de fachadas altas e janelas minúsculas, a que se chegava através de uma longa estrada cercada por faias, e que era abrigada por um portão de ferro imponente. Tinha um celeiro em ruínas e um par de estufas decadentes. Havia um jardim negligenciado onde se meditar, quatro hectares privados onde lutar com os demônios interiores e um lago de viveiro, onde não se pescava havia quinze anos. Ao entregar as chaves a Navot, o agente imobiliário referira-se à propriedade como Winslow Haven. Para um agente de campo como Navot, era o Nirvana.

Dina, Rimona e Yaakov trabalhavam na biblioteca empoeirada. Lavon e Yossi montaram acampamento num salão repleto de cabeças empalhadas de animais. Gabriel improvisou um estúdio no primeiro andar, numa sala de estar luminosa em frente ao jardim. Como não podia aparecer no mundo da arte londrino, incumbiu os outros das compras necessárias. Suas missões eram operações especiais por mérito próprio. Dina e Yossi fizeram visitas separadas à L. Cornelissen Sons, em Russell Street, dividindo cuidadosamente a encomenda entre eles para que as jovens que trabalhavam lá não percebessem que forneciam material a um restaurador profissional. Yaakov dirigiu-se a uma loja de iluminação em Earls Court, onde comprou as lâmpadas de halogêneo de Gabriel, e depois seguiu até a oficina de um mestre carpinteiro em

Camden Town, onde levantou um cavalete feito por encomenda. Eli Lavon tratou da moldura. Sendo um especialista recente em tudo o que dizia respeito a Al-Bakari, opôs-se à decisão de Gabriel de escolher o estilo italiano antigo.

— O gosto de Zizi vai para o francês — argumentou. — O italiano vai contra o sentido de estilo de Zizi. — Mas Gabriel sempre considerara que as molduras italianas, de gravação mais marcada, se adequavam na perfeição ao estilo de empastamento de Vincent, tendo sido uma moldura italiana que Lavon encomendou nas instalações encantadas da Arnold Wiggins Sons, em Bury Street.

Sarah visitava-os ao início de cada serão, sempre por um percurso diferente, e sempre com Lavon encarregue da contravigilância. A jovem aprendia rapidamente e, como Gabriel imaginara, era dotada de uma memória espantosa. Mesmo assim, teve o cuidado de não a assoberbar com uma avalanche de informações. Em geral, começavam às sete, interrompiam os trabalhos às nove para uma refeição em família na sala de jantar formal, após o que prosseguiam até quase à meia-noite. Nessa altura, era levada de volta ao apartamento em Chelsea por Yossi, que alugara uma casa no outro lado da rua.

Dedicaram uma semana a Zizi al-Bakari, antes de passarem aos colaboradores e aos restantes membros do séquito e do círculo íntimo. Foi prestada atenção especial a Wazir bin Talai, o chefe onnipresente da segurança da AAB. Bin Talai era, ele próprio, uma agência de espionagem, com uma rede de agentes de segurança no interior da AAB e uma série de informantes pagos espalhados pelo mundo, que lhe transmitiam relatórios sobre potenciais ameaças à propriedade da AAB ou ao próprio Zizi.

— Se Zizi gostar da mercadoria, é Bin Talai que trata de tudo — explicou Lavon. — Ninguém se aproxima do chefe sem antes receber a aprovação de Bin Talai. E se alguém pisa o risco, é Bin Talai quem trata do assunto. — A pesquisa de Yossi revelara nada mais, nada menos do que meia dúzia de antigos associados de Al-Bakari que tinham morrido em circunstâncias misteriosas, um fato que, a pedido de Gabriel, não foi revelado a Sarah.

Nos dias que se seguiram, a casa de segurança de Surrey foi visitada por uma série de indivíduos conhecidos no Escritório como "especialistas formados". A primeira foi uma mulher da Universidade Hebraica, que passou duas noites a ensinar a Sarah os hábitos sociais sauditas. Em seguida veio um psiquiatra, que gastou outras duas noites a transmitir-lhe formas de combater o medo e a ansiedade em missões secretas. Um especialista em comunicações forneceu-lhe conceitos sobre formas de escrita secretas. Um treinador de artes marciais ensinou-lhe os princípios básicos de combate corpo a corpo de estilo israelense. Gabriel escolheu Lavon, o maior vigilante de toda a história do Escritório, para lhe ministrar um curso intensivo sobre a arte da vigilância

eletrônica e humana. — Vai entrar em terreno hostil — resumiu. — Tem de partir do princípio de que estarão atentos a tudo o que faz e a tudo o que diz. Se lembrar disso, vai tudo correr bem.

Gabriel limitou-se a assistir ao treino. Recebia-a sempre que ela chegava em casa no fim da tarde, jantava com a equipe, e despedia-se à meia-noite, quando Sarah voltava a Londres com Yossi. À medida que os dias foram passando, começaram a notar uma certa inquietação. Lavon, que trabalhara mais com ele do que os outros, diagnosticou o estado de espírito de Gabriel como impaciência.

— Ele quer ação — explicou —, mas sabe que ela não está pronta. — Começou a passar largos períodos em frente à tela, reparando meticulosamente os estragos infligidos a Marguerite. A intensidade do trabalho apenas servia para lhe aumentar o nervosismo. Lavon aconselhou-o a fazer pausas ocasionais, ao que Gabriel acedeu, com relutância. Encontrou um par de botins na arrecadação e partiu em marchas solitárias ao longo dos caminhos que cercavam a aldeia. Desencantou uma cana e um carroto num armário da adega e utilizou-os para pescar uma truta enorme do lago. No celeiro, oculto debaixo de um encerado, descobriu um antigo MG que parecia não ser conduzido há pelo menos vinte anos. Três dias mais tarde, os restantes elementos da equipe ouviram o som de estampidos vindos do celeiro, seguidos por uma explosão que ecoou pelo campo. Yaakov saiu a correr da casa, receando que Gabriel se tivesse mandado pelos ares. Em vez disso, encontrou-o de pé à frente do capo aberto do MG, coberto de óleo até os cotovelos e a ostentar o primeiro sorriso que lhe viam desde que tinham chegado a Surrey.

— Funciona — gritou, para se fazer ouvir acima do estrépito do motor. — O sacana ainda funciona.

Nessa noite, juntou-se pela primeira vez a uma sessão de treino de Sarah. Lavon e Yaakov não ficaram surpreendidos, pois o tópico em debate era Ahmed bin Shafiq, o homem que se transformara na obsessão pessoal de Gabriel. Escolheu Dina, com a sua voz agradável e o seu fardo de viuvez precoce, para apresentar o que sabiam.

Na primeira noite falou sobre o Grupo 205, a unidade secreta de Bin Shafiq dentro do GID, e mostrou a forma como a combinação entre a ideologia wahhabita e o dinheiro saudita tinha lançado o caos por todo o Oriente Médio e Sul da Ásia. Na segunda noite, relatou o percurso de Bin Shafiq, de servo leal do Estado saudita a estrategista da Irmandade de Alá. Descreveu então com pormenores a operação contra o Vaticano, embora se tivesse abastido de referir a presença de Gabriel na cena do crime. Gabriel entendia que essa informação era supérflua, mas queria que Sarah não tivesse dúvidas de que Bin Shafiq merecera o destino que o aguardava.

Na última noite, mostraram-lhe uma série de imagens geradas por computador da possível aparência de Bin Shafiq. Bin Shafiq de barba. Bin Shafiq calvo. Bin Shafiq com uma peruca grisalha. Com uma peruca escura. De cabelo encaracolado. Sem cabelo. Com as feições beduínas suavizadas por um cirurgião plástico. Mas Gabriel disse-lhe que a pista mais valiosa para a sua identificação seria o braço lesionado. A cicatriz no interior do antebraço que ele nunca mostraria. A mão ligeiramente mirrada que nunca ofereceria em cumprimento e que mantinha oculta de olhos infieis.

— Sabemos que está escondido, algures no seio do império de Zizi — explicou Gabriel. — Poderá surgir como banqueiro de investimentos, ou como gestor de uma carteira de ações. Talvez apareça como responsável imobiliário, ou como executivo farmacêutico. Pode surgir daqui a um mês. Pode aparecer daqui a um ano. Talvez nunca apareça. Mas se der a cara, pode ter certeza de que será educado e sofisticado, e vai parecer tudo, menos um terrorista profissional. Não procure um terrorista, nem alguém que aja como um terrorista.

Limite-se a procurar um homem. Recolheu as ilustrações.

— Queremos saber de toda a gente que entra e sai da esfera de Zizi. Queremos que registre tantos nomes quanto possível. Mas é este o homem que procuramos. — Gabriel colocou-lhe uma fotografia à frente.

É este o homem que queremos. — Outra fotografia. — Andamos atrás deste homem. — Outra. — É por causa dele que estamos aqui, e não em casa, com as nossas famílias e os nossos filhos. — Outra. — Foi por ele que lhe pedimos que abdicasse da sua vida e se juntasse a nós.

Outra. — Se o vir, diga-nos o nome que está a usar e a empresa em que trabalha. Se conseguir, saiba o país que consta no passaporte. Mais uma fotografia. — Mesmo que não tenha certeza de que é ele, não importa. Diga-nos. E se por acaso não for ele, não faz mal. Diga-nos. Não vai acontecer nada apenas com base na sua palavra. Ninguém vai sair prejudicado por sua causa, Sarah. É apenas a mensageira.

— E se eu lhe der um nome? — perguntou. — O que acontece? Gabriel olhou para o relógio.

— Acho que chegou a altura de a Sarah e eu termos uma conversa em particular. Com a sua licença.

Levou-a para o estúdio no piso superior e acendeu as lâmpadas de halogéneo. Marguerite Gachet brilhava sedutoramente à luz branca intensa. Sarah acomodou-se numa cadeira antiga de verga. Gabriel colocou o visor de amplificação e preparou a paleta.

— Mais quanto tempo? — perguntou Sarah.

Era a mesma questão que Shamron lhe colocara naquela tarde ventosa de Outubro, quando fora à Rua Narkiss retirar Gabriel do exílio. Um ano, era o que deveria ter dito a Shamron nesse dia. Se assim fosse, não estaria ali, numa casa de segurança em Surrey, prestes a enviar uma bela jovem americana para o coração da Jihad Limitada.

— Limpei a sujidade da superfície e alisei as rachas com uma espátula morna e úmida — explicou Gabriel. — Agora tenho de concluir os retoques de pintura e aplicar uma camada leve de verniz... apenas quanto baste para realçar o calor das cores originais de Vincent. — Não me referia ao quadro.

Gabriel levantou os olhos da paleta.

— Imagino que isso só dependa de você.

— Quando quiser, estou pronta.

— Não exatamente.

— O que acontece se ele não morder o isco? O que vai acontecer se ele não gostar do quadro... ou de mim?

— Um colecionador sincero e abastado como Zizi não vai ignorar um Van Gogh acabado de encontrar. Quanto a si, ele não vai ter grande voto na matéria. Vamos torná-la irresistível.

— Como?

— Há coisas que é melhor não saber.

— Como por exemplo o que vai acontecer a Ahmed bin Shafiq se o encontrar?

Gabriel juntou pigmento a um pouco de solvente e misturou-o com um pincel.

— A Sarah já sabe o que vai acontecer a Ahmed bin Shafiq. Deixei-o bem claro em Washington, na noite em que nos conhecemos.

— Diga-me tudo — pediu. — Tenho de saber.

Gabriel baixou o visor e levou o pincel à tela. Quando voltou a falar, não se dirigiu a Sarah, mas a Marguerite.

— Vamos observá-lo. Vamos ouvi-lo, se pudermos. Vamos tirar-lhe fotografias e gravar-lhe a voz, e enviar tudo aos nossos especialistas, para que o analisem.

— E se os seus especialistas decidirem que é ele?

— Em data e local a determinar, abatemo-lo.

— Abatem-no?

— Assassino-lo. Matamo-lo. Liquidamo-lo. Escolha a palavra que julgue mais confortável, Sarah. Nunca encontrei nenhuma.

— Quantas vezes já fez isto?

Gabriel aproximou o rosto do quadro e murmurou: — Muitas vezes, Sarah.

— Quantas vezes já matou? Dez? Vinte? Resolveu o problema do terrorismo? Ou serviu apenas para tornar as coisas piores? Se encontrar Ahmed bin Shafiq e o matar, o que vai conseguir com isso? Será que vai acabar, ou surgirá outro no seu lugar?

— No fim outro assassino vai tomar o lugar dele. Entretanto, algumas vidas serão salvas. E haverá justiça.

— Será mesmo justiça? Será que é possível fazer-se justiça com uma pistola com silenciador, ou com um carro armadilhado?

Gabriel virou-se e ergueu o visor, os olhos verdes a cintilar com o brilho das lâmpadas.

— Está a gostar deste pequeno debate sobre a relevância moral do contraterrorismo? Sente-se melhor? Pode ter certeza de que Ahmed bin Shafiq não perde tempo com estas questões sobre moral. Garanto-lhe que se ele alguma vez conseguir deitar a mão a uma bomba nuclear, a única dúvida que terá vai ser se a deve usar contra Nova Iorque ou contra Tel Aviv.

— Será justiça, Gabriel? Ou apenas vingança?

Viu-se novamente com Shamron. Desta vez o cenário não era o apartamento de Gabriel na Rua Narkiss, mas uma tarde quente de Setembro de 1972 — o dia em que Shamron o procurou pela primeira vez. Gabriel fizera-lhe a mesma pergunta. — Ainda não é demasiado tarde, Sarah. Pode sair disto, se quiser. Encontramos outra pessoa para o seu lugar.

— Não há ninguém como eu. Além disso, não quero desistir.

— Nesse caso, o que quer? — Permissão para dormir à noite.

— Durma, Sarah. Durma muito bem.

— E o Gabriel?

— Tenho um quadro para acabar.

Virou-se e baixou novamente o visor. Sarah ainda não terminara.

— Foi verdade? — perguntou. — Tudo o que se escreveu nos jornais depois do atentado à Gare de Lyon?

— Grande parte.

— Matou os palestinos do Setembro Negro que levaram a cabo o massacre de Munique?

— Alguns.

— Sabendo o que sabe agora, voltaria a fazê-lo?

Hesitou por um momento. — Sim, Sarah, voltaria. E vou explicar por quê. Não teve a ver com vingança. O Setembro Negro era o grupo terrorista mais letal que o mundo já vira e tinha de ser eliminado.

— Mas veja o que lhe custou. Perdeu sua família.

— Todos os que entram nesta luta perdem alguma coisa. O seu país, por exemplo. Era inocente, um centro de liberdade e decência. Agora têm as mãos sujas de sangue e homens em prisões secretas. Não fazemos o que fazemos porque gostamos. Fazemos porque não temos escolha. Acha que eu tenho escolha? Acha que Dina Sharid tem escolha? Não temos. E você também não. — Olhou-a por um instante.

— A menos que queira que encontre alguém que vá no seu lugar.

— Não há ninguém como eu — repetiu Sarah. — Quando estarei pronta?

Gabriel virou-se e levou o pincel ao quadro. Em breve, pensou. Mais um dia ou dois de retoques. Depois uma camada de verniz. Aí estaria pronta. Apenas restava o treino de campo de Sarah. Lavon e Uzi Navot colocaram-na à prova. Ao longo de três dias e três noites, levaram-na para as ruas de Londres e treinaram-na nos princípios básicos do ofício. Ensinaram-na a preparar um encontro clandestino e a determinar se um certo local estava comprometido. Ensinaram-na a detetar vigilância física e técnicas simples para a ludibriar.

Ensinaram-na a fazer uma entrega solitária e a transmitir material a um correio vivo. Ensinaram-na a ligar para os números de emergência do Escritório a partir de um telefone público normal e a utilizar o corpo para indicar se fora descoberta e precisava ser retirada. Mais tarde, Lavon iria descrever-la como a melhor agente de campo amadora que já treinara. Poderia ter completado o curso em dois dias, mas Gabriel, mais que não fosse para ficar descansado, insistiu no terceiro. Quando finalmente Lavon regressou a Surrey nessa tarde, encontrou Gabriel de pé junto ao lago, com uma cana de pesca na mão e os olhos fitos na superfície da água, como se esperasse que um peixe surgisse devido apenas à força de vontade.

— Ela está pronta — disse Lavon. — Agora a questão é, e tu?

— Gabriel recolheu lentamente a linha e seguiu Lavon até a casa.

Mais tarde nessa noite, as luzes apagaram-se na melancólica agência de viagens de Masons Yard. Miss Archer, com uma pilha de dossiês antigos nas mãos, fez uma pausa no vestíbulo e espreitou pela entrada de vidro cintilante da

Isherwood Fine Arts. Na recepção encontrava-se

Elena, a secretária italiana escandalosamente bonita de Mr. Isherwood. Elena desviou a atenção do computador e lançou a Miss Archer um beijo de despedida elaborado, ao que regressou ao trabalho.

Miss Archer esboçou um sorriso triste e dirigiu-se às escadas. Não tinha lágrimas nos olhos. Já chorara em privado, como fazia quase tudo o resto. Os passos também não eram hesitantes. Durante vinte e sete anos chegara à agência todas as manhãs cinco vezes por semana. Aos sábados também, caso houvesse algum assunto premente. Ansiava pela reforma, mesmo que esta tivesse surgido um pouco mais cedo

do que o esperado. Talvez tirasse umas férias alargadas. Ou talvez comprasse um chalé no campo. Já andava de olho na casinha de Chilterns há muito tempo. Só tinha certeza de uma coisa: não tinha pena de sair dali. Masons Yard não voltaria a ser o mesmo, agora que ali estava Miss Bancroft. Não que Miss Archer tivesse alguma coisa pessoal contra os americanos. Apenas não tinha grande vontade de ser vizinha de um. Quando se aproximou do fundo da escada, ouviu-se um zumbido e as trancas automáticas da porta exterior abriram-se. Obrigada, Elena, pensou, ao sair para o ar fresco da noite. Não és capa de levantar o teu rabinho bonito para te despedires em termos, e agora só falta pores-me na rua. Sentiu-se tentada a violar o aviso eterno de Mr. Isherwood que indicava que se devia esperar que a porta se voltasse a fechar, mas, sempre profissional, ficou onde estava por mais dez segundos, até que o som abafado das trancas lhe serviu de sinal para se dirigir à passagem.

Não sabia que a sua partida estava sendo vigiada por uma equipe neviot de três homens, alojada numa van estacionada no lado oposto de Duke Street. A equipe permaneceu na van por mais uma hora, para garantir que ela não se esquecera de nada. Depois, pouco antes das oito, atravessaram a passagem e cruzaram lentamente os tijolos do pátio vetusto em direção à galeria. Para Julian Isherwood, que observava a chegada prudente a partir da janela do seu gabinete, pareciam coveiros a caminho de uma longa noite de trabalho.

19

LONDRES

A operação teve início na manhã seguinte, quando Julian Isherwood, negociante de arte de Londres de certa reputação, efetuou um telefonema discreto para a residência em Knightsbridge de Andrew Malone, conselheiro de arte exclusivo de Zizi al-Bakari. Foi atendido por uma mulher sonolenta que informou Isherwood de que Malone se encontrava no estrangeiro.

Anda a fugir à justiça? — perguntou, tentando aliviar uma situação constrangedora.

— Experimente para o celular — resmungou a mulher, antes de bater com o telefone.

Felizmente, Isherwood tinha o número. Marcou-o de imediato e, como lhe foi indicado, deixou uma mensagem breve. Boa parte do dia passou antes que Malone se desse ao trabalho de retribuir a chamada.

— Estou em Roma — informou, em voz baixa. — Uma coisa em grande. Muito grande. — Não me surpreende, Andrew. Só tratas de coisas em grande. Malone

ignorou a tentativa de lisonja por parte de Isherwood.

- Receio não ter muito tempo — disse. — Em que posso ser útil, Julian?
- Acho que tenho uma coisa para você. Na verdade, uma coisa para seu cliente.
- Meu cliente não se interessa pelos pintores renascentistas.
- O que eu tenho para ele não é de um renascentista. É um impressionista. E

não é um impressionista qualquer, se me faça entender. É especial, Andrew. É o tipo de coisa que apenas um punhado de colecionadores do mundo podem sequer sonhar em ter, e o teu patrão é um deles. Estou a oferecer-te uma antevisão, Andrew... uma antevisão exclusiva. Estás interessado, ou vou bater a outra porta?

- Conta-me mais coisas, Julian.

— Sinto muito, meu querido, mas não é o tipo de assunto que se discuta ao telefone. Que tal se almoçássemos amanhã? Pago eu.

— Amanhã vou a Tóquio. Há um colecionador que tem um Monet que o meu patrão quer.

- Então no dia seguinte?

- É o meu dia de recuperação. Marcamos para quinta-feira?

- Não vais arrepender-te, Andrew.

— São os arrependimentos que nos mantêm. Gao, Julian. Isherwood desligou o telefone e olhou para o homem louro de ombros largos sentado do outro lado da secretária.

— Muito bem — elogiou Uzi Navot. — Mas da próxima vez deixe que seja Zizi a pagar o almoço.

Para Gabriel, o fato de Andrew Malone estar em Roma não foi uma surpresa, pois há quase uma semana que estava a ser alvo de vigilância eletrônica e física. Fora à Cidade Eterna adquirir uma certa escultura de Degas que Zizi tinha debaixo de olho há algum tempo, mas partiu de mãos a abanar na segunda-feira à noite e dirigiu-se a Tóquio. O colecionador anônimo a quem Malone esperava aliviar de um Monet era o famoso industrial Morito Watanabe. Pela expressão derrotista no rosto de Malone quando saiu do apartamento de Watanabe, Gabriel concluiu que as negociações não tinham corrido bem. Nessa noite, Malone telefonou a Isherwood para lhe dizer que ia ficar mais um dia em Tóquio. — Receio ter de adiar o nosso pequeno encontro — lamentou-se.

— Pode ser para a semana que vem? — Gabriel, ansioso por prosseguir com a operação, disse a Isherwood que se mantivesse firme. O encontro foi adiado um dia, de quinta para sexta-feira, embora Isherwood tivesse concordado com um almoço tardio, para que Malone pudesse dormir algumas horas na sua cama. Malone permaneceu realmente mais um dia em Tóquio, mas a estação local não detectou mais contatos

entre ele e Watanabe, ou qualquer agente do empresário. Regressou a Londres ao final da tarde de quinta-feira, parecendo, segundo Eli Lavon, um cadáver de fato de Savile Row. Às três e meia da tarde seguinte, o cadáver entrou no restaurante Greens em Duke Street e dirigiu-se à sossegada mesa de canto onde Isherwood já aguardava. Isherwood serviu-lhe um copo grande de Borgonha branco.

Muito bem, Julian — disparou Malone. — Vamos deixar de gracinha, está bem? O que tem na manga? E quem pôs lá? À sua.

Noventa minutos mais tarde, Chiara esperava no alto da escada quando Isherwood, fortificado por duas garrafas de um excelente Borgonha branco às custas de Gabriel, subiu, periclitante, os degraus forrados com o carpete novo. Indicou-lhe a porta à esquerda, para as antigas instalações da Archer Travei, onde foi recebido por um dos vigilantes neviot de Gabriel. Despiu seu paletó, desabotoou a camisa, revelando o pequeno gravador digital que tinha preso ao peito por uma faixa elástica.

— Em geral não faço isso no primeiro encontro — gracejou. O agente neviot retirou o gravador e sorriu. — Como estava a lagosta?

— Um pouco dura, mas, tirando isso, muito boa.

— Saiu-se muito bem, Mr. Isherwood. Muito bem.

— Imagino que tenha sido o meu último negócio. Agora esperemos que não me arruïne.

A gravação poderia ter sido transmitida através de uma ligação segura, mas Gabriel, como Adrian Carter, ainda era antiquado em relação a algumas coisas, e insistiu que fosse descarregada para um disco e levada à mão para a casa de segurança de Surrey. Por esse motivo, já passava das oito e meia quando lá chegou. Introduziu o disco no computador na sala e pressionou o ícone Pay. Dina estava deitada no sofá. Yaakov encontrava-se sentado num cadeirão, com o queixo apoiado nas mãos e os cotovelos nos joelhos, inclinado para a frente como se aguardasse notícias da frente de batalha. Era a noite em que Rimona estava de serviço na cozinha. Quando Andrew Malone começou a falar, gritou para Gabriel que aumentasse o volume para que também pudesse ouvir.

— Acha que sou tolo, Julian?

— É verdadeiro, Andrew. Vi com meus próprios olhos.

— Tem uma fotografia?

— Não fui autorizado a tirar.

— Quem é o dono?

— O dono prefere ficar anônimo.

— Sim, claro, mas quem é, Julian?

— Não posso divulgar o nome do dono. Ponto final. Parágrafo. Ela me nomeou seu representante e basta.

— Ela? Quer dizer que é uma mulher?

— O quadro está na mesma família há três gerações. Neste momento, está nas mãos de uma mulher.

— Que tipo de família, Julian? Dê uma pista.

— Uma família francesa, Andrew. E não digo mais nada.

— Receio que isso não baste, Julian. Tem que me dar mais alguma coisa a que me agarrar. Não posso chegar ao Zizi de mãos abanando. Ele fica irritado quando isso acontece. Se quer que o Zizi entre no jogo, tem de seguir as regras dele.

— Não vai me intimidar, Andrew. Fiz o favor de vir ver você. Muito sinceramente, estou pouco ligando para as regras de Zizi. Não preciso de Zizi para nada. Se vierem a saber que tenho um Van Gogh desconhecido, não há colecionador, nem museu do mundo que não venha bater na minha porta oferecendo dinheiro. Tente lembrar disso.

— Perdoe, Julian. A semana tem sido muito comprida. Vamos começar de novo, está bem?

— Sim, comecemos.

— Posso fazer umas perguntas inocentes?

— Depende da inocência.

— Vamos começar com uma fácil. Onde está o quadro neste momento? Na França ou na Inglaterra?

— Está aqui em Londres.

— Na sua galeria?

— Ainda não.

— De que tipo de quadro estamos falando? Paisagem? Natureza morta? Retrato?

— Retrato.

— Auto?

— Não.

— Homem ou mulher?

— Mulher.

— Pintor inicial ou tardio?

— Muito tardio.

— Saint-Rémy? Auvers?

— Do segundo, Andrew. Foi pintado durante nos últimos dias de vida em Auvers.

— Não encontrou um quadro perdido de Marguerite Gachet, certo, Julian?

— Talvez devêssemos dar uma olhada no menu.

— Que se dane o menu, Julian. Responda à pergunta: encontrou um quadro perdido de Marguerite?

— Já disse o que tinha a dizer em relação ao conteúdo, Andrew. E ponto final. Se quer saber o que é, tem que ver com seus olhos.

— Está me oferecendo a possibilidade de vê-lo?

— Estou oferecendo essa possibilidade a seu patrão, não a você.

— E mais fácil dizer do que fazer. Ser dono do mundo dá muito trabalho ao meu patrão.

— Estou pronto a oferecer a exclusividade a Zivi durante setenta e duas horas.

Depois disso, vou pô-lo à disposição de outros colecionadores.

— Má ideia, Julian. O meu patrão não gosta de ultimatots.

— Não é um ultimato. São negócios. Ele entende.

— De quanto estamos falando?

— Oitenta e cinco milhões.

— Oitenta e cinco milhões? Então precisa mesmo de Zizi. O dinheiro não é muito nos tempos que correm, certo? Nem me lembro da última vez que alguém deu oitenta e cinco milhões por alguma coisa. Você lembra, Julian?

— O quadro vale cada cent.

— Se for o que diz, e se estiver em perfeitas condições, consigo os oitenta e cinco milhões em prazo muito curto. Sabe, meu patrão anda à procura de uma coisa vistosa assim há muito tempo. Mas já sabia disso, não é, Julian? Foi por isso que veio me ver primeiro. Sabia que podia fechar o negócio numa tarde. Sem leilões. Sem imprensa. Sem perguntas incômodas sobre sua francesinha que quer permanecer anônima. Sou sua galinha dos ovos de ouro e vai ter que dar algum milho à galinha.

— De que raio está falando, Andrew?

— Sabe muito bem.

— Acho que estou um pouco lento hoje. Importa-se de me explicar?

— Estou falando de dinheiro, Julian. Estou falando de uma fatia muito pequena de um bolo muito grande.

— Quer uma parte? Um pouco da ação, como diriam os americanos?

— Deixemos os americanos fora disto, está bem? Neste momento o meu patrão não morre de amores pelos americanos.

— Falamos de uma fatia de que tamanho, Andrew?

— Imaginemos que sua comissão seja de dez por cento. Isso significa que ganha oito milhões e meio de dólares por uma tarde de trabalho. Estou pedindo dez por cento

desses dez por cento. Na verdade, não peço, exijo. E vai pagar, pois é assim que se joga este jogo.

— Se a minha curta memória não falha, você é o consultor de arte exclusivo do Zizi. Ele paga um salário monstruoso. Praticamente vive às custas de Zizi. Passa a maior parte do tempo livre descontraindo nas propriedades dele. Ele permite para que seus conselhos não sejam maculados por outros negócios. Mas você joga dos dois lados, não é, Andrew? Há quanto tempo faz isso? Quanto já desviou? Quanto dinheiro de Zizi já meteu no bolso?

— Não é dinheiro do Zizi. O dinheiro é meu. E o que Zizi não sabe, não o prejudica.

— E se ele descobrir? Manda você para o deserto e deixa que os abutres limpem sua carcaça.

— Exatamente, meu querido. É por isso que não vai dizer nada disso ao Zizi. Ofereço sete milhões e meio de dólares por um dia de trabalho. Não é mau, Julian. Aceita o negócio. Vamos enriquecer juntos, está bem?

— Está bem, Andrew. Terá seus dez por cento. Mas quero Zizi al-Bakari na minha galeria em todo o seu esplendor nas próximas setenta e duas horas, caso contrário, não há negócio.

Gabriel parou a gravação, retrocedeu-a e voltou a reproduzir a parte final.

Mas você joga dos dois lados, não é, Andrew? Há quanto tempo faz isso? Quanto já desviou? Quanto dinheiro de Zizi já meteu no bolso?

— Não é dinheiro do Zizi. O dinheiro é meu. E o que Zizi não sabe, não o prejudica.

— Exatamente, meu querido. É por isso que não vai dizer nada disso ao Zizi. Ofereço sete milhões e meio de dólares por um dia de trabalho. Não é mau, Julian. Aceita o negócio. Vamos enriquecer juntos, está bem?

Gabriel retirou o disco do computador.

— Mr. Malone tem sido muito maroto — comentou Yaakov.

— Tem — concordou Gabriel, mas já sabia há algum tempo.

— Não acha que deviam contar a Zizi? — perguntou. É o mais correto.

— É verdade — asseverou Gabriel, guardando o disco no bolso. — Alguém devia contar. Mas ainda não.

Foram as setenta e duas horas mais longas de suas vidas. Houve partidas falsas e promessas quebradas, encontros marcados e desmarcados numa única tarde. Malone agia como intimidador num momento e como suplicante no momento seguinte. — Zizi anda um pouco apertado — disse, ao fim do dia de sábado. — Zizi está a meio de um negócio importante. Vai estar hoje em Deli e em Singapura amanhã. Não consegue estar em Londres antes de meados da próxima semana. — Isherwood manteve-se

firme. A exclusividade de Zizi terminava na segunda-feira às cinco horas da tarde, recordou. Depois disso, Zizi entraria em disputa com todos os restantes interessados.

Ao fim da tarde de domingo, Malone telefonou com a notícia de que Zizi dispensava o negócio. Gabriel não ficou preocupado, pois nessa mesma tarde a equipe neviot posicionada na Archer Travel avistara um árabe bem vestido na casa dos trinta a fazer uma óbvia incursão de reconhecimento em Masons Yard. Depois de ver as fotografias de vigilância, Lavon identificou-o como sendo Jafar Sharuki, antigo elemento da guarda nacional saudita que agia como segurança avançado de Zizi.

— Ele vem — garantiu Lavon. — Zizi gosta sempre de se fazer difícil. O telefonema por que todos esperavam deu-se precisamente às dez e vinte e dois da manhã seguinte. Era Andrew Malone e, mesmo que não o pudessem ver, sabiam que o cadáver era todo sorrisos. Zizi estava a caminho de Londres, disse.

Estaria na galeria de Isherwood às quatro e meia.

— Zizi tem algumas regras — avisou Malone, antes de desligar.

— Nada de álcool nem cigarro. E a ver se essas tuas duas garotas têm roupas decentes. Zizi aprecia mulheres bonitas, mas gosta de as ver com trajes modestos. Nosso Zizi é um homem religioso. Ofende-se com facilidade.

20

LONDRES

Marguerite Gachet foi a primeira a chegar. Veio nas traseiras de uma van discreta, conduzida por um bodel à Estação de Londres, tendo entrado na Isherwood Fine Arts pelo cais de entrada seguro. A entrega foi observada por dois homens da unidade de segurança de Wazir bin Talai, que estavam sentados a bordo de um carro estacionado em Duke Street, e por Jafar Sharuki, o guarda avançado, que depenicava um prato de peixe e batatas fritas no pub ao lado da galeria de Isherwood. A confirmação da transferência bem sucedida do quadro chegou à casa de segurança de Surrey às três e dezoito da tarde, através de um e-mail seguro da equipe neviot. Foi recebido por Dina, que o leu a Gabriel. Este andava às voltas no tapete puído da sala. Fez uma pausa breve e meneou a cabeça, como se escutasse música distante, ao que retomou a jornada inquieta. Sentia-se tão inseguro como um dramaturgo na noite de estreia. Criara os personagens, dera-lhes as falas e via-os agora no palco que elaborara. Conseguia visualizar Isherwood de fato às riscas e gravata vermelha da sorte, desesperado por uma bebida e a morder a unha do indicador direito para aliviar a tensão. E Chiara sentada à nova e brilhante secretária de recepção, o cabelo apanhado atrás e as longas pernas cruzadas pelo tornozelo numa pose pudica. E Sarah, no fato

Chanel preto que comprara na Harrods duas semanas antes, instalada serenamente no divã da sala de exposições do andar superior, com os olhos em Marguerite Gachet e os pensamentos no monstro que subiria pelo elevador dali a duas horas. Se pudesse rescrever o papel de alguém, 210 seria o de Sarah. Mas era demasiado tarde. O pano estava prestes a subir. E assim, tudo o que o dramaturgo podia fazer era percorrer a sala da casa de segurança e esperar por informações. Às três e quatro, o de Mr. Baker fazia-se à pista do Aeroporto de Heathrow, sendo Mr. Baker o nome de código de Zizi al-Bakari. Às três e trinta e dois soube-se que Mr. Baker e respetivo séquito tinham saído da alfândega VIP. Às três e quarenta e cinco entravam nas limusinas, e às três e cinquenta e dois os veículos foram vistos a tentar bater o recorde de velocidade na A4. Às quatro e nove, o conselheiro artístico de Mr. Baker, a quem tinham atribuído o nome de código Marlowe, telefonava a Isherwood da caravana, para lhe dizer que estavam alguns minutos atrasados. Tal não foi o caso, pois às quatro e vinte e sete, essa mesma comitiva foi vista a entrar em Duke Street, vinda de Piccadilly. Depois seguiu-se o primeiro percalço da tarde. Por sorte, foi da parte de Zizi e não do seu. Teve início quando a primeira limusina tentava atravessar a estreita passagem de Duke Street para Masons Yard. O motorista apercebeu-se rapidamente de que os carros eram demasiado largos para caberem na brecha. Sharuki, o guarda avançado, não tirara as medidas. A mensagem final que Gabriel recebeu da equipe neviot declarava que Mr. Baker, presidente e CEO da Jihad Ltda. estava a sair do carro e dirigia-se a pé para a galeria.

Mas Sarah não estava à espera na sala de exposições do piso superior. Naquele momento estava no andar de baixo, no gabinete que partilhava com Julian, a olhar para a cena um tanto ou quanto burlesca que se desenrolava na passagem. Foi o primeiro gesto de rebelião. Gabriel pretendia que ela esperasse no piso de cima, oculta até o último momento, para que pudesse ser exibida ao mesmo tempo que Marguerite. Acabaria por obedecer às suas ordens, mas só depois de ter visto Zizi com os seus próprios olhos. Analisara-lhe o rosto nos recortes de Yossi, e memorizara o som da sua voz nos vídeos. Mas recortes e vídeos não substituíam a realidade. Por isso ali estava, numa infração flagrante das ordens de Gabriel, a observar Zizi e respetivo séquito a atravessar a passagem para o pátio resguardado do sol.

Rafiq al-Kamal, chefe do destacamento de segurança pessoal de Zizi, vinha à frente. Era maior do que parecera nas fotografias, mas deslocava-se com a graciosidade de um homem com metade do seu tamanho. Não tinha sobretudo, pois essa peça de roupa teria interferido, caso houvesse a necessidade de sacar da arma. Eli Lavon dissera-lhe que também não tinha consciência. Deu uma vista de olhos rápida ao pátio, como um batedor à procura de sinais do inimigo, depois virou-se e, com um sinal antiquado da mão, disse aos restantes que avançassem.

Em seguida vieram duas jovens muito bonitas, de cabelo escuro e casacos compridos, com um ar enfatiado por terem de andar os cem passos entre os carros abandonados e a galeria. A que se encontrava à direita era Nadia al-Bakari, a filha mimada de Zizi. A da esquerda era Rahimah Hamza, filha de Daoud Hamza, o libanês de formação de Stanford que tinha a reputação de ser o verdadeiro gênio financeiro por detrás da AAB Holdings. O próprio Hamza seguia alguns passos atrás das garotas, com um celular encostado ao ouvido. Depois de Hamza vinha Herr Manfred Wehrli, o banqueiro suíço que tratava do dinheiro de Zizi. Ao seu lado estava uma criança sem dono aparente e, atrás dela, mais duas mulheres bonitas, uma loura e a outra de cabelo curto da cor do grés. Quando a criança disparou de súbito pelo pátio na direção errada, foi interceptada graças a um salto felino de Jean-Michel, o kickboxer francês que servia de treinador pessoal e guarda-costas auxiliar de Zizi. Abdul-Jalil e Abdul-Hakim, os advogados de formação americana, vinham a seguir. Yossi interrompera uma das reuniões para comentar com desprezo que Zizi escolhera advogados cujos nomes significavam Servo do Grandioso e Servo do Sábio. Atrás dos advogados vinha Mansur, chefe do departamento de viagens de Zizi, seguido por Hassan, chefe de comunicações, e por Andrew Malone, o em breve ex-consultor exclusivo de arte de Zizi. Por fim, ensanduichado entre Wazir bin Talai e Jafar Sharuki, vinha o próprio Zizi.

Sarah afastou-se da janela. Sob o olhar atento de Chiara, entrou no elevador minúsculo e pressionou o botão do andar superior. Momentos depois, chegava à sala de exposições. No centro da sala, em cima de um cavalete imponente e velado como uma muçulmana, estava o

Van Gogh. Lá de baixo, ouvia Rafiq, o guarda-costas, a subir pesadamente a escada.

Não pode vê-lo como um terrorista, avisara Gabriel. Não pode pensar se algum do seu dinheiro foi parar ao bolso de Marwan al-Shehhi, ou a qualquer outro dos terroristas que assassinaram o Ben. Tem de vê-lo como um homem muito rico e importante. Não o tente seduzir. Pense nisto como uma entrevista de emprego. Não vai para a cama com ele. Vai trabalhar para ele. E, faça o que fizer, não tente dar conselhos ao Zizi. Vai arruinar o negócio. Os dois.

Virou-se e observou a sua aparência no reflexo da porta do elevador. Estava ligeiramente desfocada, o que lhe pareceu adequado. Era ainda Sarah Bancroft, apenas uma versão diferente. Uma reformulação do mesmo quadro. Alisou a frente do fato Chanel — não para Zizi, pensou, mas para Gabriel — e, pela primeira vez, ouviu a voz do monstro vinda lá de baixo.

— Boa tarde, Mr. Isherwood — cumprimentou o presidente e CEO da Jihad Limitada. — Sou Abdul Aziz al-Bakari. O Andrew disse que tem um quadro para mim.

Do primeiro elevador surgiram apenas seguranças. Rafiq entrou na sala e devorou-a sem pudor com os olhos, enquanto Sharuki espreitava para baixo do divã, em busca de armas ocultas e. Jean-Michel, o kickboxer, dava a volta à zona com movimentos como os de um bailarino mortífero. O elevador seguinte trouxe Malone e Isherwood, alegremente apertados entre Nadia e Rahimah. Zizi chegou no terceiro, apenas com o seu Bin Talai de confiança por companhia. O fato escuro feito à mão caía graciosamente no corpo obeso. Tinha a barba aparada com cuidado, como o cabelo grisalho que rareava. Os olhos eram vivos e ativos. Pousaram de imediato na única pessoa na sala cujo nome desconhecia. Não tente apresentar-se, Sarah. Não o olhe diretamente. Se houver algum gesto, deixe que seja Zizi a fazê-lo.

Sarah olhou para os sapatos. As portas do elevador voltaram a abrir-se, vomitando desta vez Abdul Abdul, Servos do Grandioso Sábio, e Herr Wehrli, o suíço do dinheiro. Sarah observou-os a entrar e depois lançou um olhar furtivo a Zizi, que continuava a fitá-la.

— Perdoe-me, Mr. Al-Bakari — disse Isherwood. — Hoje não sei onde foram parar as minhas maneiras. Esta é Sarah Bancroft, a nossa diretora-adjunta. A nossa presença nesta sala esta tarde deve-se à Sarah.

Não tente apertar-lhe a mão. Se ele a oferecer, aceite-a brevemente e largue-a. Sarah permaneceu muito direita, as mãos atrás das costas e os olhos baixos. Zizi mirava-a de alto a baixo. Por fim, avançou e estendeu a mão. — É um prazer conhecê-la. — Sarah aceitou a mão e ouviu-se a dizer: — O prazer é meu, Mr. Al-Bakari. É uma honra conhecê-lo.

Zizi sorriu e segurou-lhe na mão um instante além do que seria confortável. Depois soltou-a repentinamente e dirigiu-se ao quadro. Sarah virou-se e desta vez foi-lhe apresentada uma panorâmica das costas dele, estreitas nos ombros e largas nas ancas.

— Gostaria de ver o quadro, por favor — anunciou, para ninguém em especial, mas Sarah já só ouvia a voz de Gabriel. Faça a apresentação de acordo com a vontade do Zizi, dissera. Se o forçar a aguentar uma história, só vai conseguir enfurecê-lo. Lembre-se, a estrela da tarde é Zizi, não Marguerite.

Sarah passou por ele, tendo o cuidado de não lhe tocar no ombro, depois ergueu as mãos e retirou lentamente a cobertura de baeta. Permaneceu em frente da tela mais um instante, a recolher o tecido e a tapar a vista de Zizi, antes de finalmente se desviar para o lado.

— Apresento-lhe Marguerite Gachet ao Toucador, de Vincent van Gogh — disse formalmente. — Óleo sobre tela, é claro, pintado em Auvers, em julho de 1890.

Ouviram-se um arquejo coletivo vindo da comitiva de Zizi, seguido por um murmúrio entusiasmado. Apenas Zizi se manteve em silêncio. Os olhos escuros percorriam a superfície do quadro, a expressão inescrutável. Momentos depois, desviou o olhar da tela e fitou Isherwood.

— Onde o encontrou?

— Quem me dera poder ficar com o mérito, Mr. Al-Bakari, mas foi Sarah quem descobriu Marguerite.

A atenção de Zizi deslocou-se para Sarah.

— Mesmo? — perguntou, com admiração.

— Sim, Mr. Al-Bakari.

— Nesse caso, vou fazer a mesma pergunta que fiz a Mr. Isherwood. Onde o encontrou?

— Tal como Julian explicou a Mr. Malone, o dono prefere manter-se anônimo.

— Não pergunto a identidade do dono, Miss Bancroft. Gostaria apenas de saber como a descobriu.

Vai ter de dizer alguma coisa, Sarah. Ele tem esse direito. Mas faça-o com relutância e discrição. Um homem como o Zizi aprecia a discrição.

— Foi o resultado de vários anos de investigação de minha parte, Mr. Al-Bakari.

— Que interessante. Conte-me mais, Miss Bancroft, por favor.

— Receio não poder fazê-lo sem violar meu acordo com os donos, Mr. Al-Bakari.

— Dona — corrigiu-a Zizi. — Segundo o que me disse Andrew, o quadro pertence a uma mulher francesa.

— Sim, exatamente, mas receio não poder ser mais específica.

— Mas estou curioso quanto à forma como o encontrou. — Cruzou os braços à frente do peito. — Adoro uma boa história de detetive.

— Adoraria poder fazer sua vontade, Mr. Al-Bakari, mas receio que não me seja permitido. Apenas posso dizer que foram precisos dois anos de pesquisa em Paris e em Auvers para encontrar o quadro, e outro ano para convencer a dona a cedê-lo.

— Talvez um dia, quando passar tempo suficiente, se digne a partilhar um pouco mais dessa história fascinante.

— Talvez — replicou. — Quanto à autenticação, determinamos que não há dúvidas de que o trabalho pertence a Vincent e, é claro, estamos prontos a defender essa autenticação.

— Gostaria de examinar os relatórios dos seus peritos, Miss Bancroft, mas, muito sinceramente, não preciso de vê-los. Sabe, é-me perfeitamente óbvio que este quadro é uma pintura de Van Gogh. — Pousou-lhe a mão sobre o ombro. — Venha cá

— disse, com um tom paternal. — Deixe-me mostrar-lhe uma coisa. Sarah aproximou-se da tela. Zizi apontou para o canto superior direito.

— Vê aquela ligeira marca na superfície? Se não estou em erro, trata-se da impressão digital de Vincent. Sabe, o Vincent era muito prático na maneira como tratava os quadros. Quando acabou este, deve tê-lo agarrado pelo canto, para o levar através das ruas de Auvers até o quarto que tinha por cima do Café Ravoux. Havia sempre dezenas de quadros nesse quarto. Costumava encostá-los à parede, uns em cima dos outros. Trabalhava tão depressa que as pinturas anteriores nem tinham tempo de secar antes de lhes colocar outras em cima. Se olhar com cuidado para aqui, pode ver as marcas da tela na superfície da tinta.

A mão continuava sobre o ombro de Sarah.

— Impressionante, Mr. Al-Bakari. Mas não me surpreende. A sua reputação precede-o.

— Aprendi há muito tempo que um homem na minha posição não pode confiar nas garantias dos outros. Tem de estar sempre alerta contra esquemas e falsificações perfeitas. Acredito que ninguém me conseguiria impingir uma falsificação, quer fosse nos negócios, quer fosse no mundo da arte. — Era preciso ser-se néscio para sequer tentar, Mr. Al-Bakari. Zizi olhou para Isherwood.

— Tem queda para encontrar trabalhos perdidos. Acho que no outro dia li qualquer coisa sobre um Rubens seu.

— É verdade.

— E agora um Van Gogh. — Zizi voltou a olhar para o quadro. — Andrew disse que tinham um preço em mente.

— Exatamente, Mr. Al-Bakari. Achamos que é bem razoável.

— Eu também. — Mirou Herr Wehrli, o banqueiro, por cima do ombro. — Acha que consegue encontrar oitenta e cinco milhões nas contas, Manfred?

— Creio que é possível, Zizi.

— Nesse caso, negócio fechado, Mr. Isherwood. — Olhou para Sarah e completou: — Eu a levo-a.

Às quatro e cinquenta e três, a equipe neviot informou Gabriel de que a ação se deslocara para o andar inferior e Isherwood discutia com Herr Wehrli e Abdul Abdul as questões relativas ao pagamento e à transferência de posse. A discussão demorou pouco mais de uma hora, e às seis e cinco chegou a informação de que Mr. Baker e respetivo séquito atravessavam o pátio, de regresso à caravana estacionada em Duke Street. Eli Lavon ficou encarregue da perseguição. Durante alguns minutos, o destino pareceu ser a mansão de Mayfair mas, às seis e quinze, tornou-se óbvio que Mr. Baker e

comitiva se dirigiam a Heathrow e a paradas incertas. Gabriel ordenou a Lavon que interrompesse a perseguição. Não lhe interessava para onde ia Mr. Baker. Sabia que em breve se voltariam a encontrar.

O vídeo chegou às sete e quarenta e cinco. Fora recolhido pela câmera de vigilância instalada no canto extremo da sala de exposições, acima da paisagem de Claude. Enquanto a via, Gabriel sentia-se como se estivesse num camarote acima do palco.

— ...Esta é Sarah Bancroft, a nossa diretora-adjunta. A nossa presença nesta sala esta tarde deve-se à Sarah...

— ...Nesse caso, negado fechado, Mr. Isherwood. Eu a levo...

Gabriel parou a gravação e olhou para Dina.

— Vendeste-lhe uma garota — disse ela. — Agora só tens de lhe vender a outra.

Gabriel abriu o arquivo áudio do encontro de Isherwood com Andrew Malone e clicou no Play.

— Não é dinheiro do Zisçi. O dinheiro é meu. E aquilo que o Zizi não sabe, não o prejudica.

— E se ele descobrir? Lança-te ao deserto e deixa que os abutres te limpem a carcaça.

21

LONDRES

A denúncia de Andrew Malone chegou à sede da AAB Holdings em Genebra às dez e vinte e dois da manhã de quinta-feira seguinte. Estava dirigida a "Mr. Abdul Aziz al-Bakari, Esq." e foi entregue em mãos por um mensageiro de motocicleta com uniforme de um serviço de mensagens de Genebra. O nome do remetente era uma tal de Miss Rebecca Goodheart, Earls Court, Londres, mas a investigação feita pela segurança da AAB determinou que Miss Goodheart era simplesmente pseudônimo de um delator anônimo. Não tendo encontrado vestígios de materiais radiológicos, biológicos ou explosivos, o subordinado encaminhou a carta à sala de Wazir bin Talai. Ali permaneceu até o fim da tarde de sexta-feira, quando Bin Talai voltou a Genebra após uma viagem de um dia a Riad.

Tinha assuntos mais urgentes a tratar, por isso pouco faltava para as oito quando abriu o envelope. Arrependeu-se de imediato pelo atraso, pois as alegações eram muito sérias. Segundo Miss Goodheart, em nove ocasiões Andrew Malone

recebera verbas em dinheiro, o que constituía uma violação do contrato de serviços pessoais que assinara com Abdul Aziz al-Bakari. As alegações eram corroboradas por uma série de provas que incluíam recibos de depósitos bancários, faxes e e-mails pessoais retirados do computador pessoal de Malone. Bin Talai telefonou imediatamente para a mansão de Genebra do superior, e às nove horas da noite estava a colocar os documentos em cima da secretária de um Zizi al-Bakari irado.

Nessa mesma noite, às onze horas em Londres, Birj Talai telefonou para a residência de Malone em Knightsbridge e ordenou-lhe que fosse para Genebra no primeiro voo disponível. Quando Malone protestou que já tinha um compromisso — e ainda por cima era fim-de-semana — Bin Talai deixou bem claro que a convocatória tinha um carácter obrigatório, e a não comparência seria considerada uma ofensa grave. O telefonema foi gravado por uma equipe neviot e transmitido de imediato a Gabriel, na casa de segurança de Surrey, acompanhado pela chamada que um Malone nervoso efetuara dez minutos depois para a British Airways, reservando um lugar no voo para Genebra das oito e trinta da manhã.

Eli Lavon reservou um lugar no mesmo voo. Quando chegaram a Genebra, os dois homens foram recebidos por um par de carros díspares, Malone por um Mercedes Classe S preto, conduzido por um dos motoristas de Zizi, e Lavon por um Opel salpicado de lama, pilotado por um correio da Estação de Genebra. Lavon disse ao bodel que desse margem ao Mercedes. Por esse motivo, chegaram à mansão de Zizi alguns minutos depois de Malone. Avistaram um estacionamento discreto mais ao fundo da rua, mas não tiveram de esperar muito, pois vinte minutos mais tarde Malone saiu da casa, com um ar mais pálido do que o habitual. Regressou diretamente ao aeroporto e reservou um lugar no primeiro avião de volta a Londres, marcado para as cinco horas. Lavon fez o mesmo. Em Heathrow, os dois homens seguiram o seu caminho, Lavon para Surrey e Malone para Knightsbridge, onde informou a esposa de que, a menos que conseguisse desencantar quatro milhões de libras a curto prazo, Zizi al-Bakari ia atirá-lo pessoalmente de uma ponte muito alta.

Tudo isto teve lugar na noite de sábado. Na quarta-feira seguinte, tornou-se claro para Gabriel e para o resto da equipe que Zizi andava à procura de um novo consultor de arte exclusivo. Também se tornou óbvio que tinha alguém em particular debaixo de olho, pois Sarah Bancroft, diretora-adjunta da Isherwood Fine Arts, de Masons Yard, St. Jamess, estava a ser vigiada. Sarah começou a vê-los como amigos. Viajavam de metropolitano com ela. Passeavam em Masons Yard e preambulavam por Duke Street. Seguiam-na para almoçar e havia sempre um à espera no Greens todas as noites, quando passava pelo bar para tomar uma bebida rápida com Oliver e os rapazes. Foram com ela a um leilão na Sothebys e viram-na seleccionar o conteúdo

aborrecido de uma loja em Hull. Chegaram a efetuar uma longa viagem com ela até Devon, onde convenceu um aristocrata menor a ceder uma adorável Senhora com Menino veneziana, que Isherwood ambicionava havia anos.

— Zizi vem buscá-la — disse-lhe Gabriel num telefonema breve na segunda-feira à tarde. — É só uma questão de tempo. E não fique alarmada se as coisas parecerem fora do sítio quando voltar a casa. O Sharuki entrou no seu apartamento esta manhã e revistou-o.

No dia seguinte chegou o primeiro presente, um relógio de diamantes Harry Winston. Presa à caixa estava uma mensagem escrita à mão: Obrigado por ter encontrado Marguerite. Eternamente grato, Zizi. Os brincos Bulgari surgiram no dia seguinte. A fiada dupla de pérolas Mikimoto no outro dia. A pulseira de rede de ouro da Tiffany apareceu na quinta-feira ao fim da tarde, quando Sarah se preparava para sair do trabalho. Colocou-a no pulso direito e dirigiu-se ao Greens, onde Oliver a tentou abordar de modo um pouco desajeitado.

— Talvez numa outra vida — respondeu-lhe, com um beijo na face —, mas esta noite não. Sê um querido, Oliver, e leva-me ao metro.

As noites eram o mais difícil. As viagens à casa de segurança de Surrey tinham chegado ao fim. Para Sarah, a casa de Surrey não existia. Percebeu que tinha imensas saudades de todos eles. Eram uma família. Uma família barulhenta, desavinda, cacofônica e adorável — o tipo de família que Sarah nunca tivera. Tudo o que restava deles era o ocasional telefonema secreto de Gabriel e a luz no apartamento do outro lado da rua, a luz de Yossi. Mas em breve também este desapareceria. À noite, quando ficava sozinha e com medo, chegava a desejar ter-lhes dito que encontrassem outra pessoa. E às vezes pensava no pobre Julian e interrogava-se como seria capaz de aguentar-se sem ela.

O último envelope chegou às três da tarde do dia seguinte. Foi entregue em mão por um mensageiro de fato e gravata. Lá dentro estava uma mensagem escrita à mão e um único bilhete de avião. Sarah abriu o invólucro do bilhete e olhou para o destino. Dez segundos depois, o telefone tocou. — Isherwood Fine Arts. Fala a Sarah. — Boa tarde, Sarah.

Era Zizi.

— Olá, Mr. Al-Bakari. Como está o senhor?

— Digo-lhe não tarda nada. Recebeu o convite e o bilhete de avião?

— Recebi, sim. E os brincos. E o relógio. E as pérolas. E a pulseira.

— A pulseira é a minha preferida.

— A minha também, mas as prendas eram completamente desnecessárias. Tal como este convite. Receio que não possa aceitar.

— Insulta-me, Sarah.

— Não é, de todo, minha intenção. Por mais que gostasse de passar alguns dias ao sol, receio não poder sair daqui de um momento para o outro.

— Não é de um momento para o outro. Se olhar com atenção para o bilhete, verá que ainda faltam três dias para a partida.

— Também não posso ausentar-me daqui a três dias. Tenho assuntos a tratar na galeria.

— Imagino que o Julian a possa dispensar por alguns dias. Acabou de lhe conseguir muito dinheiro.

— Isso é verdade. — Então, Sarah? Vem?

— Receio que a resposta seja não.

— Tem de ficar a saber uma coisa sobre mim, Sarah, eu nunca aceito um não como resposta.

— Apenas creio que não seria próprio.

— Próprio? Acho que não entendeu os meus motivos.

— E quais são os seus motivos?

— Gostaria que viesse trabalhar comigo.

— Em que função?

— Nunca discuto esses assuntos ao telefone, Sarah. Vem? Sarah esperou dez segundos antes de lhe responder.

— Ótimo — replicou Zizi. — Um dos meus homens vai acompanhá-la. Irá buscá-la ao seu apartamento às oito da manhã de segunda-feira.

— Posso viajar sozinha, Mr. Al-Bakari.

— Eu sei que sim, mas será mais fácil se um dos meus seguranças estiver com você. Nos vemos na segunda-feira à noite.

E desligou. Quando Sarah pousou o fone, apercebeu-se de que ele não lhe pedira o endereço.

Gabriel estava a desmontar o estúdio na casa de segurança de Surrey quando Lavon subiu a escada à pressa, com uma impressão da mensagem que acabara de ser enviada pela equipe neviot em Masons Yard.

— Zizi fez a jogada dele — informou, entregando a folha a Gabriel. — Quer vê-la imediatamente.

Gabriel leu a mensagem e depois olhou para Lavon.

— Bolas — murmurou. — Vamos precisar de um barco.

Celebraram com um jantar acompanhado por champanhe. A mesa estava posta também para Sarah, o único membro da equipe que não se encontrava presente. Na manhã seguinte, Lavon conduziu Gabriel ao Aeroporto de Heathrow e às quatro e meia

dessa tarde apreciava o pôr do Sol a partir de um apartamento de segurança da CIA, em Collins Avenue, em Miami Beach. Adrian Carter vestia jeans, camisa de algodão e mocassins. Ofereceu a Gabriel um copo de limonada e a fotografia de um barco enorme.

— Chama-se Sun Dancer — informou Carter. — É um iate de luxo de alto mar de vinte e dois metros. Imagino que tu e a tua equipe o considerem muito agradável. — Onde o conseguiste?

— Apreendemo-lo há uns anos a um traficante de droga panamense chamado Carlos Castillo. Mr. Castillo reside agora numa penitenciária federal no Oklahoma, e desde então temos vindo a usar o seu barco para fazer o trabalho do Senhor aqui no Caribe.

— Quantas vezes foi usado? — Cinco ou seis pelo DEA, e duas por nós.

Gabriel devolveu a foto a Carter. — Está sujo — comentou. — Nada com uma origem limpa?

— Já mudamos o nome e registro várias vezes. Zizi e os seguranças dele não têm maneira de o ligar a nós.

Gabriel suspirou.

— Onde está ele agora?

— Numa marina de Fisher Island — respondeu Carter, apontando para sul. — Está a ser equipado neste momento. Esta noite parte de Langley uma tripulação da CIA.

— Foi uma boa tentativa — contrapôs Gabriel —, mas vou usar a minha tripulação. — Vossa?

— Temos marinha, Adrian. E muito boa, por sinal. Tenho uma tripulação a postos em Haifa. E diz aos teus rapazes que retirem os dispositivos de escuta. Caso contrário nós próprios vamos tirá-los, e o Sun Dancer vai chegar-lhes às mãos em mau estado.

— Já está tratado — garantiu Carter. — Como estás a pensar trazer a tua equipe para cá?

— Esperava que um amigo do serviço secreto americanos me desse uma ajuda.

— Do que precisas?

— Autorização de transporte aéreo e de aterragem.

— De quanto tempo precisas para levar a tua tripulação de Haifa para Londres? — Partem logo pela manhã.

— Vou enviar um dos nossos aviões para Londres esta noite. Vai buscar a tua equipe e trazê-la para cá. Deixamo-la em Homestead e dispensamos os passaportes e a

alfândega. Podes fazer-te ao mar no domingo à noite e encontrar-te com Zizi na segunda-feira à tarde.

— Parece-me que temos negócio fechado — disse Gabriel. Agora só precisamos do Ahmed bin Shafiq.

— Ele aparece — garantiu Carter. — A única questão é saber se a tua garota lá vai estar quando ele chegar.

— Ela é a nossa garota, Adrian. A Sarah pertence-nos a todos.

PARTE TRÊS

A Viagem Noturna

ILHA HARBOUR, BAHAMAS

— Lá está ele — bradou Wazir bin Talai sobre o rugido das hélices do Sikorsky. Apontou para o lado direito do aparelho. Alexandra, o enorme iate privado de Zizi cruzava as águas a ocidente da ilha. Não é lindo?

— É enorme — gritou Sarah em resposta.

— Oitenta metros — gabou-se Bin Talai, como se o tivesse construído ele próprio. Oitenta e cinco, pensou Sarah. Mas isso são pormenores. Yossi descrevera-o como sendo um emirado flutuante. Sarah permitiu que lhe invadissem o pensamento. O último contato fora na tarde de domingo. Comprava em Oxford Street as últimas coisas para a viagem quando Eli Lavon se cruzara com ela. Estaremos sempre contigo, dissera-lhe. Não nos procures. Não tentes entrar em contato conosco, a menos que seja uma calamidade. Nós iremos ter contigo. Tem uma boa viagem.

Recostou-se no assento. Usava o jeans e a blusa de lã que vestira de manhã. Apenas a dez horas de distância da umidade fria de Londres, o seu corpo não estava preparado para a investida do calor tropical. Sentia o jeans colado às pernas e a camisa parecia lixa no pescoço. Olhou para Bin Talai, que não aparentava qualquer dificuldade em adaptar-se à súbita mudança de clima. Tinha um rosto largo, olhos pequenos e barbicha. Vestido como estava, de fato cinzento e gravata, poderia ser confundido com um financeiro. As mãos, contudo, traíam a verdadeira natureza do seu trabalho. Pareciam marretas.

O troar da hélice tornava a conversa impossível, algo por que se sentia grata. A aversão que sentia por ele não tinha limites. Desde pouco depois da madrugada que se tornara uma presença constante a seu lado, ameaçadora na sua correção. No aeroporto insistira em acompanhá-la às lojas francas e interviera com um cartão de crédito da empresa quando ela comprara um frasco de loção de aloés. Durante o voo mostrara um interesse constante por todos os aspetos da vida dela. Por favor, Miss Sarah, fale-me da sua infância... Por favor, Miss Sarah, fale-me do seu interesse pela arte... Por favor, Miss Sarah, diga-me por que resolveu deixar Washington e vir para Londres... Fingira estar a dormir para fugir dele. Duas horas depois, quando simulou acordar, questionou-a ainda mais. Disse que o pai trabalha no Citicorp? Sabe, é bem possível que ele e Mr. Al-Bakari se tenham encontrado. Mr. Al-Bakari já tratou de muitos assuntos com a Citicorp... Depois desse comentário colocara os fones para ver um filme. Bin Talai escolhera o mesmo. Quando voltou a olhar pela janela, o Alexandra parecia encher o horizonte. Podia ver Nadia e Rahimah a apanhar os últimos raios de sol na coberta de

proa, os cabelos negros a contorcerem-se com o vento. E Abdul Abdul com Herr Wehrli no convés de popa, a maquinarem a próxima conquista. E acima de todos eles, vestido de branco

Com o braço erguido em saudação, estava Zizi. Volte para trás, pensou. Deixe-me em terra firme. Fique aqui, Mr. Bin Taa. Eu volto a Londres sozinha, muito obrigada.

Mas sabia que não havia como voltar atrás. Gabriel dera-lhe essa última oportunidade em Surrey, e ela concordara em prosseguir com a missão. O Sikorsky pairou sobre a popa do Alexandra e baixou lentamente até a plataforma de aterragem. Sarah viu outra coisa: Zizi na sala de exposições da galeria de Julian, a avisá-la de que ninguém seria capaz de lhe conseguir impingir uma falsificação, quer fosse nos negócios, quer fosse no mundo da arte. Não sou uma falsificação, pensou quando desceu do helicóptero. Sou Sarah Bancroft. Antiga conservadora do Phillips Collection de Washington. Agora trabalho para a Ishenvood Fine Arts de Londres. Já me esqueci de mais coisas sobre arte do que conseguiria saber. Não quero seu emprego, nem seu dinheiro. Na verdade, não quero nada com você.

Bin Talai levou-a aos seus aposentos. Eram maiores do que o apartamento de Chelsea: um quarto enorme, com área de estar independente, banheiro em mármore com uma jacuzzi rebaixada, uma vasta varanda particular, naquele momento iluminada pelo sol poente. O árabe pousou a mala na cama como se fosse um empregado de hotel e começou a abri-la.

Sarah tentou detê-lo.

— Isso não será necessário. Eu cuido da minha mala, obrigada.

— Receio que seja necessário, Miss Sarah.

Ergueu a parte de cima e começou a tirar seus pertences. — O que está fazendo?

— Temos regras, Miss Sarah. — A cortesia profunda desaparecera de sua voz. — É meu dever garantir que os convidados sigam essas regras. Nada de álcool, nada de fumo e nada de pornografia. — Ergueu uma revista americana de moda que ela comprara no aeroporto em Miami. — Receio que tenha de confiscar isto. Tem álcool?

Sarah abanou a cabeça. — Nem cigarro.

— Não fuma?

— Ocasionalmente, mas não é um vício.

— Preciso do seu celular até que deixe o Alexandra.

— Por quê?

— Porque não é permitido usar telefones celulares a bordo desta embarcação.

Além disso, não funcionam por causa dos aparelhos eletrônicos do navio.

— Se não funciona, então para quê confiscá-lo?

— Imagino que o seu telefone possa tirar fotografias e gravar trechos de áudio e de vídeo.

— Foi o que o homenzinho da loja me disse, mas nunca usei essas potencialidades.

Bin Talai estendeu a mão enorme.

— O telefone, por favor. Garanto-lhe que será estimado.

— Tenho de trabalhar. Não posso ficar isolada do mundo. 228 Sinta-se à vontade para utilizar o sistema telefônico via satélite que temos a bordo.

E vocês estarão à escuta, não é?

Retirou o celular da bolsa, desligou-o e entregou-o.

— Agora a máquina fotográfica, por favor. Mr. Al-Bakari não gosta de máquinas fotográficas junto dele quando está a tentar descontraí-lo. É contra as regras fotografá-lo, aos funcionários e aos convidados.

— Há mais convidados, além de mim?

A questão foi ignorada.

— Trouxe algum BlackBerry, ou qualquer outro tipo de PDA?, Sarah mostrou-lhe e ele estendeu a mão.

— Se lerem os meus e-mails, juro que...

— Não desejamos ler o seu correio eletrônico. Por favor, Miss Sarah, quanto mais depressa acabarmos isto, mais depressa poderá acomodar-se e descansar.

Entregou-lhe o BlackBerry.

— Trouxe algum iPod, ou outro gênero de sistema de som pessoal?

— Deve estar a brincar.

— Mr. Al-Bakari acredita que os sistemas de som pessoais são indelicados. O seu quarto contém um sistema de entretenimento áudio e vídeo topo de gama.

Não vai precisar do seu. Entregou-lhe o iPod.

— E outros aparelhos eletrônicos?

— Um secador.

Bin Talai estendeu a mão.

— Não pode ficar com o secador de uma mulher.

— No banheiro vai encontrar um compatível com o sistema elétrico do navio.

Entretanto, dê-me o seu, para que não haja confusões.

— Prometo que não o uso.

— O secador, Miss Sarah, por favor. Retirou o secador da mala e entregou-o. — Mr. Al-Bakari deixou-lhe um presente no armário. Imagino que ele se sinta lisonjeado se o usar ao jantar. Está marcado para as nove horas. Sugiro que tente dormir até lá. Teve um dia comprido... e ainda temos a diferença horária, é claro.

— É claro.

— Deseja ser acordada às oito horas?

— Eu acordo sozinha. Trouxe um despertador de viagem. Bin Talai esboçou um sorriso sem humor.

— Fico com ele, também.

Para sua grande surpresa, acabou por dormir. Não sonhou e acordou na escuridão, sem saber onde se encontrava. Então sentiu o peito acariciado por um sopro de vento marítimo quente, como o hálito de um amante, e recordou que estava a bordo do Alexandra e profundamente solitária. Quedou-se imóvel por um momento, interrogando-se se estariam a observá-la. Tens de partir do princípio de que vão observar-te cada movimento e escutar-te cada palavra, avisara-a Eli. Imaginou outra cena a desenrolar-se a bordo do navio. Wazir bin Talai a descarregar todas as mensagens do BlackBerry. Wazir bin Talai a confirmar todos os números marcados no seu celular. Wazir bin Talai a dissecar o secador, o iPod e o despertador de viagem, em busca de microfones e dispositivos de localização. Mas não iria encontrá-los.

Gabriel sabia que revistariam os pertences dela assim que entrasse no território deles. Numa situação destas, Sarah, o mais simples é sempre melhor. Vamos fazer à moda antiga. Códigos telefônicos. Sinais físicos de reconhecimento. Aproximou o relógio do rosto e viu que faltavam cinco minutos para as oito. Voltou a fechar os olhos e permitiu que a brisa lhe percorresse o corpo. Cinco minutos depois, o telefone ao lado da cama gemeu suavemente. Estendeu a mão no escuro e trouxe o fone ao ouvido.

— Estou acordada. Mr. Bin Talai.

— Folgo em ouvi-lo.

A voz não era a de Bin Talai. Era a de Zizi.

— Peço desculpas, Mr. Al-Bakari. Pensei que fosse outra pessoa.

— É óbvio — replicou, com um tom agradável. — Conseguiu descansar um pouco?

— Creio que sim.

— E a viagem?

— Foi bem.

— Posso fazer um pedido?

— Depende do que vai pedir, Mr. Al-Bakari.

— Preferia que me tratasse por Zizi. É como meus amigos me chamam.

— Vou tentar. — E acrescentou, em tom de brincadeira: — Mr. Al-Bakari.

— Fico a sua espera para jantar, Sarah.

A linha ficou muda. Pousou o fone e dirigiu-se à coberta privada. Estava já muito escuro. Uma lua em forma de unha pairava acima do horizonte e o céu era um

cobertor de estrelas cintilantes. Olhou na direção da popa e viu um par de luzes de navegação de um verde esmeralda que pairavam a vários quilômetros de distância. Havia mais luzes na direção da proa. Recordou o que Eli lhe explicara durante o treino nas ruas. Por vezes, é mais fácil seguir alguém quando vamos na frente. Imaginou que o mesmo se pudesse aplicar à vigilância marítima.

Voltou ao quarto, despiu-se e entrou na casa de banho. Desvia os olhos, Wair, pensou. Nada de pornografia. Tomou banho na jacuzzi hedonista de Zizi e ouviu Keith Jarrett no sistema de áudio top de linha de Zizi. Enrolou-se no roupão de veludo de Zizi e secou o cabelo com o secador de Zizi. Passou um pouco de maquilagem, apenas para apagar os efeitos da viagem transatlântica, e quando deixou o cabelo solto nos ombros, pensou brevemente em Gabriel.

— *Como gosta de usar o cabelo, Sarah?*

— *Em geral, solto.*

— *Tem maçãs do rosto muito bonitas. Um pescoço elegante. Devia pensar em prender o cabelo no alto de vez em quando. Como Marguerite.*

Mas não naquela noite. Quando ficou satisfeita com a sua aparência, dirigiu-se ao quarto e abriu a porta do roupeiro. Em cima de uma das prateleiras estava uma caixa embrulhada. Retirou o papel e destapou-a. Lá dentro havia calça e camiseta de alças, ambos de seda marfim. Couberam perfeitamente, como todo o resto. Acrescentou ao conjunto o relógio Harry Winston, os brincos Bulgari, as pérolas Mikimoto e a pulseira Tiffany. Saiu do quarto quando faltavam cinco minutos para as nove e dirigiu-se à coberta da popa. Tente esquecer que existimos. Seja Sarah Bancroft e nada pode correr mal.

Zizi recebeu-a com entusiasmo.

— Sarah! Que maravilha vê-la novamente. Toda a gente, esta é a Sarah. Sarah, apresento-lhe toda a gente. São demasiados nomes para se recordar de todos, a menos que seja uma daquelas pessoas com uma memória excelente para nomes. Sugiro que o vamos fazendo com calma. Sente-se, por favor, Sarah. Teve um dia muito comprido. Deve estar esfomeada.

Instalou-a perto da extremidade da longa mesa e regressou ao seu lugar, no lado oposto. Sarah tinha ao lado direito um Abdul e à esquerda Herr Wehrli, o banqueiro. À sua frente estava Mansur, o chefe do departamento de viagens, e a esposa nervosa de Herr Wehrli, que parecia considerar a cena pavorosa. Ao lado de Frau Wehrli estava Jean-Michel, o treinador pessoal. O longo cabelo louro estava apanhado num rabo-de-cavalo e fitava Sarah com um interesse ousado, para grande consternação da esposa, Monique. Mais ao fundo da mesa sentavam-se Rahimah e o belo namorado, Hamid, uma artista qualquer do cinema egípcio. Nadia estava ao lado do pai, numa atitude de

posse. Durante a longa refeição, Sarah olhou repetidas vezes na direção de Zizi, encontrando sempre Nadia a fitá-la. Imaginou que Nadia fosse representar um problema tão grave como Bin Talai.

Após ter confirmado que Sarah não falava árabe, Zizi declarou que as línguas oficiais da noite seriam o francês e o inglês. As conversas foram terrivelmente banais. Falaram de roupas e de filmes, de restaurantes que Zizi gostaria de adquirir e de um hotel em Nice que estava a pensar em comprar. A guerra, o terrorismo, a situação dos palestinos, o presidente americano, nada disso parecia existir. Na verdade, nada parecia existir para lá da amurada do

Alexandra, ou dos limites do império de Zizi. Sentindo que Sarah estava a ser mantida à margem, Zizi voltou a pedir-lhe que explicasse como descobrira o Van Gogh. Quando a jovem se recusou a morder o isco, ele exibiu um sorriso predatório e garantiu:

— Um dia ainda lhe vou sacar essa informação. — Sarah, pela primeira vez, sentiu uma onda de terror profundo.

Durante a sobremesa, Zizi levantou-se do seu lugar e puxou uma cadeira para o lado de Sarah. Vestia um fato de linho creme e as faces anafadas estavam vermelhas do sol.

— Espero que tenha gostado do jantar.

— Estava delicioso. Deve ter passado a tarde a cozinhar.

— Eu não — escusou-se, com modéstia. — Os meus chefes.

— Tem mais do que um?

— Por acaso são três. A tripulação e restante pessoal soma quarenta elementos.

Trabalham exclusivamente para mim, quer o Alexandra esteja no mar, quer esteja à espera no porto. Vai conhecê-los durante a nossa viagem. Se precisar de alguma coisa, não hesite em pedir. Espero que os seus aposentos sejam satisfatórios. — Mais do que satisfatórios, Mr. Al-Bakari.

— Zizi — recordou-a. Dedilhava uma fiada de contas de oração de marfim. — Mr. Bin Talai contou-me que ficou incomodada com algumas das nossas regras e procedimentos de segurança.

— Talvez surpreendida seja uma descrição melhor. Preferia que me tivesse explicado antes. Teria viajado com menos bagagem.

— Por vezes, Mr. Bin Talai consegue ser fanático na sua dedicação à minha segurança.

Peço-lhe desculpa pelo seu comportamento. Posto isto, Sarah, quando alguém entra no mundo da AAB Holdings, tem de seguir algumas regras... para segurança de

todos. — Enrolou as contas de oração à volta dos dois primeiros dedos da mão direita.

— Teve oportunidade de pensar na minha proposta?

— Ainda não sei qual é.

— Mas está interessada. Caso contrário, não teria vindo.

— Digamos que me sinto intrigada, e estou disposta a falar mais um pouco sobre o assunto.

— É uma mulher de negócios astuta, Sarah. Admiro essa qualidade. Aproveite o sol e o mar. Voltaremos a falar daqui a alguns dias, quando se descontraírem um pouco.

— Alguns dias? Tenho de voltar a Londres.

— O Julian Isherwood saiu-se bem sem a Sarah durante muitos anos. Algo me diz que ele vai sobreviver enquanto tirar umas férias merecidas na nossa companhia.

E com essas palavras voltou ao seu lado da mesa, sentando-se junto a Nadia. — Bem-vinda à família — disse-lhe Herr Wehrli. — Ele gosta muito de si. Quando negociar o salário, seja pouco razoável. Ele paga-lhe o que a Sarah quiser. O jantar a bordo do Sun Dancer foi bastante menos extravagante e as conversas muito mais animadas. Não evitaram tópicos como a guerra e o terrorismo. Na verdade, receberam-nos de braços abertos e discutiram-nos bem para lá da meia-noite. Ao fim do serão verificou-se nova discussão, desta vez sobre quem iria tratar da louça. Dina e Rimona clamaram a sua dispensa, argumentando que tinham executado essa mesma tarefa na última noite passada em Surrey. Gabriel, através de uma das poucas ordens desse dia, delegou o encargo nos homens novos: Oded e Mordecai, dois agentes de campo versáteis e experientes, e Mikhail, um pistoleiro emprestado ao Escritório pelo Sayeret Matkal. Era um judeu de ascendência russa, de pele alva e olhos da cor do gelo.

— Uma versão tua mais jovem — comparara Yaakov. — É bom com uma arma, mas não tem consciência. Praticamente derrubou sozinho a estrutura de comando do Hamas.

As instalações não tinham a grandiosidade do Alexandra, pelo que ninguém teve o privilégio de aposentos individuais. Gabriel e Lavon, veteranos de caças ao homem anteriores, partilharam o espaço na proa. Lavon estava habituado às noites operacionais erráticas de Gabriel e não ficou surpreendido quando acordou de madrugada e viu a cama dele vazia. Desceu da tarimba e subiu ao convés. Gabriel estava de pé na proa, de café na mão, os olhos fitos na mancha de luz indistinta no horizonte longínquo. Lavon regressou à cama e dormiu mais duas horas. Quando voltou à coberta, Gabriel estava na mesma posição, a fitar o mar aberto.

AO LARGO DAS BAHAMAS

Os dias tomaram forma rapidamente.

Acordava cedo todas as manhãs e preguiçava na cama enorme, a ouvir o Alexandra a despertar lentamente. Depois, regra geral por volta das sete e meia, telefonava ao camareiro e pedia-lhe o café da manhã e o brioche, que eram trazidos num tabuleiro, sempre acompanhados por uma flor fresca, cinco minutos depois. Se não estivesse a chover, tomava o pequeno-almoço na sombra da coberta privada virada para estibordo. O Alexandra seguia para sudeste, vogando sem pressas com um rumo desconhecido.

Normalmente, Sarah conseguia distinguir à distância as ilhas rasas do arquipélago das Bahamas. A suíte de Zizi ficava no nível acima do dela. Certas manhãs conseguia ouvi-lo ao telefone, a fechar os primeiros negócios do dia. Após o pequeno-almoço, Sarah fazia dois telefonemas para Londres, a partir do sistema de bordo. Primeiro ligava para o apartamento de Chelsea, onde encontrava sempre duas ou três mensagens de voz artificiais deixadas pelo Escritório. Depois telefonava para a galeria e falava com Chiara. O seu inglês suave de pronúncia italiana era como uma corda de salvação. Sarah perguntava sobre negócios pendentes e depois Chiara lia-lhe as mensagens telefônicas. Na conversa aparentemente benigna estava contida informação vital: Sarah dizendo a Chiara que estava bem e que não havia sinais de Ahmed bin Shafiq; Chiara garantindo a Sarah que Gabriel e os outros estavam por perto e que ela não estava sozinha. Desligar o telefone a Chiara era a parte mais difícil do dia de Sarah.

Mas por essa altura eram já dez horas, o que significava que Zizi e Jean-Michel tinham acabado o treino e o ginásio estava disponível para os restantes colaboradores e para os hóspedes. Os outros eram bastante sedentários. A única companhia de Sarah todas as manhãs era Herr Wehrli, que se atormentava na máquina elíptica durante alguns minutos, antes de se retirar para a sauna, onde procedia a uma boa transpiração suíça. Sarah corria trinta minutos na passadeira, após o que remava outros trinta. Pertencera à equipe de Dartmouth e, poucos dias depois, começou a ver a definição nos ombros e nas costas que estivera ausente desde a morte de Ben.

Depois do exercício, Sarah juntava-se às outras mulheres na coberta de proa, onde apanhava um pouco de sol antes do almoço. Nadia e Rahimah mantinham-se distantes, mas as esposas foram-se tornando mais amáveis, especialmente Frau Wehrli e Jihan, a jovem mulher loura de Hassan, o especialista em comunicações de Zizi. Monique, esposa de Jean-Michel, raramente falava com ela. Por duas vezes, Sarah espiou por cima do romance que estava lendo e viu Monique a fitá-la, como se tramasse empurrá-la pela borda quando ninguém estivesse olhando.

O almoço era sempre faustoso e demorado. A seguir, a tripulação do Alexandra parava o barco para o a que Zizi chamava corrida vespertina de jet-ski. Sarah passou os dois primeiros dias em segurança no convés, de onde observou Zizi e seus executivos cortando as ondas. No terceiro dia ele convenceu-a a participar e ensinou-a pessoalmente a pilotar. Sarah afastou-se da popa do Alexandra, e depois desligou o motor e fitou longamente a ínfima mancha branca no horizonte atrás deles. Deveria ter-se afastado demasiado, pois dali a alguns instantes Jean-Michel surgiu a seu lado, fazendo-lhe sinal para voltar ao navio. — O limite são cem metros — disse. — Regras de Zizi.

Este tinha o dia rigorosamente organizado. Um pequeno-almoço leve no quarto. Telefonemas. Exercícios com Jean-Michel, no ginásio. Uma reunião ao fim da manhã com os colaboradores. Almoço. A corrida de motos de água. Outra reunião com os colaboradores, que normalmente se arrastava até o jantar. Depois do jantar, telefonemas até altas horas da noite. No segundo dia, o helicóptero deixou o Alexandra às dez da manhã e regressou uma hora depois, com uma delegação de seis homens. Sarah observou-lhes os rostos à medida que entravam na sala de conferências de Zizi, e concluiu que nenhum deles era Ahmed bin Shafiq. Mais tarde, um dos Abdul mencionou três nomes, que Sarah armazenou na memória, para utilização futura. Nessa tarde, encontrou-se sozinha com Zizi num dos salões e perguntou-lhe se poderiam discutir a oferta de emprego.

— Qual é a pressa, Sarah? Descontraia-se. Divirta-se. Falaremos quando chegar a altura.

— Tenho de voltar a Londres, Zizi. — Para o Julian Isherwood? Como pode voltar depois de tudo isto? — Não posso ficar aqui para sempre.

— É claro que pode.

— Poderia, ao menos, revelar o nosso destino?

— É uma surpresa — disse. — Uma das nossas pequenas tradições. Enquanto capitão honorário, posso escolher o nosso destino. Mantenho-o em segredo dos outros. Amanhã estamos a pensar fazer uma visita a Grand Turk. Se quiser, pode ir a terra fazer algumas compras.

Nesse momento apareceu Hassan, que entregou um telefone a Zizi e lhe murmurou ao ouvido qualquer coisa em árabe que Sarah não percebeu.

— Dê-me licença, Sarah. Tenho de resolver este assunto. — E com estas palavras desapareceu na sala de conferências e fechou a porta.

Sarah acordou na manhã seguinte e sentiu o barco completamente imobilizado. Em vez de ficar na cama, levantou-se de imediato, saiu para a coberta e viu que tinham ancorado ao largo de Cockburn Town, a capital das Ilhas Turcas e Caíques. Tomou o

pequeno-almoço no quarto, ligou a Chiara, em Londres, e depois combinou com a tripulação para a levarem à cidade. Às onze e meia dirigiu-se à popa e encontrou Jean-Michel à sua espera, vestido com um pulôver preto e calções brancos.

— Ofereci-me como voluntário para a acompanhar — explicou.

— Não preciso de companhia.

— Ninguém vai a terra sem segurança, especialmente as mulheres. Regras de Zizi.

— A sua esposa também vem?

— Infelizmente, a Monique está indisposta. Ao que parece, o jantar não lhe caiu bem.

Navegaram até o porto em silêncio. Jean-Michel atracou o barco com destreza e depois seguiu-a ao longo das lojas da marginal, enquanto Sarah ia fazendo as suas compras. Numa loja escolheu dois vestidos frescos e um biquíni novo. Numa outra comprou um par de sandálias, um saco de praia e óculos de sol para substituir os que perdera no dia anterior, durante a corrida de motos de água. Depois seguiu até a farmácia, onde comprou champô, loção corporal e uma esponja lufa para remover a pele levantada dos ombros queimados pelo sol. Jean-Michel insistiu em pagar tudo com um dos cartões de crédito de Zizi. De volta ao barco, Rimona passou por eles, oculta atrás de um par de óculos de sol enormes e de um chapéu de palha de abas largas. Sentado num bar minúsculo sobranceiro às docas, reparou num homem de aspecto familiar, de chapéu branco e óculos de sol, que espreitava com um ar lúgubre a bebida decorada com um pequeno guarda-sol festivo. Só depois de se encontrar novamente a bordo do Alexandra percebeu que se tratava de Gabriel.

Quando, no dia seguinte, telefonou para Londres, Julian falou brevemente e perguntou-lhe quando planeava voltar. Dois dias mais tarde, voltou a fazê-lo, mas dessa vez o seu tom continha uma certa nota de agitação. Durante a tarde, Zizi telefonou para o quarto de Sarah.

— Importa-se de vir ao meu gabinete? Acho que chegou a altura de falarmos. — Desligou sem esperar por uma resposta.

Sarah vestiu-se com tanto profissionalismo quanto possível: calça branca curta, blusa amarela cobrindo os braços e sandálias lisas. Pensou em aplicar alguma maquilagem, mas decidiu que não melhoraria o que uma semana de sol no Caribe já conseguira. Dez minutos depois de ter sido chamada, saiu dos aposentos e subiu até o gabinete de Zizi. Este estava sentado à mesa de conferências com Daoud Hamza, Abdul Abdul e Herr Wehrli. Quando Sarah entrou, os funcionários levantaram-se em uníssono, juntaram os papéis e saíram sem uma palavra. Zizi disse a Sarah que devia sentar-se. No extremo oposto da sala, a Al-Jazeera tremeluzia em silêncio num grande

televisor de ecrã plano: tropas israelenses destruíam a casa de um homem-bomba suicida do Hamas, enquanto o pai e a mãe carpiam para as câmeras. O olhar de Zizi dirigiu-se à tela por um instante, antes de voltar a Sarah.

— Investi dezenas de milhões de dólares nos territórios palestinos, e ofereci-lhes doações através de obras de caridade no valor de outros tantos milhões. E agora os israelenses destroem tudo, enquanto o mundo fica vendo, sem fazer nada.

E quanto à condenação mundial pelo que aconteceu ontem, pensou Sarah, quando dois corpos ficaram espalhados por uma rua de Tel Aviv? Olhou para as mãos, para a pulseira de ouro de Zizi e para o relógio Harry Winston de Zizi, e não disse nada.

— Mas falemos de coisas mais agradáveis — sugeriu Zizi.

— Por favor. — Ergueu o olhar e sorriu. — Quer fazer uma oferta extravagante para trabalhar com você.

— Quero?

— Sim, quer.

Zizi devolveu-lhe o sorriso.

— Temos uma vaga no nosso departamento de arte. — O sorriso desvaneceu-se.

— Uma vaga inesperada, mas não deixa de ser uma vaga. Gostaria que a preenchesse.

— O seu departamento de arte?

— Queira me perdoar — disse. — É como nos referimos às várias divisões da operação. Hassan tem o departamento de comunicações. Mansur, viagens. Herr Wehrli, o setor bancário. Mr. Bin Talai pertence à...

— Segurança.

— Exatamente — confirmou Zizi.

— Quem é o chefe do seu departamento de arte?

— No momento, sou eu. Mas gostaria que assumisse esse cargo.

— E Andrew Malone?

— Andrew Malone já não trabalha comigo. — Zizi revirou as contas de oração durante alguns momentos. Os olhos voltaram à tela da televisão e aí permaneceram enquanto falou. — O acordo que estabeleci com o Andrew implicava exclusividade. Pagava-lhe uma avença bastante generosa. Em troca, devia-me conselhos sem conflitos de interesse de sua parte. Afinal, o Andrew traiu-me repetidas vezes. Ao longo dos últimos anos, recebeu dinheiro de mim e dos indivíduos com quem fiz negócio, numa clara violação do nosso acordo. Entre os negociantes e colecionadores que fizeram pagamentos ao Andrew, encontra-se Julian Isherwood. — Fitou-a. — Teve conhecimento de algum pagamento em dinheiro que Julian Isherwood tenha feito a Andrew Malone?

— Não — respondeu Sarah. — Se isso aconteceu, sinto muito.

— Acredito em você — replicou Zizi. — Andrew terá obrigado Julian a guardar segredo. Ele tinha o cuidado de apagar as pistas das traições que me fazia. Infelizmente, não as conseguiu eliminar nas contas bancárias. Foi dessa forma que o descobrimos.

Voltou a olhar para o televisor e franziu o sobrolho.

— O cargo que lhe tenciono propor é bastante mais abrangente do que o do Andrew. Não só irá auxiliar-me na compra de trabalhos, como também será responsável pela conservação da coleção. Pretendo começar a emprestar algumas peças a museus europeus e americanos, como forma de melhorar as relações culturais entre o meu país e o Ocidente. Enquanto antiga conservadora, é mais do que qualificada para gerir essas transações. — Observou-a por um momento. — Estaria interessada no cargo?

— Sim, mas...

— ...mas teria de discutir o salário e as regalias antes de me dar uma resposta, algo que entendo perfeitamente. Se não se importa que lhe pergunte, quanto Julian paga a você neste momento?

— Na verdade eu me importo.

Zizi suspirou profundamente e deu uma volta nas contas.

— Pretende dificultar as negociações o mais que conseguir?

— Evito negociar contra mim mesma.

— Estou disposto a pagar-lhe um salário de quinhentos mil dólares por ano, mais alojamento, mais despesas de representação ilimitadas. O cargo exige muitas viagens... e, é claro, vai passar muito tempo comigo e com minha família. Foi por esse motivo que a convidei para este cruzeiro. Queria que nos ficasse a conhecer. Espero que se tenha divertido e apreciado nossa hospitalidade.

— Muito — garantiu Sarah.

Zizi ergueu as mãos.

— E então?

— Quero um contrato com garantia de três anos.

— Fechado.

— Quinhentos no primeiro ano, seiscentos no segundo e setecentos e cinquenta no terceiro.

— Fechado.

— E depois, temos ainda um bônus de assinatura.

— Diga a sua proposta.

— Duzentos e cinquenta mil.

— Estava disposto a dar quinhentos mil. Negócio fechado?
— Acho que sim. — O sorriso depressa se desvaneceu. — Não estou com muita vontade de contar a Julian.
— São apenas negócios, Sarah. Julian vai entender.
— Vai ficar muito magoado.
— Talvez seja mais fácil se eu falar com ele.
— Não — recusou-se Sarah, abanando a cabeça. — Eu falo. Devo-lhe isso. — É uma mulher íntegra. — Levantou-se de repente. — Vou instruir os advogados para que redijam o contrato. Herr Wehrli vai passar-lhe um cheque no valor do bónus de assinatura, e vai dar-lhe um cartão de crédito da AAB para as suas despesas. — Estendeu a mão. — Bem-vinda à família, Sarah.

A jovem apertou-a e depois encaminhou-se para a porta. — Sarah?
Ela virou-se.

— Por favor, não cometa o mesmo erro que o Andrew. Como pôde ver, sou muito generoso para com as pessoas que trabalham para mim, mas fico muito zangado quando me traem.

Ao ter conhecimento das notícias, Julian Isherwood ficou arrasado, como seria de esperar. Invetivou Zizi, e depois Sarah.

— Nem precisas de vir à galeria buscar as tuas coisas! — bradou.

— Não és bem-vinda... nem tu, nem o teu maldito xeque árabe! — Depois de bater com o fone, foi para o Greens, onde encontrou

Oliver Dimbleby e Jeremy Crabbe, juntos como que em conspiração ao fundo do bar.

— Que cara é essa, Julian? — perguntou Dimbleby, com um pouco de satisfação a mais.

— Perdi-a.

— Quem?

— Sarah — explicou Isherwood. — Trocou-me por Zizi al-Bakari. — Não me diga que ela ficou com o trabalho de Andrew Malone. Isherwood anuiu com solenidade.

— Diz-lhe que não meta a mão no mealheiro de Zizi — disse Crabbe. — Caso contrário, ele corta-a. No país dele é legal, sabias?

— Como a conseguiu? — questionou Dimbleby.

— com dinheiro, é claro. É assim que eles conseguem tudo.

— Grande verdade — aquiesceu Dimbleby. — Pelo menos, ainda nos resta a bela Elena.

Ainda, pensou Isherwood. Mas, por quanto tempo?

A seis mil e quinhentos quilômetros de distância, a bordo do Sun Dancer, Gabriel partilhava o estado de espírito sombrio de Isherwood, embora por motivos bem diferentes. Quando recebeu a informação de que Sarah fora contratada, retirou-se para o seu posto na proa e recusou-se a aceitar os parabéns oferecidos pelo resto da equipe.

— Qual é o problema dele? — perguntou Yaakov a Lavon. — Ele conseguiu! Infiltrou uma agente na jihad Limitada!

— Sim — concordou Lavon. — E um dia vai ter de retirá-la.

25

GUSTAVIA, SAINT-BARTHÉLEMY

O destino secreto de Zizi era a ilha francesa de Saint-Barthélemy. Chegaram na manhã seguinte e ancoraram ao largo de Gustavia, o porto pitoresco e a capital administrativa da ilha. Sarah terminava o exercício quando Nadia entrou no ginásio, vestindo um biquini branco que a favorecia e uma saída-de-praia transparente.

— Ainda não estás pronta? — questionou.

— Estás a falar de quê?

— Vou levar você à praia de Saline... a melhor praia do mundo. — Ao ver a hesitação de Sarah, Nadia tocou-a no braço de modo afetuoso.

— Olha, Sarah, sei que não tenho sido muito simpática desde que chegou. Mas como vamos passar muito tempo juntas, agora que trabalha para o meu pai, mais vale sermos amigas.

Sarah fingiu pensar. — Preciso de dez minutos.

— Cinco. — Nadia sorriu calorosamente. — O que esperava? Sou filha do meu pai.

Sarah foi para a sua cabine, tomou uma ducha rápida, pôs maiô e vestido leve. Colocou algumas coisas na bolsa de praia nova e foi para a popa. Nadia já estava a bordo da lancha, com Rafiq al-Kamal e Jafar Sharuki. Jean-Michel estava ao leme, verificando o painel de instrumentos.

— Somos só nós? — perguntou Sarah ao sentar-se ao lado de Nadia no compartimento frontal.

Rahimah talvez apareça mais tarde — respondeu Nadia. — Mas, para dizer a verdade, espero que não venha. Preciso de umas férias dela.

Jean-Michel afastou o barco da popa do Alexandra, e depois aumentou a potência e partiu. Vogaram ao longo do sul da ilha, pelos arredores de Gustavia e finalmente contornaram o Grande Pointe. Dois minutos mais tarde entraram numa pequena baía, guardada de ambos os lados por excrescências de pedra vulcânica de um tom cinzento acastanhado. Entre as rochas, e por baixo de um céu de um azul luminoso e intenso, ficava uma praia com a forma de um crescente.

— Bem-vinda a Saline — disse Nadia.

Jean-Michel guiou cuidadosamente o barco por entre os pequenos recifes e parou a escassos metros da costa. Rafiq e Sharuki saltaram para a água rasa e dirigiram-se à proa. Nadia levantou-se e desceu para os braços poderosos de Rafiq.

— É uma das grandes vantagens de se ter guarda-costas — comentou. — Não precisamos de nos molhar quando vamos para a praia.

Sarah instalou-se com relutância nos braços de Sharuki. Instantes depois, foi colocada com gentileza na areia dura à beira da água. Quando Jean-Michel deu a volta com a lancha e iniciou o regresso ao Alexandra, Nadia aproximou-se da linha de maré e procurou o lugar ideal para ficarem.

— Ali — disse, ao que deu o braço a Sarah e a levou para o extremo distante da praia, onde não se encontrava mais ninguém. Rafiq e Sharuki seguiram-nas com as cadeiras e os sacos. A cinquenta metros do banhista mais próximo, Nadia deteve-se e murmurou alguma coisa em árabe a Rafiq, cuja resposta foi estender um par de toalhas de praia e abrir as cadeiras.

Os dois guarda-costas montaram guarda a cerca de vinte metros de distância. Nadia despiu a saída-de-praia e sentou-se na toalha. O cabelo escuro e comprido estava penteado para trás e cintilava com gel. Tinha postos óculos de sol de lentes prateadas, através das quais se podia ver os olhos grandes e cristalinos. Lançou um olhar aos guarda-costas e tirou a parte de cima do biquini. Tinha seios grandes e de contornos muito bonitos. Após duas semanas ao sol, a pele estava profundamente bronzeada. Sarah acomodou-se numa das cadeiras e enterrou Os pés na areia. — Gostas de os ter? — perguntou Sarah.

— Os guarda-costas? — Nadia encolheu os ombros. — Quando se é filha de Zizi al-Bakari, tornam-se uma realidade. Sabes quanto valho para um raptor, ou para um terrorista?

— Biliões.

— Exatamente. — Levou a mão ao saco de praia e tirou um maço de Virginia Slims. Acendeu um e ofereceu outro a Sarah, que abanou a cabeça. — Não fumo a bordo do Alexandra por deferência para com os desejos do meu pai, mas quando não estou perto dele... — Sua voz fraquejou. — Não vai contar, certo?

— Juro. — Sarah inclinou a cabeça na direção dos guarda-costas.

— E eles?

— Não se atreveriam a contar ao meu pai.

Nadia voltou a guardar os cigarros no saco e exalou o fumo para o céu limpo.

Sarah fechou os olhos e virou a cabeça para o sol.

— Por acaso não tem aí uma garrafa de rosé gelado, tem?

— Quem me dera — confessou Nadia. — Jean-Michel sempre tem algum vinho no barco. Se pedir com jeitinho, imagino que ele consiga uma garrafa ou duas.

— Receio que Jean-Michel queira me dar mais alguma coisa, além do vinho.

— Sim, ele está muito atraído por você. — Nadia subiu os óculos de sol para a testa e fechou os olhos. — Há um restaurante do outro lado das dunas. Se quiser, mais tarde podemos tomar uma bebida no bar.

— Não tinha notado que você bebia.

— Não bebo muito, mas adoro um daiquiri de banana em dias como o de hoje.

— Pensei que sua religião proibisse.

Nadia acenou com a mão, num gesto que minimizava o assunto.

— Não é religiosa? — perguntou Sarah.

— Adoro minha fé, mas também sou uma mulher árabe moderna. Temos duas caras. Quando estamos em casa, somos obrigadas a ocultá-la atrás de um véu preto. Mas no Ocidente...

— Pode beber um daiquiri e fazer topless na praia.

— Exatamente.

— Seu pai sabe?

Nadia anuiu.

— Ele quer que eu seja uma verdadeira mulher ocidental, mas que permaneça fiel aos dogmas do islamismo. Disse que isso não era possível, pelo menos à risca, e ele respeita isso. Já não sou uma criança, Sarah. Tenho vinte e sete anos.

Deitou-se de lado e apoiou a cabeça na mão.

— E você, que idade tem?

— Trinta e um — respondeu Sarah.

— Já foi casada?

Sarah abanou a cabeça. Continuava voltada para o sol e sentiu a pele a queimar.

Nadia sabe, pensou. Todos eles sabem.

— É muito bonita — elogiou Nadia. — Por que não se casou ainda?

Por causa de um telefonema que recebi às oito e cinquenta e três da manhã do dia 11 de setembro de 2001...

— As desculpas habituais — replicou. — Primeiro o curso, depois o doutorado, por fim o trabalho. Acho que nunca tive tempo para amar.

— Não teve tempo para amar? Que triste.

— É uma doença americana.

Nadia baixou os óculos de sol e deitou-se.

— O sol está forte — avisou Sarah. — Devia se cobrir.

— Nunca me queimo. É uma das vantagens de ser árabe. — Estendeu a mão e enterrou a ponta do cigarro na areia. — Para você deve ser estranho.

— O quê?

— Uma garota tipicamente americana trabalhar para Zizi al-Bakari.

— Lamento desiludi-la, Nadia, mas não sou, de todo, uma garota americana normal. Passei a maior parte da infância na Europa. Quando voltei à América para fazer o curso, senti-me profundamente deslocada. Precisei de muito tempo para me enquadrar.

— Não se incomoda de trabalhar para um saudita?

— Deveria me incomodar?

— Muitos americanos nos culpam pelos atentados do Onze de Setembro.

— Por acaso não sou um deles — contrapôs Sarah, ao que recitou as palavras que Gabriel lhe transmitira em Surrey. — Osama escolheu sauditas para os atentados para erguer um muro entre nossos países. Declarou guerra à Casa de Saud, bem como à América. Somos aliados na guerra contra a Al-Qaeda, não somos adversários.

— O serviço secreto saudita avisou meu pai vezes sem conta de que poderia ser alvo dos terroristas, por sua ligação com a Família Real. Por isso temos uma segurança tão apertada. — Acenou na direção dos guarda-costas. — Por isso somos obrigadas a trazer gorilas para a praia, em vez de dois rapazes atraentes.

Virou-se de barriga para baixo, expondo as costas ao sol quente. Sarah fechou os olhos e mergulhou num sono repleto de sonhos. Acordou uma hora mais tarde, e reparou que o seu canto vazio da praia estava agora cheio de gente. Rafiq e Sharuki tinham-se sentado atrás delas. Nadia parecia dormir. — Sinto calor — murmurou aos guarda-costas. — Vou nadar.

Quando Rafiq fez menção de se levantar, Sarah disse que devia ficar. — Não há problema — garantiu.

Entrou lentamente na água, até que as ondas começaram a bater em sua cintura. Depois mergulhou e afastou-se da ondulação mais forte. Quando voltou à superfície, Yaakov flutuava a seu lado.

— Quanto tempo estão pensando em ficar em Saint Bart?

— Não sei. Nunca me dizem nada.

- Você está bem?
- Que eu saiba.
- Viu alguém que possa ser Bin Shafiq?

Sarah abanou a cabeça.

— Estamos com você, Sarah. Todos nós. Agora afaste-se e não olhe para trás. Se perguntarem quem eu era, diga que estava te paquerando.

Com estas palavras, mergulhou e desapareceu. Sarah voltou à praia e deitou-se na toalha ao lado de Nadia.

- Quem era aquele homem que falava com você? — perguntou.

Sarah sentiu o coração dar um salto, mas conseguiu responder calmamente.

- Não sei, mas estava flertando comigo na frente da namorada.
- O que se pode esperar? É um judeu.
- Como você sabe?

- acredite, eu sei. Nunca fale com estranhos, Sarah. Especialmente judeus.

Sarah estava se vestindo para jantar quando ouviu o gemido do motor do Sikorsky. Apertou o colar de pérolas à volta do pescoço e correu para o convés de ré, onde encontrou Zizi sentado num divã, apreciando o ar fresco da noite, vestido com jeans desbotados e camiseta branca.

— Vamos jantar na ilha — disse. — Vou com Nadia no último helicóptero e Sarah vem conosco.

Subiram para o Sikorsky vinte minutos depois. Enquanto sobrevoavam o porto, as luzes de Gustavia recortavam-se na escuridão crescente. Passaram pelo maciço de colinas íngremes e fizeram-se à pista aérea, onde os outros aguardavam à volta de um trem de Toyotas Land Cruisers pretos e brilhantes. Com Zizi seguro no seu lugar, o trem dirigiu-se à saída do aeroporto. No lado oposto da estrada, no estacionamento do principal centro comercial da ilha, Sarah avistou Yossi e Rimona numa scooter.

Inclinou-se para a frente e olhou na direção de Zizi, que estava sentado ao lado da filha.

— Onde vamos?

— Requisitamos o restaurante de Gustavia onde vamos jantar. Mas primeiro vamos tomar uma bebida a uma quinta no outro lado da ilha.

- Também requisitaram a quinta? Zizi riu-se.

- Na verdade, foi alugada por um colaborador nosso.

Um celular começou a tocar. Foi atendido ao primeiro toque por Hassan, que o entregou a Zizi, após ter apurado de quem se tratava. Sarah olhou pela janela.

Percorriam agora a Baie de Saint-Jean. Lançou uma olhadela para trás e viu os faróis do último Land Cruiser bem perto deles. Na sua mente formou-se uma imagem: Yossi ao

volante da scooter, com Rimona agarrada à cintura. Lançou a cena para um triturador imaginário e fê-la desaparecer.

A caravana reduziu de repente quando entraram na pequena vila balnear de Saint-Jean. Havia lojas e restaurantes de ambos os lados da rua estreita e pedestres bronzeados ziguezagueavam por entre o tráfego preguiçoso. Jean-Michel praguejou em voz baixa quando um casal de motocicleta se espremeu por uma abertura estreita no engarrafamento.

Do outro lado da aldeia, o trânsito reduziu-se subitamente e a estrada acompanhou as falésias ao longo da baía. Contornaram uma curva apertada e, por um momento, o mar estendeu-se a seus pés, da cor do mercúrio à luz da Lua acabada de nascer. A vila seguinte foi Lorient, menos deslumbrante do que Saint-Jean e bastante menos cheia: um centro comercial ordenado, uma bomba de gasolina fechada, um salão de beleza que servia as mulheres locais, uma banca de hambúrgueres que servia rapazes em tronco nu que guiavam motocicletas. Sentado sozinho a uma mesa, vestido com calções de caqui e sandálias, estava Gabriel.

Zizi fechou o celular com um estalido sonoro e devolveu-o a Hassan por cima do ombro, sem olhar para ele. Nadia segurava uma madeixa do cabelo e analisava as pontas em busca de estragos.

— Há um clube noturno decente em Gustavia — comentou, distraidamente. — Talvez possamos ir dançar, depois de jantar. — Sarah não respondeu e voltou a olhar pelo vidro. Passaram por um cemitério e deram início à subida de uma colina íngreme. Jean-Michel engrenou uma mudança mais baixa e acelerou a fundo. A meio caminho da subida, a estrada guinava marcadamente para a esquerda. Quando o Land Cruiser mudou de direção, Sarah foi lançada contra o corpo de Nadia. A pele nua parecia-lhe febril, devido ao sol.

Momentos depois, encaminhavam-se por um promontório estreito e batido pelo vento. Perto da extremidade do promontório, a caravana reduziu de repente e atravessou um portão de segurança, entrando para a área de estacionamento de uma grande mansão branca, resplandecente de luz. Sarah olhou para trás quando o portão de ferro se começou a fechar automaticamente. Uma scooter, conduzida por um homem de calções de caqui e sandálias, passou à frente do portão e desapareceu. A porta do Land Cruiser abriu-se e Sarah desceu do carro.

Estava de pé à entrada, ao lado de uma mulher loura no início da meia-idade, e cumprimentou cada elemento do vasto séquito de Zizi à medida que foram subindo os degraus de laje. Era alto, com os ombros largos e as ancas estreitas de um nadador. O cabelo era escuro e de caracóis cerrados. Vestia camisa Lacoste azul clara e calça

branca. As mangas da camisa iam até os pulsos e tinha a mão direita enfiada no bolso. Zizi pegou o braço de Sarah e apresentou-os.

— Esta é Sarah Bancroft. A nova chefe do meu departamento de arte. Sarah, apresento-lhe Alain al-Nasser. Alain gerencia nossa empresa de investimentos em Montreal.

— É um prazer conhecê-la, Sarah.

Inglês fluente, com um pouco de sotaque. A mão enfiada com firmeza no bolso. Acenou com a cabeça na direção da mulher.

— Minha esposa, Sophie.

— Bonsoir, Sarah.

A mulher cumprimentou-a. Sarah apertou-lhe a mão e depois estendeu a sua a Alain al-Nasser, que desviou rapidamente o olhar e lançou os braços com espalhafato à volta de Wazir bin Talai. Sarah entrou na mansão. Era grande e arejada, com um dos lados aberto para um grande terraço exterior. Havia uma piscina turquesa e, mais além da piscina, apenas o mar escuro. Uma mesa fora posta com bebidas e aperitivos. Sarah procurou em vão uma garrafa de vinho e acabou por se contentar com suco de papaia.

Levou a bebida para o terraço e sentou-se. As lamparinas a gás agitavam-se com a brisa noturna. O mesmo acontecia com o cabelo de Sarah. Prendeu as madeixas rebeldes atrás das orelhas e olhou para a mansão. Alain al-Nasser deixara Sophie com Jean-Michel e confabulava agora com Zizi, Daoud Hamza e Bin Talai. Sarah bebeu um gole de sumo. A boca seca parecia uma lixa. O coração batia desenfreado em seu peito.

— Acha-o atraente?

Ergueu o olhar, sobressaltada, e viu Nadia crescendo acima dela.

— Quem?

— Alain.

— Do que está falando?

— Vi como olhava para ele, Sarah.

Pense em alguma coisa, disse a si mesma.

— Estava olhando para Jean-Michel.

— Não me diga que está realmente pensando nisso.

— Nunca é uma boa ideia misturar romance e trabalho.

— Mas é muito bonito.

— Muito — concordou Sarah. — Mas é encrenca.

— São todos assim.

— Conhece bem o Alain?

— Não muito — respondeu. — Trabalha para o meu pai há uns três anos.

— Imagino que não seja saudita.

— Não temos nomes como Alain. É libanês. Foi educado na França, creio.
— E agora mora em Montreal?
— Acho que sim. — A expressão de Nadia tornou-se sombria. — É melhor não fazer muitas perguntas sobre os negócios do meu pai... ou sobre as pessoas que trabalham para ele. Meu pai não gosta.

Nadia afastou-se e sentou-se ao lado de Rahimah. Sarah olhou para o mar, para as luzes de uma embarcação que passava ao largo.

Sabemos que está escondido, algures no seio do império de Zizi. Poderá surgir como banqueiro de investimentos, ou como gestor de uma carteira de ações. Talvez apareça como responsável imobiliário, ou como executivo farmacêutico...

Ou como capitalista de risco chamado Alain al-Nasser. Alain, que é libanês, mas que foi criado na França, creio. Alain, com uma cara redonda que não bate certo com o corpo, mas que faz lembrar um rosto que vira numa casa de campo de Surrey que não existe. Alain, que naquele momento era levado para uma sala das traseiras, onde teria uma reunião privada com o presidente e CEO da Jihad Limitada. Alain, que não apertara a mão de Sarah. Teria sido por recear ser contaminado 252 por uma mulher infiel? Ou por ter a mão ligeiramente definhada, em consequência de um ferimento causado por estilhaços no Afeganistão?

— Numa situação destas, Sarah, o mais simples é sempre melhor. Vamos fazê-lo à moda antiga. Códigos telefônicos. Sinais físicos de reconhecimento. — Sinais físicos de reconhecimento?

— Relógio no pulso esquerdo, relógio no direito. Colarinho levantado, colarinho para baixo. Mala à esquerda, mala à direita.

— jornal debaixo do braço?

— Nem imagina. Pessoalmente, sempre gostei do cabelo.

— O cabelo?

— Como gosta de usar o cabelo, Sarah?

— Em geral, solto.

— Tem maçãs do rosto muito bonitas. Um pescoço elegante. Devia pensar em apanhar o cabelo em cima, de vez em quando. Como a Marguerite.

— Muito antiquado.

— Há coisas que nunca saem de moda. Apanhe o cabelo.

Procurou na mala a mola que Chiara lhe dera no último dia na galeria e fez o que Gabriel lhe pedia.

— Fica muito bonita de cabelo apanhado. Este vai ser o nosso sinal, caso veja um homem que acredite ser Bin Shafiq.

— E o que acontece na altura?

— Deixe isso conosco, Sarah.

GUSTAVIA, SAINT-BARTHÉLEMY

Nessa noite, pela primeira vez desde que subira a bordo do Alexandra, Sarah não dormiu. Ficou deitada na grande cama, forçando-se a permanecer imóvel, para que Bin Talai, caso a observasse através de câmeras ocultas, não desconfiasse de um estado de espírito agitado. Pouco antes das seis da manhã, o céu começou a clarear e uma mancha vermelha surgiu no horizonte. Aguardou mais meia hora antes de pedir o pequeno-almoço. Quando chegou, a cabeça latejava.

Saiu para a coberta e chegou-se à amurada, o olhar fito na luz que ia surgindo no porto, os pensamentos em Alain al-Nasser de Montreal. Tinham permanecido na mansão pouco mais de uma hora, após o que se tinham dirigido a Gustavia para jantar. Zizi ocupara um restaurante chamado La Vela, no extremo do ancoradouro. Alain al-Nasser não fora com eles. Na verdade, o seu nome não fora mencionado durante o jantar, pelo menos que Sarah o tivesse ouvido. Um homem que poderia ter sido Eli Lavon passou pelo restaurante durante a sobremesa. Sarah desviara a atenção para limpar os lábios ao guardanapo e, quando voltara a olhar, o homem desaparecera.

Sentiu uma necessidade súbita de movimento físico e decidiu aproveitar o ginásio antes que fosse ocupado por Zizi. Vestiu calções elásticos, um top e as sapatilhas de corrida. Depois foi até o espelho da casa de banho e apanhou o cabelo no topo da cabeça. Quando chegou, o ginásio estava em silêncio. Julgara vir encontrá-lo vazio, mas, em vez disso, viu Jean-Michel debruçado por cima de um aparelho, a trabalhar os bíceps. Cumprimentou-o com frieza e dedicou-se à passada. 254 vou à ilha fazer uma corrida a sério. Quer acompanhar-me?

— Então e o treino de Zizi?

— Diz que as costas doem.

— Parece que não acredita nele.

— Sempre que quer um dia de folga, as costas doem. — Terminou a série de exercícios e limpou os braços reluzentes com uma toalha. — Vamos embora, antes que o trânsito fique muito intenso.

Entraram numa lancha e partiram na direção do porto interior. Ainda não havia vento e as águas permaneciam calmas. Jean-Michel atracou numa doca pública, perto de um café vazio que começava a servir pequenos-almoços. Fizeram o aquecimento no molhe e depois cruzaram as ruas calmas da vila antiga. Jean-Michel deslocava-se sem esforço ao lado dela. Quando deram início à ascensão sinuosa da colina atrás do porto, Sarah ficou alguns passos para trás. Foi ultrapassada por uma scooter, dirigida por

uma jovem de capacete cujo jeans delineava as coxas bem torneadas. Esforçou-se mais um pouco e reduziu o espaço entre eles. No topo da colina, Sarah deteve-se para recuperar o fôlego, enquanto Jean-Michel mantinha o ritmo sem sair do lugar.

— O que há?

— Ganhei quase cinco quilos nesta viagem.

— Está perto do fim.

— Vamos ficar mais quanto tempo?

— Mais dois dias em Saint-Barts. — Curvou os lábios, numa expressão tipicamente galesa. — Talvez três. Zizi está ficando ansioso para partir. Sinto.

Nesse momento, o primeiro voo do dia deu rasante nos telhados e mergulhou no lado oposto da colina, em direção à pista lá embaixo. Sem aviso, Jean-Michel lançou na estrada atrás do aparelho. Passaram pelo aeroporto e pelo mais importante centro comercial da ilha, depois contornaram uma curva na estrada e começaram a descer para a aldeia de Saint-Jean. Surgiram os primeiros carros e por duas vezes foram obrigados a saltar para a beira arenosa da estrada, a fim de evitar caminhões que se aproximavam. Jean-Michel levou-a por uma abertura no muro de pedra que acompanhava a estrada e desceram um caminho cheio de areia até a praia.

— É melhor correremos aqui — disse. — Vou fazer umas corridas rápidas. Acha que consegue afastar-se de problemas?

— Por que acha que não vou conseguir acompanhá-lo?

Jean-Michel aumentou o ritmo e Sarah debateu-se para o acompanhar.

— A corrida está prestes a começar — disse. — Está pronta?

— Pensei que isto fosse a corrida.

Jean-Michel afastou-se rapidamente. Sarah, exausta pela noite em claro, reduziu o passo até começar a andar, apreciando o fato de, pela primeira vez desde que entrara para o mundo de Zizi, estar sozinha. Não durou muito. Dois minutos depois, Jean-Michel voltava, acelerado, para perto de Sarah, os braços como êmbolos. Sarah virou-se e recomeçou a correr. Jean-Michel ultrapassou-a e reduziu o ritmo.

— Estou com fome — disse. — Que tal o desjejum?

— Primeiro acabamos a corrida. Podemos comer alguma coisa naquele café ao lado do barco.

Precisaram de vinte minutos para cobrir a distância de regresso ao porto. Quando chegaram, o café começava a encher-se, mas Jean-Michel encontrou uma mesa vazia à sombra e sentou-se. Sarah deu uma olhada no cardápio e dirigiu a atenção para a loja de roupas masculinas na frente do café. A vitrine estava repleta de dispendiosas camisas francesas de algodão. Sarah fechou o menu e olhou para Jean-Michel.

— Devia comprar um presente de agradecimento a Zizi.

— A última coisa de que Zizi precisa é de um presente. Ele é literalmente o homem que tem tudo.

— Devia dar alguma coisa. Foi tão generoso comigo.

— Acredito que tenha sido.

Tocou o braço de Jean-Michel e apontou para a loja.

— A última coisa de que Zizi precisa é de outra camisa — Comentou.

— Mas são muito bonitas.

Jean-Michel aquiesceu.

— São francesas — disse. — Ainda sabemos fazer coisas boas,

— Dê-me seu cartão de crédito.

— É um cartão da AAB.

— Eu o reembolso.

Retirou um cartão do bolso e entregou-o.

— Não se preocupe com isso — garantiu. — Acredite, Sarah, não vai ser a primeira pessoa a comprar um presente para Zizi com o dinheiro dele.

— Qual o tamanho dele?

— Colarinho quarenta e um, oitenta e dois de manga.

— Impressionante.

— Sou o personal trainer dele.

Disse a Jean-Michel o que deveria pedir para o café — tartin, ovos mexidos e café com leite — e foi à loja. Perdeu um momento olhando as camisas na vitrine e depois cruzou a entrada. Uma jovem loura e atraente cumprimentou-a em francês. Sarah escolheu duas camisas, uma azul-escuro e outra em amarelo-claro, e disse as medidas de Zizi. A mulher desapareceu numa sala dos fundos e regressou momentos depois com as camisas.

— Tem uma caixa de presente?

— É claro, Madame.

Retirou uma caixa de sob o balcão, embrulhou com cuidado as camisas em papel e colocou-as na caixa.

— Teria um cartão? — perguntou Sarah. — Qualquer coisa com envelope?

Mais uma vez, a mulher levou a mão à parte de baixo do balcão. Colocou o cartão à frente de Sarah e entregou-lhe uma caneta.

— Qual é a forma de pagamento, Madame?

Sarah apresentou o cartão de crédito. Enquanto a vendedora registrava a compra, Sarah inclinou-se sobre o cartão e escreveu: Alain al-Nasser, Montreal. Depois pôs o cartão no envelope, lambeu a faixa adesiva e fechou-o. A vendedora colocou o

recibo do cartão de crédito à frente de Sarah. Assinou-o e devolveu a caneta à mulher, com o envelope selado.

— Não entendo, Madame.

— Um amigo meu vai passar por aqui mais tarde, para saber se me esqueci de alguma coisa — disse Sarah. — Por favor, entregue este envelope ao meu amigo. Se o fizer, será recompensada generosamente. A descrição é importante. Entende, Madame?

— É claro. — Ofereceu um sorriso malicioso a Sarah, e olhou para Jean-Michel sentado no café. — Seu segredo está em segurança comigo.

A mulher colocou a caixa das camisas dentro de um saco de papel, que entregou a Sarah. Esta piscou-lhe o olho, ao que saiu e regressou ao café. O pequeno-almoço esperava por ela quando se sentou.

— Algum problema? — perguntou Jean-Michel.

Sarah abanou a cabeça e devolveu-lhe o cartão de crédito.

— Não — garantiu. — Não houve problema nenhum.

Trinta minutos depois, Sarah e Jean-Michel voltaram à lancha e voltaram ao Alexandra. Gabriel esperou outros quinze minutos antes de entrar na loja de roupa.

Aceitou o cartão da vendedora e deu-lhe cem euros pelo trabalho. Dali a cinco minutos, estava sentado ao leme de um barco de borracha, saindo do porto interior em direção ao ancoradouro.

O Alexandra estava mesmo à sua frente, de longe a maior embarcação privada ali ancorada, perdendo em tamanho apenas para o paquete que chegara durante a noite. Gabriel virou alguns graus para bombordo e dirigiu-se ao Sun Dancer, fundeado a várias centenas de metros, perto das rochas gémeas que guardavam a entrada do porto. Prendeu

o barco à popa e entrou para o salão principal, que fora convertido em centro móvel de comando e de operações. Havia um telefone via satélite seguro e um computador ligado ao Boulevard King Saul. Duas dúzias de celulares e vários rádios de mão encontravam-se alinhados nos respetivos carregadores, e uma câmara de vídeo com uma teleobjetiva estava apontada ao Alexandra.

Gabriel parou em frente ao monitor e observou Sarah a sair para a coberta privada dos seus aposentos. Depois olhou para Yaakov, que estava ao telefone com Tel Aviv. Quando desligou, Gabriel mostrou-lhe o cartão. Alain al-Nasser — Montreal.

— Bonita menina — disse Yaakov. — Senta-te, Gabriel. O Boulevard King Saul teve uma manhã ocupada.

Gabriel serviu-se de café de um termo e sentou-se.

— Esta manhã a técnica acedeu ao sistema de reservas da imobiliária que gere a mansão — explicou Yaakov. — A mansão onde a Sarah esteve ontem à noite foi alugada

por uma empresa chamada Meridian Construction of Montreal.

A Meridian Construction é totalmente controlada pela AAB Holdings — adiantou Lavon.

— A reserva dizia quem lá ia ficar? — perguntou Gabriel. Yaakov abanou a cabeça. — A reserva foi tratada por uma mulher chamada Katrine Devereaux, na sede da Meridian. Pagou tudo antecipadamente e disse à imobiliária que tivesse a casa aberta e pronta para a sua chegada.

— E quando foi isso?

— Segundo os registros, há três dias.

— Quanto mais tempo vai ficar?

— A reserva foi feita para mais quatro noites.

— E quanto ao carro?

— Há um Cabriolei estacionado na casa. O autocolante na traseira diz Island Rental Cars. Não há sistema informático de reserva. É tudo registrado em papel.

Se quisermos os pormenores, temos de lá entrar à maneira antiga.

Gabriel olhou para Mordecai, um homem de formação neviot.

— O gabinete fica no aeroporto — disse Mordecai. — Não passa de uma cabine com uma grade de alumínio por cima da vitrine e uma porta para acesso dos funcionários. Podíamos entrar numa questão de segundos. O problema o aeroporto é vigiado à noite. Poderíamos deitar a operação a perder só para descobrirmos o nome e o número do cartão de crédito que utilizou para alugar o carro.

— Muito arriscado — asseverou Gabriel. — Alguma atividade com o telefone? Durante a noite, Mordecai instalara um transmissor na caixa de junção. — Um telefonema esta manhã — disse. — Uma mulher. Telefonou para um salão de cabeleireira em Saint-Jean e marcou hora para esta tarde.

— Como disse que se chamava?

— Madame Al-Nasser — referiu Mordecai. — Há um pequeno problema com a escuta. Neste momento, estamos fora do raio de ação. O sinal é fraco e cheio de interferências. Se Bin Shafiq pegasse o telefone, talvez não conseguíssemos identificar a voz dele, devido à estática na linha. Precisamos de um posto de escuta.

Gabriel olhou para Yaakov. — E se aproximarmos o barco?

— As águas ao largo desse ponto são agitadas demais para ancoradouro. Se fundeássemos ali para vigiar a mansão, íamos dar na vista. Melhor ir direto bater na porta do Al-Nasser e nos apresentar.

— Até que não é má ideia — adiantou Mikhail, quando entrou no salão. — Ofereço-me como voluntário.

— Precisamos de um posto estático — insistiu Yaakov.

— Vamos tratar disso. — Gabriel voltou a apresentar o cartão. E quanto a este nome? Reconhece-lo?

— Não é uma identidade alternativa que nos seja conhecida — admitiu Yaakov. — Vou pedir ao Boulevard King Saul que o introduza nos computadores para vermos o que surge.

— E agora? — perguntou Mikhail.

— Vamos passar o dia vigiando — explicou Gabriel. — Vamos tentar tirar uma foto e gravar a voz dele. Se pudermos, enviamo-los para a Rei Saul, para serem analisados.

— É uma ilha pequena — disse Lavon, com um tom cauteloso. E estamos limitados a nível de pessoal.

— Isso até pode jogar a nosso favor. Num lugar como este, não é raro vermos as mesmas pessoas todos os dias.

— É verdade — admitiu Lavon —, mas se os capangas de Bin Talai começarem a ver demasiados rostos familiares, vão ficar nervosos.

— E se King Saul nos disser que Alain al-Nasser, de Montreal, é na verdade um oficial saudita do GID chamado Ahmed bin Shafiq? — questionou Mikhail. — O que fazemos nesse caso?

Gabriel olhou para o monitor e viu Sarah.

— Vou voltar a Gustavia — disse, sem tirar os olhos da tela. — Precisamos de um posto de escuta.

A inglesa educada que o recebeu quinze minutos mais tarde na agência imobiliária Sibarth tinha cabelo castanho aclarado pelo sol e olhos azuis. Gabriel desempenhou o papel de Heinrich Kiever, um alemão de posses que encontrara o paraíso e que desejava ficar mais algum tempo. A inglesa sorriu, pois já se deparara com muitos casos do gênero, e imprimiu uma lista de propriedades disponíveis. Gabriel deu-lhe uma vista de olhos e franziu o sobrolho.

— Esperava conseguir alguma coisa por aqui — disse, apontando para o mapa aberto em cima da secretária. — Neste ponto, a norte da ilha.

— Pointe Milou? Sim, é lindo, mas infelizmente de momento não temos nada disponível nessa zona. Mas temos qualquer coisa aqui. Bateu no mapa. — No promontório seguinte. Pointe Mangin.

— Consegue-se ver Pointe Milou da casa?

— Sim, muito bem. Quer ver algumas fotografias?

— Agradeço.

A mulher apresentou uma brochura e abriu-a na página respetiva. -Tem quatro quartos, Herr Kiever. Precisa de algo assim tão grande?

— Por acaso somos capazes de ter visitas.

— Então imagino que sirva na perfeição. É um pouco cara, doze mil por semana, e receio que haja um mínimo de duas semanas.

Gabriel encolheu os ombros, como que a dizer que o dinheiro não era problema.

— Não são autorizadas crianças, e nada de animais. Não tem cão, certo?

— Oh, nem pensar.

— Também há uma caução de dois mil dólares, o que perfaz o total de vinte e seis mil, pago adiantado, é claro.

— Quando estará pronta?

A inglesa olhou para o relógio.

— São dez e quinze. Se apressarmos as coisas, poderá instalar-se com a sua esposa o mais tardar às onze e meia.

Gabriel sorriu e entregou-lhe um cartão de crédito.

Embora a inglesa não o soubesse, os primeiros hóspedes chegaram à mansão quinze minutos depois de Gabriel e Dina se terem instalado. Os seus haveres eram bastante diferentes dos dos veraneantes habituais da ilha. Mordecai trouxe um receptor ativado por voz e uma máquina fotográfica Nikon com uma teleobjetiva, e Mikhail chegou com uma mochila de nylon com celulares, rádios e quatro pistolas. Uma hora depois avistaram o seu alvo pela primeira vez, quando este saiu para o terraço, vestido com calções brancos e camisa branca de manga comprida. Mordecai tirou-lhe várias fotografias. Cinco minutos depois, quando Al-Nasser saiu de tronco nu da piscina, onde dera algumas braçadas vigorosas, Mordecai tirou mais algumas. Gabriel examinou as imagens no computador, mas considerou-as impróprias para serem enviadas para a Rei Saul, para análise.

À uma da tarde, a luz do gravador ativado por voz passou de vermelho a verde. Ouviu-se o sinal de chamada, seguido do som de alguém na casa a marcar um número local. A chamada foi atendida após dois toques por uma mulher do restaurante La Gloriette. Gabriel fechou os olhos, desapontado, quando a voz que ouviu a seguir foi a de Madame Al-Nasser, a fazer reservas para um almoço às duas horas. Chegou a considerar a hipótese de enviar uma equipe para o restaurante, mas descartou-a quando obteve a descrição da sala de jantar atulhada. Mordecai, contudo, tirou mais duas fotografias a Al-Nasser, uma quando saía do carro no estacionamento e uma segunda ao beber um aperitivo já à mesa.

Em ambas as ocasiões envergava óculos de sol desportivos escuros e uma camisa de manga comprida. Gabriel enviou-as para O Boulevard King Saul, para que fossem analisadas. Uma hora mais tarde, quando Al-Nasser e a esposa saíram do

restaurante, a Rei Saul respondeu através da ligação segura, dizendo que os resultados eram inconclusivos.

Às três e meia, deixaram La Gloriette e dirigiram-se à aldeia de Saint-Jean, onde Al-Nasser deixou a mulher no salão de cabeleireira. Daí foi para Gustavia, onde, às três e cinquenta, entrou a bordo de uma lancha e se dirigiu ao

Alexandra. Yossi gravou a chegada a partir da ponte do Sun Dancer, bem como o abraço caloroso que recebeu de Zizi al-Bakari quando entraram para o gabinete luxuoso do convés superior, onde se reuniram em privado. Sarah não se encontrava a bordo para testemunhar a chegada de Al-Nasser, pois naquele momento fazia mergulho com grande parte do séquito de Zizi em lie Fourche, uma pequena ilha deserta a cerca de um quilômetro e meio a nordeste de Saint-Barts.

A reunião durou pouco mais de uma hora. Yossi registrou a saída de Al-Nasser do gabinete de Zizi, e a expressão determinada que trazia no rosto quando entrou na lancha e regressou a Gustavia. Mikhail seguiu-o até a aldeia de Saint-Jean, onde foi buscar a esposa acabada de pentear, pouco antes das seis. Às seis e meia, Al-Nasser voltara a fazer piscinas e Mikhail estava sentado com um ar soturno ao lado de Gabriel, na mansão do outro lado da enseada.

— Passamos o dia inteiro atrás dele — queixou-se Mikhail — e o que ganhamos com isso? Algumas fotografias inúteis. É óbvio que o Alain al-Nasser é Bin Shafiq. Vamos tratar-lhe da saúde e pronto.

Gabriel lançou-lhe um olhar desdenhoso.

— Um dia, quando fores mais velho e mais sábio, conto-te uma história sobre uma equipe de intervenção do Escritório que pensou que tinha o alvo à frente e matou um garçom inocente.

— Conheço a história, Gabriel. Aconteceu em Lillehammer. No Escritório, ainda se referem ao caso como o Leyl-ha-Mar. a Noite da Amargura. Mas já foi há muito tempo.

— Continua a ser o maior fracasso operacional da história do Escritório. Mataram o homem e foram apanhados. Quebraram todas as regras. Agiram precipitadamente e deixaram-se controlar pelas emoções. Não podemos dar ao luxo de ter outro Leyl-ha-Mar. Primeiro, encontramos provas inabaláveis de que Alain al-Nasser é Ahmed bin Shafiq. Só então começamos a pensar em matá-lo. E só apertamos o gatilho se conseguirmos tirar Sarah e toda a equipe da ilha sem sermos apanhados.

— Como vamos obter provas?

— As fotos não bastam — declarou Gabriel. — Precisamos da voz dele.

— Ele não fala.

— Toda a gente fala. Só temos de estar à escuta quando ele falar.

— E como vamos conseguir isso?

Nesse momento, a luz verde brilhou no gravador e o sinal de marcação fez-se ouvir nos altifalantes. O telefonema de Madame Al-Nasser jurou menos de trinta segundos. Quando terminou, Gabriel voltou a ouvi-la, para garantir que apanhara os pormenores.

— Le Poivre.

— Gostaríamos de uma mesa para as nove horas.

— Estamos cheios a essa hora, Madame. Posso fazer uma reserva para as oito, ou para as nove e meia.

— As oito é muito cedo. Pode reservar para as nove e meia, por favor.

— O seu nome?

— Al-Nasser.

Gabriel pressionou o botão de Stop e olhou para Mikhail — Paciência, meu caro. A paciência é uma grande virtude.

O restaurante conhecido como Le Poivre é uma das joias desconhecidas da ilha.

Encontra-se no extremo de um pequeno centro comercial muito agradável de Saint-Jean, no cruzamento entre a estrada marginal e um caminho estreito que se dirige às escarpas em frentes à praia. A única vista que tem é do trânsito e do estacionamento, e o ambiente praticamente não existe. A sala de jantar é do tamanho de um vulgar pátio suburbano. O serviço por vezes deixa um pouco a desejar, mas a comida, quando chega, é da melhor da ilha. Mesmo assim, devido à sua localização discreta, os que vão a Saint-Barts para serem vistos raramente passam pelo Le Poivre, e nunca lá acontece nada de especial. É por esse motivo que, até hoje, ainda se fala sobre o incidente lá ocorrido, que envolveu Monsieur e Madame Al-Nasser.

Os garçons conhecem bem a história, como os habitantes locais que costumam tomar uma bebida no bar minúsculo. À tarde, durante o período morto entre o almoço e a agitação da noite, costumam narrá-la à frente de um copo de rose, ou de um café e um cigarro. A reserva estava marcada para as nove e meia, mas eles tinham chegado cedo. Odette, a empregada de serviço às reservas nessa noite, lembra-se de serem nove e quinze, mas Étienne, o bar tender dirá com certeza que eram nove e vinte. Ainda não havia mesas disponíveis, por isso tiveram de aguardar no bar. Foi Étienne quem tratou das bebidas, é claro. Um copo de champanhe para Madame Al-Nasser. Um suco de ananás para o cavalheiro.

— Mais nada? — perguntara Étienne, mas o cavalheiro sorria sem qualquer encanto e replicara, com um tom de voz que mal passava de um murmúrio: — Apenas o sumo, por favor.

Pouco depois das nove e trinta, uma mesa ficou vaga. Mais uma vez há um certo debate quanto à hora. Denise, a empregada de mesa, lembra-se de que eram nove e quarenta, mas Odette, guardiã da folha de reservas e observadora do relógio, garante que não eram mais de nove e trinta e cinco. Independentemente da hora, Monsieur e Madame

Al-Nasser não ficaram satisfeitos com a mesa. A Madame queixou-se de que ficava demasiado próxima da entrada da casa de banho, mas ficou a impressão de que Monsieur Al-Nasser não gostara da mesa por uma razão diferente, embora nunca tenha chegado a emitir uma opinião.

Eram quase dez horas quando a mesa seguinte vagou. Esta ficava junto do anteparo que dava para a rua. Monsieur Al-Nasser ocupou a cadeira virada para o bar, mas Étienne lembra-se de que o olhar se manteve fito no trânsito que fluía ao longo da marginal. Denise deu-lhes a conhecer o menu e aceitou os pedidos de bebidas. A Madame pediu uma garrafa de vinho. Cotes du Rhône, garante Denise. Bordeaux, segundo Étienne. Quanto à cor do vinho, não há dúvida. Era tinto e grande parte dele em breve estaria a ensopar o fato branco da Madame. O responsável pelo incidente chegou ao Le Poivre às dez e quinze. Era uma figura de estatura pequena e constituição franzina. Étienne dava-lhe um metro e setenta, setenta e cinco quilos, no máximo. Trazia um par de calções largos de caqui que não eram lavados há algum tempo, uma t-shirt demasiado grande com um rasgão na manga esquerda, um par de sandálias com faixas de velcro, e um boné de golfe que já vira melhores dias. Por estranho que pareça, ninguém consegue recordar uma imagem completa do rosto. Étienne lembra-se de um par de óculos fora de moda. Odette recorda um bigode por aparar que não lhe ficava bem. Denise apenas tem presente o andar. As pernas faziam uma certa curvatura para fora, pelo menos é isso que ela nos vai dizer. Como um homem capaz de correr muito depressa, ou bom a jogar futebol.

Nessa noite não tinha nome, mas mais tarde viria a ser conhecido simplesmente como "Claude". Fora até Saint-Jean de motocicleta, vindo da direção de Gustavia, e passara boa parte do serão a beber Heineken, num bar algumas portas mais abaixo. Quando chegou, às dez e quinze, à procura de uma mesa, o seu hálito tresandava a cigarros e a lúpulo, e o corpo não cheirava muito melhor. Quando Odette lhe explicou que não havia mesas — E que não o sentava, mesmo que houvesse ele resmungou qualquer coisa ininteligível e pediu a chave da casa de banho. A isso, Odette replicou que os lavabos se destinavam apenas aos clientes. Olhou então para Étienne e disse:

— Heineken. — Étienne colocou uma garrafa em cima do balcão, encolheu os ombros a Odette, e entregou-lhe a chave.

Quanto tempo ficou lá dentro também é motivo de disputa. As estimativas variam entre dois a cinco minutos e teceram-se as mais alucinadas teorias sobre o que poderia lá estar a fazer. O pobre casal sentado à mesa rejeitada por Monsieur e Madame Al-Nasser descreveriam, mais tarde, que vertera águas durante uma eternidade, tendo o ato sido seguido por descargas de autoclismo e muita água no lavatório. Quando por fim voltou a sair, puxava o fecho dos calções de caqui e sorria como um homem aliviado de um fardo imenso. Começou a dirigir-se ao bar, com os olhos fitos na Heineken que o aguardava. E foi então que os problemas tiveram início.

Denise acabara de servir mais um copo de vinho a Madame Al-Nasser. A Madame erguera-o para o beber, mas voltara a baixá-lo com repulsa quando Claude saiu da casa de banho a coçar a virilha. Infelizmente, ela pousara o copo na mesa e soltara-o para se inclinar para a frente e contar a Monsieur Al-Nasser sobre o espetáculo lastimável. Quando Claude passou pela mesa a cambalear, a mão derrubou o copo, espalhando o conteúdo no regaço de Madame Al-Nasser. Os relatos sobre o que aconteceu a seguir variam de acordo com quem está a contar a história. Todos concordam que Claude procedeu à tentativa de boa fé de se desculpar, e é de opinião geral que foi Monsieur Al-Nasser quem escolheu o caminho da altercação. Trocaram-se palavras duras, bem como ameaças de violência. O incidente poder-se-ia ter resolvido pacificamente, caso Claude não se tivesse oferecido para pagar a limpeza a seco. Quando a oferta foi recusada com veemência, levou a mão aos calções imundos e atirou algumas notas de euro amarrotadas à cara de Monsieur Al-Nasser. Denise conseguiu sair do caminho no momento em que Monsieur Al-Nasser agarrou em Claude pelo pescoço e o empurrou na direção da saída. Manteve-o ali por alguns momentos, bradando mais insultos, depois o empurrou de graus abaixo para a rua.

Houve uma salva de palmas dos outros clientes e muita preocupação com o estado lastimável da roupa de Madame Al-Nasser. Apenas Étienne se deu ao trabalho de se dirigir à figura espalhada no passeio. Ajudou o homem a levantar-se e, com muitas reservas, observou-o a subir para a motocicleta e a afastar-se aos ziguezagues pela marginal. Até hoje, Étienne duvida da autenticidade dos acontecimentos daquele serão. Sendo cinturão negro de karatê, viu algo na pose do bêbado que lhe dizia tratar-se de um aluno das artes. Se o homenzinho de óculos e chapéu de golfe tivesse decidido rebater, Étienne garante, com a convicção dos entendidos, que teria arrancado o braço de Monsieur Al-Nasser, servindo-o ao jantar com seu Bordeaux.

— Não era Bordeaux — diria Denise. — Era Côtes du Rhône.

— Côtes du Rhône, Bordeaux... não interessa. E digo mais. Quando o sacana se afastou, tinha um sorriso de orelha a orelha. Como se tivesse acertado na lotaria.

Eli Lavon assistira ao desempenho de Gabriel no estacionamento. Assim sendo, foi ele quem, nessa noite, o descreveu ao resto da equipe. Gabriel percorria lentamente o piso ladrilhado, com uma garrafa de água com gás para a ressaca e um saco de gelo no cotovelo esquerdo inchado. A sua mente encontrava-se na cena que se desenrolava a meio mundo de distância, em Tel Aviv, onde uma equipe de especialistas da ciência de identificação por voz decidia se o homem conhecido por Alain al-Nasser viveria ou morreria. Gabriel sabia a resposta. Soube no preciso instante em que o adversário se levantara da mesa numa fúria assassina. E viu a prova segundos mais tarde, quando levantou a manga direita da camisa e avistou a feia cicatriz no antebraço. Às onze e meia as luzes se acenderam na mansão do outro lado da enseada. Gabriel saiu para o terraço e, do lado oposto, Ahmed bin Shafiq fez o mesmo. Para Mikhail, parecia que os dois homens se fitavam na escuridão. Às onze e trinta e cinco, o telefone via satélite gemeu baixinho. Yaakov atendeu, escutou um momento em silêncio, depois desligou e chamou Gabriel para dentro.

27

POINTE MANGIN, SAINT-BARTHÉLEMY

Reuniram-se na sala de estar exterior da mansão e esparramaram-se nos divãs de lona e nas cadeiras de verga. Dina fez a primeira cafeteira de café, enquanto Lavon colou um mapa da ilha na parede. Gabriel fitou-o bastante tempo em silêncio.

Quando falou, disse uma única palavra:

— Zwaiter. — Depois olhou para Lavon. — Lembra de Zwaiter, Eli?

Lavon ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada. É claro que se recordava de Zwaiter. Chefe do Setembro Negro em Itália. O primeiro a morrer por Munique. Gabriel quase podia vê-lo, um intelectual magrinho de paletó xadrez cruzando a Piazza Annibaliano em Roma, com uma garrafa de aguardente de figo numa mão e um exemplar de As Mil e Uma Noites na outra.

— Por quanto tempo o vigiou, Eli? Duas semanas?

— Quase três...

— Diga o que descobriu sobre Wadal Zwaiter antes de sequer pensarmos em matá-lo.

— Que todas as noites passava pelo mesmo mercado. Que ia sempre ao Bar Trieste fazer telefonemas e que entrava sempre no seu prédio pela entrada C. Que as luzes do hall funcionavam com um temporizador e que ficava sempre no escuro por

alguns momentos, à procura de uma moeda de dez liras para fazer trabalhar o elevador. Foi onde o eliminaste, não foi, Gabriel? Na frente do elevador?

— Desculpe, o senhor é Wadal Zvaiter?

— Não! Por favor, não!

— E depois desapareceu — prosseguiu Lavon. — Dois carros de fuga. Uma equipe para cobrir a rota. De manhã estavas na Suíça. Shamron disse que tinha sido como apagar um fósforo.

— Controlamos todos os detalhes. Escolhemos a data e o local da execução e planejamos até o mais ínfimo detalhe. Nessa noite fizemos tudo bem. Mas não podemos fazer nada disso nesta ilha. Gabriel olhou para o mapa. — Trabalhamos melhor em cidades, não em sítios como este.

— Talvez seja verdade — comentou Dina —, mas não pode deixá-lo sair desta ilha vivo.

— Por que não?

— Porque ele tem os recursos de um bilionário à disposição. Porque pode fugir para o Najd a qualquer momento e nunca mais o veremos.

— Há formas corretas e formas erradas de fazer este tipo de coisas. Esta é definitivamente a forma errada.

— Não tenha medo de apertar o gatilho pelo que aconteceu na Gare de Lyon, Gabriel.

— Isto não tem nada que ver com Paris. Temos um alvo profissional. Um pequeno campo de batalha. Uma rota de fuga perigosa. E uma variável imprevisível chamada Sarah Bancroft. Continuo?

— Mas a Dina tem razão — insistiu Yossi. — Temos de o fazer agora. Talvez nunca mais voltemos a ter outra oportunidade.

— O Décimo Primeiro Mandamento. Não serás apanhado. Essa é a nossa responsabilidade máxima. Tudo o resto é secundário.

— Viste-o hoje a bordo do iate de Zizi? — perguntou Rimona. Queres ver outra vez a gravação? Viste a cara dele quando saiu? Julgas que estiveram a falar do quê, Gabriel? De investimentos? Ele tentou matar o meu tio. Ele tem de morrer.

— E o que fazemos quanto à mulher? — indagou Yossi.

— É cúmplice — ofereceu Lavon. — É óbvio que faz parte da rede. Por que será a voz dela a única que ouvimos? Não achará estranho que o marido nunca atenda o telefone?

— E então, matamo-la?

— Se não matarmos, não saímos desta ilha.

Dina sugeriu que se procedesse a uma votação. Yaakov abanou a cabeça.

— Caso não tenham percebido, isto não é uma democracia. Gabriel olhou para Lavon. Sustiveram o olhar um do outro por um instante, ao que Lavon fechou os olhos e aquiesceu uma única vez.

Não dormiram nessa noite. Pela manhã, Yossi alugou um segundo Suzuki Vitara com tração às quatro rodas, enquanto Yaakov e Rimona alugavam motos Piaggio. Oded e Mordecai dirigiram-se a uma loja de produtos náuticos em Gustavia e adquiriram dois barcos de borracha com motores de fora de borda. Dina passou boa parte do dia a telefonar para os restaurantes mais elegantes, a tentar reservar mesa para trinta. À uma e meia ficou a saber que o Le Tetou, um restaurante da moda de Saint-Jean, já fora reservado para uma festa privada e não estaria aberto ao público nessa noite.

Gabriel foi até Saint-Jean ver por si próprio. O restaurante era uma estrutura a céu aberto, com faixas de tecido colorido penduradas do teto e música de dança ensurdecedora a sair das colunas. Uma dúzia de mesas estava debaixo de um abrigo pontiagudo de madeira, e várias outras encontravam-se espalhadas ao longo da praia. Havia um pequeno bar e, como inúmeros outros restaurantes por toda a ilha, uma loja de roupa que vendia artigos femininos para a praia a preços exorbitantes. O período de almoço estava no auge e garotas descalças vestidas apenas com biquínis e saídas-de-praia que lhes davam pelo tornozelo corriam de mesa em mesa, distribuindo comida e bebida. Um modelo de fatos de banho de ar felino saiu da loja e posou para ele. Quando Gabriel não deu sinais de aprovação, a garota franziu a sobancelha e avançou para uma mesa de americanos bem bebidos, que ulularam a sua concordância.

Gabriel foi até o bar e pediu um copo de rose, que levou até a loja de roupa. Os gabinetes de provas e as casas de banho ficavam numa passagem estreita, ao fim da qual se encontrava o estacionamento. Deixou-se ficar ali de pé por um momento, a visualizar movimentos, a calcular tempo. Depois engoliu metade do rose e saiu.

Era perfeito, pensou. Mas havia um problema. Retirar Sarah de uma mesa estava fora de questão. Os guarda-costas de Zizi estavam bem armados e eram todos antigos agentes da Guarda Nacional Saudita.

Para conseguirem retirar Sarah sem contratempos, seria necessário que ela estivesse num gabinete de provas a uma hora específica. E para o conseguirem, teriam de fazer-lhe chegar uma mensagem. Enquanto se afastava na moto, Gabriel telefonou a Lavon na mansão e perguntou-lhe se ela estava na ilha. O restaurante em Saline não tinha vista para o mar, apenas para as dunas e para um vasto paul salgado, rodeado por colinas de vegetação rasteira. Sarah estava sentada na varanda à sombra, os dedos a agarrar o pé de um copo de vinho cheio de rose gelado. Ao seu lado estava Nadia, a mulher islâmica moderna, que avançava para o terceiro daiquiri e melhorava de humor a cada segundo que passava. No lado oposto da mesa, Monique e Jean-Michel

discutiam em silêncio. Os olhos do francês estavam ocultos por trás de um par de óculos de sol de fita elástica, mas Sarah podia ver que o galês observava o casal jovem que acabara de chegar de moto e subia ruidosamente a escada de acesso à varanda.

O homem era alto e magro, e vestia calções de banho até o joelho, chinelos de enfiar no dedo e uma camisola de algodão. O sotaque inglês denotava uma educação tipicamente britânica, e o mesmo se passava com o modo arrogante como inquiriu pela disponibilidade de mesa. A pronúncia da jovem era de algures do Centro da Europa. A parte de cima do biquini estava ainda molhada e colava-se sugestivamente a um par de generosos seios bronzeados. Perguntou à empregada onde ficava a casa de banho, com um tom de voz alto o suficiente para que Sarah e todos os outros presentes no restaurante a ouvissem. Depois susteve calmamente o olhar de Jean-Michel quando passou ao lado da mesa, a saída-de-praia esmeralda a esvoaçar de um par de ancas largas.

Nadia sugou mais um pouco de daiquiri, enquanto Monique olhava furiosa para Jean-Michel, como se desconfiasse que o seu interesse pela garota ia mais além do profissional. Quando a jovem surgiu, dois minutos mais tarde, mexia no cabelo e abanava-se com um ritmo provocador ao som da música reggae que vinha da aparelhagem atrás do bar. Regras do Escritório, pensou Sarah. Quando a operação decorre em locais públicos como bares e restaurantes, não se fica sossegado a um canto, nem se lê uma revista. Isso apenas faz com que pareçamos um espião. Chamamos a atenção para nós próprios. Namoriscamos. Falamos alto. bebemos em excesso. Uma discussão cai sempre bem. Mas Sarah reparou em algo que tinha certeza passara despercebido a Jean-Michel. Rimona não trazia brincos, o que significava que tinha deixado uma mensagem para Sarah na casa de banho.

Sarah observou Rimona sentar-se ao lado de Yossi e repreendê-lo por não ter uma bebida à sua espera. Uma coluna de nuvens aproximava-se sobre as dunas e o vento súbito agitou as ervas do paul.

— Parece que vem aí uma grande tempestade — comentou Jean-Michel, ao que pediu uma terceira garrafa de rose para ajudar a suportá-la. Nadia acendeu um Virginia Slims e passou o maço a Monique, que a imitou. Sarah virou-se para observar a borrasca que aí vinha. Entretanto, pensava nas horas e interrogava-se quanto tempo deveria esperar antes de se dirigir à casa de banho. E questionava-se sobre o que poderia lá encontrar.

Cinco minutos depois, as nuvens abriram-se e uma rajada de vento lançou chuva contra as costas de Sarah. Jean-Michel fez sinal à empregada e pediu-lhe que baixasse o abrigo. Sarah levantou-se, agarrou na mala de praia e fez menção de se dirigir às traseiras do restaurante.

— Onde vai? — perguntou Jean-Michel.

— Já vamos na terceira garrafa de vinho. Onde julga que vou? galês levantou-se de repente e seguiu-a.

— É muito gentil de sua parte, mas não preciso de ajuda. Já faço isto sozinha desde pequena.

Segurou-lhe no braço e levou-a à casa de banho. A porta estava entreaberta. Jean-Michel abriu-a, deu uma vista de olhos rápida, depois afastou-se e permitiu-lhe a entrada. Sarah fechou a porta, trancou-a e depois baixou o tampo do vaso com força, para que se ouvisse lá fora.

Há vários sítios onde gostamos de esconder coisas, explicara-lhe Gabriel.

Colado com fita adesiva ao interior do reservatório do autoclismo, ou escondido na caixa de toalhetes. Os caixotes do lixo são sempre bons, especialmente se tiverem tampa. Gostamos de esconder mensagens dentro de caixas de tampões, pois descobrimos que os árabes, mesmo profissionais, se sentem enojados por tocar-lhes.

Olhou embaixo da pia, viu uma lixeira de alumínio e levou o pé ao pedal. Quando a tampa se levantou, viu a caixa, parcialmente oculta por toalhas de papel. Estendeu a mão e retirou o objeto do balde do lixo. Leia depressa a mensagem, avisara Gabriel. Confie na memória. Nunca, mas nunca, leve a mensagem com você. Gostamos de usar papel de nitrocelulose, por isso, se tiver isqueiro ou fósforos, ponha fogo dentro da pia e a folha desaparece. Caso contrário, jogue no vaso. Na pior das hipóteses, volte a guardá-la na caixa e deixe-a no lixo. Depois de sair, nós levamo-la. Sarah procurou no saco de praia e viu que tinha uma carteira de fósforos. Fez menção de os tirar, mas decidiu que não tinha coragem, por isso rasgou a mensagem em pedacinhos e deitou-os para o vaso. Deixou-se ficar à frente do espelho por alguns momentos e observou o rosto, enquanto deixava a água correr para o lavatório.

É Sarah Bancroft, disse a si mesma. Não conhece a mulher que deixou a caixa no lixo. Nunca a tinha visto.

Fechou as torneiras e voltou à varanda. A chuva corria agora em ondas para as sarjetas. Yossi devolvia ruidosamente uma garrafa de Sancerre; Rimona analisava o menu como se a considerasse de fraco interesse. E Jean-Michel observava-a a atravessar a sala como se a visse pela primeira vez. Sentou-se e olhou para a tempestade que percorria o paul, sabendo que rapidamente terminaria. Vais jantar ao Le Tetou, dissera a mensagem. Quando nos vires, finge que estás maldisposta e vai à casa de banho. Não te preocupes se enviarem um guarda-costas. Nós tratamos dele. Agora só precisavam do convidado de honra. Não o viram durante grande parte do dia. Gabriel receou que Bin Shafiq pudesse ter saído sem ser detectado, e chegou a considerar a hipótese de telefonar para a mansão, para garantir que ainda estava ocupada. Mas às onze e meia

viram-no sair para o terraço, onde, após as habituais braçadas vigorosas, passou uma hora ao sol.

Ao meio-dia e meia voltou a entrar e, minutos depois, o Cabriolet branco desceu o acesso à casa com a capota em baixo e a mulher ao volante. Dirigiu-se a uma charcutaria na aldeia de Lorient, passou dez minutos no interior da loja, e depois regressou à mansão em Pointe Milou, para um almoço ao ar livre. Às três horas, quando a tempestade rebentava sobre a costa, o Cabriolet voltou a sair, desta vez com Bin Shafiq ao volante. Lavon partiu atrás dele numa das scooters recentemente adquiridas, com Mordecai e Oded a servirem de apoio. Depressa se tornou óbvio que o saudita procurava sinais de vigilância, pois abandonou as estradas congestionadas da costa norte da ilha, dirigindo-se para a zona oriental menos desenvolvida. Acelerou ao longo da costa rochosa de Toiny, depois virou para o interior e atravessou uma série de aldeolas nas colinas verdes do Grand Fond. Fez uma pausa de alguns segundos no cruzamento para Lorient, o suficiente para que Mordecai o tivesse de ultrapassar. Dois minutos depois, no cruzamento com a estrada para Saint-Jean, voltou a proceder da mesma forma. Desta vez foi Oded quem teve de abandonar a perseguição.

Lavon estava convencido de que o destino de Shafiq era Gustavia. Entrou na cidade por uma rota diferente e aguardava no Hotel Carl Gustav quando o Cabriolet surgiu, vindo de Lurin. O saudita estacionou no porto. Dez minutos depois, após ter voltado a confirmar que não era seguido, desta vez a pé, juntou-se a Wazir bin Talai num café à beira de água. Lavon comeu sushi num restaurante ao fundo da rua e esperou pelos dois homens. Uma hora depois voltava à mansão, onde disse a Gabriel que tinham um problema. — Por que foi encontrar Bin Talai? Ele pertence à segurança... à segurança de Zizi. Temos de considerar a hipótese de que Sarah foi descoberta. Há vários dias que trabalhamos muito de perto. A ilha é pequena. Somos todos profissionais, mas... — Lavon calou-se.

— Mas o quê?

— Os rapazes de Zizi também são. E o mesmo se pode dizer de Bin Shafiq. Esta tarde dirigia como se soubesse que era seguido.

— É o procedimento normal — justificou Gabriel, fazendo o papel de advogado do diabo sem grande entusiasmo.

— É possível ver a diferença entre alguém que faz isso por rotina e alguém que acha que está sendo seguido. Acho que Bin Shafiq sabe que está sendo vigiado.

— Nesse caso, o que sugeres, Eli? Devemos cancelar a operação?

— Não — disse Lavon. — Mas se esta noite apenas conseguirmos cumprir um objetivo, que seja com Sarah.

Dez minutos depois. A luz verde. O sinal de discagem. O som de um número sendo teclado.

— La Terraça.

— Gostaria de fazer uma reserva para esta noite, por favor.

— Para quantas pessoas?

— Duas.

— A que horas?

— As nove.

— Importa-se de aguardar um momento enquanto confirmo a disponibilidade?

— Claro que não.

— Pode ser às nove e quinze?

— Sim, claro.

— Muito bem, reserva para duas pessoas, às nove e quinze. Seu nome, por favor?

— Al-Nasser. Merci, Madame. Au revoir.

Clique. Gabriel acerçou-se do mapa.

— O La Terrazza fica aqui — disse, batendo com o dedo nas colinas em frentes a Saint-Jean. — Só precisam de sair de casa às nove.

— A menos que tenham de ir a algum lado antes — recordou Lavon.

— O jantar de Zizi começa às oito. Isso dá-nos quase uma hora antes de termos de posicionar a Sarah para ser extraída. — A menos que Zizi se atrase — comentou Lavon.

Gabriel dirigiu-se à janela e olhou para o outro lado da enseada. O tempo melhorara e o pôr do Sol aproximava-se. O mar começava a escurecer e acendiam-se luzes nas colinas.

— Vamos abatê-los ria mansão... dentro da casa, ou atrás dos muros da estrada de acesso.

— A. eles? — indagou Lavon.

— É a única maneira de conseguirmos sair da ilha — explicou Gabriel. — A mulher também terá de morrer.

Nas duas horas que se seguiram à declaração de Gabriel, teve lugar um movimento de pessoal e de material discreto, que em grande medida passou despercebido à população dócil da ilha. Sarah apenas testemunhou um elemento dos preparativos, pois estava sentada na sua coberta privada, enrolada no roupão branco de veludo, quando o Sun

Dancer iniciou a marcha e mergulhou na escuridão crescente. O vento da tarde esmorecera e apenas se sentia uma brisa quente que dançava por entre os iates fundeados. Sarah fechou os olhos. Doía-lhe a cabeça por causa do sol e tinha um gosto metálico na boca devido ao excesso de rose. Agarrou-se ao seu desconforto. Sempre era algo mais em que pensar, que não o que se avizinhava. Viu as horas no relógio Harry Winston que lhe fora dado pelo presidente e CEO da Jihad Limitada. Marcava sete e vinte. Estava quase livre.

Olhou na direção da ré do Alexandra e viu que o Sikorsky estava escuro e imóvel. Iriam para terra na lancha, com saída marcada para sete e quarenta e cinco, os preparativos a cargo de Hassan, o eficiente chefe do departamento de viagens de Zizi. E por favor, não se atrase, Miss Sarah, dissera Hassan. Zizi aconselhara que vestisse algo especial. O Le Tetou é o meu restaurante preferido da ilha, disse. Promete ser uma noite memorável.

Surgiu uma brisa e, no porto, ouviu-se o clamor de uma boia de sinalização. Voltou a olhar para o relógio e viu que eram sete e vinte e cinco. Permitiu-se imaginar o reencontro. Talvez fizessem uma refeição em família, como as que tinham partilhado na casa em Surrey que não existia. Ou talvez as circunstâncias não fossem adequadas a comida. Ansiava pelo seu abraço, qualquer que fosse o estado de espírito. Adorava-os. Adorava todos. Adorava-os pois todos os outros os odiavam. Adorava-os por serem uma ilha de sanidade cercada por um mar de fanáticos, e porque receava que as vagas da história os pudessem levar, e queria fazer parte deles, nem que por um único momento. Adorava a dor que ocultavam e a sua capacidade para sentirem alegria, a sua paixão pela vida e o desprezo que sentiam por aqueles que assassinavam inocentes. A sua vida estava ligada a um propósito e, para Sarah, cada um deles era um pequeno milagre. Pensou em Dina, a bela e marcada Dina, a última de seis filhos, um filho por cada milhão assassinado. Contara a Sarah que o pai fora o único elemento da família a sobreviver ao Holocausto. Depois de chegar a Israel, escolhera o nome Sarid, que em hebraico significa "o último", e chamou à filha que lhe restava Dina, que significa "vingada". Sou Dina Sarid, dissera. Sou a última vingada.

E esta noite, pensou Sarah, estaremos unidos.

Às sete e meia ainda não saíra da cadeira na coberta. O protetor tinha um objetivo. Queria ficar apenas com alguns minutos para se vestir, o que significaria

menos tempo para dar algum sinal de que não pretendia voltar. Não tragas nada, dissera a mensagem de Rimona. Deixa o quarto desarrumado. E assim deixou-se ficar mais cinco minutos, até que se levantou e entrou na cabine. Deixou o roupão escorregar pelos ombros e cair no chão, e vestiu rapidamente cuecas e um sutiã. A roupa, um fato largo da cor do açafão que Nadia lhe comprara nessa tarde em Gustavia, estava disposta em cima da cama por fazer. Vestiu-a depressa e foi até o toucador na casa de banho. Colocou a pulseira de ouro, mas deixou as outras joias que Zizi lhe dera em cima da bancada. Hesitou pela primeira vez ao decidir como se pentearia. Solto, ou apanhado? Decidiu mante-lo solto. Era o primeiro passo no regresso à sua vida antiga. Uma vida que Gabriel lhe dissera nunca mais poder ser a mesma.

Regressou ao quarto e deu uma última vista de olhos. Deixa o quarto desarrumado.

Missão cumprida. Não tragas nada. Nem mala, nem carteira, nada de cartões de crédito, nem de dinheiro. Mas quem precisava disso, fazendo parte do séquito de Zizi al-Bakari? Saiu para o corredor e fechou a porta, confirmando que não ficava trancada. Depois dirigiu-se para a ré, onde as lanchas aguardavam. Foi passada por Rafiq a Jean-Michel, e sentou-se entre os Abdul no compartimento de ré. Zizi estava à sua frente, ao lado de Nadia. Quando o barco se dirigiu à costa, olhavam-na atentamente na escuridão. — Devia ter colocado as pérolas, Sarah. Teriam combinado com o fato. Mas gosto de vê-la outra vez com o cabelo solto. Fica muito melhor assim. Nunca gostei de a ver de cabelo apanhado. — Olhou para Nadia. — Não achas que ela fica melhor de cabelo solto?

Mas, antes que Nadia tivesse oportunidade de responder, Hassan colocou um celular aberto na mão de Zizi e murmurou qualquer coisa em árabe que pareceu muito urgente. Sarah olhou para o porto, onde quatro Toyotas Land Cruisers pretos aguardavam no extremo do cais. Juntara-se um pequeno aglomerado de mirones, na esperança de avistar a celebridade que conseguia reunir uma caravana tão impressionante numa ilha tão pequena. A garota de cabelo escuro sentada a cinquenta metros de distância, ao abrigo de um belvedere, não se deixava incomodar pelo espetáculo da celebridade. A última vingada fitava o espaço, a mente a debater-se com assuntos mais prementes.

A praia em Saline, uma das únicas da ilha sem mansões nem hotéis, estava às escuras, salvo pelo brilho fosfóreo dos recifes ao luar. Mordecai levou o primeiro barco de borracha para terra às oito e cinco. Oded chegou dois minutos depois, a pilotar o seu próprio barco, e a rebocar um terceiro com uma corda de nylon. Às oito e dez

fizeram sinal a Gabriel. A Equipa Saline estava em posição. A escotilha de emergência fora aberta.

Tal como era habitual, a praia de Saint-Jean demorara a esvaziar-se naquele fim de tarde, havendo ainda um punhado de almas resolutas sentadas na areia quando a noite começou a cair. No extremo da pista do aeroporto, perto de um sinal castigado pelos elementos que avisava da existência de aeronaves a baixa altitude, tinha lugar uma pequena festa. Eram quatro pessoas no total, três homens e uma jovem de cabelo escuro que chegara de scooter alguns momentos antes, vinda de Gustavia. Um deles trouxera cerveja Heineken, outro um pequeno leitor portátil de CD, que tocava agora uma música de Bob Marley. Os três homens preguiçavam, em vários níveis de descontração. Dois deles, um homem de aspeto duro e pele marcada pelas bexigas, e outro calmo, de olhos castanhos argutos e cabelo rebelde, fumavam cigarro atrás de cigarro por causa dos nervos. A garota dançava ao som da música, a blusa clara a brilhar suavemente ao luar.

Embora a sua atitude não o mostrasse, tinham escolhido a localização da festa com muito cuidado. Daí podiam controlar o trânsito na estrada de Gustavia, bem como a grande festa privada que tinha início a uns cem metros na praia, no restaurante Le Tetou. Às oito e meia, um dos homens, o duro de rosto marcado pelas bexigas, pareceu receber uma chamada no celular. Não era um telefone vulgar, mas sim um rádio de duas vias, capaz de enviar e de receber transmissões seguras. Momentos após ter desligado, ele e os outros dois homens levantaram-se e dirigiram-se ruidosamente à estrada, onde entraram para um Suzuki Vitara. A garota de branco deixou-se ficar na praia, a ouvir Bob Marley ao mesmo tempo que observava um pequeno avião privado que se aproximava da pista vindo das águas da baía. Olhou para o sinal marcado pelas intempéries: CUIDADO. AERONAVES EM BAIXA ALTITUDE. A jovem era rebelde por natureza e não lhe prestou atenção. Aumentou o volume da música e dançou com o avião a troar-lhe por cima da cabeça.

A praia da baía Marigot é pequena e rochosa e raramente utilizada, excepto pelos habitantes locais para guardarem os barcos. Há uma pequena beira mesmo ao lado da estrada marginal, com espaço para dois ou três carros e um lance de degraus de madeira periclitantes que vão dar à praia. Nessa noite, a beira estava ocupada por um par de motos Piaggio. Os donos estavam na praia escura, sentados no ventre de um barco a remos virado. Ambos tinham mochilas aos pés, e ambas as mochilas continham duas pistolas com silenciador. O homem mais jovem tinha duas Barak SP-21 de calibre .45. O mais velho preferia ar — mas mais pequenas e sempre fora adepto das armas italianas. As pistolas que tinha na mochila eram Beretta de 9 mm.

Ao contrário dos compatriotas em Saint-Jean, os dois homens não estavam a beber, nem a ouvir música, nem fingiam divertir-se. Ambos se encontravam em silêncio e respiravam lentamente para acalmar os corações acelerados. O homem mais velho observava o trânsito na estrada. O mais jovem contemplava as ondas calmas. Contudo, ambos imaginavam a cena que teria lugar dali a alguns minutos, na mansão do promontório. As oito e meia, o mais velho levou o rádio aos lábios e disse duas palavras:

— Vai, Dina.

A primeira a avistar a jovem foi Monique, a esposa de Jean-Michel. As bebidas tinham acabado de ser servidas. Zizi ordenara a todos que desfrutassem a refeição, pois seria o último dia em Saint-Barts. Sarah estava sentada no outro extremo da mesa, ao lado de Herr Wehrli. O banqueiro suíço comentava a sua admiração pelo trabalho de Ernst Ludwig Kirchner quando, pelo canto do olho, Sarah se apercebeu de Monique a desviar a cabeça angular e do movimento elástico do seu cabelo escuro.

— Lá está aquela garota — disse Monique, para ninguém em especial. — A que tinha uma cicatriz terrível na perna. Lembra dela, Sarah? Estava ontem, na praia de Saline. Graças a Deus hoje está de calça.

Sarah escusou-se delicadamente do banqueiro suíço e seguiu o olhar de Monique. A garota seguia pela beira da água, vestida com blusa branca e jeans de pernas enroladas até abaixo dos joelhos. Quando se aproximou do restaurante, um dos guarda-costas avançou e tentou impedir-lhe a passagem. Embora não conseguisse ouvir a conversa, Sarah pôde ver a jovem a reivindicar o seu direito a caminhar por uma extensão pública da praia, pesasse embora a festa privada de alta segurança que tinha lugar no Le Tetou. Regras do Escritório, pensou. Não tentem passar despercebidos. Façam por dar nas vistas.

O guarda-costas acabou por ceder e a garota afastou-se lentamente a coxear e desapareceu na escuridão. Sarah deixou que passassem mais alguns instantes. Depois inclinou-se sobre a mesa à frente de Monique e murmurou ao ouvido de Jean-Michel.

— Estou a ficar maldisposta.

— O que se passa?

— Demasiado vinho ao almoço. Quase vomitei na lancha.

— Quer ir à casa de banho?

— Pode levar-me, Jean-Michel? — Jean-Michel anuiu e levantou-se. — Espere — interveio Monique. — Eu vou com você. Jean-Michel abanou a cabeça, mas Monique ergueu-se repentinamente e ajudou Sarah a levantar-se. — A coitada não se sente bem — silvou-lhe em francês. — Precisa de uma mulher que trate dela.

Nesse momento, um Suzuki Vitara entrou no estacionamento do Le Tetou. Yossi estava ao volante. Yaakov e Lavon encontravam-se no banco de trás. Yaakov deixou a Beretta 9 mm pronta a fazer fogo, depois olhou para a passagem e esperou que Sarah aparecesse.

Sarah lançou um olhar por cima do ombro quando deixaram a praia e viu Zizi e Nadia a fitarem-na. Virou-se e olhou em frente. Tinha Jean-Michel à esquerda e Monique à direita. Cada um segurava-lhe um braço. Guiaram-na rapidamente pelo interior do restaurante e pela frente da loja de roupa. A passagem encontrava-se mergulhada nas sombras. Jean-Michel abriu a porta da casa de banho das senhoras e acendeu a luz, ao que lhe deu uma vista de olhos rápida e fez sinal a Sarah para que entrasse. A porta fechou-se. Muita força, pensou ela. Trancou-a e olhou-se ao espelho. O rosto que a fitava já não lhe pertencia. Poderia ter sido pintado por Max Beckmann ou por Edvard Munch. Ou talvez pelo avô de Gabriel, Viktor Frankel. Um retrato de uma mulher aterrorizada. Do outro lado da porta trancada, ouviu a voz de Monique a perguntar-lhe se estava bem. Sarah não respondeu. Segurou-se ao lavatório, fechou os olhos e aguardou.

— Raios me partam — murmurou Yaakov. — Por que ela trouxe o maldito kickboxer?

— Aguenta com ele? — perguntou Lavon.

— Acho que sim, mas se as coisas começarem a correr mal, dê-lhe um tiro na cabeça.

— Nunca dei um tiro em ninguém.

— É fácil — garantiu Yaakov. — Põe o dedo no gatilho e aperta.

Eram precisamente oito horas e trinta e dois minutos quando Gabriel subiu os degraus de madeira na praia da baía Marigot. Usava capacete de moto com visor escuro e, por baixo, microfone e receptor em miniatura. Tinha nas costas a mochila preta com as Berettas. Mikhail, logo atrás dele, estava equipado de forma semelhante. Subiram para as motos e ligaram os motores ao mesmo tempo. Gabriel acenou com a cabeça e aceleraram pela estrada vazia.

Desceram uma colina íngreme, com Gabriel a abrir caminho e Mikhail alguns metros atrás. A estrada era apertada e cercada por muros de pedra. À frente deles, no cimo de outra colina, ficava o desvio para Pointe Milou. Junto ao muro estava parada uma moto e, sentada no selim, em jeans e camiseta justa, estava Rimona, o rosto oculto pelo capacete.

Fez sinal duas vezes com o farolete, dando a indicação de que o caminho estava livre. Gabriel e Mikhail entraram na curva em grande velocidade, inclinando-se bastante no auge da manobra, e aceleraram em direção ao promontório. O mar

estendia-se à sua frente, luminoso sob o luar. À sua esquerda erguia-se uma colina vazia. À direita ficava uma correnteza de pequenas vivendas. Um cão preto surgiu vindo da última casa e ladrou com vontade quando eles passaram. No cruzamento seguinte estava um poste de caixas do correio e uma pequena parada de ônibus vazia. Um carro que se aproximava fez a curva com demasiada velocidade e apanhou o lado da estrada de Gabriel, que reduziu e esperou que o automóvel passasse. Depois voltou a acelerar. Foi então que ouviu a voz de Rimona ao ouvido.

— Temos um problema — disse, calmamente.

Ao fazer a curva, Gabriel olhou para trás e viu do que se tratava. Estavam a ser seguidos por um Range Rover azul amolgado, com identificação da Gendarmerie.

No estacionamento do Le Tetou, Yaakov levava a mão ao fecho da porta quando ouviu Rimona no auricular. Olhou para Lavon e perguntou:

— Mas o que raios se está a passar?

Foi Gabriel quem lhe respondeu.

Havia dois gendarmes no Rover, um ao volante e um segundo, de ar mais velho, no lugar do morto com um rádio contra os lábios. Gabriel resistiu à tentação de se virar para ver melhor e manteve os olhos em frente.

Logo a seguir à parada do ônibus, a estrada bifurcava-se. A mansão de Bin Shafiq ficava para a direita. Gabriel e Mikhail foram para a esquerda. Segundos depois, abrandaram e olharam para trás.

Os gendarmes tinham seguido para o outro lado.

Gabriel parou e considerou as alternativas. Estariam os gendarmes a fazer uma patrulha de rotina, ou teriam respondido a um outro tipo de apelo? Seria apenas má sorte, ou algo mais? Apenas tinha certeza de uma coisa. Ahmed bin Shafiq estava ao seu alcance e Gabriel queria-o morto.

Deu meia volta, regressou à bifurcação e olhou para o extremo do promontório. A estrada encontrava-se vazia e não se viam os gendarmes. Gabriel acelerou e mergulhou na noite. Quando chegou à mansão, viu o portão aberto e o Range Rover da Gendarmerie estacionado na entrada. Ahmed bin Shafiq, o mais perigoso terrorista do mundo, carregava as malas para a traseira do Subaru.

E os dois polícias franceses estavam a ajudá-lo.

Gabriel regressou ao local onde Mikhail aguardava e informou toda a equipe em simultâneo.

— O nosso amigo vai deixar a ilha. E Zizi conseguiu uma escolta policial.

— Fomos descobertos? — perguntou Mikhail.

— Temos de partir do princípio de que foi esse o caso. Peguem Sarah e dirijam-se para Saline.

— Receio que isso não seja possível — replicou Lavon.

— O que não é possível?

— Não podemos chegar perto de Sarah — explicou. — Nós a perdemos.

Um punho esmurrou a porta três vezes. Uma voz tensa gritou que saísse. Sarah abriu a porta. Jean-Michel estava de pé na passagem, juntamente com quatro dos guarda-costas de Zizi. Agarraram-lhe os braços e levaram-na pela praia.

O Cabriolet branco atravessou o portão e virou para a estrada, seguido do Rover da Polícia. Quinze segundos depois, a caravana reduzida passava por Gabriel e Mikhail.

A capota do Subaru estava ainda baixa. Bin Shafiq tinha as mãos no volante e os olhos na estrada.

Gabriel olhou para Mikhail e falou com toda a equipe pelo rádio.

— Zarpem já para Saline. Todos. Deixem-me um barco, mas saiam da ilha.

Depois partiu atrás de Bin Shafiq e dos gendarmes.

— Estão me machucando.

— Sinto muito, Miss Sarah, mas temos que nos apressar.

— Por quê? Estão servindo o prato principal?

— Houve uma ameaça de bomba. Vamos deixar a ilha.

— Uma ameaça de bomba? Contra quem? Contra o quê?

— Por favor, não diga mais nada, Miss Sarah, Limite-se a andar depressa.

— Eu ando, mas larguem meus braços. Estão me machucando.

Gabriel permaneceu duzentos metros atrás do Range Rover e seguiu com o farolim desligado. Atravessaram a aldeia de Lorient e depois Saint-Jean. Enquanto aceleravam ao longo da baía, viu a placa que indicava o Le Tetou. Gabriel reduziu e espreitou para o estacionamento no momento em que Zizi e respetivo séquito entravam para os Land Cruisers, sob o olhar atento de outros dois gendarmes. Sarah encontrava-se entre Rafiq e Jean-Michel. Não havia mais nada que Gabriel pudesse fazer. Com relutância, acelerou atrás de Bin Shafiq.

O aeroporto estava agora mesmo à frente deles. Sem aviso, os dois veículos guinaram para a estrada de serviço e atravessaram um portão de segurança aberto, em direção à pista. Um avião a hélice aguardava ao fundo da pista, com os motores em funcionamento. Gabriel deteve-se na curva e observou Bin Shafiq, a mulher e os dois gendarmes saírem dos respetivos carros.

O terrorista árabe e a mulher entraram de imediato para o avião, enquanto os gendarmes carregavam as malas no compartimento de carga. Quinze segundos depois, a porta da cabine foi fechada, o avião deu um solavanco em frente e correu pela pista. À medida que se elevava sobre a Baie de Saint-Jean, a caravana de Zizi passou em alta velocidade e deu início à subida da colina, a caminho de Gustavia.

Às oito e quarenta, Mordecai e Oded avistaram Mikhail e Rimona a descerem as dunas para a praia de Saline. Dois minutos depois, surgiram outras quatro figuras. Às oito e quarenta e três, todos se encontravam a bordo dos barcos, exceto Lavon.

— Ouviste o que o homem disse, Eli — gritou Yaakov. — Ele quer toda a gente fora da ilha.

— Eu sei — respondeu Lavon —, mas não saio daqui sem ele. Yaakov percebeu que não valia a pena discutir. Momentos depois, os barcos de borracha cortavam as ondas em direção ao Sun Dancer. Lavon observou-os a fundirem-se com as trevas, depois virou-se e começou a percorrer a beira da água.

A caravana serpenteou em alta velocidade encosta abaixo até Gustavia. Atrás deles, Gabriel podia ver o Alexandra iluminado ao fundo do porto. Dois minutos depois, os Land Cruisers entraram no estacionamento da marina. Os guarda-costas de Zizi trataram do processo de desembarque dos veículos e embarque na lancha com a rapidez e precisão de profissionais. A tentativa de salvamento não era opção. Gabriel viu Sarah uma única vez — um lampejo alaranjado entre duas figuras grandes e escuras — e, momentos depois, estavam a caminho do santuário que era o Alexandra. Não teve escolha, a não ser voltar a Saline, onde Lavon o aguardava. Enquanto se dirigiam à baía, Gabriel permaneceu sentado na proa.

— Lembras-te do que te disse esta tarde, Gabriel?

— Lembro-me, Eli.

— Se apenas conseguirmos cumprir um objetivo, que seja a Sarah. Foi isso que eu te disse.

— Eu sei, Eli.

— Quem cometeu o erro? Fomos nós? Ou foi Sarah?

— Já não interessa.

— Certo, não interessa. Ele vai matá-la, a menos que a consigamos libertar. — Não vai fazê-lo aqui. Não, depois de ter envolvido a Polícia francesa. — Ele vai encontrar maneira. Ninguém trai Zizi e fica a rir-se. Regras de Zizi.

— Vai ter de a tirar daqui — disse Gabriel. — E, é claro, vai querer saber para quem ela trabalha.

— O que significa que talvez tenhamos uma margem de manobra ínfima, dependendo dos métodos que Zizi escolher para obter respostas.

Gabriel ficou em silêncio. Lavon conseguia ler-lhe os pensamentos. Vamos tirá-la de lá, pensava Gabriel. Esperemos apenas que ainda sobre alguma coisa quando o fizermos.

SEDE DA CIA

As notícias sobre o desastre em Saint-Barthélemy chegaram à Sala de Controle do Boulevard King Saul dez minutos depois do regresso de Gabriel ao Sun Dancer. Na altura,

Amos Sharret, o diretor-geral, estava no seu gabinete e foi informado dos desenvolvimentos pelo oficial de dia. Apesar do adiantado da hora, acordou de imediato o primeiro-ministro e relatou-lhe o sucedido. Cinco minutos depois foi efetuada uma segunda chamada segura do Sun Dancer, dessa vez para Langley, Virgínia. Não foi dirigida à Sala de Controle, mas sim à linha privada do gabinete do sétimo andar de Adrian Carter. Este recebeu as notícias calmamente, como agia perante quase tudo, e brincou com um clipe desgarrado enquanto Gabriel lhe fazia um pedido.

— Neste momento temos um avião em Miami — explicou Carter. — Pode estar em Saint Maarten ao nascer do Sol.

Carter desligou o telefone e olhou para as telas de televisão alinhadas no outro lado da sala. O presidente encontrava-se na Europa, a realizar a sua digressão de reconciliação. Passara o dia reunido com o novo chanceler alemão, enquanto no exterior a Polícia travava confrontos de rua por toda a cidade de Berlim com manifestantes antiamericanos. Novos confrontos eram esperados nos destinos seguintes do presidente: Paris e Roma. Os franceses preparavam-se para uma onda de motins islâmicos, e os Carabinieri previam manifestações a uma escala que não era vista na capital italiana desde há uma geração: ambos os cenários não eram, de todo, a imagem de harmonia transatlântica que a Casa Branca pretendia transmitir.

Carter desligou a televisão e trancou os seus papéis no cofre da parede, depois tirou o sobretudo do cabide na porta e saiu. As secretárias já tinham dado o dia por encerrado e o vestíbulo encontrava-se mergulhado nas sombras, exceto por um trapezoide de luz vindo de uma porta entreaberta no outro lado da divisão. Era a porta do gabinete de Shepard Cantwell, diretor-adjunto de informação, o equivalente ao cargo de Carter no lado analítico da Agência. Do interior do gabinete ouvia-se as teclas de um computador. Cantwell ainda lá estava. Dizia-se na Agência que nunca de lá saía. Limitava-se a entrar para o cofre por volta da meia-noite e emergia ao amanhecer, para estar à secretária antes da chegada do diretor. — És tu, Adrian? — perguntou Cantwell com o seu sotaque arrastado de Boston. Quando Carter espreitou para o covil de Cantwell, o DAI parou de escrever e olhou por cima de uma pilha de dossiês. Era aprumado como um prior e ainda mais ardiloso. — Credo, Adrian, até parece que viste a morte. O que te anda a consumir? Quando Carter resmungou qualquer coisa sobre o caos que rodeava a visita de boa vontade do presidente à Europa, Cantwell iniciou uma

dissertação sobre os falsos perigos do antiamericanismo. Cantwell era analista, não conseguia evitá-lo. — Sabes, Adrian, sempre me senti fascinado por esta nossa necessidade ridícula de sermos poderosos e amados ao mesmo tempo. O presidente americano deu meia volta ao mundo e derrubou o líder da Mesopotâmia numa tarde. Nem mesmo César foi capaz de o fazer. E agora quer ser adorado pelas pessoas que se lhe opõem. Quanto mais depressa nos deixarmos de preocupar com o fato de não gostarem de nós, melhor ficamos.

— Andou lendo Maquiavel outra vez, Shep?

— Livro de cabeceira. — Cruzou os dedos atrás do pescoço e afastou os cotovelos, oferecendo a Carter uma panorâmica indesejável dos sovacos. — Anda por aí um boato muito chato, Adrian.

— Sério? — Carter lançou uma olhadela ao relógio que, aparentemente, passou despercebida a Cantwell.

— Segundo esse boato, você está envolvido numa operação especial contra um amigo abastado da Al-Saud. E seus companheiros nessas andanças, e lembre-se de que estou apenas repetindo o que ouvi, são os israelenses.

— Não devia dar ouvidos a boatos — admoestou Carter. — Até aonde ele chegou?

— Já saiu de Langley — retorquiu Cantwell, outra maneira de dizer que o boato chegara a agências irmãs que tinham entrado no território da CIA desde que se procedera à temível reorganização da comunidade secreta americana.

— Até que ponto?

— Ao ponto de ter deixado algumas pessoas nervosas. Sabe bem como é este jogo, Adrian. Há um oleoduto entre Riad e Washington, que jorra verdinhas. Esta cidade está mergulhada em dinheiro saudita. Entra nas firmas consultivas e de advocacia. Que raios, os grupos de pressão jantam à custa desse dinheiro. Os sauditas até conseguiram inventar um sistema para nos subornar enquanto estamos no Governo. Todos sabem que se favorecerem os Al-Saud enquanto trabalharem para o Clube Fed, os Al-Saud vão retribuir-lhes o favor quando voltarem ao setor privado. Talvez assuma a forma de um contrato de consultoria bem lucrativo, ou um qualquer trabalho legal. Pode ser a presidência de um instituto obscuro. Por isso, quando começam a surgir boatos que dizem que um cowboy de Langley anda atrás de um dos mais generosos benfeitores deste sistema profano, as pessoas ficam nervosas.

— É uma dessas pessoas, Shepard?

— Eu? — Cantwell abanou a cabeça. — Volto a Boston assim que me seja concedida a liberdade condicional. Mas há por aí outras pessoas pensando em lucrar com o negócio.

— E se os generosos benfeitores deste sistema profano também andarem a encher os cofres dos indivíduos que fazem despenhar aviões nos nossos edifícios? E se esses nossos amigos estiverem completamente mergulhados no terrorismo? E se estiverem dispostos a fazer patos com o Diabo para garantirem a sobrevivência, mesmo que isso implique a morte de americanos?

— Cumprimentamo-los e sorrimos — disse Cantwell. — E pensamos no terrorismo como uma taxa inconveniente na gasolina que metemos no depósito. Ainda tem aquele Volvo?

Cantwell sabia exatamente qual o carro de Carter. Suas vagas de estacionamento ficavam lado a lado.

— Não tenho dinheiro para comprar um carro novo — justificou Carter. — Pelo menos enquanto tiver três filhos na faculdade.

— Talvez devesse pensar no plano de reforma saudita. Estou vendo um contrato de consultoria muito lucrativo no seu futuro.

— Não faz o meu estilo, Shep.

— E quanto a esses boatos? Têm algum fundo de verdade?

— Absolutamente nada.

— Ainda bem — replicou Cantwell. — Vou esclarecer toda a gente. Boa noite, Adrian.

— Boa noite, Shep.

Carter desceu a escada do edifício. O estacionamento estava quase vazio. Entrou no Volvo e dirigiu-se ao Noroeste de Washington, através do mesmo percurso que seguira com Gabriel havia oito semanas. Ao cruzar-se com a propriedade de Zizi al-Bakari, reduziu e espiou através das barras do portão a mansão empoleirada na falésia em frente ao rio. Não toque nele, pensou Carter furiosamente. Se tocar num fio de cabelo que seja, eu o mato com minhas próprias mãos. Ao atravessar Chain Bridge, olhou para o painel. Uma luz de aviso vermelha estava a brilhar. Mas que apropriado, pensou. Tinha o tanque de combustível quase vazio. Nesse preciso momento, o Sun Dancer contornava Grande Pointe e regressava à sua posição ao largo de Gustavia. Gabriel estava sozinho na proa, com os binóculos contra os olhos, a fitar o convés de ré do Alexandra, onde a tripulação do barco servia um jantar improvisado para trinta elementos. Gabriel via-os como figuras de um quadro. Grupo no Barco, pensou. Ou seria A Última Ceia?

Lá estava Zizi, sentado com uma pose nobre à cabeceira da mesa, como se os acontecimentos do serão não tivessem passado de uma agradável diversão à monotonia de uma viagem em tudo o resto normal. À sua esquerda sentava-se a bela

filha Nadia. À direita, a trespassar a comida sem apetite, estava o segundo-comandante de confiança,

Daoud Hamza. Mais ao fundo da mesa ficavam os advogados, Abdul Abdul, e Herr Wehrli, o guardião do dinheiro de Zizi. Lá estava Mansur, organizador de viagens, e Hassan, chefe das comunicações, fossem seguras ou não. Jean-Michel, encarregado da aptidão física de Zizi e guarda de segurança adicional, e a esposa taciturna, Monique. Marcavam também presença Rahimah Hamza e o amante, Hamida, atraente estrela de cinema egípcia. Um quarteto de guarda-costas de expressão ansiosa e várias mulheres bonitas de rostos inocentes. E por fim, sentada no extremo da mesa, o mais longe possível de Zizi, estava uma bela mulher vestida com seda açafrão. Ela garantia equilíbrio àquele grupo. Era a inocência contrabalançando os pecados de Zizi. E Gabriel podia ver que estava aterrorizada. Gabriel sabia que observava uma representação. Mas para quem estaria sendo encenada? Para si mesma ou para Sarah?

À meia-noite, as figuras do quadro levantaram-se e desejaram as boas noites. Sarah entrou numa passagem e desapareceu mais uma vez da vista de Gabriel. Zizi, Daoud Hamza e Wazir bin Talai entraram no gabinete de Al-Bakari. Gabriel viu nisso mais um quadro: Encontro de Três Malvados, artista desconhecido. Cinco minutos depois, Hassan entrou a correr no gabinete e entregou um celular a Zizi. Quem seria? Um dos corretores de Zizi a pedir instruções sobre o que fazer na abertura da bolsa de Londres? Ou seria Ahmed bin Shafiq, assassino de inocentes, a dizer a Zizi o que fazer com a jovem de Gabriel? Zizi aceitou o telefone e expulsou Hassan do gabinete com um aceno da mão. Wazir bin Talai, chefe da segurança, acercou-se das janelas e fechou as persianas.

Trancou a porta e acendeu todas as luzes do quarto. Ligou o sistema de televisão via satélite e sintonizou a CNN. A Polícia alemã defrontava manifestantes nas ruas. Mais uma prova do fracasso americano no Iraque, dizia um repórter ofegante.

Foi até a coberta e sentou-se. O iate que vira nessa tarde a deixar o porto voltara. Seria o de Gabriel? Estaria Bin Shafiq morto ou vivo? Estaria Gabriel morto ou vivo? Apenas sabia que algo correria mal. Estas coisas acontecem, dissera-lhe Zizi. E por isso que levamos tão a sério as questões de segurança.

Fitou o iate, em busca de movimento no convés, mas o barco encontrava-se demasiado longe para ver fosse o que fosse. Estamos contigo, Sarah. Todos nós. O vento aumentou. Abraçou as pernas e puxou os joelhos para junto do queixo. Espero que ainda aí estejam, pensou. E, por favor, tirem-me deste barco antes que me matem.

A dada altura, não se lembrava quando, o frio obrigara-a a ir para a cama. Acordou ao som da chuva na coberta privativa com a primeira luz daquela alvorada cinzenta. A televisão continuava ligada. O presidente chegara a Paris e a place de la

Concorde era um mar de manifestantes. Pegou no telefone e pediu o pequeno-almoço, que foi entregue cinco minutos depois. Estava tudo na mesma, salvo pela mensagem escrita à mão, dobrada ao meio e encostada ao cesto dos brioques. Era um recado de Zizi. Tenho um trabalho para a si. Faça as malas e prepare-se para partir às nove. Falamos antes de partir. Serviu-se de café e foi com a xícara até a porta da cobertura privativa. Foi então que se apercebeu de que o Alexandra estava em movimento, tendo deixado Saint-Barts. Voltou a olhar para a mensagem de Zizi. Não dizia para onde teria de ir.

30

AO LARGO DE SAINT MAARTEN

Sarah apresentou-se no convés de ré às nove em ponto. Chovia copiosamente, as nuvens eram baixas e escuras e o vento forte tornava o mar revolto. Zizi envergava uma capa clara e óculos de sol, apesar do mau tempo. Bin Talai estava a seu lado, com um casaco leve que lhe ocultava a arma.

— Mas que vida agitada — comentou Sarah, com um tom o mais caloroso possível. — Primeiro uma ameaça de bomba, depois um recado com o pequeno-almoço, a dizer-me para fazer as malas. — Olhou para o heliporto e viu o piloto de Zizi a sentar-se aos comandos do Sikorsky. — Para onde vou?

— Digo-lhe quando estivermos a caminho — disse Zizi, pegando-lhe no braço. — Vem comigo?

— Só até Saint Maarten — Puxou-a até a escada que davam acesso ao heliporto.

— Tem um jato privado à sua espera.

— E para onde vai esse avião?

— Vai levá-la a ver um quadro. Conto-lhe durante a viagem.

— Qual é o destino do avião, Zizi?

O árabe deteve-se a meio da descida e fitou-a, os olhos escondidos pelo vidro escuro.

— Passa-se alguma coisa, Sarah? Parece tensa.

— Não gosto de entrar em aviões quando não sei para onde se dirigem. Zizi sorriu e começou a dizer-lhe, mas as palavras foram abafadas pelo troar do motor do Sikorsky.

Gabriel estava na proa do Sun Dancer quando o helicóptero decolou. Observou-o por um momento e depois correu até a ponte, onde um tenente da marinha se encontrava ao leme.

- Estão a levá-la para Saint Maarten. A que distância estamos da costa?
- A cerca de cinco milhas. — Quanto tempo para lá chegarmos?
- Dadas as condições atmosféricas, uns trinta minutos. Talvez um pouco menos. — E os barcos de borracha?
- Não tente fazer o percurso nesses barcos, pelo menos com estas condições.
- Aproxime-nos o mais possível.

O tenente aquiesceu e começou a fazer os preparativos para a mudança de rumo. Gabriel dirigiu-se ao centro de comando e entrou em contato com Carter.

- Neste preciso momento ela está a ser levada para o aeroporto de Saint Maarten.
- Está sozinha?
- Zizi e o chefe de segurança foram com ela.
- Quanto tempo demoras a lá chegar?
- Quarenta e cinco minutos para chegar a terra. Mais quinze até o aeroporto.
- Vou alertar a tripulação. O avião estará pronto quando lá chegares. — Agora só precisamos de saber para onde Zizi a vai enviar.

— Graças à Al-Qaeda, estamos ligados a todas as torres de controle do hemisfério. Quando o piloto de Zizi definir o plano de voo, ficamos a saber para onde ela vai. — Quanto tempo demora?

- Normalmente apenas alguns minutos.
- Acho que não tenho de te lembrar de que quanto mais depressa, melhor.
- Vá para terra — disse Carter. — Eu trato do resto.
- É um Manet — explicou Zizi, enquanto viajavam em direção à costa, logo abaixo das nuvens escuras. — Há vários anos que estou de olho nele. O dono não tem mostrado grande vontade em separar-se dele, mas ontem à noite telefonou para o escritório de Genebra a dizer que estava interessado em chegar a acordo.

- Que devo fazer?
- Examine o quadro e confirme que se encontra em condições razoáveis. Depois investigue cuidadosamente a proveniência. Imagino que saiba que milhares de quadros impressionistas franceses entraram na Suíça durante o pós-guerra, em circunstâncias ilícitas. A última coisa de que preciso é de uma família de judeus a bater-me à porta para reaver o quadro deles. Sarah sentiu uma pontada de medo no centro do peito. Desviou o rosto e olhou pela janela.

- E se a proveniência não apresentar problemas?
- Chegue a um preço adequado. Estou disposto a ir até os trinta milhões, mas, pelo amor de Deus, não lhe diga isso. — Entregou-lhe um cartão de visita com um

número escrito à mão nas costas. — Quando tiver um valor final, telefone-me, antes de aceitar.

— Quando me encontro com ele?

— Amanhã, às dez. Um dos meus motoristas vai recebê-la esta noite ao aeroporto, para a levar ao hotel. Pode dormir a noite descansada antes de ver o quadro.

— Posso saber o nome do dono?

— Hermann Klarsfeld. É um dos homens mais ricos da Suíça, o que por si só já diz muito. Alerttei-o para a sua beleza. Está ansioso por conhecê-la. — Que maravilha — ofereceu ela, sem deixar de olhar para a costa que se aproximava.

— Herr Klarsfeld é um octogenário, Sarah. Não tem que se preocupar com comportamento indecente.

Zizi olhou para Bin Talai. O chefe da segurança tirou uma mala Gucci nova de baixo do banco.

— As suas coisas, Miss Sarah — informou, com um tom apologético. Sarah aceitou e abriu a mala. Lá dentro estavam os aparelhos eletrônicos que lhe tinham sido confiscados na tarde em que chegara: o celular e o PDA; o iPod e o secador; até mesmo o despertador de viagem. Nada que fosse seu permanecia a bordo do Alexandra, nem um indício de que alguma vez lá estivera. O helicóptero começou a perder altitude. Sarah olhou mais uma vez pela janela e viu que desciam na direção do aeroporto. Ao fundo da pista estava um punhado de aviões privados. Um deles estava a ser reabastecido. Zizi voltara a gabar a fortuna de Herr Klarsfeld, mas Sarah não o ouviu. Naquele momento apenas pensava na fuga. Não há nenhum Herr Klarsfeld, pensou. E não há nenhum Manet. Estava a ser embarcada num avião para ser eliminada. Recordou o aviso de Zizi na tarde em que ela aceitara o emprego. Como pode ver, sou muito generoso para com as pessoas que trabalham para mim, mas fico muito cansado quando me traem. Ela traíra-o. Traíra-o por Gabriel. E agora ia pagar com a vida. Regras do Zizi.

Olhou para a pista, perguntando-se se Zizi teria deixado alguma brecha por onde talvez pudesse escapar. Decerto haveria funcionários da alfândega verificando o passaporte. Talvez agentes de segurança do aeroporto, um policial ou dois. Ensaçou o que lhes diria. *O meu nome é Sarah Bancroft. Sou uma cidadã americana e estes homens estão me levando para a Suíça contra a minha vontade.*

Depois olhou para Zizi e seu chefe de segurança. Previu essa hipótese, não foi? Comprou os funcionários da alfândega e subornou a Polícia local. Zizi não tolerava atrasos, especialmente de uma infiel histórica.

As hastes do Sikorsky bateram na pista. Bin Talai abriu a porta da cabine e desceu, oferecendo a mão para ajudar Sarah. Esta aceitou-a e desceu os degraus no

meio de um remoinho de vento. Um Falcon 2000 aguardava a cinquenta metros do helicóptero, os motores a rugir enquanto se preparava para decolar. Sarah olhou em seu redor: não havia funcionários da alfândega, nem polícias. Zizi fechara a única janela. Olhou para a cabine do Sikorsky e viu-o pela última vez. O árabe acenou-lhe bem-disposto e depois olhou para o Rolex de ouro, como se fosse um médico a estabelecer a hora do óbito.

Bin Talai pegou-lhe nas malas, lembrou-a de baixar a cabeça, depois segurou-lhe no braço e levou-a para o Falcon. Na escada tentou libertar-se, mas Bin Talai apertou-lhe o braço de forma dolorosa e forçou-a a subir. Gritou por ajuda, mas o som foi abafado pelo gemido dos motores a jato e pela cadência do rotor do Sikorsky. Procurou rebelar-se mais uma vez no alto da escada, mas a tentativa foi cortada por Bin Talai com um empurrão entre as omoplatas. Cambaleou para uma pequena cabine luxuosamente decorada com madeira polida e peles macias. Pensou num caixão. Pelo menos a viagem para a morte seria confortável. Recompôs-se para mais uma rebeldia e saltou furiosa para o saudita. Longe da vista do mundo exterior, a resposta não foi discreta. Desferiu-lhe um único golpe no rosto com a mão aberta, que a lançou ao chão da cabine. Os sauditas sabiam bem como tratar mulheres rebeldes.

Seus ouvidos zuniram e ficou momentaneamente cega por explosões de luz. Quando a visão clareou, viu Jean-Michel em cima dela, secando as mãos numa toalha de linho. O francês sentou-se sobre as pernas da jovem e esperou que Bin Talai lhe prendesse os braços antes de pegar a agulha. Sentiu uma picada, seguida de metal derretido correndo por suas veias. A pele do rosto de Jean-Michel escorreu do crânio e Sarah mergulhou num oceano de água negra gelada.

SAINT MAARTEN

O Zodiac entrou nas águas da Great Bay uma hora depois. Os quatro homens a bordo vestiam blazer e calça esportiva, e cada um levava uma pequena mala de roupa por causa das autoridades locais. Após terem atracado na Bobbys Marina, os homens entraram para um táxi que os esperava e dirigiram-se para o aeroporto a uma velocidade considerável. Uma vez, aí chegados, e depois de terem passado pela verificação de passaportes, tendo todos eles documentos falsos, embarcaram num Gulfstream V privado que os aguardava. A tripulação já apresentara o plano de voo e requisitara permissão para a descolagem. Uma hora depois, às onze e trinta e sete, hora local, o avião partiu. Tinha como destino o Aeroporto Kloten. Zurique, na Suíça. À medida que o Gulfstream ganhava altitude sobre as águas de Simpson Bay, Adrian Carter efetuou três telefonemas: um para o diretor da CIA, o segundo para o ramo da Agência que se dedicava a viagens clandestinas e um terceiro para um médico da Agência especializado no tratamento de agentes feridos em condições menos boas. Depois abriu o cofre e retirou uma das três carteiras que lá se encontravam. Continha um passaporte falso, a par da respetiva identificação, cartões de crédito, algum dinheiro e fotografias de uma família que não existia. Dez minutos mais tarde atravessava o estacionamento oeste, na direção do seu Volvo. O homem da sede voltava a ser agente de campo. E o agente ia para o cantão de Zug.

Na baixa de Munique, Uzi Navot desfrutava de um almoço tardio com um informante da BND alemã quando recebeu um telefonema urgente de Tel Aviv. A chamada não provinha do Escritório de Operações, mas sim diretamente de Amos Sharret. O monólogo foi breve. Navot escutou em silêncio, resmungando a espaços para que Amos soubesse que percebia o que estava a ser dito, após o que desligou. Navot não pretendia que o agente de segurança alemão soubesse que o Escritório se encontrava em plena crise, por isso deixou-se ficar no restaurante mais trinta minutos. Durante esse tempo desfez a unha do polegar por baixo da mesa, enquanto o alemão terminava o seu strudel acompanhado de café. Às três e quinze estava ao volante do Mercedes Classe E, e um quarto de hora depois acelerava para oeste, ao longo da auto-estrada E54.

Imagina que é uma audição, dissera-lhe Amos. Se te saíres bem, as Operações Especiais são tuas. Mas, à medida que quase voava para Zurique à luz do entardecer, a promoção pessoal era a última coisa em que pensava. Queria Sarah — e queria-a inteira.

Sarah, mergulhada numa bruma de narcóticos, não fazia ideia do que se desenrolava à sua volta. Na verdade, nem sequer tinha noção do estado do próprio corpo. Não sabia que viajava para leste, reclinada numa cadeira a bordo de um Falcon 2000, operado pela Meridian Executive Air Services de Caracas, empresa detida na totalidade pela AAB Holdings de Riad, Genebra e pontos intermédios. Não sabia que tinha as mãos algemadas e os tornozelos atados. Nem que lhe surgira um vergão roxo na face, cortesia de Wazir bin Talai. Nem que sentado à sua frente, separados por uma pequena mesa polida, Jean-Michel folheava uma revista pornográfica holandesa e beberricava um uísque de malte que comprara numa loja franca do aeroporto de Saint Maarten.

Sarah apenas tinha noção dos sonhos. Tinha a vaga sensação de que as imagens que se desenrolavam à sua frente não eram reais, mas era incapaz de as controlar. Ouviu um telefone a tocar e, quando atendeu, escutou a voz de Ben.

Mas, em vez de ter sido lançado contra a Torre Sul do World Trade Center, aterrara em segurança em Los Angeles e dirigia-se para a reunião que tinha marcada. Sarah entrou numa mansão imponente de Georgetown e foi recebida não por Adrian Carter, mas por Zizi al-Bakari. Em seguida, encontrava-se numa casa de campo inglesa, que não era ocupada por Gabriel e sua equipe, mas por uma célula terrorista saudita que planeava o ataque seguinte. Sucederam-se outras imagens, cada uma sobrepondo-se à outra. Um belo iate a cruzar um oceano de sangue. Uma galeria em Londres com quadros dos mortos. E, por fim, um restaurador de arte com têmporas grisalhas e olhos da cor de esmeraldas, à frente do retrato de uma mulher algemada a um toucador. O restaurador era Gabriel e a mulher no quadro era Sarah. A imagem irrompera em chamas e, quando estas se apagaram, apenas viu o rosto de Jean-Michel.

— Onde vamos?

— Primeiro, vamos descobrir para quem trabalhas — explicou o francês. — E depois vamos matar-te.

Sarah fechou os olhos quando sentiu a dor de uma agulha trespassar-lhe a coxa. Metal derretido. Água negra...

KLOTEN, SUÍÇA

O Hotel Flyaway, no número 19 da Markgasse, é um estabelecimento de conveniência e não de luxo. Tem uma fachada discreta e um hall simples e anti-séptico. Com efeito, a única qualidade de monta é a sua proximidade do Aeroporto Kloten, a apenas cinco minutos. Naquele serão nevoso, o hotel era palco de um encontro secreto, sobre o qual a gerência e a Polícia local ainda não tinham conhecimento. Dois homens chegaram de Bruxelas, outro de Roma e um último de Londres. Os quatro eram especialistas em vigilância física. Deram entrada com nomes e passaportes falsos. Um quinto homem chegou de Paris, tendo-se registrado com o nome verdadeiro, Moshe. Não era especialista de vigilância, mas um correio de campo de nível inferior, algo designado por bodel. O carro, um Audi A8, estava estacionado na rua. No porta-malas, uma grande bolsa repleta de armas, rádios, óculos de visão noturna e máscaras de esqui.

O último homem a chegar era conhecido das jovens no balcão de recepção, pois viajava com assiduidade pelo Aeroporto Kloten, e passara noites sem conta no Hotel Flyaway.

— Boa noite, Mr. Bridges — cumprimentou uma das mulheres, quando ele entrou no hall. Cinco minutos depois estava no quarto. No espaço de dois minutos os demais tinham chegado.

— Um avião está prestes a aterrissar em Kloten — informou-os. — A bordo tem uma garota. Vamos garantir que ela sobreviva a esta noite.

Sarah acordou uma segunda vez. Abriu os olhos durante o tempo suficiente para registrar o ambiente que a cercava, ao que voltou a fechá-los antes que Jean-Michel lhe trespassasse mais uma vez a perna com uma seringa cheia. Estavam a descer e tinham encontrado turbulência. A sua cabeça tombara para o lado e a cada solavanco da aeronave a fonte que latejava embatia na parede da cabine. Os dedos estavam dormentes da pressão das algemas e nas plantas dos pés pareciam espetar-se milhares de agulhas. Jean-Michel continuava reclinado na cadeira à frente dela. Encontrava-se de olhos fechados e dedos cruzados sobre os órgãos genitais. Sarah abriu os olhos uma segunda vez. Tinha a visão turva, como se estivesse envolvida por uma névoa escura. Levou as mãos ao rosto e sentiu tecido. Um capuz, pensou.

Depois olhou para baixo e viu o corpo envolto num véu preto. Jean-Michel vestira-lhe um abaya. Chorou baixinho. Jean-Michel abriu um olho e fitou-a com maldade.

— Qual é o problema, Sarah?

— Estão me levando para a Arábia Saudita, não estão?

— Vamos para a Suíça, como Zizi disse.

— Para que é o abaya?

— Vai tornar mais simples sua entrada no país. Quando os agentes da alfândega suíça veem uma mulher árabe de véu, costumam mostrar grande deferência. — Ofereceu mais um sorriso grotesco. Acho que é uma pena tapar uma garota como tu de preto, mas gostei muito de te vestir.

— Você é um porco, Jean-Michel.

Sarah nem viu o golpe a aproximar-se — um estalo com as costas da mão que aterrou exatamente na face direita inchada. Quando a visão lhe clareou, Jean-Michel voltara a reclinar-se na cadeira. O avião estremeceu com a turbulência súbita.

Sarah sentiu a bÍlis a chegar à garganta.

— Acho que vou vomitar.

— Como no Le Tetou?

Pensa depressa, Sarah.

— Eu me senti mal no Le Tetou, seu idiota.

— Recuperou-se muito depressa. Para dizer a verdade, parecia muito bem quando voltamos ao Alexandra.

— As drogas que está me injetando estão me enjoando. Deixe-me ir ao banheiro.

— Quer confirmar se tem mensagens?

Depressa, Sarah, depressa.

— Está falando de quê? Deixe-me ir ao banheiro para poder vomitar.

— Não vai a lugar nenhum.

— Pelo menos levante o abaya.

Jean-Michel olhou-a desconfiado, depois inclinou-se sobre a divisória e ergueu o véu, expondo-lhe o rosto ao ar fresco da cabine. Para Sarah, parecia horrivelmente um noivo que levanta o véu da nova esposa. Sentiu uma onda de raiva e atacou seu rosto com as mãos algemadas. Jean-Michel defendeu-se facilmente do golpe e agrediu-a no lado esquerdo da cabeça, derrubando-a no chão. Sem se levantar, deu-lhe um pontapé na barriga, deixando-a sem fôlego. Quanto tentou recuperá-lo, despejou o que tinha no estômago no carpete. — Vaca de merda — xingou-a furiosamente o galês. — Devia te obrigar a limpar isso.

Agarrou a corrente que lhe unia os pulsos dela e voltou a puxá-la para a cadeira, depois indo para o banheiro. Sarah ouviu o som de água correndo na pia. Quando Jean-Michel saiu, tinha na mão uma toalha de linho molhada, que usou para limpar

bruscamente a boca da jovem. Depois retirou outra seringa e um frasco de líquido transparente de um pequeno estojo de pele. Encheu a seringa sem grande atenção à dose e depois agarrou-lhe no braço. Sarah tentou libertar-se, mas recebeu dois golpes na boca. Permaneceu consciente quando a droga lhe entrou na corrente sanguínea, mas sentiu-se como se um grande peso lhe esmagasse o corpo. As pálpebras fecharam-se, mas continuou aprisionada no presente.

- Ainda estou acordada — disse. — Suas drogas já não funcionam.
- Estão funcionando muito bem.
- Então por que ainda estou consciente?
- É mais fácil para obter respostas.
- Respostas a quê?
- É melhor apertar o cinto — avisou-a, irônico. — Vamos aterrissar em poucos minutos.

Sarah, a prisioneira ideal, tentou fazer o que lhe diziam, mas os braços permaneceram-lhe frouxos sobre o regaço, incapazes de obedecer a quaisquer ordens.

Encostou o rosto ao vidro frio da janela e olhou para fora. A escuridão era absoluta. Momentos depois, entraram nas nuvens e o avião atravessou onda atrás de onda de turbulência. Jean-Michel serviu-se de outra dose de uísque que bebeu de um gole.

Emergiram das nuvens para uma tempestade de neve. Sarah olhou para baixo e analisou o padrão das luzes no solo. Havia uma enorme quantidade de iluminação brilhante a envolver a zona norte de uma imensa extensão de água, e fios de uma luz menos intensa ao longo da linha da costa, como joias. Tentou lembrar para onde Zizi disse que ela iria. Zurique, pensou. Sim, foi isso. Zurique... Herr Klarsfeld... O Manet pelo qual Zizi pagaria trinta milhões de dólares e nem mais um milhão...

O avião passou a norte do centro de Zurique e virou em direção ao aeroporto. Rezou por uma aterragem acidentada, mas, no entanto, esta foi obscenamente suave; tão suave, que ela não se apercebeu do momento em que o avião tocou no solo. Deslizaram pela pista durante vários minutos. Jean-Michel olhava calmamente pela janela, enquanto Sarah resvalava cada vez mais para o olvido. A fuselagem parecia tão comprida como um túnel alpino e, quando tentou falar, as palavras recusaram-se a tomar forma nos seus lábios.

— A droga que acabei de te dar dura pouco — explicou Jean-Michel num tom de voz capaz de levar à loucura, de tão tranquilizante.

— Em breve conseguirás falar. Pelo menos, assim o espero... para teu bem. O avião começou a abrandar. Jean-Michel baixou-lhe o véu preto sobre o rosto e depois soltou as algemas e as grilhetas. Quando, por fim, o avião se imobilizou, abriu a porta

da traseira e espreitou para se certificar de que estava tudo em ordem. Depois pegou em Sarah por debaixo dos braços e colocou-a de pé. O sangue voltou dolorosamente aos pés e os joelhos cederam. Jean-Michel apanhou-a antes que caísse. — Um pé à frente do outro — disse. — Limite-se a andar, Sarah. Você se lembra de como se anda.

Lembrava-se, mas mal. A porta encontrava-se a uns meros três metros de distância, mas a Sarah parecia distar pelo menos um quilômetro. Após ter dado alguns passos, pisou a bainha do abaya e tombou para a frente, mas, mais uma vez, Jean-Michel impediu-a de cair. Quando finalmente chegou junto à porta, foi recebida por uma rajada de ar gelado. Nevava com intensidade e estava muito frio, sendo a noite tornada mais escura pelo tecido preto do véu. Mais uma vez, não se viam quaisquer funcionários da alfândega nem seguranças, apenas um Mercedes preto com uma matrícula diplomática. A porta de trás estava entreaberta e, através da abertura, Sarah viu um homem com um sobretudo cinzento e um chapéu de feltro. Mesmo com as drogas turvando seus pensamentos, conseguiu perceber o que estava a acontecer. A AAB Holdings e o consulado saudita em Zurique tinham pedido tratamento diplomático VIP para um passageiro que estava a chegar de Saint Maarten. Era exatamente como na partida: não havia alfândega, nem segurança, nem uma via de fuga.

Jean-Michel ajudou-a a descer a escada, a atravessar a estrada e a entrar para o banco de trás do Mercedes que aguardava. Fechou a porta e regressou de imediato ao jato. Quando o carro arrancou, Sarah olhou para o homem sentado a seu lado. Com a visão enevoada pelo véu, só lhe viu os contornos. Mãos enormes. Um rosto redondo. Uma boca pequena rodeada por um cavanhaque hirsuto. Outra versão de Bin Talai, pensou. Um gorila.

— Quem é o senhor? — perguntou.

— Sou insignificante. Não sou ninguém.

— Aonde vamos?

Deu-lhe um murro na orelha e disse que não voltasse a falar.

Trinta segundos mais tarde, o Mercedes com matrícula diplomática passou a toda a velocidade por uma figura coberta de neve a espreitar desoladamente para baixo do capô aberto de um carro avariado.

O homem não pareceu prestar qualquer atenção ao Mercedes quando este passou, embora olhasse para cima brevemente quando o carro subiu a rampa de acesso à auto-estrada. Obrigou-se a contar lentamente até cinco. Depois fechou o capô com força e sentou-se ao volante. Quando deu à chave, o motor arrancou quase instantaneamente. Engrenou a primeira e arrancou.

Não tinha noção de há quanto tempo estavam a andar, uma hora, talvez mais, mas sabia qual o objetivo da viagem. As paradas, os arranques, os recuos súbitos e as acelerações nauseantes: Eli Lavon tinha-se referido a tais manobras como contravigilância. Uzi Navot chamara-lhes limpar o rabo.

Olhou pela janela fortemente opaca do carro. Quando era pequena, passara vários anos na Suíça e conhecia a cidade razoavelmente bem. Aquelas não eram as ruas de Zurique que recordava da juventude. Eram as ruas pedregosas e sombrias da zona norte e da Industrie-Quartier. Armazéns feios, fábricas de tijolo enegrecido, carris fumegantes. Não se viam transeuntes nos passeios nem passageiros nos eléctricos. Parecia sozinha no mundo, apenas com o Insignificante por companhia. Perguntou-lhe de novo para onde iam. Ele respondeu com um cotovelo na barriga de Sarah que a fez gritar pela mãe. Ele olhou demoradamente por cima do ombro, depois obrigou Sarah a deitar-se no chão e murmurou algo em árabe para o motorista. Agora estava perdida na escuridão. Empurrou a dor para um canto do cérebro e tentou concentrar-se no movimento do carro. Virou à direita. Depois à esquerda. O tum-tum de carris. Uma parada abrupta que fez os pneus chiar. O Insignificante puxou-a para o banco e abriu a porta. Quando Sarah agarrou no braço do banco e se recusou a largá-lo, travaram uma breve batalha antes de ele perder a paciência e lhe desferir um golpe cortante nos rins que lhe enviou ondas de dor a todos os recantos do corpo.

Gritou em agonia e largou o banco. O Insignificante arrastou-a para fora do carro e deixou-a cair no chão. Era de cimento frio. Parecia que estavam numa garagem de estacionamento ou na zona de expedição de um armazém. Ficou deitada no chão, a contorcer-se com dores, fitando aquele que a atormentava através da gaze preta do véu. A visão que a mulher saudita tem do mundo. Uma voz mandou-a levantar-se. Sarah tentou, mas não foi capaz.

O motorista saiu do carro e, juntamente com o Insignificante, pô-la de pé. Ficou suspensa por um momento, os braços abertos, o corpo envolto no abaya, e esperou por outro golpe na barriga. Em vez disso, foi colocada no banco traseiro de um segundo carro. O homem ali sentado era-lhe familiar. Vira-o numa casa de campo em Surrey, que não existia, e uma segunda vez numa mansão em Saint-Barts, bastante real.

— Boa noite, Sarah — cumprimentou Ahmed bin Shafiq. — É um prazer vê-la novamente.

ZURIQUE

— O seu nome é mesmo Sarah ou devo chamá-la de outra coisa?

Tentou responder, mas tinha dificuldade em respirar.

— O... meu nome... é Sarah.

— Então Sarah será.

— Por que... está... fazendo isso?

— Vamos, Sarah.

— Por favor... solte-me

— Receio que não seja possível.

Estava agora dobrada para a frente, a cabeça entre os joelhos.

Agarrou-a pelo pescoço, endireitou-a e depois levantou o véu para examinar os estragos no rosto. Pela sua expressão, não se conseguia perceber se julgava que tinham sido demasiado severos ou demasiado brandos. Ela devolveu-lhe o olhar. Impermeável de pele, cachecol de caxemira, pequenos óculos redondos com aros de concha de tartaruga: a imagem fiel de um homem rico e bem sucedido de Zurique. Dos seus olhos negros emanava uma inteligência calculista. A expressão era idêntica à que exibira no momento em que se tinham visto pela primeira vez.

— Para quem trabalha? — questionou, num tom de voz benévolo.

— Trabalho... — Tossiu com violência — para Zizi.

— Respire, Sarah. Respire fundo e devagar.

— Não... me bata... mais.

— Não o farei — garantiu. — Mas tem de me dizer aquilo que pretendo saber.

— Eu não sei nada.

— Quero saber para quem trabalha.

— Já lhe disse. Trabalho para Zizi. O rosto traiu uma suave desilusão. — Por favor, Sarah. Não torne isto difícil. Limite-se a responder às minhas perguntas. Diga-me a verdade e todo este episódio desagradável chegará ao fim. — Vai matar-me.

— Infelizmente, isso é verdade — respondeu, como se estivesse a concordar com uma afirmação sobre o estado do tempo. — Mas se nos disser o que queremos saber, será poupada à faca e a sua morte será a menos dolorosa possível. Se insistir nessas mentiras, as suas últimas horas na Terra serão um verdadeiro inferno. A crueldade dele não tem limites, pensou. Fala da minha decapitação, mas não tem a decência de desviar o olhar.

— Não estou mentindo — disse.

— Vai falar, Sarah. Todos falam. Não vale a pena tentar resistir. Por favor, não faça isto a si mesma.

— Eu não estou fazendo nada. É você que...

— Quero saber para quem trabalha, Sarah.

— Trabalho para Zizi.

— Quero saber quem a enviou.

— Zizi veio me buscar. Enviou-me joias e flores. Enviou-me passagens de avião e comprou roupa para mim.

— Quero saber o nome do homem que falou com você na praia em Saline.

— Eu não...

— Quero saber o nome do homem que entornou vinho em minha companheira em Saint-Jean.

— Que homem?

— Quero saber o nome da garota manca que passou pelo Le Tetou durante o jantar de Zizi.

— Como vou saber o nome dela?

— Quero saber por que estava me observando na minha festa. E por que decidiu, de repente, prender o cabelo. E por que estava com o cabelo preso quando foi correr com Jean-Michel.

Soluçava agora incontrolavelmente.

— Isso é uma loucura!

— Quero saber os nomes dos três homens que me seguiram de moto mais tarde, nesse dia. Quero saber os nomes dos dois homens que foram à mansão com o objetivo de me matar. E o nome do homem que viu o meu avião decolar.

— Estou a dizer-lhe a verdade. Chamo-me Sarah Bancroft. Trabalho numa galeria em Londres. Vendi um quadro a Zizi e ele pediu-me que fosse trabalhar para ele.

— O Van Gogh?

— Sim!

— Marguerite Gachet no Toucador?

— Sim, seu sacana.

— E onde arranjou o quadro? Foi adquirido para si pelos seus serviços secretos?

— Não trabalho para serviços secretos. Trabalho para Zizi.

— Trabalha para os americanos?

— Não.

— Para os judeus?

— Não!

Ele suspirou profundamente, depois tirou os óculos e passou um longo momento a limpá-los com o cachecol de caxemira.

— Sabe, pouco depois da sua partida de Saint Maarten, chegaram quatro homens ao aeroporto e entraram num avião particular. Nós os reconhecemos. Imaginamos que tenham vindo para Zurique. São judeus, não são, Sarah?

— Não sei do que está falando.

— Acredite, Sarah. São judeus. É fácil de ver.

Examinou os óculos e limpou mais um pouco.

— Também quero que saiba que os colegas desses judeus tentaram segui-la esta noite, quando aterrou no aeroporto, embora de um modo um pouco desajeitado. O nosso motorista ludibriou-os facilmente. Sabe, também somos profissionais. Já desapareceram, Sarah. E agora está sozinha.

Voltou a colocar os óculos.

— Acha que esses pseudoprofissionais para quem trabalha estariam dispostos a sacrificar a vida por você? A esta altura já teriam vomitado todos os seus segredos. Mas Sarah é melhor do que eles, não é? Zizi também o viu. Foi por isso que cometeu o erro de contratá-la.

— Não foi um erro. É você quem está cometendo um erro.

Ele esboçou um sorriso lúgubre.

— Vou deixá-la nas mãos do meu amigo Muhammad. Trabalhou comigo no Grupo 205. Conhece o nome, Sarah? Grupo 205? Imagino que os seus patrões o tenham mencionado, durante o seu treino.

— Nunca o ouvi.

— O Muhammad é um profissional. É também um interrogador muito capaz. A Sarah e o Muhammad vão fazer uma viagem juntos. Uma viagem noturna. Conhece este termo, Sarah? A Viagem Noturna?

Obtendo apenas o som do choro, respondeu à sua própria questão.

— Foi durante a Viagem Noturna que Deus revelou o Corão ao Profeta. Esta noite vai ter a sua revelação pessoal. Esta noite vai dizer ao meu amigo Muhammad com quem trabalha e tudo o que eles sabem sobre a minha rede. Se lhe contar rapidamente, terá direito a um certo grau de misericórdia. Se insistir nestas mentiras, o Muhammad vai arrancar-lhe a carne dos ossos e cortar-lhe a cabeça. Está a perceber-me?

O estômago de Sarah contorceu-se de náusea. Bin Shafiq aparentava estar a ter prazer com o medo.

— Reparou que tem estado a olhar para o meu braço? Eles contaram-lhe sobre a minha cicatriz? Sobre a minha mão lesionada? — Outro sorriso entediado. — A Sarah

foi traída. Traída pelos seus patrões.

Abriu a porta e saiu, ao que se baixou e voltou a olhar para ela. — Por sinal, quase conseguiram. Se os seus amigos tivessem me eliminado naquela ilha, uma grande operação nossa teria sido interrompida.

— Pensei que trabalhasse para Zizi em Montreal.

— Pois é. Já me esquecia. — Apertou o cachecol à volta do pescoço. — Muhammad não vai gostar de suas mentiras, Sarah. Algo me diz que terão uma noite muito longa e dolorosa.

Sarah ficou em silêncio por um instante. Depois perguntou:

— Que operação?

— Operação? Eu? Não passo de um banqueiro de investimentos.

Voltou a perguntar.

— Qual é a operação? O que vão atacar?

— Diga meu nome e eu respondo.

— Seu nome é Alain al-Nasser.

— Não, Sarah. Não o meu nome falso. O meu nome verdadeiro. Diga. Confesse seus pecados, Sarah, e eu digo o que quer saber.

Sarah começou a tremer incontrolavelmente. Tentou articular as palavras, mas não pôde reunir coragem.

— Diga! — bradou. — Diga meu nome, sua vaca!

Sarah ergueu a cabeça e fitou-o nos olhos. — Seu-nome-é-Ahmed-bin-Shafiq!

O árabe jogou a cabeça para trás, como que se desviando de um golpe. Depois sorriu com admiração. — É uma mulher muito corajosa.

— E você é um covarde assassino.

— Devia matá-la com minhas próprias mãos.

— Diga-me o que vão fazer.

Bin Shafiq hesitou por momentos, e depois ofereceu-lhe um sorriso arrogante. — Basta dizer que temos um assunto por resolver no Vaticano. Os crimes do Cristianismo e do mundo ocidental contra os Muçulmanos em breve serão vingados, de uma vez por todas. Mas não estará viva para testemunhar esse ato glorioso. Nessa altura já terá morrido. Conte a Muhammad o que sabe, Sarah. Faça com que as suas últimas horas na Terra sejam fáceis.

Com estas palavras, virou-se e afastou-se. O Insignificante arrancou-a do banco de trás do carro, ao mesmo tempo que lhe segurava um trapo ensopado em éter sobre a boca e o nariz. Tentou arranhá-lo. Debateu-se. Deu vários pontapés inúteis nas canelas de aço do homem. Depois a droga começou a fazer efeito e Sarah sentiu-se caindo no chão. Foi amparada por alguém. Alguém que a colocou na bagageira de um carro.

Surgiu um rosto por breves momentos que a olhou, com uma expressão inquiridora e estranhamente sincera. O rosto de Muhammad. Depois a porta fechou-se e Sarah foi envolvida pela escuridão. Quando o carro iniciou a marcha, perdeu os sentidos.

34

ZUG, SUÍÇA

Gustav Schmidt, chefe de contraterrorismo dos serviços federais de segurança suíços, era um aliado improvável na guerra americana contra o extremismo islâmico. Num país onde os políticos eleitos, a imprensa e a maior parte da população se opunham com veemência aos Estados Unidos e à sua guerra ao terror, Schmidt estabelecera laços discretos com os seus homólogos de Washington, em especial Adrian Carter. Sempre que Carter precisava de autorização para realizar uma operação em território suíço, Schmidt concedia-a invariavelmente. Quando Carter desejava fazer desaparecer da Federação um agente operacional da Al-Qaeda, regra geral Schmidt dava-lhe luz verde. E quando Carter precisava de aterrar um avião, normalmente Schmidt dotava-o de autorização de entrada. A pista aérea privada de Zug, uma cidade industrial abastada no interior do país, era a preferida de Carter, bem como a de Schmidt.

Pouco passava da meia-noite quando o Gulfstream V executivo saiu das nuvens e tocou na pista coberta de neve. Cinco minutos depois, Schmidt encontrava-se sentado à frente de Carter na cabine modestamente equipada.

— Temos um problema — admitiu Carter. — Para ser sincero, ainda não temos os detalhes. — Apontou para o companheiro de viagem. — Este é o tom. É médico. Imaginamos que os serviços dele possam vir a ser úteis nas próximas horas. Descontraia-se, Gustav. Beba alguma coisa. A noite pode ser longa.

Carter olhou então pela janela para os remoinhos de neve e não voltou a falar. Não havia necessidade. Schmidt estava agora a par da situação. Um dos agentes de Carter estava em perigo e Carter não sabia se o recuperaria com vida. Schmidt abriu a garrafa de brande e bebeu sozinho. Era nessas alturas que ficava satisfeito por ter nascido suíço.

Naquele preciso momento decorria uma vigília semelhante no terminal geral de aviação do Aeroporto Kloten. O homem que aguardava não era um oficial da Polícia suíça, mas sim Moshe, o bode de Paris. À meia-noite e quarenta e cinco, quatro homens saíram do terminal para a tempestade de neve. Moshe buzinou o Audi A8 e o grupo dirigiu-se, em uníssono, ao veículo. Yaakov, Mikhail e Eli Lavon sentaram-se no banco de trás. Gabriel instalou-se à frente.

— Onde está ela?

— Dirige-se para sul.

— Vamos embora — ordenou Gabriel.

Sarah acordou com o frio paralisante. Tinha os ouvidos a zunir devido ao silvo dos pneus no alcatrão molhado. Onde estou agora? pensou, e então lembrou-se. Estava na bagageira de um Mercedes, uma passageira involuntária na viagem noturna de Muhammad até a morte. Lentamente, pouco a pouco, foi reunindo os fragmentos daquele dia interminável e ordenou-os na sua sequência correta. Viu Zizi no seu helicóptero, a olhar para o relógio enquanto a enviava para a morte. E Jean-Michel, o seu companheiro de viagem, a fazer uma sesta pelo caminho. E finalmente viu o monstro, Ahmed bin Shafiq, a avisá-la de que o banho de sangue no Vaticano ainda não terminara. Ouvia-lhe a voz, a cadência ritmada das questões.

Quero saber o nome do homem que falou com ela na praia em Saline...

Yaakov, pensou. E é cinco vezes mais homem do que você.

Quero saber o nome da garota manca que passou no Le Tetou no jantar de Zizi...

É Dina, pensou. A última vingada.

Quero saber o nome do homem que entornou vinho em cima da minha companheira, em Saint-Jean...

É Gabriel, pensou. E um dia, em breve, ele vai matá-lo. — Já desapareceram, e agora está sozinha...

Não, não estou, pensou. Eles estão aqui comigo. Todos eles.

E imaginou-os vindo em seu auxílio pelo meio da neve. Chegariam antes que Muhammad lhe concedesse uma morte sem dor? Chegariam a tempo de descobrir o segredo que

Ahmed bin Shafiq lhe atirara à cara de modo tão arrogante? Sarah sabia que podia ajudá-los. Tinha informações que Muhammad desejava — e poderia dá-las ao ritmo, e com os pormenores que quisesse. Vai com calma, pensou. Demora o tempo que for preciso.

Fechou os olhos e voltou a perder a consciência. Dessa vez era o sono. Lembrou-se da última coisa que Gabriel lhe dissera na noite antes da sua partida de Londres.

Durma, Sarah, dissera ele. Tem uma longa viagem à sua frente.

Quando voltou a acordar, o carro dava solavancos violentos. Desaparecera o silvo dos pneus sobre alcatrão molhado. Agora parecia que atravessavam neve funda sobre um caminho acidentado. Teve a confirmação momentos depois, quando as rodas perderam a tração e um dos ocupantes do veículo foi obrigado a sair para empurrar. Quando o carro voltou a parar, Sarah ouviu vozes em árabe e em alemão suíço, seguidas do gemido arrastado de dobradiças de metal gelado. Avançaram durante mais alguns instantes, ao que pararam uma terceira vez imaginou que se tratasse da parada final, pois o motor do carro ficou de imediato em silêncio.

A bagageira abriu-se. Dois rostos desconhecidos olharam-na e quatro mãos agarraram-na e retiraram-na da mala do carro. Colocaram-na de pé e largaram-na, mas os joelhos cederam-lhe e Sarah tombou na neve. O fato pareceu divertir bastante os homens, que se deixaram rir durante algum tempo, antes de voltarem a erguê-la.

Olhou em seu redor. Estavam no meio de uma clareira vasta, cercados por abetos e por pinheiros imponentes. Havia um chalé em forma de A, com um telhado bastante inclinado e um qualquer anexo separado, ao lado do qual estavam estacionados dois jipes de tração às quatro rodas. Nevava com intensidade. Para Sarah, que continuava velada, parecia que do céu chovia cinza.

Muhammad apareceu e resmungou alguma coisa em árabe para os dois homens que a seguravam de pé. Avançaram na direção do chalé, esperando que Sarah os acompanhasse, mas a jovem tinha as pernas rígidas com o frio e não conseguia mexê-las. Tentou dizer-lhes que se sentia gelada, mas não foi capaz de falar. O frio trouxera uma vantagem: havia muito que esquecera a dor dos golpes que recebera no rosto e na barriga.

Pegaram-na pelos braços e pela cintura e arrastaram-na. As pernas, imobilizadas, faziam com que os pés deixassem sulcos gémeos na neve. Em breve ardiam, devido ao gelo. Tentou recordar-se dos sapatos que calçara nessa manhã.

Sandálias rasas, recordou-se, de súbito

— as que Nadia lhe comprara a condizer com o fato que usara no Le Tetou. Dirigiram-se às traseiras do chalé. O arvoredado era mais denso, estando a pouco mais de trinta metros da construção, e uma única sentinela gelada montava guarda. Fumava um cigarro e batia com as botas por causa do frio. Os beirais do telhado sobressaíam da parede exterior da casa, oculta por toros para a lareira. Arrastaram-na pela porta, e depois por um lance de degraus de cimento abaixo. Ainda incapaz de caminhar, os pés gelados de Sarah foram batendo em cada degrau. A jovem começou a chorar de dor, um lamento trémulo que foi ignorado pelos algozes.

Chegaram a outra porta, que se encontrava fechada e trancada com um aloquete. Um guarda abriu o ferrolho, depois a porta, e por fim acendeu as luzes.

Muhammad foi o primeiro a entrar. Em seguida, os guardas levaram Sarah.

Era uma câmara pequena e quadrangular, no máximo com três metros de lado. Paredes brancas como a cal. Fotografias. Árabes em Abu Ghraib. Árabes em jaulas, na baía de Guantánamo. Um terrorista islâmico encapuzado com a cabeça decepada de um refém americano na mão. No centro da sala, uma mesa metálica aparafusada ao chão. No centro da mesa, uma argola de ferro. Preso à argola, um par de algemas. Sarah gritou e debateu-se. Foi inútil, claro está. Um dos homens prendeu-lhe os braços à mesa, enquanto o segundo lhe fechou as algemas à volta dos pulsos. Foi-lhe empurrada uma cadeira contra as pernas e duas mãos forçaram-na a sentar-se. Muhammad arrancou-lhe o véu do rosto e esbofeteou-a duas vezes. — Está pronta a falar?

— Sim.

— Acabaram-se as mentiras? Sarah anuiu.

— Diga-o, Sarah. Acabaram-se as mentiras.

— Acabaram-se... as... mentiras.

— Vai contar-me tudo o que sabe?

— Tudo.

— Tem frio?

— Gelada.

— Quer beber alguma coisa quente? Aquiesceu. — Chá? A Sarah bebe chá.

Mais um aceno.

— Como quer o seu chá, Sarah? — Deve estar... a brincar. — Como quer o seu chá?

— com cianeto.

Muhammad ofereceu-lhe um sorriso sem humor.

— Era o que queria, não era? Vamos tomar um chá, e depois falamos. Os três homens saíram da câmara. Muhammad fechou a porta e voltou a correr o ferrolho. Sarah baixou a cabeça sobre a mesa e cerrou os olhos. Na sua mente formou-se uma imagem — um relógio a contar o tempo até a sua execução. Muhammad ia trazer-lhe chá. Sarah abriu a tampa do relógio imaginário e retrocedeu os ponteiros cinco minutos.

CANTÃO URI, SUÍÇA

O chá foi trazido à moda árabe, dentro de um copo pequeno. As mãos de Sarah permaneceram algemadas. Para bebê-lo, foi obrigada a baixar a cabeça até a mesa e a sorver ruidosamente, com Muhammad a fitá-la com repugnância. O chá do árabe permaneceu intato. Encontrava-se entre o caderno aberto e uma pistola carregada. — Não podem fazer-me desaparecer e esperar que ninguém dê por nada — comentou Sarah.

O árabe ergueu o olhar e pestanejou várias vezes rapidamente. Liberta do abaya, Sarah observou-o à luz forte da câmara de interrogatórios. Era calvo no cimo da cabeça angulosa, e o cabelo que lhe restava e a barba tinham sido aparados exatamente ao mesmo comprimento. Os olhos escuros encontravam-se em parte ocultos por trás de um par de óculos acadêmicos, que cintilavam com a luz refletida sempre que levantava a cabeça do bloco de notas. Para interrogador, tinha uma expressão serena e estranhamente sincera, e o rosto, quando não gritava, nem ameaçava bater-lhe, era quase agradável. Por vezes, Sarah imaginava um jornalista novo a fazer perguntas a um político em cima de um palanque.

— Toda a gente em Londres sabe que fui para as Caraíbas com Zizi — recordou. — Passei quase duas semanas a bordo do Alexandra. Fui vista com ele em restaurantes de Saint-Barts. Fui à praia com a Nadia. Há registros da minha partida de Saint Maarten e da minha chegada a Zurique. Não podem fazer-me desaparecer na Suíça. Não vão safar-se.

— Mas as coisas não aconteceram dessa forma — corrigiu Muhammad. — Sabe, pouco depois da sua chegada, esta noite, deu entrada no Dolder Grand Hotel. O funcionário examinou o seu passaporte, como é habitual na Suíça, e transmitiu essa informação à Polícia suíça, como também é habitual. Daqui a algumas horas vai acordar e, depois de tomar o pequeno-almoço no quarto, vai até o ginásio do hotel fazer o seu exercício matinal. Depois vai tomar duche e vestir-se para o encontro que tem marcado. Um carro vai buscá-la às nove e quarenta e cinco, para levá-la à residência de Herr Klarsfeld, no Zurichberg. Aí será avistada por vários funcionários da casa de Herr Klarsfeld. Depois de ver o quadro de Manet, vai telefonar a Mr. Al-Bakari, no Caribe, altura em vai informá-lo da impossibilidade de chegar a um acordo no preço. Vai voltar ao Dolder Grand Hotel e daí vai seguir para o Aeroporto Kloten, onde vai apanhar um voo comercial para Londres. Vai passar dois dias a descansar no seu apartamento de Chelsea. Durante esse tempo vai efetuar várias chamadas do seu telefone e utilizar os cartões de crédito. Depois, infelizmente, vai desaparecer sem deixar rasto.

— Quem é ela?

— Basta saber que é parecida com você, a ponto de poder viajar com seu passaporte e entrar e sair do seu apartamento sem que os vizinhos desconfiem.

Temos ajudantes na Europa, Sarah, ajudantes de rosto branco.

— Mesmo assim, a polícia vai atrás de Zizi.

— Ninguém vai atrás de Zizi al-Bakari. A polícia terá perguntas, claro, e elas serão respondidas a seu tempo pelos advogados de Mr. Al-Bakari. A questão será tratada com discrição. É uma das grandes vantagens de ser saudita. Estamos mesmo acima da lei. Mas voltemos ao assunto que nos trouxe aqui.

Baixou o olhar e bateu com o bico da caneta na página em branco do bloco.

— Vai agora responder às minhas perguntas, Sarah? Ela aquiesceu.

— Responda, Sarah. Quero que se habitue a falar.

— Sim — disse.

— Sim, o quê?

— Sim, vou responder às suas perguntas.

— Chama-se Sarah Bancroft?

— Sim.

— Muito bem. A data e o local de nascimento mencionados no passaporte estão corretos?

— Sim.

— O seu pai foi mesmo um executivo do Citibank?

— Sim.

— Os seus pais divorciaram-se mesmo?

— Sim.

— Frequentou a Dartmouth University, e mais tarde fez Mestrado no Courtauld Institute of Art de Londres?

— Sim.

— É Sarah Bancroft que redigiu tese muito bem recebida sobre Expressionismo alemão, que lhe valeu o doutorado?

— Sou.

— Nessa altura também trabalhava para a CIA?

— Não.

— Quando entrou para a CIA?

— Nunca entrei para a CIA.

— Está mentindo, Sarah.

— Não estou mentindo.

— Quando entrou para a CIA?

— Não pertenço à CIA.

— Então, para quem trabalha?

A jovem ficou em silêncio.

— Responda à pergunta, Sarah. Para quem trabalha?

— Sabe muito bem para quem trabalho.

— Quero ouvi-la a dizê-lo.

— Trabalho para o serviço secreto do Estado de Israel.

O árabe tirou os óculos e fitou-a por um instante.

— Está dizendo a verdade, Sarah?

— Sim.

— Se estiver mentindo eu vou descobrir.

— Eu sei.

— Quer mais um pouco de chá? Sarah anuiu.

— Responda, Sarah. Quer mais chá?

— Sim, quero mais chá.

Muhammad inclinou-se para trás na cadeira e bateu com a palma da mão na porta da câmara. Esta abriu-se de imediato e, lá fora, Sarah viu dois homens de guarda.

— Mais chá — disse-lhes Muhammad em inglês. Depois abriu uma página nova no bloco e olhou-a, com o seu rosto expressivo e sincero. Sarah levou a mão ao relógio imaginário e acrescentou mais dez minutos.

Embora Sarah não soubesse, o cenário do seu interrogatório era o em grande medida católico apostólico cantão de Uri, na região do país a que os suíços se referiam carinhosamente como Suíça Interior. O chalé ficava localizado num vale estreito, atravessado por um afluente do rio Reuss. Havia uma única estrada no vale e uma aldeia isolada no topo. Uzi Navot examinou-a rapidamente, ao que deu a volta e desceu mais uma vez o vale. Sabia por experiência própria que os Suíços eram um dos povos mais alerta do planeta.

Os sauditas tinham tentado fugir dele em Zurique, mas Navot estivera preparado. Sempre defendera que, ao seguir um profissional que espera ser vigiado, o melhor é deixá-lo pensar que está mesmo a ser seguido. Ainda mais importante, que as suas medidas preventivas estão a resultar. Navot sacrificara três dos vigias no norte de Zurique em prol dessa causa. Foi o próprio Navot quem observou o Mercedes com matrícula diplomática a entrar no armazém do Industrie-Quartier, e foi também ele quem, vinte minutos mais tarde, o seguiu para fora de Zurique.

A equipe voltara a agrupar-se ao longo das margens do Zürichsee e juntaram-se a ele na perseguição para sul, em direção ao Uri. O mau tempo garantia-lhes uma proteção adicional. Prestava agora o mesmo serviço a Navot, que saiu do carro e

atravessou furtivamente o denso arvoredado até o chalé, com uma arma nas mãos esticadas. Trinta minutos depois, após ter avaliado superficialmente a propriedade e a segurança, voltara ao volante e descia ao vale do rio Reuss. Aí estacionou num desvio junto à margem, e aguardou que Gabriel regressasse de Zurique.

- Quem é o seu oficial de controle?
- Não sei o nome dele.
- Vou perguntar outra vez. Como se chama o seu oficial de controle?
- Já lhe disse, não sei o nome dele. Pelo menos o verdadeiro.
- Por qual nome o conhece?

Não diga Gabriel, pensou.

Disse o primeiro nome que lhe veio à cabeça. — Disse que se chamava Ben.

- Ben?
- Sim, Ben.
- Tem certeza? Ben?
- Não é o nome verdadeiro. Apenas disse que se chamava assim.
- Como sabe que não é o nome verdadeiro?

Sarah aproveitou os pormenores do interrogatório, pois ganhava minutos no relógio imaginário.

- Porque disse que não era o nome verdadeiro.
 - E acreditou nele?
 - Acho que não tinha motivo para não acreditar.
 - Quando conheceu este homem?
 - Em dezembro.
 - Onde?
 - Em Washington.
 - Em que hora do dia?
 - À noite.
 - Foi a sua casa? Ao seu local de trabalho?
 - Foi depois do trabalho. Estava a caminho de casa.
 - Diga-me como aconteceu, Sarah. Conte-me tudo.
- Assim fez, migalha a migalha, gota a gota.
- Onde era essa casa para onde a levaram?
 - Em Georgetown.
 - Que rua de Georgetown?
 - Estava escuro. Não me lembro.
 - Que rua de Georgetown, Sarah?
 - N Street, acho.

- Acha ou tem certeza?
- Era a N Street.
- O número?
- Não tinha número.
- Qual era o quarteirão?
- Não me lembro.
- Era a leste da Winsconsin Avenue, ou a oeste, Sarah?
- Conhece Georgetown?
- Leste ou oeste?
- Oeste. Ficava a oeste.
- Qual era o quarteirão, Sarah?
- Entre o trinta e três e o trinta e quatro, acho eu.
- Acha?
- Entre o trinta e três e o trinta e quatro.
- De que lado da rua?
- Como assim?
- De que lado da rua, Sarah? Norte, ou sul?
- Sul. Era do lado sul.

Às duas e quarenta e cinco da madrugada, Navot avistou o Audi subindo a estrada a uma velocidade pouco compatível com as condições atmosféricas agrestes. Ao passar por ele, reduzido a uma mancha indistinta de neve e de água levantada da estrada, avistou de relance os quatro homens de ar tenso no seu interior. Agarrou no telefone e marcou um número.

— Acabaram de passar por mim — disse, calmamente. Olhou pelo espelho e viu o Audi quase saindo da pista quando reduziu a marcha. Calma, Gabriel, pensou. Calma.

- Quem foi o primeiro a falar com você? O homem da CIA ou o judeu?
- O americano.
- Que tipo de coisas lhe perguntaram?
- Falamos, de modo geral, sobre a guerra ao terrorismo.
- Por exemplo?
- Perguntou o que, na minha opinião, devia ser feito com os terroristas. Se deviam ser levados para a América para serem julgados ou se deviam ser mortos em campo por homens de negro.
- Homens de negro?
- Foi assim que os chamou.
- Referia-se a forças especiais? Assassinos da CIA? Navy SEAL?

- Imagino que sim.
- E o que respondeu?
- Quer mesmo saber?
- Caso contrário, não teria perguntado.

E Sarah contou, uma pequena colher de cada vez.

Reuniram-se em círculo junto à margem do rio, e Navot transmitiu rapidamente a Gabriel tudo o que sabia.

- Há mais guardas no terreno, ou apenas os dois na entrada?
- Não sei.
- Quantos dentro de casa?
- Não sei.
- Viu para onde a levaram?
- Não.
- Houve mais trânsito na estrada?
- É uma estrada muito calma.
- É muito pouca informação, Uzi.
- Fiz o melhor que pude. — Eu sei.
- Parece que só temos duas opções, Gabriel. Opção número um: outra

operação de reconhecimento. Vai levar tempo. Acarreta riscos. Se nos virem, a primeira coisa que farão é matar Sarah.

- Opção dois?
- Avançar de imediato. Voto na segunda opção. Só Deus sabe o que Sarah está passando lá dentro.

Gabriel fitou a neve e ponderou durante um momento.

- Avançamos já — decidiu. — Você, Mikhail, Yaakov e eu.
- Salvar reféns não faz parte das minhas habilidades, Gabriel. Sou recrutador de agentes.

— Eli menos ainda, e quero pelo menos quatro homens. Moshe e Eli ficam com os carros. Quando der o sinal, vão nos buscar.

- Quando chegou o judeu?
- Não me lembro da hora exata.
- Aproximadamente?
- Não me lembro. Talvez meia hora depois de eu ter chegado, por isso talvez

fosse por volta das sete.

- E apresentou-se logo como Ben?
- Não foi de imediato.
- Usou primeiro outro nome?

- Não. No início não tinha nome.
- Descreva-o, por favor. — Era um pouco baixo.
- Era gordo ou magro?
- Magro.
- Muito magro?
- Era atlético.
- Cabelo?
- Sim.
- Cor?
- Escuro.
- Comprido ou curto?
- Curto.
- Tinha alguma parte do cabelo grisalha?
- Não.

Muhammad pousou calmamente a caneta sobre o bloco.

— Está mentindo, Sarah. Se voltar a mentir, a nossa conversa termina e passaremos a outros meios. Compreende?

A jovem anuiu.

- Responda, Sarah.
- Sim, compreendi.
- Ótimo. Agora descreva com precisão o judeu que disse que se chamava Ben.

CANTÃO DE URI, SUÍÇA

- Voltemos ao aspecto do cabelo. Diz que era curto? Como o meu?
- Um pouco mais comprido.
- E escuro?
- Sim.
- Mas grisalho em alguns lugares, não é? Nas têmporas, por exemplo?
- Sim, as têmporas são grisalhas.
- E agora os olhos. São verdes, não são? Estranhamente verdes.
- Os olhos dele são muito verdes.
- Este homem tem algum talento especial?
- Muitos.
- Restaura quadros?
- Sim.
- E tem certeza de que nunca ouviu um nome?
- Já lhe contei. Ele disse que se chamava Ben.
- Sim, eu sei, mas alguma vez se referiu a outro nome?
- Não, nunca.
- Tem certeza, Sarah?
- Absoluta. Disse que se chamava Ben.
- Esse não é o nome dele, Sarah. O nome verdadeiro é Gabriel Allon. E é um assassino de palestinos. Agora, por favor, diga o que aconteceu quando ele chegou à casa de Georgetown.

Havia uma placa no início do caminho que dava acesso ao chalé. Dizia PARTICULAR. O portão ficava a trezentos metros para o interior do arvoredor. Gabriel e Navot avançaram de um dos lados do caminho, Mikhail e Yaakov do outro. Ao longo do vale, a neve que acompanhava a estrada era profunda, mas entre as árvores era menos espessa. Vista através dos óculos de visão noturna, brilhava com um clarão verde fantasmagórico, enquanto os troncos dos pinheiros e dos abetos eram escuros e nítidos. Gabriel avançou com cuidado, evitando ramos caídos que poderiam estalar com o seu peso. A floresta estava mergulhada num silêncio de morte. Distinguia o coração a bater-lhe no peito e o som dos passos de Navot, atrás de si. Segurava a

Beretta com as duas mãos. Não tinha luvas. Quinze minutos depois de ter entrado nas árvores, avistou a casa pela primeira vez. As janelas do rés-do-chão estavam iluminadas, bem como uma única janela do primeiro andar. Os guardas abrigavam-se no calor de um dos jipes, que tinha o motor a trabalhar e os faróis apagados. O portão estava aberto.

- Tem ângulo de tiro, Mikhail?
- Sim.
- Qual é o melhor para você?
- O motorista.
- São quase cinquenta metros, Mikhail. Consegue um tiro preciso?
- Consigo.
- Na cabeça, Mikhail. Temos de fazer sem barulho.
- Consigo.
- Mire e espere meu sinal. Disparamos juntos. E que Deus nos ajude, se falharmos.

- Portanto, Allon pediu que o ajudasse?
- Sim.
- E concordou?
- Sim.
- De imediato?
- Sim.
- Sem hesitar?
- Sim.
- Por quê?
- Porque vocês são maus. E eu os odeio.
- Cuidado com a língua.
- Queria a verdade.
- O que aconteceu em seguida?
- Pedi demissão do emprego no Phillips Collection e fui para Londres.

Gabriel mirou cuidadosamente o homem no lugar do morto.

- Está pronto, Mikhail?
- Estou.
- Dois tiros, ao meu sinal, em cinco, quatro, três, dois...

Gabriel apertou duas vezes o gatilho. No para-brisas do jipe surgiram quatro orifícios quase simultâneos. Correu pela neve que chegava aos joelhos, com Navot atrás, e aproximou-se com cautela do jipe, a Beretta nas mãos estendidas. Mikhail conseguiu dois tiros certos na cabeça do motorista, mas o alvo de Gabriel fora atingido no rosto e no peito e ainda estava semiconsciente.

Gabriel alvejou-o duas vezes pela janela do lado do passageiro e depois ficou imóvel por um instante, enquanto perscrutava o terreno, em busca de algum indício de que a sua presença tivesse sido detectada. Foi Navot quem reparou no guarda que surgiu das árvores à esquerda da casa, e Mikhail quem o abateu com um tiro único na cabeça, que lançou sangue e massa cerebral sobre a neve imaculada. Gabriel virou-se e atravessou a clareira até o chalé, com os outros três homens atrás de si.

— Fale-me desse homem, o Julian Isherwood.

— O Julian é uma pessoa muito querida.

— É judeu?

— Nunca foi referido.

— Julian Isherwood é um agente de longa data do serviço secreto israelense?

— Não lhe sei dizer.

— Portanto, assim que deixou o Phillips Collection, começou de imediato a trabalhar como diretora-adjunta de Julian Isherwood?

— Exatamente.

— Mas era totalmente amadora. Quando foi treinada?

— À noite.

— Onde?

— Numa casa de campo a sul de Londres.

— Onde ficava essa casa de campo?

— Em Surrey, creio. Nunca ouvi o nome da aldeia. — Era uma casa de segurança israelense permanente?

— Foi alugada. Muito temporariamente.

— Havia mais alguém, além do Allon?

— Sim.

— Usaram outras pessoas para ajudar a treiná-la?

— Sim.

— Diga-me alguns dos nomes.

— As pessoas que vieram de Tel Aviv nunca me disseram os nomes.

— E quanto aos restantes membros da equipe londrina de Allon?

— O que têm?

— Diga-me os seus nomes.

- Por favor, não me obrigue a fazê-lo.
- Diga-me os nomes, Sarah.
- Por favor, não.

Bateu-lhe com violência suficiente para a derrubar da cadeira. Sarah permaneceu tombada por um instante, com as algemas a cravarem-lhe os pulsos, enquanto o árabe lhe exigia os nomes aos gritos, — Diga-me os nomes, Sarah. De todos.

- Havia um homem chamado Yaakov.
- Quem mais?
- Yossi.
- Diga-me outro nome, Sarah.
- Eli.
- Outro.
- Dina.
- Outro.
- Rimona.
- E eram as mesmas pessoas que a seguiram em Saint-Barts?
- Sim.
- Quem foi o homem que a abordou pela primeira vez na praia de Saline?
- Yaakov.
- Quem foi a mulher que lhe deixou a mensagem no banheiro do restaurante em Saline?
- Rimona.
- Quem foi a garota manca que esteve no restaurante Le Tetou antes de ir ao banheiro?
- Dina.
- Essas pessoas são todas judias.
- É uma surpresa assim tão grande?
- Então, Sarah? É judia?
- Não, não sou.
- Nesse caso, por que os ajudou?
- Porque odeio vocês.
- Pois é, e veja só o que ganhou com isso.

Encontraram mais um guarda antes de chegarem ao chalé. Surgiu da direita, contornando a esquina da casa, e entrou em espaço aberto com a arma ainda de lado. Gabriel e Mikhail dispararam em conjunto. Os tiros foram abafados pelos silenciadores, mas o guarda proferiu um único grito lancinante quando a salva de tiros

lhe trespassou o peito. Como figuras numa galeria de tiro, dois rostos apareceram de repente às janelas iluminadas da casa — um na janela do rés-do-chão mesmo à frente de Gabriel, e um segundo no andar de cima, no extremo do telhado. Gabriel abateu o homem da janela térrea, enquanto Mikhail se encarregou do indivíduo do piso superior.

Tinham agora perdido qualquer elemento de surpresa. Gabriel e Mikhail recarregaram as armas enquanto corriam os trinta metros finais até a porta da frente. Yaakov, com grande experiência na entrada em esconderijos terroristas na Cisjordânia e em Gaza, liderou as operações. Não se deu ao trabalho de experimentar a fechadura. Em vez disso, gastou um carregador de munições a disparar através da porta, para abater qualquer indivíduo que se encontrasse do outro lado, e depois rebentou com a tranca e perfurou a madeira da ombreira da porta. Navot, o maior dos quatro homens, lançou o corpo possante contra a porta, a qual tombou para o interior como uma peça de dominó derrubada.

Os outros três entraram rapidamente no pequeno hall de entrada. Gabriel cobriu o espaço à esquerda, Yaakov o centro e Mikhail a direita. Ainda com os óculos de visão noturna, Gabriel viu o homem que abatera pela janela caído no chão, rodeado por uma poça do seu próprio sangue. Yaakov e Mikhail dispararam de imediato e Gabriel ouviu os gritos de outros dois moribundos. Avançaram para o interior do chalé, encontraram os degraus de acesso à cave e desceram. Vamos começar por ali, indicara Gabriel. Os torturadores gostam sempre de fazer seu trabalho debaixo da terra.

Sarah descrevia o dia da venda quando lhes chegou o som de um distúrbio no piso superior. Muhammad silenciou-a com um golpe brutal no rosto, depois levantou-se e, de arma em riste, dirigiu-se rapidamente à porta. Segundos mais tarde, ouviu gritos e passos na neve. Muhammad virou-se e apontou a arma para o rosto de Sarah. Ainda algemada, a jovem baixou por instinto a cabeça entre os braços, ao mesmo tempo em que o árabe apertava duas vezes o gatilho. Na câmara minúscula, os tiros pareceram salvas de canhão. Os disparos cruzaram o espaço acima da cabeça de Sarah e cravaram-se na parede atrás de suas costas.

Muhammad gritou, enraivecido por ela ter tido a indecência de escolher a vida em vez da morte, e aproximou-se para um novo tiro. Nesse momento, a porta caiu para dentro, como se se arrebetada pelo impacto de uma bomba. Caiu nas costas de Muhammad e derrubou-o. Ainda tinha a arma na mão. Ergueu-se sobre um joelho e voltou a apontá-la para Sarah no preciso instante em que dois homens irromperam na câmara, rostos ocultos por máscaras e óculos de visão noturna. Abateram Muhammad. Continuaram a disparar até ficarem de carregadores vazios.

Cortaram as algemas e os grilhões, e levaram-na para longe dos corpos. Lá fora, aninhou-se como uma criança nos braços de Gabriel. Ele a transportou através da clareira nevada e pelo caminho até a estrada, onde Lavon e Moshe aguardavam com os carros. O silêncio da floresta foi trespassado pelos lamentos de Sarah. — Tive de contar coisas.

- Eu sei.
- Eles me bateram. Disseram que iam me matar.
- Eu sei, Sarah. Eu vi a sala.
- Eles sabem de você, Gabriel. Tentei...
- Está tudo bem, Sarah. A culpa foi nossa. Fomos nós que te deixamos mal.
- Desculpe, Gabriel. Sinto tanto.
- Por favor, Sarah. Não.
- Eu o vi novamente.
- Quem?
- Bin Shafiq.
- Onde ele estava?
- Em Zurique. Ele ainda não acabou, Gabriel.
- O que ele disse?
- Vai atacar o Vaticano outra vez.

37

ZUG, SUÍÇA

Dois dos vigias de Navot conseguiram dirigir-se para sul e atravessar a fronteira italiana antes que as condições atmosféricas cortassem as passagens da montanha.

Os outros dois viajaram para oeste, para a Áustria. Navot juntou-se a Moshe e foram para Paris, onde estabeleceram uma rede de segurança em redor de Hannah Weinberg. Gabriel levou Sarah até a pista aérea privada no exterior de Zug. Durante a viagem de carro foram sentados como amantes, Gabriel com o braço em volta dos ombros de Sarah, que mantinha o rosto molhado pelas lágrimas contra o pescoço dele. Eram quatro e trinta quando o avião levantou voo para as nuvens e desapareceu. Carter e Gabriel não se encontravam a bordo.

- Muito bem, Gabriel, sou todo ouvidos.
- A Sarah viu Bin Shafiq em Zurique. Ele disse-lhe que iam atacar novamente o Vaticano.

Carter praguejou baixinho.

- O seu presidente está em Roma, não é?

- É verdade.
- A que horas deverá chegar ao Vaticano?
- Ao meio-dia.

Gabriel olhou para o relógio. — Há uma ligação entre Zurique e Roma de hora a hora. Se nos apressarmos, podemos apanhar o avião das sete.

— Vamos embora — disse Carter. Gabriel ligou o carro e dirigiu-se a Zurique. Carter telefonou para a sede da CIA e pediu uma ligação ao chefe do Serviço Secreto americanos. Carter passou os primeiros trinta minutos da viagem ao telefone. Quando as luzes de Zurique surgiram por entre a névoa do extremo norte do lago, desligou o telefone e olhou para Gabriel.

— A Sarah vai aterrar na Base Aérea de Ramstein daqui a menos de uma hora. Vai ser levada para um hospital militar americano, onde será submetida a um exame completo.

O que diz o teu médico?

O estado é o que se poderia esperar. Escoriações e contusões no rosto. Um pequeno traumatismo. Danos no olho esquerdo. Lesões abdominais profundas. Duas costelas rachadas. Dois dedos dos pés partidos. Por que será que fizeram isso? — Arrastaram-na escadas abaixo até a cave.

— Ah, e a hipotermia. Imagino que isso se deva à viagem na bagageira. Bem vistas as coisas, podia ter sido bem pior.

- Garante que está sempre alguém com ela — avisou Gabriel.
- Só faltava que ela contasse os nossos segredos aos médicos de Ramstein.
- Não te preocupes, Gabriel. Ela está em boas mãos.
- Ela diz que falou.
- É claro que falou. Que raios, eu próprio teria falado.
- Devias ter visto a sala.

— Sinceramente, ainda bem que não vi. Isso não faz o meu gênero. Às vezes tenho saudades dos bons velhos tempos da Guerra Fria, quando a tortura e o sangue não entravam no meu jogo. — Carter olhou para Gabriel. — Imagino que sempre tenha feito parte do teu.

Gabriel ignorou-o.

— Ela disse-lhes tudo para ganhar tempo. A questão é, será que o Muhammad conseguiu relatar alguma da informação aos superiores, antes da nossa chegada?

- Tens o caderno dele?

Gabriel bateu no bolso do peito do blusão de couro.

- Questionaremos a Sarah quando ela recuperar.

— Pode não se lembrar de tudo o que lhes disse. Estava cheia de drogas. Prosseguiram em silêncio durante alguns instantes. Embora ainda fosse cedo, havia já trânsito na estrada. Homens de negócios suíços, pensou Gabriel. Interrogou-se quantos deles trabalhariam para empresas ligadas, por mais remotamente, à AAB Holdings, de Riad, Genebra e pontos intermédios.

— Achas que vão deixar-me embarcar neste avião, Adrian?

— Gustav garantiu-me que a nossa partida não vai ter problemas.

— Talvez não tenha, mas o meu passado aqui em Zurique é bastante interessante. — O teu passado é interessante em todo o lado. Não te preocupes, Gabriel. Vão deixar-te embarcar.

— Tens certeza de que o teu amigo Gustav vai abafar o que aconteceu?

— Abafar o quê? — Carter conseguiu esboçar um sorriso fatigado.

— Neste momento temos uma equipe de limpeza a caminho de Uri. O Gustav vai manter a propriedade isolada até que lá cheguem. E depois... — Encolheu os ombros. — Vai ser como se nada tivesse acontecido.

— O que vão fazer com os corpos?

— Não temos apenas prisões secretas na Europa Oriental. Vão ter um funeral decente, o que é mais do que qualquer um deles merece. E talvez um dia, quando esta guerra sem fim acabar de vez, possamos dizer a algum dos familiares onde reclamar os corpos. — Carter alisou o bigode. — Vocês têm um, não têm?

— Um quê?

— Um cemitério secreto? Algures no vale do Jordão? Gabriel lançou um olhar demorado ao espelho retrovisor, mas não disse nada.

— Quantos corpos, Gabriel? Lembra?

— É claro que lembro.

— Quantos são? A equipe tem de saber onde procurar.

Gabriel disse. — Dois no jipe. Dois na clareira em frente ao chalé. Um na janela do térreo. Um na janela do primeiro andar. Dois no hall de entrada. Dois no fundo da escada. E Muhammad. Onze homens. Vamos descobrir quem eram e quais os seus planos. Mas creio que neste momento é lícito dizer que eliminou uma célula importante, juntamente com uma alta patente da operação de Bin Shafiq.

— Não pegamos quem queríamos.

— Algo me diz que vai encontrá-lo.

— Pelo menos dois eram europeus e Uzi ouviu um deles falando alemão com sotaque suíço.

— Receio que tenham de ser enterrados com os outros. Imagino que seja o que teriam desejado. — Carter olhou para o relógio. — Não pode ir mais depressa?

— Já estou a cento e trinta, Adrian. O que você disse ao Serviço Secreto?

— Que tinha provas bem concretas de que as forças da jihad global planejam um atentado ao presidente esta tarde, no Vaticano. Enfatizei as palavras "provas bem concretas". O Serviço Secreto entendeu a mensagem e espero ter alguns momentos a sós com o presidente ainda de manhã. Vai ficar na residência do embaixador.

— Talvez não fosse má ideia pensar em cancelar a visita.

— Isso está fora de questão — rejeitou Carter. — Neste momento o Vaticano é o símbolo mais visível no mundo dos perigos do terrorismo islâmico. Este presidente não vai desperdiçar a oportunidade de reforçar sua mensagem nesse palco.

— Ele vai ouvir um sermão do Lucchesi.

— E está pronto para isso — asseverou Carter. — Quanto à segurança, o Serviço Secreto já está reunido com os italianos para alterar os planos de viagem do presidente. Por coincidência, já pensavam nisso antes de eu telefonar. Roma está uma confusão. Esperam dois milhões de pessoas nas ruas.

— Como vai entrar no Vaticano?

— As caravanas dos chefes de Estado em visita costumam entrar pela Porta de Santa Ana, e depois sobem a Via Belvedere até o Pátio San Damaso. Aí vai ser recebido pelo comandante da Guarda Suíça e escoltado até o Palácio Apostólico. Os guarda-costas dos chefes de Estado em visita têm de ficar no pátio. É o protocolo do Vaticano. O chefe de Estado sobe sozinho, protegido apenas pela Guarda. Mas vou contar-te um pequeno segredo. Os Serviços Secretos incluem sempre alguns agentes na comitiva oficial... rapazes católicos que desejam conhecer o Santo Padre.

— Que alterações vão fazer?

— O presidente vai de helicóptero até o Vaticano e aterriza no heliporto do papa.

— Fica no canto ocidental mais extremo, mesmo ao lado do muro. Se alguém estiver à espera na Viale Vaticano com outro míssil...

— Os Serviços Secretos dizem que a zona pode ser protegida.

— Quantos rapazes católicos vão introduzir na delegação oficial do presidente?

— Mais do que o habitual. — Carter voltou a olhar para o relógio. — Talvez devêssemos entrar no aeroporto com alguns minutos de intervalo um do outro. Langley marcou-nos lugares separados.

— Tens vergonha de ser visto comigo, Adrian?

— Por acaso nunca estive mais orgulhoso. Tu e os teus rapazes mostraram muita coragem, lá no chalé.

— Não tínhamos alternativa, Adrian. Nunca temos alternativa. Carter fechou os olhos por um instante.

— Sabes, é possível que Bin Shafiq estivesse apenas a gabar-se, ou a enganá-la por qualquer motivo.

— Por que haveria de enganá-la, Adrian? Ia matá-la.

38

CIDADE DO VATICANO

— Ainda bem que o seu amigo monsenhor pediu que lhe desse carona — disse o capitão dos Carabinieri. — Caso contrário, nunca teria conseguido ir de Fiumicino ao Vaticano.

Gabriel olhou pela janela do helicóptero. Roma estava abaixo dele. O Villa Borghese fora ocupado como base de concentração dos manifestantes e era naquele momento um mar de humanidade. Os primeiros elementos saíam do fundo do parque para a Via Veneto.

— Conseguem mantê-los afastados do Vaticano?

— Vamos tentar. — O capitão apontou pela janela. — Está vendo aquelas barricadas? Nosso plano é guiá-los até o Parque Janiculum. Mas esperamos dois milhões de manifestantes. Se perdermos o controle... — Encolheu os ombros à italiana. — Ainda bem que já não faço serviço antimotim. Aquilo lá em baixo pode virar zona de guerra.

O helicóptero virou e encaminhou-se para a cidade-estado. A cúpula da basílica, parcialmente oculta pelos enormes taipais das equipes de trabalho, brilhava à luz do sol, enquanto o apelo de paz do papa se agitava na fachada à suave brisa matinal. Reduziram altitude sobre o Viale Vaticano, mantendo-se no espaço aéreo italiano o mais possível, após o que cruzaram a parede e aterraram no heliporto papal. Donati, de batina preta e faixa vermelha, aguardava-os, com um guarda suíço à paisana a seu lado. A expressão no rosto do sacerdote alto era sombria quando apertaram brevemente as mãos e atravessaram os Jardins do Vaticano em direção ao Palácio Apostólico.

— Qual é a gravidade desta vez, Gabriel?

— Muita.

— Pode dizer-me por quê?

— A mensageira — respondeu Gabriel. — A mensageira.

Gabriel esperou até chegarem ao gabinete de Donati, no segundo andar, antes de lhe contar mais. Donati percebeu que ouvia parte da história. Estava preocupado demais com a segurança de seu chefe para protestar.

— Quero que fique ao lado dele até que o presidente saia do Vaticano.

Dessa vez, Gabriel não se opôs.

— Gabriel, está com um aspeto horrível — comentou Donati. — Quando foi a última vez que dormiu?

— Muito sinceramente, não me lembro.

— Receio que não haja tempo para dormir — adiantou Donati —, mas temos de fazer alguma coisa quanto a sua aparência. Imagino que não tenha trazido um terno.

— Quem me dera poder explicar até que ponto essa questão me parece ridícula.

— Vai precisar de alguma roupa adequada. O destacamento de proteção papal da Guarda Suíça usa terno e gravata. Acho que o comandante poderá encontrar trajas razoáveis.

— Há uma coisa de que preciso mais do que de um terno completo, Luigi.

— De que se trata?

Gabriel disse.

— A Guarda Suíça também vai tratar disso.

Donati pegou o telefone e teclou um número.

Dez minutos depois, o mesmo guarda suíço que estivera ao lado de Donati no heliporto aguardava Gabriel no Pátio San Damaso. Tinha a mesma altura que Gabriel, com ombros largos que enchiam o casaco do fato e o pescoço musculoso de um jogador de rugby. O cabelo louro fora cortado quase rente ao escalpe da cabeça em forma de bala, o que deixava o fio do auricular perfeitamente visível.

— Já nos conhecemos? — perguntou Gabriel ao guarda em alemão, quando começaram a descer a Via Belvedere.

— Não, senhor.

— Parece-me familiar.

— Eu era um dos guardas que o ajudaram a levar o Santo Padre para o Palácio Apostólico, depois do atentado.

— Bem me parecia — disse Gabriel. — Como se chama?

— Cabo Erich Müller.

— Vem de que cantão, cabo?

— Nidwalden. É um semicantão, próximo de...

— Sei onde fica — atalhou Gabriel.

— Conhece a Suíça?

— Muito bem.

Pouco antes de chegarem à Porta de Santa Ana, cortaram à direita e entraram no aquartelamento da Guarda Suíça. Na zona de recepção, um oficial de serviço estava sentado a uma secretária em forma de meia-lua. À sua frente tinha uma série de

monitores de televisão de circuito fechado. Na parede atrás dele havia um crucifixo e uma fileira de bandeiras que representavam cada um dos vinte e seis cantões suíços. Quando Gabriel e Müller passaram, o oficial de serviço fez uma anotação no registro.

— A Zona Suíça tem um controle muito estreito — explicou Müller. — Existem três pontos de entrada diferentes, mas este é o principal.

Deixaram a recepção e viraram à direita. À sua frente estendia-se um longo corredor escuro, com alojamentos minúsculos como celas para os soldados. Ao fundo do corredor ficava uma arcada e, a seguir a esta, um pátio interior de pedra, onde um sargento instrutor treinava seis noviços com espingardas de madeira. Entraram no edifício no lado oposto do pátio e desceram um lance de degraus de pedra que dava acesso à carreira de tiro. Estava silenciosa e vazia.

— É aqui que fazemos o treino de tiro. As paredes deviam ser à prova de som, mas por vezes os vizinhos queixam-se do barulho.

— Os vizinhos?

— O Santo Padre parece não se importar, mas o cardeal secretário de Estado não aprecia o som dos disparos. Não treinamos aos domingos, nem em dias santos.

— Müller dirigiu-se a um armário metálico e abriu o cadeado. — A nossa arma pessoal regulamentar é a SIG-Sauer 9 mm, com capacidade para quinze munições.

— Olhou para Gabriel quando abriu as portas do armário. — É uma arma de fabrico suíço. Muito precisa... e muito poderosa. Quer experimentá-la?

Gabriel anuiu. Müller retirou uma arma, um carregador vazio e uma caixa de munições e levou-as até o estande de tiro. Começou a carregar a arma, mas Gabriel o deteve.

— Eu faço isso. Por que não trata do alvo?

— O guarda suíço prendeu um alvo na linha e o fez chegar ao meio da pista.

— Mais longe — disse Gabriel. — No fundo, por favor. — Müller fez o que lhe era pedido. Quando o alvo chegou à parede mais distante, Gabriel introduzira quinze balas no carregador, já posicionado na coronha da pistola.

— É rápido — comentou Müller. — Deve ter boas mãos.

— Treinei muito.

Ofereceu a Gabriel proteção para olhos e ouvidos.

— Não, obrigado.

— Regras do estande de tiro.

Gabriel virou-se sem aviso e abriu fogo. Continuou a disparar até esvaziar a arma. Müller puxou o alvo enquanto Gabriel ejetava o carregador vazio e recolhia os invólucros.

— Meu Deus.

Os quinze tiros estavam agrupados no centro do rosto do alvo.

— Quer disparar outra vez? — perguntou Müller.

— Não é preciso.

— E um coldre para o ombro?

— Para isso serve a calça.

— Vou buscar mais um carregador.

— Traga dois, por favor. E outra caixa de balas.

Recolheu um embrulho com roupas no gabinete do comandante e depois apressou-se a voltar ao Palácio Apostólico. No segundo andar, Donati levou-o a um pequeno apartamento de hóspedes, com casa de banho privativa e duche.

— Roubei essa lâmina do Santo Padre — explicou Donati. — As toalhas estão no armário por baixo da pia.

O presidente só deveria chegar dali a noventa minutos. Gabriel barbeou-se com cuidado e depois passou vários minutos debaixo do chuveiro. A roupa que lhe tinha sido cedida pela Guarda Suíça assentava-lhe muito bem, e às onze horas percorria o corredor decorado com frescos que dava acesso ao apartamento privado do papa, com tão bom aspeto quanto possível.

Fizera mais um pedido a Donati antes de ter ido ao aquartelamento da Guarda Suíça: uma cópia do relatório final, redigido em conjunto pelos serviços de segurança italiano e do Vaticano, sobre o atentado de outubro. Leu-o enquanto bebia um cappuccino e comia um cornetto na sala de jantar papal particular, e depois gastou alguns minutos percorrendo os canais da televisão do papa em busca de algum comentário sobre onze corpos encontrados num chalé suíço. Não houve referência ao caso nos canais noticiosos internacionais.

Imaginou que a equipe de Carter tivesse completado sua tarefa.

Donati foi buscá-lo às onze e quarenta e cinco. Percorreram o Palácio Belvedere e encontraram um gabinete vazio com uma boa vista dos Jardins. Momentos depois, as árvores começaram a contorcer-se, após o que apareceram dois enormes helicópteros de rotores duplos, que desceram no heliporto no extremo da cidade-estado. Gabriel perdeu alguma da tensão que sentia quando viu o primeiro helicóptero a desaparecer em segurança atrás das copas das árvores. Cinco minutos depois avistaram pela primeira vez o presidente americano, que avançava com confiança para o palácio, cercado por várias dezenas de agentes do Serviço Secreto, armados e nervosos.

— Os agentes vão ter de esperar no Jardim — explicou Donati. — Os americanos não gostam, mas são as regras do protocolo. Sabia que tentam introduzir agentes secretos na delegação oficial?

— Não me diga.

Donati olhou para Gabriel.

— Há alguma coisa que queira me dizer?

Sim — respondeu Gabriel. — Devíamos voltar ao Palácio Apostólico. Gostaria de lá estar antes da chegada do presidente.

Donati virou-se e abriu caminho.

Chegaram à Sala Clementina, uma imponente sala de recepção decorada com frescos no andar por baixo dos aposentos privados do papa, cinco minutos antes do presidente. O Santo Padre ainda não chegara. Havia um destacamento cerimonial de guardas suíços à porta da vasta entrada, e vários outros à paisana no interior. Duas cadeiras ornamentadas estavam de um dos lados da enorme sala retangular. Do outro encontrava-se um bando de jornalistas, fotógrafos e operadores de câmera. O estado de espírito coletivo era mais desagradável do que o habitual. As revistas do equipamento e as confirmações de segurança levadas a cabo pela Guarda Suíça e pelo Serviço Secreto tinham sido mais invasivas do que o normal, e três equipes de filmagem europeias tiveram a entrada barrada devido a pequenas discrepâncias com as credenciais. A imprensa teria autorização para registrar os primeiros momentos do encontro histórico e para transmitir em direto as imagens para todo o mundo. Depois seria encaminhada para o exterior.

Donati regressou ao corredor, para esperar pelo Santo Padre. Gabriel deu mais uma vista de olhos pelo local, depois voltou à frente da sala e posicionou-se a poucos metros da cadeira reservada ao papa. Durante os minutos seguintes, percorreu com os olhos o bando de jornalistas, à procura de sinais de agitação, ou de um rosto que parecesse deslocado. Depois fez o mesmo com a delegação de prelados curiais à sua esquerda.

Pouco depois do meio-dia, a figura de sotaina branca do Santo Padre entrou na sala, acompanhado por Donati, o cardeal secretário de Estado e quatro guardas suíços à paisana. Entre eles seguia Erich Müller, o guarda que dera a arma a Gabriel. Cruzou brevemente o olhar com Gabriel, a quem reconheceu com um ligeiro aceno de cabeça. O papa atravessou a sala e deteve-se à frente da cadeira ornamentada. Donati, alto e vistoso na sua sotaina preta e faixa vermelha, estava ao lado do seu senhor. Olhou momentaneamente para Gabriel, ao que 353 dirigiu a atenção para a entrada, quando o presidente dos Estados Unidos fez a sua aparição.

Gabriel perscrutou rapidamente a delegação oficial do presidente. Imaginou que entre os elementos viessem quatro agentes do Serviço Secreto, talvez mais dois ou três. Depois o seu olhar começou a varrer a sala como um holofote: os jornalistas, os prelados curiais, os guardas suíços, o presidente e o Santo Padre. Estavam agora a

apertar as mãos, a trocar sorrisos calorosos à luz ofuscante das máquinas que iam sendo disparadas.

A rapidez da ação apanhou Gabriel desprevenido. Na verdade, não fosse por Donati, talvez nem sequer se tivesse apercebido, pensaria mais tarde. Donati arregalou subitamente os olhos e depois moveu-se com celeridade para o presidente. Gabriel virou-se e avistou a arma. Uma SIG-Sauer 9 mm — e a mão que a segurava pertencia ao cabo Erich Müller.

Gabriel sacou da sua própria arma e começou a disparar, mas não sem que Müller conseguisse apertar duas vezes o gatilho. Não ouviu os gritos, nem reparou nas máquinas fotográficas a disparar. Limitou-se a disparar até que o guarda suíço tombou morto no soalho de mármore. Os agentes do Serviço Secreto misturados na delegação americana agarraram no presidente e levaram-no para a porta. Pietro Lucchesi, bispo de Roma, Pontifex Maximus e sucessor de S. Pedro, caiu de joelhos e começou a rezar sobre o corpo imóvel de um padre alto de sotaina preta.

39

ROMA

Existem divisões no décimo andar da Clínica Gemelli de que poucos ouviram falar. Despojadas e austeras, são o espaço de um padre. No quarto está uma cama de hospital. Outra divisão contém sofás e cadeiras. A terceira é uma capela privada. No corredor junto à entrada localiza-se uma secretária para os guardas. Mesmo quando as divisões estão vazias, há sempre alguém de guarda. Embora a cama de hospital esteja reservada para o líder dos bilhões de Católicos Apostólicos do mundo, nessa noite encontrava-se ocupada pelo estimado secretário particular desse líder. A rua abaixo da janela estava cheia com milhares de fiéis. Às nove horas, o silêncio instalara-se para que se ouvisse o primeiro bollettino da Sala de Imprensa do Vaticano. Dizia ele que monsenhor Luigi Donati fora submetido a sete horas de cirurgia para reparar os danos provocados por dois tiros de 9 mm. O estado do monsenhor era descrito como sendo "extremamente grave", e o bollettino deixava bem claro que a sobrevivência continuava em dúvida. Concluía dizendo que o Santo Padre estava a seu lado e que tencionava lá permanecer durante o futuro próximo. Não mencionava o fato de Gabriel também lá se encontrar.

Estavam sentados lado a lado no divã da sala. Do outro lado de uma porta de ligação aberta, jazia Donati, pálido e inconsciente. Rodeava-o uma equipe de médicos e

de enfermeiras de expressão sombria. Os olhos do Santo Padre estavam fechados e ele revirava as contas de um rosário. Uma larga mancha de sangue percorria-lhe a frente da sotaina branca. Recusara-se a despi-la. Ao olhar para ele, Gabriel lembrava-se de Shamron e do seu blusão de couro rasgado. Esperava que o Santo Padre não se viesse a culpar pelo que acontecera naquele dia.

Gabriel olhou para a televisão. Imagens do atentado, um dos mais dramáticos momentos alguma vez televisionados, cintilavam na tela. Estavam a ser transmitidas sem parar. Gabriel vira-as pelo menos uma dúzia de vezes e voltava a encará-las. Viu Müller a emergir do grupo de guardas suíços, a arma nas mãos estendidas. Viu-se a si próprio a puxar da arma que tinha no casaco, e Donati a lançar o corpo grande para a frente do presidente dos Estados Unidos quando Müller abriu fogo. Uma fração de segundo, pensou. Se tivesse visto Müller uma fração de segundo mais cedo, talvez tivesse conseguido atirar primeiro. E Donati não estaria à beira da morte no décimo andar da Clínica Gemelli. Gabriel olhou para o papa. Já não tinha os olhos fechados, mas fitos na tela de televisão. — Como soube que devia colocar-se à frente do presidente e não de mim? — Imagino que tenha percebido que o Müller o poderia ter morto inúmeras vezes, se quisesse. Müller pretendia matar o presidente primeiro, e Luigi apercebeu-se disso.

— Num piscar de olhos.

— É um dos homens mais inteligentes que já conheci, Sua Santidade. — Gabriel olhou para Donati. — Salvou a vida do presidente dos Estados Unidos, e provavelmente nem tem noção disso.

— O Luigi limitou-se a deter as balas — argumentou o papa —, mas foi o Gabriel quem o salvou. Se não fosse por si, nunca teríamos ficado à espera de uma coisa destas. Como soube, Gabriel? Como soube que iam voltar a atacar-nos hoje?

— Teremos de voltar a falar sobre isto mais tarde. Muito mais tarde. — Está a meio de uma operação, não está? Gabriel ficou em silêncio. — Erich Müller, um membro da minha guarda do palácio... A voz do papa desvaneceu-se. — Ainda não acredito. Como o fizeram, Gabriel? Como introduziram um assassino na Guarda Suíça?

— Os pormenores são muito vagos, Sua Santidade, mas parece que o Müller foi recrutado algum tempo depois de ter saído do exército suíço. Não tinha um emprego à espera, por isso passou cerca de um ano e meio a viajar pela Europa e pelo Mediterrâneo. Esteve vários meses em Hamburgo, e mais alguns em Amsterdam. Sabiam que participava com frequência em manifestações antiamericanas e anti-israelenses. Poderá ter-se convertido ao islamismo. Acreditamos que terá sido recrutado para a rede terrorista por um homem chamado professor Ali Massoudi.

— Massoudi? Sério? Deus nos ajude, Gabriel, mas achei que o professor Massoudi apresentou alguns dos seus trabalhos para o estreitar de laços entre o islamismo e o ocidente à minha comissão especial. A dada altura, poderá mesmo ter visitado o Vaticano.

— Estreitar os laços entre o islamismo e a Igreja não fazia parte das verdadeiras intenções do professor Massoudi, Sua Santidade.

— É óbvio — admitiu o papa. — Imagino que agora saibamos quem abriu a Porta da Morte aos homens-bomba suicidas em outubro. Foi Müller, não foi?

Gabriel aquiesceu e olhou para a televisão quando o vídeo do atentado recomeçou.

— Interrogo-me quantas pessoas terão visto estas imagens hoje — disse o papa.

— Bilhões, Sua Santidade.

— Algo me diz que os seus dias como agente secreto chegaram ao fim. Bem-vindo ao mundo real, Gabriel,

— Não é um mundo onde me sinta à vontade.

— O que tem em mente?

— Tenho de voltar a Israel.

— E depois?

— O meu futuro é um pouco incerto.

— Como de costume — disse o papa. — Francesco Tiepolo disse que voltou a juntar-se a Chiara.

— Sim, Sua Santidade. Neste momento está em Israel.

— Quais são os seus planos?

— Tenho de me casar com ela, antes que volte a deixar-me.

— Bem pensado. E depois?

— Um passo de cada vez, Sua Santidade. — Permite-me que lhe dê mais um conselho?

— É claro.

— Neste momento, é o homem mais famoso de Itália. Um herói nacional. Algo me diz que o país iria recebê-lo de braços abertos. E, desta vez, não como Mario Delvecchio.

— Atravessaremos essa ponte quando a ela chegarmos.

— Se fosse a si, faria uma ponte de regresso a Veneza. O papa olhou em silêncio pela porta aberta.

— Não sei o que vou fazer se Deus o levar de mim. Não consigo gerir a Igreja Católica Apostólica sem Luigi Donati.

— Lembro-me do dia em que ele foi falar comigo a Jerusalém disse Gabriel. — Quando caminhávamos pela Cidade Velha, descrevi-o tolamente como sendo um homem sem fé ao lado de um grande crente. Mas foi preciso muita fé para se colocar à frente daquelas balas.

— Luigi Donati é um homem de uma fé extraordinária. Apenas não o percebe, às vezes. Agora sou eu quem tem de ter fé. Tenho de acreditar que Deus vai permitir que o tenha comigo durante mais algum tempo... E que Ele agora vai decidir-Se a acabar com esta loucura.

A questão seguinte do papa foi a mesma que colocara a Gabriel no final do atentado de Outubro.

— Acabou?

Desta vez, Gabriel fitou o televisor e não disse nada. Não, Sua Santidade, pensou. Ainda não.

PARTE QUATRO

A Testemunha

WASHINGTON

A comissão especial de inquérito do Senado reuniu-se um mês após o atentado à vida do presidente. Nas declarações de abertura, os elementos responsáveis garantiram ao povo americano que a investigação seria minuciosa e implacável, mas, ao fim da primeira semana, os senadores de ambas as facções encontravam-se notoriamente frustrados com o que consideravam ser uma falta de sinceridade por parte dos chefes de segurança e do serviço secreto do presidente. Os homens do presidente explicaram detalhadamente como as forças do extremismo islâmico global tinham sido capazes de penetrar o centro da cristandade e como o professor Ali Massoudi conseguira recrutar um jovem suíço de seu nome Erich Müller, e infiltrá-lo na Guarda Suíça Pontifícia. Contudo, no que dizia respeito a quem tinha dirigido os dois ataques ao Vaticano e, ainda mais importante, quem os financiara, os homens do presidente apenas podiam emitir uma opinião. Também não eram capazes de explicar aos membros do Comitê a presença no Vaticano de um tal Gabriel Allon, o agora lendário agente e assassino israelense. Após muita discussão interna, os senadores decidiram, eles próprios, intimá-lo.

Na qualidade de cidadão estrangeiro, não seria obrigado a obedecer à intimação e, como se esperava, recusou-se peremptoriamente em comparecer. Três dias mais tarde, de súbito, mudou de opinião. Iria testemunhar, disse-lhes, mas apenas em segredo. Os senadores concordaram e pediram-lhe que fosse a Washington na quinta-feira seguinte.

Entrou sozinho na sala de audiências subterrânea. Quando o presidente do Comitê lhe pediu que se levantasse e dissesse o seu nome para que ficasse registrado, obedeceu sem hesitar. — E trabalha para quem?

— Para o primeiro-ministro do Estado de Israel.

— Existem muitas questões que gostaríamos de lhe colocar, Mr. Allon, mas o seu embaixador disse-nos que o senhor não irá responder a qualquer pergunta que considere inadequada.

— Exatamente, Sr. Presidente.

— Também fomos informados de que deseja ler uma declaração para que esta fique registrada antes de darmos início ao interrogatório.

— Também é verdade, Sr. Presidente.

— Essa declaração tem que ver com a Arábia Saudita e sua relação com a América. — Sim, Sr. Presidente.

— Só uma advertência, Mr. Allon. Embora este depoimento esteja a ser recebido em segredo, será efetuada uma transcrição dos seus comentários.

— Compreendo, Sr. Presidente.

— Muito bem. Pode continuar.

Baixou o olhar e começou a ler a declaração. No canto mais afastado da sala, um homem estremeceu visivelmente. O Hércules veio ao Senado dos Estados Unidos, pensou. E trouxe uma aljava cheia de setas embebidas em fel.

— Parabéns, Gabriel — disse Adrian Carter. — Não conseguiste resistir, certo? Oferecemos-te o palco e fizeste bom uso dele.

— Os senadores precisavam de saber da verdadeira natureza do regime saudita e do seu apoio ao terrorismo global. O povo americano tem de saber como estão a ser gastos todos aqueles petrodólares.

— Pelo menos deixaste de fora o nome de Zizi.

— Tenho outros planos para ele.

— É melhor não. Além disso, agora não podes desviar os olhos da bola.

— Os olhos da bola? O que quer isso dizer?

— É uma metáfora desportiva, Gabriel. Praticas algum desporto?

— Não tenho tempo para isso.

— A cada dia que passa estás a ficar mais parecido com Shamron. — Vou aceitar isso como um elogio — respondeu Gabriel. — De que bola não posso desviar os olhos?

— Bin Shafiq. — Carter lançou a Gabriel um olhar de soslaio. — Algum sinal dele?

Gabriel abanou a cabeça.

— E vocês?

— Para dizer a verdade, podemos ter encontrado algo.

— Alguma coisa que me queira contar?

— Ainda não.

Carter atravessou a Memorial Bridge e virou para George Washington Parkway. Fez-se silêncio durante alguns minutos. Gabriel olhou pela janela e admirou a vista de Georgetown, do outro lado do rio.

— Pelo seu itinerário de viagem percebi que vai parar em Roma na volta a Israel — disse Carter. — Está pensando em aceitar outra missão do Vaticano?

— Só quero passar algum tempo com Donati. Quando saí de Roma, ainda não estava consciente. — Gabriel olhou para o relógio.

— Para onde me leva, Adrian?

— Tem algumas horas antes do voo. Há um lugar na terra dos cavalos da Virgínia onde podemos almoçar.

— Quanto tempo falta para chegarmos?

— Cerca de uma hora.

Gabriel recostou-se no banco e fechou os olhos.

Acordou ao entrarem numa pequena vila chamada The Plains. Carter reduziu ao transpor a minúscula zona comercial da baixa, em seguida atravessou um par de velhos carris e dirigiu-se novamente para o campo. A estrada era familiar a Gabriel, como o longo caminho de cascalho no qual Carter entrou três quilômetros mais tarde.

Seguia ao 364 longo da margem de um riacho estreito. À esquerda, via-se um prado a ondular e, no cimo deste, encontrava-se uma grande casa de campo com um telhado de cobre baço e um alpendre de dois andares. Quando Gabriel visitara a casa pela última vez, as árvores estavam nuas e o chão coberto de neve. Agora os abrunheiros estavam em flor e os campos assumiam um tom verde pálido devido à nova erva primaveril. Um cavalo atravessou o pasto a meio galope na direção deles, montado por uma mulher de cabelos dourados. O inchaço no rosto dela desaparecera e as feições tinham regressado ao normal. Tudo exceto as manchas negras sob os olhos, pensou Gabriel. Nos olhos de Sarah ainda existiam vestígios do pesadelo que vivera no chalé no cantão de Uri. Conduziu habilmente o cavalo ao lado do carro e espreitou para Gabriel. Um sorriso apareceu em seu rosto e, por um instante, era a bela mulher que vira descer a Q Street, em Washington, no outono anterior. Depois o sorriso desvaneceu-se e, com duas estocadas precisas com o calcanhar, fez o cavalo galopar através do prado, em direção à casa.

— Tem dias bons e dias maus — disse Carter, enquanto a observava afastar-se.

— Mas tenho certeza de que compreende.

— Sim, Adrian, compreendo.

— Sempre considere os ressentimentos pessoais contraproducentes em negócios como o nosso, mas nunca perdooarei Zizi pelo que fez a ela.

— Nem eu — asseverou Gabriel. — E eu guardo ressentimentos.

Almoçaram tranquilamente à luz agradável do sol, no alpendre dos fundos. Em seguida, Carter tratou da louça enquanto Gabriel e Sarah davam um passeio pelo bosque sombrio. Um agente da CIA tentou segui-los, mas Gabriel ficou-lhe com a arma e mandou-o de volta à casa. Sarah usava calça de equitação, paletó de lã e botas de montar. Gabriel continuava com o terno cinzento-escuro da audiência no Senado. Empunhava na mão direita a Browning High-Power do agente.

— Adrian não parece lá muito contente com seu desempenho no Comitê.

— Não está.

— Alguém tinha de passar a mensagem sobre os nossos amigos sauditas. Quem melhor que você? Afinal de contas, salvou a vida do presidente.

— Não, Sarah, você salvou o presidente. Talvez um dia o país descubra a dívida que tem com você.

— Não planejo aparecer em público tão depressa.

— Quais são seus planos?

— Adrian não disse? Vou entrar para Agência. Imagino que a arte consiga sobreviver sem mais uma conservadora.

— Para onde vai? Operações ou Serviço Secreto?

— Serviço Secreto — respondeu. — Já tive trabalho de campo suficiente para uma vida inteira. Além disso, nunca mais voltarei a estar segura. Zizi foi muito claro sobre o que acontece às pessoas que o traem.

— Ele vai longe. E sua segurança aqui, na América?

— Vão me dar um nome novo, uma nova identidade. Vou poder escolher o nome. Estava pensando se me daria autorização para usar o nome de sua mãe...

— Irene? — Gabriel sorriu. — Seria uma honra. Era como você: uma mulher extraordinariamente corajosa. Da próxima vez que for a Israel, deixo você ler sobre o que lhe aconteceu na guerra.

Sarah deteve-se para passar os dedos sobre uma flor e depois voltaram a caminhar entre as árvores. — E quanto a você? Quais são seus planos?

— Acho que talvez estejamos caminhando em direções opostas.

— E isso quer dizer o quê?

— Receio não poder dizer mais nada agora.

Ela fez beicinho e deu-lhe uma palmada brincalhona no braço.

— Não vai começar agora a esconder segredos, certo?

— Agora que trabalha para o serviço secreto de outro país, receio que a nossa relação tenha de assumir certos... — silenciou-se, à procura da palavra certa. — Parâmetros.

— Por favor, Gabriel. O laço que nos une vai muito além das regras de comportamento que regulam o contato entre os que trabalham para outros serviços.

— Vejo que já começaste o treino.

Pouco a pouco — confirmou. — Ajuda a aliviar o tédio de viver sozinha nesta fazenda.

— Estás bem?

— Os dias passam-se bem, mas as noites são muito difíceis.

— Vão sê-lo durante muito tempo. No entanto, trabalhar para a Agência vai ajudar. Sabes onde te vão colocar? — Na parte árabe — respondeu. — Insisti.

O bosque tremeu com o rugido de um trovão longínquo.

Sarah perguntou por Julian Isherwood.

— Neste momento, a situação dele é muito semelhante a sua.

— Onde está?

— Sarah.

— Fala, Gabriel.

— Está enfiado numa casa velha, perto de Lands End, na Cornualha.

— E a galeria?

— Agora está fechada. Sua partida de Londres causou um grande escândalo. Os rapazes no Greens sentem muito sua falta.

— Eu também sinto a falta deles. Mas tenho mais saudades da sua equipe.

— Todos mandam cumprimentos. — Gabriel hesitou. — Também me disseram para pedir desculpas a você.

— Pelo quê?

— Nós te deixamos mal, Sarah. É óbvio que fomos localizados por Bin Shafiq ou pelos seguranças de Zizi.

— Talvez a culpa tenha sido minha. — Encolheu os ombros. — Mas não interessa. Todos sobrevivemos e apanhamos onze deles naquela casa. E impedimos uma conspiração para assassinar o presidente. Nada mal, Gabriel.

Ouviu-se outro ribombar de trovão, este mais perto. Sarah olhou para o céu. — Tenho de fazer algumas perguntas, Sarah. Há certas coisas que temos de saber antes de podermos dar a operação por encerrada.

Ela continuou a olhar para cima.

— Precisam saber o que eu disse naquela casa na Suíça.

— Eu sei que estava cheia de drogas. Sei que provavelmente tentou apagar isso da memória.

Olhou-o e abanou a cabeça.

— Não tentei esquecer — disse. — Na verdade, lembro de cada palavra.

Os primeiros pingos de chuva começaram a cair. Sarah pareceu não reparar.

Continuaram a caminhar entre as árvores e ela contou tudo.

Carter levou Gabriel de carro ao Dulles Airport e guiou-o através da segurança. Sentaram-se num hall diplomático especial e esperaram que o voo fosse anunciado. Carter passou o tempo a ver o noticiário da noite. A atenção de Gabriel estava concentrada no homem sentado do outro lado do saguão: o príncipe Bashir, embaixador saudita nos Estados Unidos.

— Nem pense nisso, Gabriel.

— Os confrontos em público não são meu estilo, Adrian.

— Talvez não, mas Bashir gosta muito deles.

Como se as palavras fossem um sinal, o saudita levantou-se e atravessou o saguão. Parou perto de Gabriel, mas não lhe estendeu a mão.

— Ouvi dizer que fez um belo espetáculo no Capitólio esta manhã, Mr. Allon. Mentiras e propaganda judias, mas divertidas, não obstante.

— O depoimento deveria ter sido secreto, Bashir.

— Eu sei tudo o que acontece nesta cidade. E é *príncipe Bashir*. — O embaixador olhou para Carter. — Foi você o responsável por este circo hoje, Adrian?

— Os senadores emitiram a intimação, Alteza. A Agência nada teve a ver com o assunto.

— Devia ter feito alguma coisa para evitar.

— Isto não é Riad, Sr. Embaixador.

Bashir lançou um olhar furioso a Carter e depois regressou a seu lugar. — Acho que não vou ter direito a uma aposentadoria saudita.

— O quê?

— Esquece — respondeu Carter.

Dez minutos depois, o voo de Gabriel foi anunciado. Carter acompanhou-o à porta de embarque.

— Ah, quase me esquecia de uma coisa. O presidente telefonou enquanto estava com Sarah. Queria agradecer. Disse que fala com você em outra hora.

— Diga que não se preocupe.

— Também disse que quer que avance naquela questão que discutiram no Gramado Sul.

— Tens certeza?

— Certeza de quê?

— Tens certeza de que o presidente empregou essas palavras?

— Absoluta — garantiu Carter. — Afinal, sobre o que conversaram naquela noite?

— A nossa conversa foi particular, Adrian, e vai continuar assim.

— É assim mesmo — disse Carter.

Apertaram as mãos e depois Gabriel virou-se e embarcou.

TIBERÍADES, ISRAEL

No dia seguinte era Shabbat. Gabriel dormiu até o princípio da tarde e, em seguida, tomou uma ducha, vestiu-se e foi com Chiara de carro até o vale de Jezreel. Pararam brevemente no Tel Megiddo para ir buscar Eli Lavon e depois continuaram até o mar da Galileia. Era quase pôr do Sol quando chegaram à casa em pedra cor de mel, empoleirada sobre uma saliência que dava para o mar. Shamron cumprimentou-os da porta de entrada. Tinha o rosto magro e abatido e deslocava-se com a ajuda de uma bengala. Era de madeira de oliveira e muito bonita.

— O primeiro-ministro me deu esta manhã, quando saí do centro de reabilitação em Jerusalém. Quase caí com ela. Gilah acha que me dá um ar mais distinto. — Fez-lhe sinal para que entrassem e olhou para Gabriel. — Vejo que está usando o meu blusão. Agora que é evidente que vou viver por muito tempo, gostaria de tê-lo de volta.

Gabriel despiu o blusão e pendurou-o num cabide no hall de entrada. Ouviu a voz de Gilah vinda do interior da casa a chamá-los para a mesa do jantar. Quando entraram, já começava a acender as velas. Yonatan e a esposa estavam presentes, bem como Rimona e o marido. Ronit estava sentada ao lado do pai e enchia-lhe cuidadosamente o prato a partir das travessas, à medida que estas eram passadas à volta da mesa. Não falaram sobre a operação Bin Shafiq, nem sobre o Vaticano. Em vez disso, conversaram sobre a apresentação de Gabriel perante o Congresso Americano. A julgar pela sua expressão irritada, Shamron não a aprovava. Tal foi tornado claro a Gabriel depois do jantar, quando Shamron o conduziu à varanda para conversarem em particular. — Fizeste bem em rejeitar a inumação da primeira vez, Gabriel. Nunca devias ter mudado de ideias. O fato de pensar em ti sentado perante aquele Comitê congressista, mesmo em segredo, atrasou-me seis meses a reabilitação.

— A fonte da jihad global é a Arábia Saudita e o wahhabismo justificou Gabriel. — O Senado precisava de saber disso. Tal como o povo americano.

— Podias ter revelado os teus pensamentos através de um cabo secreto. Não tinhas de ficar ali sentado à frente deles a responder a perguntas... como um mero mortal.

Sentaram-se num par de cadeiras confortáveis viradas para a balaustrada. A lua cheia refletia-se na superfície calma do mar da Galileia e, para lá do lago, negros e informes, avultavam os montes Golan. Shamron preferia estar na varanda, pois encontrava-se virada para leste, na direção dos seus inimigos. Enfiou a mão debaixo da

almofada da cadeira e retirou de lá uma cigarreira de prata e o seu velho isqueiro Zippo.

— Não devia fumar, Ari.

— Não pude enquanto estive no Hadassah e no centro de reabilitação. Este é o meu primeiro cigarro desde a noite do ataque.

— Mazel tov — disse Gabriel com amargura.

— Se disser alguma coisa à Gilah, leva com a bengala.

— Acha que consegue enganar Gilah? Ela sabe tudo.

Shamron levou novamente o tema da conversa para o depoimento de Gabriel em Washington.

Talvez tivesses um motivo secreto — disse Shamron. — Talvez desejasses fazer mais do que apenas contar ao povo americano a verdade sobre os seus amigos sauditas.

— E qual seria esse meu motivo secreto?

— Depois do teu desempenho no Vaticano, eras provavelmente o oficial de serviços secretos mais famoso do mundo. E agora... — Shamron encolheu os ombros. — O nosso negócio não aprecia a notoriedade. Fizeste com que seja quase impossível que alguma vez voltemos a usar-te de forma dissimulada.

— Não vou aceitar o lugar em Operações Especiais, Ari. Além disso, já o ofereceram a Uzi.

— Uzi é um bom oficial, mas não é como você.

— Uzi é a razão pela qual Sarah Bancroft está viva. Ele é o homem certo para liderar Operações Especiais.

— Nunca devia ter usado uma garota americana.

— Quem me dera que tivéssemos mais duas iguais a ela.

Shamron pareceu ter perdido o interesse no cigarro. Voltou a enfiá-lo na cigarreira e questionou Gabriel sobre os seus planos.

— Tenho algumas questões para encerrar, começando pelo Van Gogh. Prometi a Hannah Weinberg que o recuperaria. É uma promessa que pretendo cumprir, independentemente da minha fama recente.

— Sabe onde está?

Gabriel assentiu.

— Inseri um sistema de localização na restauração — explicou. — O quadro está na mansão de Zizi, na Île de la Cité.

— Depois de tudo o que passou com os franceses, vai roubar um quadro em Paris? — Shamron abanou a cabeça. — Seria mais fácil assaltar a casa do teu amigo, o presidente americano, do que uma das mansões de Zizi.

Gabriel rejeitou as preocupações do ancião com um gesto à Shamron.

— E depois?

Gabriel ficou em silêncio.

— A Ronit decidiu voltar para casa — disse Shamron —, mas tenho a sensação de que estás prestes a deixar-nos outra vez.

— Ainda não tomei qualquer decisão.

— Espero que tenhas tomado alguma sobre Chiara.

— Vamos casar o mais depressa possível.

— Quando vai contar a novidade a Leah?

Gabriel disse.

— Leve a Gilah — sugeriu Shamron. — Elas passam muito tempo juntas quando você está em campo. Leah precisa de uma mãe numa hora como esta. Gilah é a derradeira mãe.

Gabriel e Chiara passaram a noite na casa, num quarto com vista para o lago. De manhã, todos se reuniram para tomar o pequeno-almoço na varanda iluminada pelo sol, após o que cada um foi para seu lado. Yonatan dirigiu-se a norte, a fim de se voltar a juntar à sua unidade; Rimona, que voltara para servir em Ama, foi para sul, para se juntar à sua. Gilah acompanhou Gabriel e Chiara. Deixaram Lavon na escavação em Tel Megiddo e depois prosseguiram para Jerusalém.

A manhã chegava ao fim quando se aproximaram do hospital psiquiátrico Monte Herzl. Dr. Bar-Zvi, homem com ar de rabi com barbas compridas, esperava-os no hall. Foram para o seu consultório e passaram uma hora a discutir a melhor forma de dar a notícia a Leah. A sua ligação à realidade era, no mínimo, ténue. Durante anos, imagens de Viena tinham-se desenrolado sem cessar na sua memória, como um vídeo. Agora tendia a andar para a frente e para trás entre o passado e o presente, muitas vezes no espaço de alguns segundos. Gabriel sentia-se obrigado a contar a verdade, mas queria fazê-lo da forma menos dolorosa possível.

— Ela parece reagir a Gilah — disse o médico. — Talvez devêssemos conversar sozinhos com ela, antes de você. — Olhou para o relógio.

— Ela agora está lá fora, no jardim. É o seu lugar preferido. Por que não contamos lá?

Estava sentada na cadeira de rodas, à sombra de um pinheiro. As mãos, cheias de cicatrizes e torcidas, seguravam um ramo de oliveira. O cabelo, outrora longo e preto, fora cortado curto e estava quase todo grisalho. O olhar permaneceu vago enquanto Gilah e o médico falavam. Dez minutos depois, deixaram-na. Gabriel caminhou pelo trilho do jardim e ajoelhou-se à frente da cadeira de rodas, segurando no que restava da mão dela. Foi Leah quem falou primeiro.

— Ama esta garota?

— Sim, Leah, amo-a muito. — Vai ser bom para ela?

As lágrimas rolavam por seu rosto.

— Sim, Leah, vou ser bom para ela.

Desviou o olhar do rosto dele.

— Olha a neve, Gabriel. Não é linda?

— Sim, Leah, é linda.

— Meu Deus, como eu odeio esta cidade, mas a neve a torna linda. A neve absolve Viena dos seus pecados. A neve cai sobre Viena enquanto chovem mísseis em Tel Aviv. — Voltou a olhá-lo. — Vai continuar a me visitar?

— Sim, Leah, eu virei visitar você.

E depois desviou o olhar uma vez mais.

— Vê se o cinto do Dani está bem preso. As ruas estão escorregadias.

— Ele está ótimo, Leah. Tenha cuidado ao dirigir.

— Eu tenho, Gabriel. Me dá um beijo.

Gabriel pressionou os lábios contra a pele cicatrizada da face e fechou os olhos.

Leah sussurrou: — Um último beijo.

As paredes do quarto de Gabriel estavam repletas de quadros. Havia três pintados pelo avô, as únicas obras que Gabriel conseguira encontrar, e mais de uma dúzia pintados pela mãe. Havia também um retrato, pintado ao estilo de Egon Schiele, o qual não continha qualquer assinatura. Mostrava um homem jovem, de cabelo grisalho prematuro e um rosto doentio assombrado pela sombra da morte. Gabriel sempre dissera a Chiara que o quadro era um autorretrato. Agora, enquanto estava deitado a seu lado, contou a verdade.

— Quando ela o pintou? — perguntou Chiara.

— Logo depois da operação Setembro Negro.

— Ela era espantosa.

— Sim — concordou Gabriel, olhando para o quadro. — Era muito melhor do que eu.

Chiara permaneceu em silêncio por um instante. Depois perguntou:

— Quanto tempo vamos ficar aqui?

— Até o encontrarmos.

— E quanto tempo demora?

— Talvez um mês. Talvez um ano. Sabe como são estas coisas, Chiara.

— Acho que vamos precisar de alguma mobília.

— Por quê?

— Porque não podemos viver só com um sofá e uma cama.

PARIS: AGOSTO

O sistema de segurança detectou o arrombamento às duas e trinta e oito. Foi o sensor número 154, localizado num de catorze pares de portas de vidro que ligavam a mansão ao jardim das traseiras. O sistema não se encontrava ligado a uma empresa de segurança privada, nem à Polícia parisiense, mas apenas a uma estação central no interior da mansão, a qual era ocupada dia e noite por um destacamento de homens de segurança, todos eles antigos membros da Guarda Nacional Saudita. O primeiro segurança chegou à porta de vidro quinze segundos depois de o alarme silencioso ter disparado e foi deixado inconsciente por um dos seis intrusos mascarados.

Outros dois guardas chegaram dez segundos depois, de armas na mão, tendo sido alvejados e mortos pelo mesmo intruso. O quarto guarda a chegar à cena, um homem de vinte e oito anos de Jeddah, que não tinha a mínima vontade de morrer pelos bens de um milionário, ergueu os braços em rendição imediata.

O homem com a arma fez com que o saudita caísse no chão e sentou-se sobre o peito deste enquanto examinava o monitor de um pequeno aparelho portátil. Embora usasse máscara de esqui, o saudita conseguia ver-lhe os olhos, os quais eram de um verde intenso. Sem falar, o homem de olhos verdes dirigiu-se à escadaria circular central.

Dois elementos da sua equipe reagiram, avançando escada acima. Trinta segundos mais tarde voltaram, transportando um único objeto. O intruso de olhos verdes olhou para o saudita e fitou-o calmamente.

— Diz a Zizi que, da próxima vez, é ele quem venho buscar avisou, num árabe perfeito. Depois a arma embateu com violência na parte lateral da cabeça do saudita e este perdeu os sentidos.

Três noites mais tarde, o Centro Isaac Weinberg para o Estudo do Anti-Semitismo na França abriu as portas na rue des Rosiers, no Marais. Tal como a maior parte das matérias sobre os judeus da França, a criação do centro não esteve isenta de controvérsia. O Partido Nacional de extrema direita de Jean-Marie Le Pen levantara questões sobre a fonte dos seus fundos, enquanto um clérigo islâmico de renome pedira um boicote e organizara uma manifestação barulhenta na noite da festa de abertura. Trinta minutos após o início da recepção, houve uma ameaça de bomba. Todos os presentes, incluindo Hannah Weinberg, a criadora e diretora do centro, foram

retirados do edifício por uma unidade de polícia antiterrorista francesa e a festa foi cancelada.

Mais tarde nessa noite, reuniu-se com alguns amigos para uma ceia tranquila ao fundo da rua, no Jo Goldenberg. Passava pouco das dez horas quando regressou ao seu apartamento na rue Pavée, seguida de perto por um agente de segurança ligado à embaixada israelense. Lá em cima, destrancou a porta ao fundo do corredor central e acendeu as luzes. Ficou de pé por um momento, fitando o quadro pendurado na parede por cima do seu toucador de infância, depois apagou as luzes e foi deitar-se.

43

ISTAMBUL: AGOSTO

No final, resumiu-se a uma transação comercial, que tanto Gabriel como Carter consideravam prova do Divino. Dinheiro em troca de informação: uma tradição do Oriente Médio. Vinte milhões de dólares por uma vida. A fonte era de Carter, um príncipe saudita de baixo nível com cirrose do fígado e viciado em prostitutas romenas. O dinheiro era de Gabriel, embora outrora tivesse pertencido a Zizi al-Bakari. O príncipe não conseguira fornecer-lhes um nome, apenas uma data e um lugar.

A data era a segunda segunda-feira de Agosto. O lugar era o Ceylan Inter-Continental Hotel, em Istambul.

Chegou às dez horas, com o nome de Al-Rasheed. Era mais alto do que eles se recordavam. O cabelo era comprido e bastante grisalho, como o seu grande bigode. Apesar do calor sufocante de Agosto, trajava uma camisa de manga comprida e caminhava com a mão direita enfiada no bolso. Recusou a oferta do pacote para o ajudar a levar a única mala e dirigiu-se à sua suíte, que ficava no vigésimo quinto piso. A varanda tinha uma vista imponente para o Bósforo, sendo que o quarto com vista fora uma das suas muitas exigências. Gabriel sabia delas, como sabia qual o quarto que lhe fora destinado. O dinheiro também comprara isso. Às dez e nove, o homem saiu para a varanda e olhou para as vielas. Não se apercebeu de que na rua, lá em baixo, dois homens o fitavam.

— É ele?

— É ele.

— Tem certeza?

— Tenho.

Gabriel estendeu o celular a Lavon, ao que este abanou a cabeça.

— Ligue você, Gabriel. Nunca fui muito dado a coisas violentas.

Gabriel teclou o número. Um instante depois, a varanda foi engolida por uma bola de fogo ofuscante e o corpo em chamas de Ahmed bin Shafiq surgiu na escuridão.

Gabriel esperou até o cadáver cair na rua, depois engrenou a primeira no Mercedes e arrancou para Cannes.

O restaurante conhecido como La Pizza é um dos mais populares em Cannes. Assim, a notícia de que fora reservado para uma festa particular estragou o que, de outra forma, seria um dia perfeito de Agosto. Havia muita especulação ao longo da Croisette sobre a identidade do homem responsável por aquele ultraje. Certos visitantes da cidade, contudo, sabiam que a resposta se encontrava nas águas por trás do Velho Porto. Alexandra, o enorme iate particular de Abdul Aziz al-Bakari, chegara a Cannes naquela manhã, e toda a gente sabia que Zizi comemorava sempre a sua chegada requisitando o restaurante mais popular da cidade.

O jantar estava marcado para as nove. Às oito e cinquenta e cinco, duas grandes lanchas brancas partiram do Alexandra e dirigiram-se ao porto através da luz de tom siena do pôr do Sol. Os barcos atracaram em frente ao La Pizza às oito e cinquenta e oito e, sob uma segurança privada invulgarmente intensa, o grupo desembarcou e dirigiu-se ao restaurante. A maior parte dos turistas que se juntaram para testemunhar a chegada auspiciosa não conhecia o nome Zizi al-Bakari, nem eram capazes de identificar um único membro da sua grande comitiva. Não era o caso dos três homens que observavam a partir da esplanada gramada no final do Quai Saint-Pierre.

A comitiva permaneceu no interior do La Pizza durante duas horas. Mais tarde, no rescaldo, a imprensa realçaria o fato de, ao jantar, ninguém ter bebido vinho nem fumado, o que foi tomado como prova de grande fé religiosa. Às onze e seis, saíram do restaurante e começaram a atravessar a rua, em direção às lanchas que os aguardavam.

Zizi, como era seu hábito, estava perto do final da comitiva, ladeado por dois homens. Um era um árabe grande, com um rosto redondo, olhos pequenos e uma barbicha. O outro era um francês vestido de preto, com o cabelo louro preso num rabo-de-cavalo.

Um dos homens que tinham observado a chegada do grupo a partir da esplanada encontrava-se, naquele momento, sentado no café ao lado do La Pizza. Um homem de ombros largos e cabelo castanho pressionou um botão do celular quando Zizi se aproximou do local que tinham escolhido para sua morte e, no espaço de segundos, duas motos apareceram rugindo ao longo do Quai Saint-Pierre. Ao se aproximarem, os motociclistas sacaram as armas e abriram fogo. Zizi foi o primeiro a ser atingido e caiu morto. Os guarda-costas a seu lado puxaram as armas e também foram abatidos de imediato. Em seguida, as motos guinaram para a esquerda e desapareceram colina acima, entrando na cidade velha.

O homem de cabelo castanho se afastou. Era a sua primeira missão importante como chefe de Operações Especiais e tudo correria muito bem. Nesse momento soube, contudo, que a matança não terminaria em Cannes: a última coisa que viu ao se afastar era Nadia al-Bakari, ajoelhada sobre o corpo do pai, gritando por vingança.

FIM

NOTA DO AUTOR

A Mensageira é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, locais e incidentes retratados neste romance são o produto da imaginação do autor ou foram utilizados ficticiamente.

Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, negócios, empresas, acontecimentos ou locais é pura coincidência. Infelizmente, Marguerite Gachet ao Toucador, de Vincent van Gogh, não existe, embora as descrições dos últimos dias de Vincent em Auvers, e a sua relação com o Dr. Paul Gachet e a sua filha sejam corretas.

Aqueles que conhecem as águas tranquilas de St. James sabem que em Masons Yard, no endereço da fictícia Isherwood Fine Arts, existe uma galeria cujo proprietário é o incomparável Patrick Matthiesen, a quem me sentirei eternamente grato. Os procedimentos de segurança do Vaticano descritos nas páginas deste romance são largamente fictícios. Os que visitarem a ilha de Saint-Barthélemy irão procurar em vão pelos restaurantes Le Poivre e Le Tetou.

Infelizmente, um aspeto central de A Mensageira é inspirado na verdade: o apoio financeiro e doutrinal da Arábia Saudita ao terrorismo islâmico global. A ligação entre as instituições de caridade religiosas sauditas e os terroristas islâmicos tem sido bem documentada. Um oficial bastante importante dos EUA disse que, depois dos ataques do onze de Setembro, oficiais americanos deslocaram-se a Riad e demonstraram à Família Real como vinte por cento de todo o dinheiro dado a instituições de caridade islâmicas de origem árabe acaba nas mãos dos terroristas. Sob pressão americana, o governo saudita exerceu um controle mais apertado sobre as atividades de angariação de fundos dessas instituições. No entanto, certos críticos acreditam que estas medidas não passam, de um modo geral, de uma fachada.

Um exemplo do recente empenho da Arábia Saudita em manter o fluxo de dinheiro para organizações terroristas surgiu em Abril de 2. Oito meses depois do onze de Setembro, com a Arábia Saudita cercada de inquéritos sobre o seu papel nos ataques, a televisão estatal saudita emitiu uma maratona televisiva que angariou mais de 100 milhões de dólares para apoiar os "mártires palestinos", o eufemismo para os homens-bomba suicidas do Hamas, a Jihad islâmica palestina, e a Brigada de Mártires Al-Aqsa. A emissão televisiva apresentava comentários do xeque Saad al-Buraik, um clérigo saudita de renome, autorizado pelo Governo, que descrevia os Estados Unidos como "a fonte de todo o mal na Terra". Este clérigo islâmico continuava:

— Irmãos muçulmanos na Palestina, não tenham piedade nem compaixão pelos judeus, pelo seu sangue, pelo seu dinheiro, pela sua carne. Têm o direito legítimo de

tomar suas mulheres. Deus as fez suas. Por que não escravizam suas mulheres? Por que não empreendem a jihad? Por que não os saqueiam?

AGRADECIMENTOS

Este romance, como os livros anteriores na série Gabriel Allon, não poderia ter sido escrito sem a ajuda de David Bull, que está verdadeiramente entre os melhores restauradores de arte do mundo. Vários oficiais do serviço secreto israelense e americanos orientaram-me ao longo do caminho e, por razões óbvias, não posso agradecer-lhes, citando os seus nomes. Jean Becker, conhecida pela sua legião de admiradores como "o centro do universo", e não sem boas razões para tal, abriu-me muitas portas. A minha revisora, Jane Herman, poupou-me a muitos embaraços. Louis Toscano efetuou inúmeras melhorias no manuscrito, bem como a minha amiga de confiança e agente literária, Esther Newberg, da ICM em Nova Iorque. Consultei centenas de livros, artigos e sites na Internet, demasiados para poder citá-los todos aqui, mas seria descuidado se não mencionasse a sapiência extraordinária de Dore Gold, Laurent Murawiec, Gerald Posner e Derek Fell, cuja análise dos últimos dias de Vicent van Gogh em Auvers inspirou Marguerite Gachet ao Toucador. Nem é preciso dizer que nada disto teria sido possível sem o apoio da equipe excepcional de profissionais em Putnam: Ivan Held, Marilyn Ducksworth e, sobretudo, o meu editor, Neil Nyren.

Somos abençoados com muitos amigos que, em momentos críticos durante o ano de escrita, me ofereceram muita perspectiva e riso necessários, sobretudo Betsy e Andrew Lack, Elsa Walsh e Bob Woodward, Michael e Leslie Sabourin e Andrew e Marguerita Pate. A minha esposa, Jamie Gangel, serviu de câmara de ressonância de confiança para as minhas ideias e reviu habilmente os meus primeiros esboços, incluindo alguns de que eu não gostava. Viu a essência da história, mesmo quando esta me fugia.

Sem o seu carinho, apoio e dedicação, A Mensageira talvez nunca tivesse levantado voo.

Digitalização

Dores Cunha e Fernando Jorge Alves Correia

